



KATHRYN ANN KINGSLEY

THE UNSEELIE KING

MAZE OF SHADOWS
BOOK FOUR



SALEM WITCHES

• TRADUÇÕES •

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO
A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO
DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM,
AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS
DE AUTORES E EDITORAS,
O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO
O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK
E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM E DRIVES.

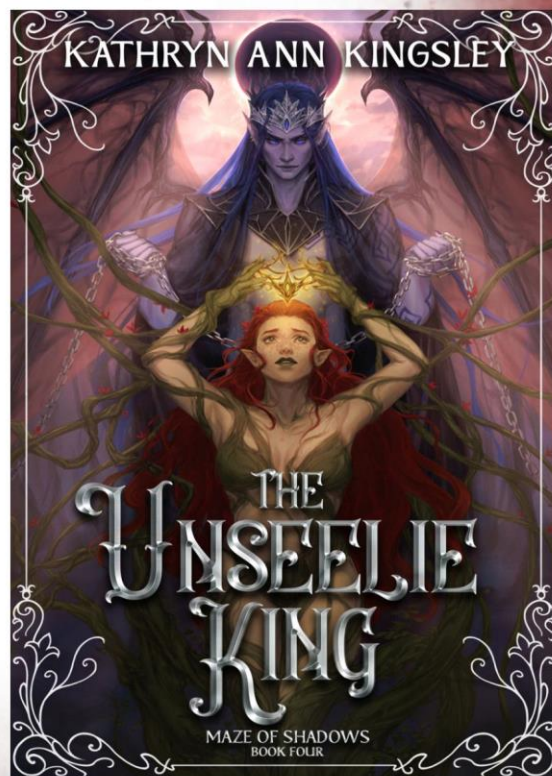
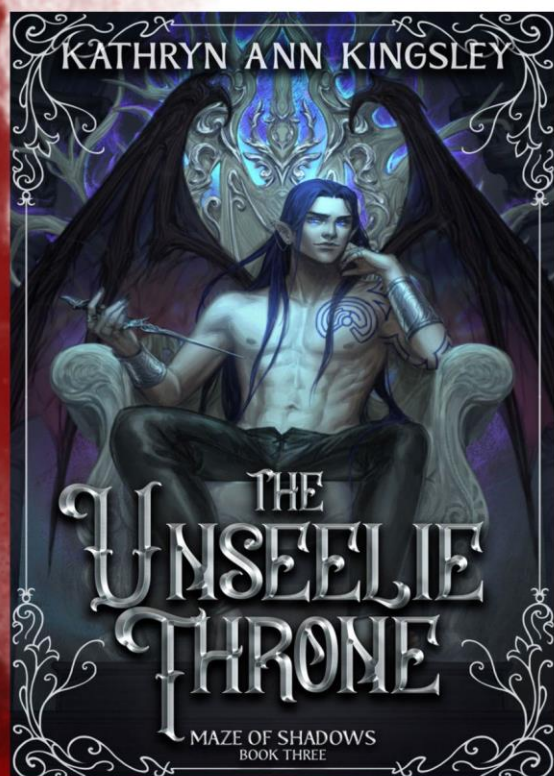
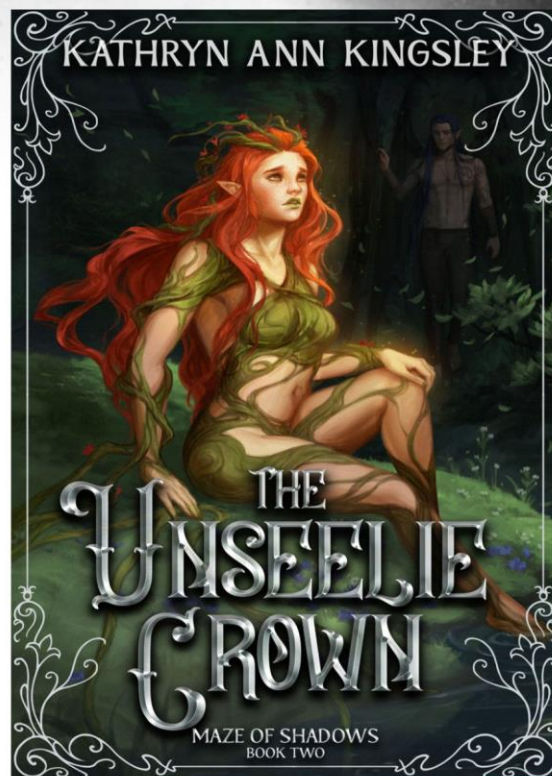
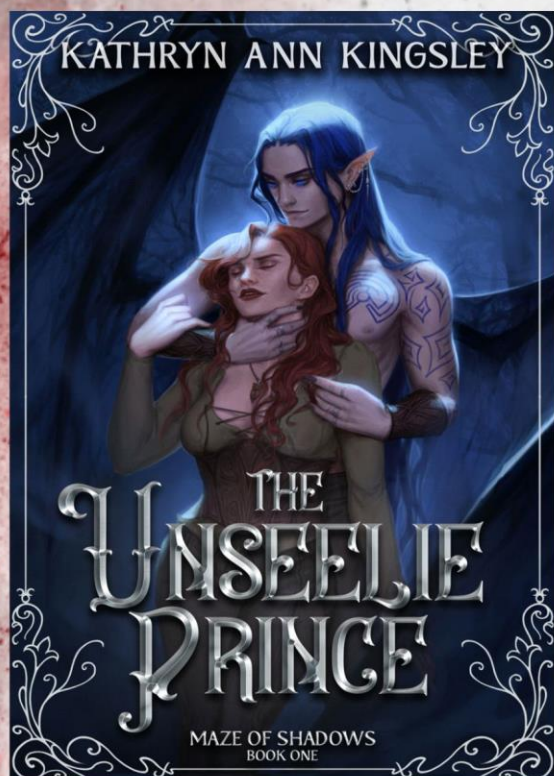
NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS,
TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES (AS),
DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES
COMPRANDO SEUS LIVROS,
AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

MAZE OF SHADOWS

ORDEM DE LEITURA





SINOPSE

UM REI ESTÁ MORTO E O OUTRO ESTÁ ACORRENTADO.

Tir n'Aill empoleira-se na ponta de uma lâmina após uma série de traições que abalaram os feéricos até o âmago.

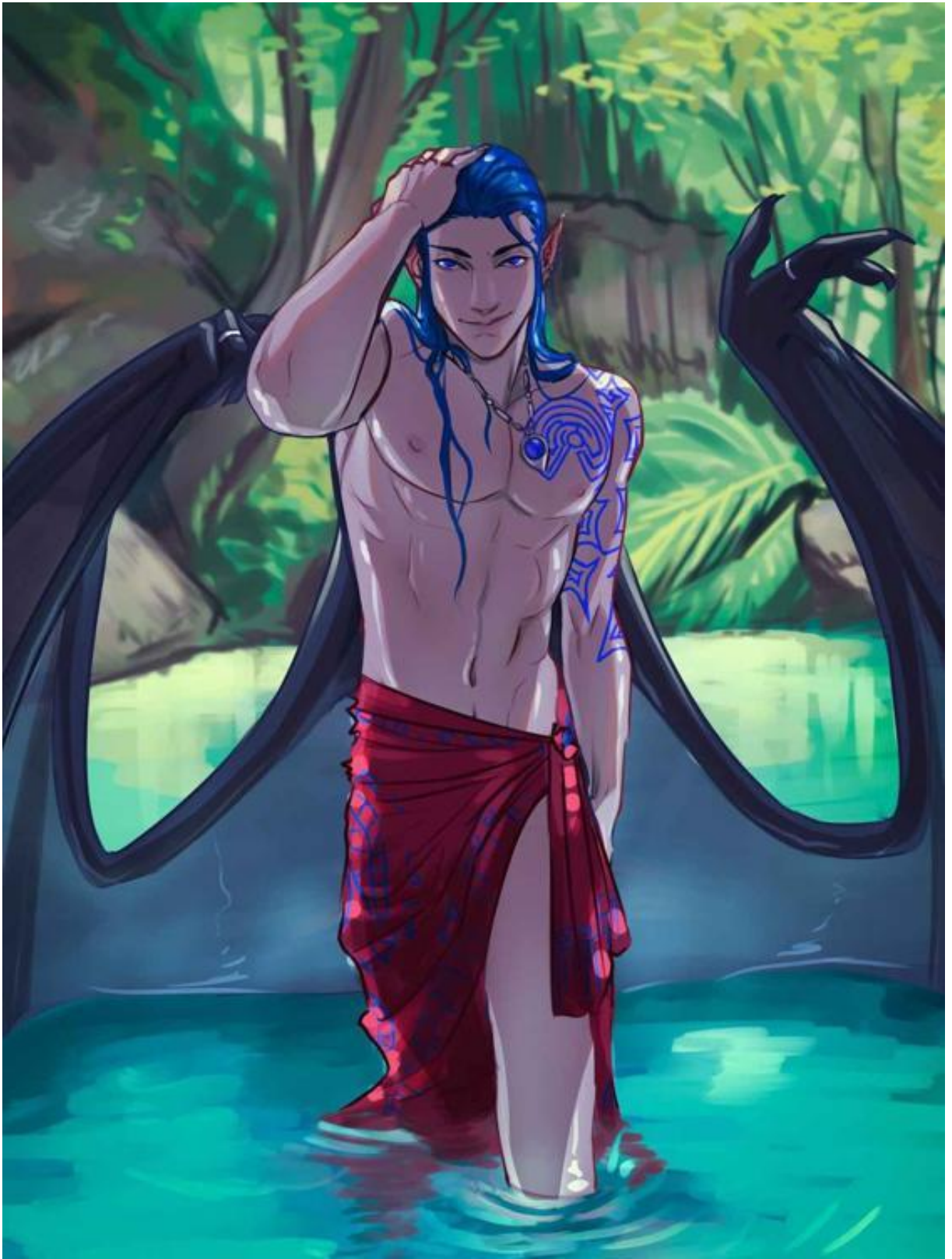
Abigail se vê questionando quem é amigo e quem é inimigo. Quando ela é forçada a tomar sua decisão entre misericórdia e amor, ela descobre que sua escolha pode destruir o mundo.

Forças se reúnem para fazer guerra e decidir o destino de Tir n'Aill. E no centro de tudo isso, Abigail está quase dividida em duas, presa entre seu desejo de proteger seu novo povo e seu amor por Valroy.

POIS ELE AGORA É O REI UNSEELIE. O MUNDO É DELE PARA QUEIMAR.

E SÓ ELA PODE PARÁ-LO.







PREFÁCIO

Quero agradecer a todos por terem vindo comigo neste passeio selvagem por Tir n' Aill com Abigail e Valroy. Esta série tem sido uma alegria escrever, e estou muito honrada que vocês chegaram até aqui comigo.

Espero que gostem da conclusão de Maze of Shadows.



CAPÍTULO UM

Oberon estava morto.

Titânia tinha dificuldade em acreditar, não importa o quanto ela tentasse. Parecia um pesadelo impossível. Quantos séculos eles passaram juntos? Por quantos milhares de noites eles se deitaram nos braços um do outro e observaram as estrelas brilharem no céu, ou ficaram sentados juntos admirando o pôr do sol?

Ah, sim, eles lutaram. Eles discutiram. Eles brigaram e guerrearam. Mas além de tudo, sob o verniz da discórdia, havia um amor que não podia ser abalado. Um amor que nunca poderia ser cortado. Se ela alguma vez estivesse em necessidade, se ela alguma vez estendesse a mão no escuro, ele estava lá.

Ele estava sempre lá.

Mas agora... Ele não estava.

Oberon estava morto.

Seu Oberon estava morto. Não importa quantas vezes ela repetisse as palavras para si mesma em sua mente, elas não pareciam querer ficar. Simplesmente não parecia real. Ela cantou as palavras em silêncio, mas elas não se acalmaram. Elas eram como borboletas, voando para longe dela cada vez que ela tentava entendê-las.

Lá estava ele, imóvel e frio, sobre um catre que o levaria ao seu lugar de descanso final. E lá esteve ele por um dia e uma noite.

Ele não podia estar morto. Ele era tudo para ela; ele era sua outra metade. Ela se sentou ao lado dele com nada além de suas lágrimas para fazer companhia, embora fossem em abundância.

Ela se lembrou de sua risada. Seu sorriso. Seu toque suave. Seu beijo. Suas palavras de amor. E ela nunca mais o ouviria. Tudo o que tinha acontecido antes era agora nada mais do que memórias. Eram flocos de neve sobre uma pedra, derretendo à luz do sol. O tempo passou, o sol nasceu, e seu amor, seu rei, seu Oberon... Estava morto.

Por um momento, quando Valroy sobreviveu aos golpes do punhal, ela se perguntou se não tinha sido realmente amaldiçoado para matar o que quer que a lâmina tocasse. Mas enquanto Oberon estava em seus braços, morrendo, ofegando por ar através do corte em seu pescoço, ficou claro que era tão amaldiçoado quanto as lendas diziam. Nenhuma magia que ela pudesse invocar – nenhuma oração para Dagda e os grandes deuses antigos – o curou. Ela estava impotente.

E então... Ela o segurou.

E assistiu.

E chorou.

Enquanto ele morreu.

Aqueles lindos olhos dourados dele ficaram sem vida e vazios quando sua vida fugiu. Quando Oberon estendeu a mão para tocar o rosto dela uma última vez, ele murmurou palavras de amor enquanto teve forças.

E quando ele se foi?

Quando ele exalou e não respirou novamente?

Algo dentro dela morreu com ele. Uma parte dela foi arrancada de seu peito no mesmo golpe que Valroy dera a seu marido. Alguma parte que, com



a mesma lâmina amaldiçoada, nunca, jamais curaria. E nunca, jamais voltaria a crescer.

E tudo o que ela podia fazer era chorar pela perda. Chorar, e descansar a cabeça contra o peito dele, e rezar para que ela pudesse senti-lo se mover mais uma vez. Que o rio de lágrimas que corria sobre as videiras douradas de sua armadura pudesse ser suficiente para trazê-lo de volta à vida.

Mas suas lágrimas, como suas orações, ficaram sem resposta.

O sangue tinha sido limpo. Foi escolhida uma armadura dourada que escondia a ferida em seu pescoço, e um lenço verde que combinava com seu cabelo comprido enrolado em sua garganta, onde a armadura não podia alcançar. Seu marido jazia resplandecente, vestido com seus melhores trajes, cercado por coroas e flores de louros. Ao lado dele havia oferendas de todo tipo. Joias, armas, amuletos e bugigangas.

A corte veio se despedir de seu rei, e também milhares de Seelies vieram para assistir ao seu funeral. Eles se escondiam na linha de árvores, criaturas de todas as maneiras e formas, observando. Lamentando. Chorando com ela por sua perda.

Ele estava lindo, como sempre. Mas ele estava marcado por uma coisa – a palidez que o pintava e tingia seus lábios com um leve tom de azul. A cor de um cadáver.

Oberon estava morto.

Titânia mal ouviu o lamento e a canção fúnebre que subia no céu da manhã enquanto os Seelies cantavam sua dor. Ela se ajoelhou ao lado de seu corpo na grama da colina onde ele seria colocado para descansar. Ele havia escolhido essa há muito tempo, pensando que seu funeral seria muitas eras no futuro.





A morte do Rei ou Rainha Seelie era para ser uma celebração. Seria quando eles voluntariamente retornassem à natureza por sua própria vontade – passando sua coroa para o próximo porque era hora do ciclo se renovar.

Não assim.

Não por assassinato.

Lágrimas ardiam em seus olhos, embora ela não se importasse muito. Ela não tinha parado de chorar desde que ele se foi, exceto por breves momentos. Elas eram suas companheiras mais verdadeiras agora. Elas a confortariam no escuro da noite quando ele não estava lá para abraçá-la. E ela choraria até que rios corressem sob seus pés se isso significasse que o mundo compartilharia de sua tristeza.

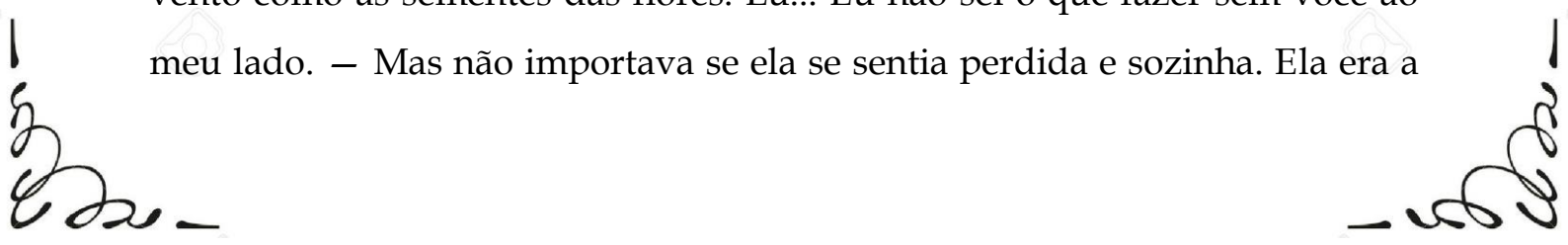
Oberon estava morto.

E era hora de dizer adeus a ele. Cabia a ela devolver seu corpo à canção da vida, mas ela hesitou. Como poderia ter acabado, se ela ainda não aceitava que tinha acontecido em primeiro lugar?

Era muito cedo. Foi tudo muito cedo. Mas o tempo não se importava com sua reticência, e ele deve ser posto para descansar. Inclinando-se, ela beijou seus lábios frios, e o ato arrancou outro soluço de seu corpo já exausto.

Acariciando o cabelo dele, ela sorriu para ele através da dor. — Através de toda a nossa loucura, através de todos os nossos desentendimentos... Você sempre teve meu coração. — Ela mal conseguia mais do que um sussurro. Tampouco desejava que os cortesãos ao seu redor ouvissem suas palavras. Elas foram feitas apenas para Oberon.

— Você é minhas raízes, meu amor. Sem você, temo que vou voar no vento como as sementes das flores. Eu... Eu não sei o que fazer sem você ao meu lado. — Mas não importava se ela se sentia perdida e sozinha. Ela era a





Rainha Seelie. E embora ela reinaria para sempre sozinha, ela reinaria do mesmo jeito.

Pela última vez, ela beijou seu Rei Seelie. Seu Oberon.

De pé, ela deu alguns passos para longe dele e sussurrou um adeus quebrado para seu amado. Estendendo as mãos, ela deixou sua magia se estender até a terra abaixo dela.

Leve-o para casa, grande mãe dos deuses. Leve-o para descansar dentro de sua música.

Embaçada como sua visão estava através de suas lágrimas incessantes, ela assistiu enquanto Oberon afundava sob o solo, tomado pela terra e pela grama. Ela sufocou outro soluço, embora isso balançasse seus ombros, e ela lutou contra a vontade de cair de joelhos mais uma vez.

Estava feito. Seu Oberon se foi. A canção da morte terminou, e os cortesãos começaram a sair de seu lado. Mas ela não conseguia se forçar a sair ainda. Como ela deveria continuar? O que ela deveria fazer?

Seu plano tinha sido perfeito... Ou assim ela pensou. O destino provou que ela estava errada.

Quando algo moveu-se sob a terra, ela se perguntou se não era algum grande verme vindo para devorá-la e enviá-la para se juntar a seu companheiro. Mas um momento depois, ela sorriu, triste e exausta como estava.

Pois parecia que Oberon não a abandonaria ainda.

Uma árvore começou a crescer.

Primeiro, um broto se ergueu do chão onde ele havia sido colocado, seus galhos se espalhando e arqueando em direção ao céu, alcançando o sol. Como se as estações e os ciclos fossem apenas segundos para o rebento, ele





logo se elevou sobre ela. O freixo que ele havia se tornado era um dos maiores que ela já tinha visto, suas folhas agora encobrindo o sol acima dela.

Aproximando-se dele, ela colocou a palma da mão na casca e sorriu. Ela podia sentir a força dela, a profundidade de seu alcance. Esta árvore nunca cairia, não importa que ruínas ela enfrentasse. — Você é minhas raízes — ela sussurrou para a árvore. — E você será para sempre minha força.

Oberon estava morto.

Mas ele não se foi.

E nisso, ela tomaria o consolo que pudesse.

Abigail nunca se sentiu tão sozinha em sua vida como na manhã em que acordou na cama de Valroy sem ele ali. Ela estendeu a mão para tocá-lo na névoa do sono e encontrou os travesseiros ao lado dela frios e vazios.

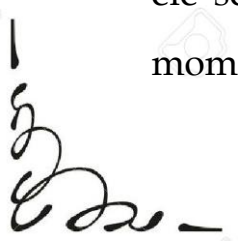
E mais uma vez, ela lutou para conter as lágrimas.

Isso não quer dizer que ela estava totalmente sozinha, no entanto, a julgar pelo peso quente esmagando sua perna. Ela olhou para baixo para ver Puck, enrolado em uma bola, observando-a de onde sua cabeça estava apoiada sobre suas patas.

— Olá, amigo. — Ela se forçou a sorrir.

O rabo de Puck bateu silenciosamente contra os travesseiros.

Com um suspiro, ela puxou a perna de debaixo dele e rolou para o lado. Estendendo a mão, ela coçou a cabeça dele. — O que eu devo fazer? — Ela não esperava uma resposta. O que ela recebeu foi uma lambida na mão e ele se aninhando nela. Ela supôs que era o melhor que ele podia fazer no momento.



Pobre Puck.

Amaldiçoado para ser um cachorro por... Bem, por não fazer nada terrivelmente anti-feérico, até onde ela sabia. Claro, ele se deitou com Cruinn e Bayodan na cama de Titânia como uma brincadeira maldosa. Mas comparado com o que mais ela tinha visto os feéricos fazerem um ao outro, não parecia tão digno de tal punição.

Mas se a famosa peça tinha algo a ensinar sobre a relação entre Titânia e Puck, pode ter sido o resultado de um longo rancor.

— Titânia mantém meu marido prisioneiro. O Rei Oberon está morto. Eu sou a Rainha Unseelie - embora eu seja Seelie, e... Eu não sei por qual método de loucura isso tudo é possível. Sou traída por meus guardiões, que tentaram tirar Valroy do poder. Não consigo encontrar Anfar. Eu me encontro, exceto por um cachorro que na verdade é Robin Goodfellow, totalmente sozinha. — Ela fechou os olhos. — Que tipo de pegadinha cruel é essa?

Ela recebeu um nariz frio contra a palma da mão, mas foi isso.

— Por todos os deuses, eu gostaria que você pudesse falar. — Ela colocou a mão sobre os olhos, tentando lutar contra as lágrimas. Tentando lutar contra o desespero e o pânico que brotaram em seu peito. — Por todos os deuses acima e abaixo, eu gostaria de poder libertá-lo de sua maldição, Puck.

Os próximos segundos foram um pouco de caos em um borrão.

Houve uma risada repentina que não era dela.

Alguém a jogou de costas e a montou.

E então alguém a estava beijando.

Soltando um grito abafado de surpresa, ela o empurrou, achando-o muito menor do que Valroy. A figura recuou, de modo que ele se sentou e

parou de beijá-la. Ela se viu deitada de costas em uma pilha de travesseiros, olhando para... Um jovem.

Ele tinha o cabelo da cor da neve mais pura que quase parecia brilhar prateado ao luar. Ele atingiria seu queixo, se alguma parte dele fosse na mesma direção que qualquer outra. Caía sobre seus olhos verdes, e seus lábios se abriram em um sorriso alegre.

Ele esticou os braços sobre a cabeça e caiu na gargalhada. — Eu sou *eu* de novo!

E ele estava completamente nu.

Ela o empurrou.

— Whoa! — Com um ganido, ele caiu sobre os travesseiros e aterrissou com um “*unf!*” Mas ele não pareceu se importar muito, pois rolou de costas e, dando tapinhas no peito com as palmas das mãos, depois nos braços, depois tocando o rosto, continuou rindo de pura felicidade.

Ela se afastou dele, olhando para ele com os olhos arregalados. Não havia dúvida de para quem ela estava olhando. O cachorro se foi, e em seu lugar estava este jovem de cabelos brancos. Ela sabia que não devia pensar nele com a idade que suas feições lhe davam.

Pois este era Puck.

— Como... Como? — Ela só podia olhar para ele.

— Porque você é uma rainha! — Ele se sentou, olhou para as pernas e gargalhou. — Eu tenho... Olha! Olha! Eu tenho *pés de verdade!* — Ele mexeu os dedos dos pés.

— Porque eu sou uma... Mas eu... — Ela balançou a cabeça. — Eu não entendo.

— Você tem verdadeiro poder, amor. Você usa a coroa de prata! Você é a rainha *Unseelie*, e seu poder combina com o de Titânia. — Ele se atirou nela,

jogando os braços em volta da cintura dela, abraçando-se a ela como se ele fosse uma criança e ela um brinquedo favorito. As palavras o deixaram em um frenesi animado. — Obrigado, obrigado, obrigado, obrigado! — Ele beijou sua barriga sobre sua camisa. Depois um pouco mais baixo.

Ela deu um tapa nas costas dele, tentando empurrá-lo novamente. — Não!

Ele suspirou dramaticamente e caiu de lado ao lado dela. — *Tááááá*. — Ele sorriu. — Você ainda é tão puritana. Embora seu show em sua cerimônia de noivado tenha sido algo e tanto.

Ela deu um tapa no peito dele. Forte.

Ele gemeu. — Desculpe. Desculpe. Assunto sensível. — Ele riu. — Literalmente. Assunto sensível *sobre* ser tocada. Um assunto delicado, sensível ao toque¹.

Ela honestamente não tinha ideia do que ele estava falando.

Puck continuou rindo de onde estava, gostando do que devia ser uma piada que ela não entendia. Ele a cutucou no lado e gargalhou novamente. — Eu tenho dedos! E eu... — Seu estômago gemeu audivelmente, e ele gemeu. — Oooooow. E eu estou *morrendo* de fome. Minha barriga está maior agora. Café da manhã? Comida! — Ele se levantou e pulou da cama, ainda totalmente nu, deu quatro passos e caiu no chão. — Ahh. Pernas! — Ele rosnou para os membros ofensivos como, bem, um cachorro. — Funcionem! Estúpidas! Funcionem! — A maneira como ele gritou as palavras quase soou como se estivesse latindo para si mesmo.

Agora ela não podia deixar de rir.

¹ A autora faz um trocadilho com as palavras 'touchy' (sensível, delicado) e 'touch' (tocar), que possuem escritas e sons parecidos no inglês.

Ele olhou para ela e sorriu largo, radiante de orgulho. Ela levou um momento para perceber o porquê. Ele estava feliz porque a fizera rir. Porque, apenas por um momento, ele a animou.

— Você vai me trair, Mestre espião Seelie? — Ela saiu da cama, convocando-se um longo roupão para vestir. O outono já estava se transformando em inverno, provavelmente estimulado por eventos recentes, e o ar estava começando a ficar desconfortavelmente frio.

— Huh? Eu? Por quê? Não! — Ele franziu a testa. Ele se arrastou para frente até estar ajoelhado aos pés dela. — Você é minha amiga. Não tenho ninguém. Você viu. Meu mestre está morto, e agora – agora eu *realmente* não tenho ninguém. — Ele estendeu a mão e agarrou o tecido da borda de seu roupão e puxou-o para ele. — Você me libertou. Eu te devo.

— Você não me deve nada. Eu não pretendia fazer nada. Simplesmente aconteceu. — Ela se abaixou e bagunçou seu cabelo branco prateado.

— Mas isso é ainda melhor! Você não sabia que seu desejo era poder. Você honestamente desejou me libertar por seu coração, não para ganho. — Ele abraçou as pernas dela, quase a derrubando. — Agora você é minha rainha, e você é minha senhora, e é isso.

— Mas eu... Eu sou a rainha Unseelie, e você serviu a Oberon.

— Eu sou mestiço. Posso servir em qualquer uma das cortes. — Ele fungou com desdém. — Além disso, você é Seelie. Você é como eu, pertencendo a ambas e a nenhuma. — Seu estômago gemeu novamente, e ele soltou um gemido alto. — *Comidaaaaaaa!*

Mais uma vez, ela riu. — Muito bem. Comida. Mas, por favor, coloque algumas roupas.

— Por que? — Ele sorriu para ela. — Isso... Te inspira muito?

Ela o golpeou na cabeça, embora não tenha colocado força por trás disso. — Está frio demais para ficar andando nu.

— Isso é o que *você* pensa. — Mas ele se levantou e, ao fazê-lo, roupas apareceram nele. Calça, camisa e colete, tudo preto. Ele foi fazer uma reverência para ela. — Você aprov... Whooa! — Ele tropeçou nas próprias pernas.

Ela pegou seu braço e o impediu de cair no chão. Bem, ela tentou. Teria funcionado se ele não a tivesse agarrado e a arrastado para o chão em uma pilha. Mas quando ela pousou, ela descobriu que ambos estavam rindo.

— Seu idiota tolo. — Ela se desvencilhou dele.

— Isso eu sou! — Ele beijou sua bochecha. — Venha! Comida! Eu posso sentir o cheiro. — E quando ele se levantou e decolou - em um passo perfeitamente bom - em direção à borda da floresta, ela percebeu... Ele estava fingendo sua falta de jeito.

Para fazê-la sorrir.

Para animá-la.

E maldito bastardo, tinha funcionado.

Nenhuma das minhas amizades será simples de novo, será? Ela se levantou e alisou seu roupão. Com uma meia risada, meio suspiro, ela seguiu Robin Goodfellow, que ainda estava gritando para ela impacientemente sobre o café da manhã.

Não, duvido muito que sejam.

E talvez eu esteja bem com isso.

CAPÍTULO DOIS

Abigail cutucou seu café da manhã com o garfo. Ela se obrigou a engolir o máximo que pôde, mas seu apetite estava arruinado.

Puck não tinha esse problema.

Ele estava enfiando comida na boca com as mãos, rindo para si mesmo a cada mordida. — Eu senti falta de ter dedos! — Ele pegou uma taça e engoliu o conteúdo inteiro. Pode ter sido água. Mas pode ter sido vinho. — Porra, *sim*. — Ele gemeu como se fosse um ato sexual. Provavelmente era vinho.

Vê-lo desfrutar completamente de polegares opositores a fez sorrir, apesar da nuvem que pairava sobre seu humor. Ele era ao mesmo tempo exatamente o que ela esperava, e precisamente não. Seu cabelo prateado e libertino se projetava de sua cabeça em todas as direções, e na maioria das vezes estava sobre seus olhos. Ele continuou tendo que tirá-lo para fora do caminho.

— Então — ele começou, falando através de um pedaço de peru. — Qual é o plano, chefe?

Chefe? Ela balançou a cabeça. Ela assumiu que era algum tipo de título, mas ela nunca tinha ouvido isso antes. Mas ela entendeu a essência. Com um suspiro, ela balançou a cabeça. — Plano? O que faz você acreditar que eu tenho algum tipo de plano?

— Passo um. — Ele empurrou outro pedaço de peru em sua boca. Como uma mistura mestiça entre Unseelie e Seelie, parecia que ele não tinha

problemas para comer carne. — É sempre ter um plano. Terceiro passo, execute o plano. Passo quatro, descubra se é um bom plano ou não.

— Qual é o passo dois? — Ela arqueou uma sobrancelha.

Ele deu de ombros e depois sorriu. Sua expressão era um pouco selvagem, ela decidiu. Algo estava um pouco... Solto nele. Ela se perguntou se Robin Goodfellow não era apenas um pouquinho insano.

Fantástico.

Voltando sua atenção para o prato, ela cutucou a comida com o garfo mais uma vez. — Valroy se foi. Meu marido, meu *rei*, é prisioneiro de Titânia. Eu devo vê-lo. Mas estou preocupada com Anfar. Eu não sei para onde ele foi. Nem consigo encontrar Perin. Meus guardiões me traíram, e devo fazer algo sobre isso, mas detesto a ideia de fazer algo do tipo. Eu... Deveria falar com Titânia, mas tenho medo do que vai acontecer.

— O que você vai fazer sobre seu maridão? — Puck fungou com desdém. — Que é um *idiota*, a propósito. Você sabia que ele me jogou de um penhasco uma vez? Totalmente desnecessário.

Sim, ele era definitivamente insano. Ele falava muito rápido e salpicava sua língua com palavras que ela não reconhecia. Mas ela, mais uma vez, conseguiu apenas seguir sua intenção.

Valroy.

Sim.

O que ela deveria fazer com ele?

Soltando um suspiro, ela estremeceu. — Ele é prisioneiro de Titânia. Eu... Ele estaria morto, exceto pelo fato de que ela parece não saber como matá-lo. Ou que ele, nesta forma, não pode morrer. Eu não sei o que fazer. — Seu coração doeu com o tormento que ele poderia estar sofrendo nas mãos da colérica Rainha Seelie. Mas que poder ela tinha para libertá-lo?

— Você quer que ele seja libertado?

— Claro.

— Ah-ah. — Ele apontou um dedo no ar na frente dela. — Você não pensou nisso.

— Eu amo ele. Ele é meu marido. Tenho o dever de libertá-lo, não importa o que possa acontecer.

— E nós sabemos o que se seguirá. *Guerra* do carai, é isso. — Puck recostou-se na cadeira, empurrando-a nas duas pernas traseiras. — Ele não pode destruir mundos exatamente quando está pregado em uma árvore.

— Ele está *o quê*? — Ela não queria gritar. Mas ela não pôde evitar.

— Sim, sim. Correntes e pregos. Ele não vai a lugar nenhum. — Puck acenou com a mão com desdém. — Por enquanto. Ela provavelmente vai jogá-lo no Lago das Dores assim que parar de soprar ranho sobre Oberon e colocar a cabeça no lugar.

Levantando-se rapidamente, Abigail foi sair, antes de perceber que não tinha ideia de onde estava indo. Mas seu coração estava preso em um torno, e as lágrimas começaram a arder em seus olhos. — Eu não posso... Eu não posso deixá-lo assim. Ele está sendo torturado. Eu tenho que ir vê-lo.

— Ele é guardado por pelo menos cinquenta soldados. Você não poderá simplesmente entrar lá e dizer oi, você sabe. — Puck bebeu o resto de sua taça de vinho e pegou a garrafa da mesa.

— E como você sabe de tudo isso?

— Só porque você não pode entrar lá, não significa que eu não posso. — Ele gargalhou. — Eu não sou o mestre espião à toa!

— Me leve lá. Me leve até ele. Por favor! — Ela se sentiu frenética. Ela sabia que Valroy era um guerreiro, e essa dor provavelmente era algo que ele experimentava com frequência. E ela entendia que, de muitas maneiras, o que

ele sofria agora era provavelmente apenas uma gota no balde em comparação com o que ele forçou os outros a suportar.

Mas ela o amava.

E ela não podia deixar isso continuar.

— Tem certeza? — Puck tomou um gole da garrafa de vinho. — Isso vai quebrar o protocolo. Você vai contornar todas as leis da corte, chutar o pau da barraca, e você pode acabar amarrada naquela árvore bem ali ao lado dele.

— Eu não me importo, Goodfellow. Devo vê-lo. — Ela cerrou os punhos. — E não me permitirei ser feita prisioneira. Não sem lutar.

Puck sorriu em deleite com a ideia de tal caos. — Não me ameace com diversão! — Ele estendeu a mão para ela.

Esta era uma decisão estúpida. Ela sabia disso. Mas ela tinha que vê-lo. Colocando sua mão na de Puck, ela sentiu o mundo se afastar dela.

Dor.

Não era nada novo.

De uma maneira estranha, era quase meditativo. A agonia pungente, ardente e lancinante se transformou em uma dor. As pontas de ferro que haviam sido marteladas em sua carne para prendê-lo na árvore atrás dele tinham deixado de clarear as bordas de sua visão. As correntes farpadas que cravaram em sua carne só doíam quando ele se movia.

Portanto, ele não se movia.

E ele foi simplesmente deixado para *pensar*.

Por sorte, os guardas não o incomodaram. Ele esperava que eles o atacassem com lanças, insultassem e zombassem dele. Mas eles mantiveram

distância. As poucas vezes que ele levantou a cabeça para olhar para eles através do cabelo que pendia em seu rosto, seus rostos estavam marcados com um nervosismo cauteloso.

Eles tinham medo dele.

Bom.

Porque ele ia matar todos eles.

Ele se encolheu quando os músculos de sua coxa se contraíram, tentando expelir o espinho que estava firmemente enfiado em sua carne, enviando uma pontada de nova agonia subindo por sua espinha.

Ele mataria todos eles.

Eventualmente.

— *Tah-dah!* — Alguém exclamou alto. — E aí, parças! Eu *voltei*iiii!

Valroy gemeu. Ele conhecia aquela voz. Ele conhecia aquela voz e não queria ouvi-la. Ele pensou que seria poupado desse tipo de absurdo por pelo menos mais alguns séculos. Mas quando os guardas começaram a gritar e berrar uns com os outros, ele ergueu a cabeça mais uma vez.

A liberdade do cachorro fazia sentido, ele supôs. Com a morte de Oberon, Titânia precisaria de qualquer aliado que conseguisse. E ninguém irritava Valroy como Robin Goodfellow. Seria a vingança perfeita. Fazer Valroy sofrer com a companhia de Puck por uma hora seria facilmente igual ao assassinato de Oberon.

Erguendo a cabeça, ele estremeceu com a queimação dos músculos tensos em seus ombros. — Vejo que Titânia te libe... — Suas palavras engasgaram. Pois Puck não veio sozinho.

Nem era Puck a única razão pela qual os guardas estavam se espalhando em pânico.

Abigail.



Ele sorriu. — Olá, bruxinha.

Abigail cobriu a boca com a mão e sufocou um soluço. Mas ela não conseguia parar suas lágrimas enquanto elas deixavam rastros em suas bochechas. *Oh, deuses. Oh, deuses, não.*

Ela deu um passo em direção a ele e imediatamente se arrependeu. Pois ao redor dele no chão havia uma poça de sangue. Seus dedos do pé afundaram nela, e ela se encolheu com a sensação. Estava frio. Mas juntando-se a ela, como um rio chegando a um lago, havia riachos frescos que desciam do tronco da árvore desde a fonte.

E a fonte era Valroy. Ele estava como Puck havia dito – pregado lá. Mas era muito pior do que isso. Pregos tinham sido pregados em sua carne em cada junta. Pulsos, cotovelos, ombros, cintura, joelhos... Ele estava crivado deles, cada seção dele presa à madeira. Suas asas – suas belas asas – estavam rasgadas e estraçalhadas, como se ele tivesse tentado flexioná-las e rasgou a pele translúcida com o ferro.

E como se os pregos não fossem suficientes, correntes farpadas estavam enroladas em volta dele, bem apertadas. Os pregos de ferro cavaram fundo em sua carne como os galhos de uma sarça, rasgando trincheiras e rasgando a pele. Ele estava mais pálido do que o normal, sombras escuras sob seus olhos cor de safira fracamente brilhantes.

Mas ainda assim, ele sorriu para ela com aquela mesma expressão arrogante e diabólica, como se estivesse prestes a pular para frente e devorá-la. — Olá, bruxinha. — Sua voz era rouca e seca. E com essas três palavras, ele partiu seu coração.



— Ei! Chefa? Uma ajudinha, talvez?

Virando a cabeça, ela assistiu enquanto Puck abaixava do golpe de uma espada que foi para sua cabeça. Ele se esquivou do soldado que estava tentando interferir, e então cravou uma adaga de prata nas costelas do homem.

— Chega. Já tive o *suficiente*. — Abigail estendeu a mão e convocou suas flores mortais. As Gle'Golun irromperam do chão ao redor deles em um círculo, forçando Puck a cambalear para trás, para que ele não ficasse preso nas videiras. Os soldados gritaram e fugiram na direção oposta, mas não antes que um deles perdesse uma lança nas trepadeiras emaranhadas.

Puck riu e dançou de um pé para o outro, mostrando a língua e zombando dos soldados.

— Eu odeio esse merdinha — Valroy murmurou baixinho.

Algo sobre a maneira como ele disse isso a fez rir. Era uma cansada e fraca, mas mesmo assim era uma risada. Ela se virou para ele e cuidadosamente caminhou até a base da árvore. Se esticando, ela mal conseguia alcançar sua bochecha. — Ah, Valroy...

Ele se inclinou em seu toque, sorrindo levemente. — Achei que talvez você não viesse.

— Como você pode dizer isso? — Abigail estremeceu enquanto fazia o possível para não se apoiar acidentalmente em nenhum dos pregos ou correntes de ferro que o prendiam. Ela não queria causar-lhe mais dor do que ele já estava suportando. Agora que ela o viu de perto, seus lábios estavam rachados, e a expressão em suas feições era tensa e fina.

— Por que não me deixar apodrecer? Você é a Rainha Unseelie. Sem mim... O trono é seu. Certamente você pensou isso. — Seu sorriso tornou-se fraco, mas permaneceu.

— Eu não quero o trono. Eu não pedi por ele.

— No entanto, aqui está você. — Ele riu, imediatamente se arrependeu pelo olhar em seu rosto, e soltou um rosnado baixo que terminou em um suspiro exausto. — Na verdade, acho que esse era o plano do bode velho o tempo todo. Diga-me, você sabia?

— Não! Claro que não! — Ela balançou a cabeça com veemência. — Valroy, eu...

— Shhhh. — Ele sorriu. — Estou apenas brincando com você, meu amor. — Ele fungou e olhou para si mesmo. — Quão ruim está? Eu não posso dizer honestamente.

— Você... Já pareceu melhor. — Ela tentou se forçar a sorrir. — Mas eu espero que você também tenha parecido pior.

Sua risada pareceu machucá-lo, a julgar pelo silvo de dor que logo se seguiu. Ele fechou os olhos e fez uma careta. Quando conseguiu falar novamente, o fez com um sorriso triste e sarcástico. — Estrelas acima, eu mataria um homem por um copo de água.

Isso ela poderia fazer. Puxando um jarro de água do mundo dentro de sua mente, e uma caneca, ela encheu e levou aos lábios dele. Ele bebeu avidamente, mas com cuidado. As gotas que lhe escaparam desceram por sua garganta, deixando linhas claras contra o sangue que o cobria.

Quando ele acenou com a cabeça, indicando que ele tinha bebido o suficiente, ela convocou um pano e, derramando água no tecido, começou a limpar um pouco do sangue dele.

— Não se incomode. — Sua expressão era terna, mas resignada. — Embora eu aprecie o pensamento.

— Eu não posso ficar aqui e... E... — Ela não sabia o que dizer. Ela não sabia o que fazer. Ela se sentia presa em uma correnteza, sendo puxada para

o mar. Ela queria libertá-lo, mas sabia que isso provavelmente começaria a guerra que ela estava tentando evitar todo esse tempo.

Ou porque Valroy finalmente conseguiria o que queria, ou porque libertá-lo inspiraria Titânia a guerrear de qualquer maneira.

Deixá-lo aqui destruiria seu coração.

Libertá-lo destruiria o mundo.

— O que eu faço? — Suas palavras foram quase um sussurro. Ela se sentiu dividida em duas.

— Primeiro, eu começaria torturando o bode e seu companheiro até que eles fiquem loucos. — Ele zombou. — Mas eu acho que não seja o seu jeito.

— Eles devem pagar um preço. Eu simplesmente não sei se tenho o que é preciso para fazer isso. — Ela derramou mais água no pano e continuou limpando suavemente o sangue que podia. — Eu não tenho um dom para a violência.

— Ah, você tem. Mas você não tem um dom para a crueldade, isso eu admito. — Fechou os olhos e recostou a cabeça na casca da árvore. — Não, deixe-os para mim. Eu terei o peso deles em carne com o tempo.

Lágrimas ardiam em seus olhos, e ela balançou a cabeça. — Deu tudo errado. Eu... Eu pensei que nós... — Suas palavras engasgaram, e ela não pôde continuar.

— Não chore, pequena Seelie. — Seu sorriso suavizou, tornando-se terno apesar de sua dor. — Tudo ficará bem.

— Como você pode... Como você pode dizer isso? — Ela ainda limpou suas feridas, sem saber o que mais fazer. Ela não podia aliviar sua dor. Mas ela não podia não fazer nada.

— Não vou ficar aqui para sempre. — Seu sorriso se alargou um pouco.

— Nós temos a eternidade, você e eu. Este é apenas um momento. Além



disso, com o tempo, você encontrará forças para me libertar. E juntos, vamos destruir aqueles que nos prejudicaram.

Ele parecia tão certo.

Ela desejou que ela compartilhasse de sua convicção.

Puck rosnou atrás dela – literalmente rosnou. Franzindo a testa, ela se virou. Ele estava parado a alguns passos dela, com os ombros erguidos e a cabeça baixa, rosnando para uma mulher que se aproximou do círculo das Gle'Golun que havia repellido os soldados.

Titânia.

Seu longo vestido rosa estava manchado na parte inferior de sangue que havia secado e se tornado marrom, mas ela não parecia menos majestosa. Ela olhou para Puck, torceu o nariz em desgosto, e então voltou sua atenção para Abigail e Valroy.

Parecia que o espião e a rainha não se gostavam absolutamente. Abigail não ficou surpresa.

Levantando o queixo, Titânia se dirigiu a ela. – Cumprimentos e saudações, Rainha Unseelie. – A bela mulher sorriu levemente. – Posso ter um momento para falar com você? – Seu olhar voltou para Puck antes de retornar a ela. – Sozinha?

Abigail abriu a boca para responder, e então olhou brevemente para Valroy. Ele estava abrindo um buraco em Titânia, ódio e raiva gravados profundamente em seu rosto. – Não confie nela – ele murmurou para ela. – Não dê a ela um centímetro. Ela é traiçoeira.

Isso ela tinha aprendido em primeira mão. Ela se voltou para Titânia e sabia que era um risco ir falar com a outra mulher. – Como eu sei que você não vai me pregar na árvore ao lado dele?



— Porque então os Unseelies se levantariam e travariam guerra contra nós. — Titânia deu de ombros futilmente. — Não desejo mal a nossos irmãos e irmãs enluarados. Não como meu antecessor Dagda. Eu, ao contrário de *alguns* em nossa presença, não desejo a subjugação e destruição de mundos inteiros. — Ela sorriu docemente, embora fosse doentivamente falso.

Seu estômago revirou. *Eu sou apenas a filha de um fazendeiro. Uma bruxa de uma pequena vila. Eu não sou destinada a esses assuntos. Eu não sou destinada a tais escolhas.* Mas o que importava? Ela estava aqui do mesmo jeito. E este era o seu destino. Com uma respiração vacilante, ela assentiu e se afastou da árvore. — Puck, fique com Valroy.

Valroy gemeu. — Eu pensei que você me amasse.

Puck gargalhou em resposta. — Sim, senhora!

Balançando a cabeça, ainda sem saber o que fazer com o feérico espião, Abigail atravessou as Gle'Golun e alcançou o outro lado, gesticulando para Titânia liderar o caminho. A mulher inclinou a cabeça e virou-se para levá-la mais para dentro da floresta. Deixar Valroy parecia errado, mas ela não sabia mais o que fazer.

— Eu... Eu sinto muito por Oberon. — Abigail franziu a testa e, envolvendo os braços em volta de si mesma, desejou silenciosa e desesperadamente poder se esconder de toda essa loucura. — Eu não sabia que algo havia acontecido até que Bayodan me libertou de sua escravidão. Talvez, se eu não tivesse sido *iludida*, pudesse ter parado Valroy antes que fosse tarde demais.

Ignorando seu golpe, Titânia assentiu uma vez, a dor pintando suas feições. Ela passou a mão pelo rosto, enxugando uma lágrima que começou a cair. — Não é sua culpa que meu marido esteja morto. Valroy é o culpado. Ele é o culpado por tudo isso.

Exceto pela traição em nosso casamento. Ela guardou isso para si mesma. Ela não sabia se poderia derrotar Titânia em uma batalha. E verdade seja dita, ela não sabia se desejava lutar contra a Rainha Seelie em primeiro lugar. Ela optou por fazer sua investigação muito mais direta. — Você estava tramando com Bayodan. Você trabalhou junto com ele para me trair.

— Eu estava trabalhando com ele para trair Valroy, não você. — Titânia suspirou. — Eu sei que ele é próximo de você, assim como seu companheiro, e vou aproveitar qualquer oportunidade que puder para salvar e proteger nosso povo. Eu espero que você não os odeie por muito tempo pelo que eles fizeram. Bayodan é ferozmente leal a você e acredita que você é a salvadora da raça Unseelie.

Sua mandíbula apertou. — Ainda não decidi o que fazer com eles.

Quando elas se afastaram o suficiente dos outros para não serem ouvidas, Titânia virou-se para encará-la. — Espero que você escolha o perdão.

— Perdão. Para quem? — Ela estreitou os olhos para a outra rainha.

— Não espero tal clemência. Mas seja misericordiosa com seus guardiões. Eles só desejam para você paz e segurança. E amor.

— Eles tiraram meu amor de mim. — Ela balançou a cabeça. — Eu não posso abandonar Valroy, assim como você não poderia abandonar Oberon se o destino fosse revertido.

— Nem eu espero que você faça isso. Eu não vou impedi-la de vir vê-lo. Mas... Tampouco posso soltá-lo. — Titânia estendeu a mão para pegar sua mão, mas Abigail deu um passo para trás. A Rainha Seelie suspirou, mas assentiu em compreensão. — Irmã. Minha querida irmã. Você e eu... Juntas, podemos inaugurar uma nova era de paz e prosperidade entre nosso povo. Você, uma Seelie no trono prateado! Isso nunca aconteceu.

— E por uma boa razão, eu espero. Você acha que a Corte Unseelie me aceitará como sua rainha? — Abigail bufou uma risada. — Pelos deuses, *eu* não *me* aceito como rainha deles. Eu não tenho direito a isso. Fui coroada, mas apenas momentos antes de você tentar matar Valroy.

Titânia olhou pensativa para a floresta. — Com Bayodan e Cruinn apoiando seu reinado, você não será desafiada.

Abigail entrelaçou as mãos no cabelo e fechou os olhos. — Isso é loucura, Titânia. Eu não posso fazer o que você me pede. Não posso perdoar os dois que traíram minha confiança neles e governar no lugar de Valroy. Meu lugar nisso seria uma farsa e um legítimo insulto ao povo Unseelie. E eu certamente não posso sentar lá e fingir que está tudo bem quando você está torturando o homem que eu amo.

— Não pretendo torturá-lo. — A voz de Titânia ficou tão fria que enviou um arrepio na espinha de Abigail. — Pretendo matá-lo.

Quando Abigail levantou a cabeça para olhar para ela, os olhos arregalados, ela foi recebida com um olhar que a inspirou a dar mais um passo para longe da Rainha Seelie. — Você não pode.

— Eu posso. Tudo morre. — Titânia sorriu. — É apenas uma questão de encontrar o método correto.

— Você não pode estar falando sério...

— Um rei por um rei. Parece justo. — Titânia deu de ombros. — Você vai encontrar outro, com o tempo. Você é jovem e foi levada a acreditar que o ama. — Ela girou nos calcanhares para se afastar. — Temos a oportunidade de criar uma paz verdadeira e duradoura entre nosso povo. Uma onde possamos viver em harmonia. Pela primeira vez, os Seelies e Unseelies podem florescer *juntos*. Pense nisso, Abigail Moore, e você verá que meu caminho é o único caminho a seguir.

E com isso, Titânia desapareceu.

Atordoadada, sem saber o que pensar - sem saber mesmo se ela estava realmente acordada, pois toda a situação parecia surreal na melhor das hipóteses e um pesadelo na pior - ela caminhou de volta para o círculo das Gle'Golun que cercava Valroy e Puck. Ela atravessou sem medo.

— Bem? — Puck sorriu largamente. — A vadia está morta? Espero que ela esteja morta.

— Nisso, acho que estamos de acordo. — Valroy ergueu a cabeça e assobiou de dor. — Mas não. Eu não acho que ela esteja.

Puck estalou os dedos. — Droga.

Balançando a cabeça, ela caminhou até a base da árvore, tomando cuidado para evitar a poça de sangue aos pés de Valroy, e afundou em uma das grandes raízes.

— Ela te ofereceu paz. Verdadeira paz. Ela ofereceu uma parceria. — A voz de Valroy era calma e tensa, mas ainda mantinha um nível de certeza arrogante que era bastante notável para uma criatura que havia sido pregada em uma árvore. — Que tola.

Abigail balançou a cabeça. Não porque o que ele disse estava errado, mas porque ela simplesmente não sabia o que dizer. Ou fazer.

Puck, enquanto isso, estava cutucando as Gle'Golun com um graveto, rindo enquanto as videiras estalavam com isso. Enquanto ela estava tendo mais uma crise existencial... Ele estava cutucando suas flores com um graveto.

— Ele é um homem estranho — ela observou secamente enquanto observava Puck se divertir.

— Ele é um incômodo. — Valroy suspirou. — Mas você precisa dele. Por enquanto. Até que eu seja libertado. Então eu vou matá-lo.

Ela revirou os olhos. — Não, você não vai.

Valroy murmurou algo que ela não conseguiu ouvir. — Independentemente disso, Titânia tentará me matar de todas as maneiras que puder imaginar. — Ele inclinou a cabeça para trás contra a casca da árvore. — E ela vai falhar. Só há uma maneira de me matar, minha querida Seelie, e esse método estará para sempre fora de seu alcance.

— O que você quer dizer? — Ela olhou para ele.

Ele sorriu para ela, um estranho torcer em seus lábios. — Isso é para você descobrir, bruxinha. Pois você ainda tem que resolver meu Labirinto.

Ela franziu a testa. — Eu não consigo ver o que os dois têm a ver um com o outro.

— Precisamente. — Ele riu secamente, sibilou de dor, e ela viu como uma nova linha de carmesim escorreu de um dos pregos de ferro enfiados em sua caixa torácica. — Ai.

Estremecendo, ela se levantou e estendeu a mão para confortá-lo. Mas ela não sabia como, sem machucá-lo. Ela embalou sua bochecha em sua mão, tendo que se esticar na ponta dos pés para fazê-lo. — Valroy, por favor. Eu não sei o que fazer. Me ajude.

Ele se aninhou em seu toque. — Você deve escolher, meu amor. Você deve escolher se quer me libertar e começar minhas grandes guerras... Ou encontrar a maneira de me matar. — Valroy sorriu. — No final, será simples assim.

Simples.

Matar dois mundos.

Ou matar o homem que ela amava.

Merda.

CAPÍTULO TRÊS

— Não, você *não* vai morrer, você me ouviu? — Perin rosnou para o corpo inconsciente que ele arrastou mais adiante na costa. Arrastar Anfar como uma foca pelas ondas do oceano tinha sido uma dor de cabeça. Mas agora, a gravidade estava em pleno vigor.

Anfar estava sangrando. E se as preocupações de Perin fossem verdadeiras, ele poderia estar morrendo.

Cruinn era, como todos os cortesãos Unseelie, perverso e profundamente perigoso. Se Cruinn pretendia matar Anfar, então o monstro marinho estaria morto. Mas em vez de procurar ajuda, o monstro marinho desapareceu após o caos do casamento de Abigail.

Perin sentiu-se estranhamente frenético enquanto procurava por Anfar. Ele havia passado por tempestades. Seu navio afundou e ele quase se afogou nas ondas. Ele esteve à beira da morte uma dúzia de vezes. E o monstro marinho era um amigo e aliado, mas ficar tão nervoso por ele? E a criatura era muito mais poderosa do que ele. Certamente, ele poderia se defender sozinho.

Mas ali estava Perin, preocupado com o destino da criatura que estava transportando para a praia.

Por que?

Certamente não por causa das palavras de Belladonna, a bruxa. Claro, Anfar estava “destinado” a fazer algo importante, e era trabalho de Perin mantê-lo inteiro. Mas não era a vida de Perin que estava em jogo. Ele não deveria se importar.



Ele não deveria.

Mas ele se importava.

– Droga, para alguém que parece tão desnutrido, você é *pesado* pra caralho! – Ele grunhiu enquanto puxava Anfar mais para cima na praia de cascalho. Levou muito tempo para encontrar a criatura marinha e pediu a ajuda das sereias para vasculhar as águas. Quando Perin finalmente encontrou Anfar, emaranhado nas algas marinhas, acreditou que ele estivesse morto.

Era honestamente difícil dizer.

Era honestamente difícil dizer em um bom dia, muito menos quando Anfar foi esfaqueado uma dúzia de vezes. Que Cruinn vá para os malditos poços do inferno por isso. Maldita seja aquela pilha de merda que muda de forma e literalmente trai pelas costas. Foi preciso toda a força de Perin para levantar Anfar. O homem não era tão magro quanto parecia à primeira vista. No entanto, mesmo levando isso em consideração, Anfar parecia duas vezes mais pesado do que deveria.

Ambos estavam encharcados quando ele abriu a porta de sua cabana, deixando grandes poças de água atrás deles. Ele não se importou. Anfar nunca estava seco, de qualquer maneira. Colocando o monstro marinho ferido com cuidado em sua cama, ele começou a tirar as roupas molhadas do outro homem para examinar melhor suas feridas.

Com uma respiração, ele ficou aliviado ao ver que elas não eram tão ruins quanto ele temia. Os cortes eram profundos, mas perdiam todas as principais artérias e órgãos. Anfar claramente sofreu uma imensa perda de sangue. E para isso, Perin não sabia o que fazer, a não ser limpar as feridas, envolvê-las o mais forte que podia... E esperar.



Ele puxou um cobertor sobre a criatura marinha. Estendendo a mão, ele timidamente afastou o cabelo molhado de Anfar de seu rosto, acariciando-o suavemente. Anfar estava respirando, seu peito nu subindo e descendo em um padrão superficial, mas constante.

— Por que você rastejou para o oceano, amigo? — Ele suspirou, não esperando uma resposta. Mas o incomodava que Anfar, que era quase tão imparável quanto seu “primo” Valroy, tinha sido tão facilmente desfeito por Cruinn. O que tinha acontecido? Como o metamorfo o enganou? Cruinn fez alguma magia negra terrível para inspirar Anfar a fugir da cena e não procurar ajuda?

Não, ele tinha a firme convicção de que Anfar se colocara naquela pilha de algas no fundo do oceano e esperara ali para morrer.

Mas por quê?

Ele sabia que a morte de Lady Astasha provavelmente ainda queimava profundamente, mas... Ele não achava que o mal-estar da criatura tinha crescido tanto a ponto de inspirá-lo a buscar sua própria morte. Ou pelo menos não impedir que surgisse a oportunidade.

Perin puxou outro cobertor sobre Anfar e foi acender um fogo. O inverno estava apenas começando, as últimas folhas das árvores caindo e revelando os galhos nus das florestas de Tir n'Aill. E o ar estava ficando cortante. Em breve, esse gume se tornaria implacável e se tornaria cada vez mais difícil expulsar o frio de sua casa.

Parecia que as estações estavam tão interessadas em acompanhar os eventos do dia quanto o resto deles era forçado a estar.

Pobre Abigail. Pobre e amaldiçoada pelos deuses Abigail.

Justo quando parecia que haveria a chance dela respirar fundo e se firmar, a vadia da rainha Titânia a roubou. E Bayodan... Ele não sabia por que

seus dois guardiões aparentemente se voltaram contra ela. Ele não tinha certeza se desejava estar perto o suficiente da situação para descobrir.

Mas ele imaginou que descobriria a verdade, gostasse ou não.

Batendo sua pederneira contra a pedra, ele viu as faíscas pegarem e acenderem os gravetos, e soprou na pilha até que as chamas lamberam os troncos e galhos cortados e começaram a ganhar vida.

Se Anfar acordasse, ele precisaria comer alguma coisa para recuperar suas forças. E cozinhar daria a Perin algo para fazer. Algo além de sentar ali em um banquinho perto da parede, se preocupar e esperar.

Esperar o quê, ele não sabia.

Ou a criatura marinha acordaria, alguém viria para terminar o serviço, ou alguém viria visitá-los com notícias de que nova calamidade todos seriam forçados a suportar.

Ele começou a fazer carne cozida e batatas. Algo que fosse macio o suficiente para Anfar comer se ele acordasse, mas mais farto do que um simples ensopado. Perin gostava de cozinhar, embora raramente o fizesse para alguém além de si mesmo.

Ele também se certificou de ter um pouco de álcool de fácil acesso. Embora possa não ser suficiente, ele não estava disposto a ir ao mercado para comprar mais. Ele não sairia do lado de Anfar. Ele pegou seu sabre de abordagem da parede onde o mantinha em um gancho e o colocou sobre a mesa de fácil acesso.

Apenas no caso.

Não que isso fosse bom para ele se fosse necessário. Ele não era um lutador habilidoso. Não como Bayodan e Cruinn. Ele olhou para Anfar. — Se um deles voltar para terminar o serviço... Nós dois estaremos mortos. —

Coçando a barba por fazer, ele suspirou novamente. — Mas eu vou tentar.
Por você, vou tentar.

De repente, ele começou a xingar.

Com veemência.

Alto.

Alto o suficiente para que Anfar gemesse.

Ele parou e engoliu suas injúrias. Apesar de seu alívio pelo som ter abalado a fera marinha o suficiente para acordá-lo – revelando que ele poderia realmente sobreviver a seus ferimentos – ele não queria perturbar o descanso do outro homem.

Especialmente não agora que ele teve sua revelação.

Socando sua coxa, de novo e de novo, com força suficiente para fazer seus olhos lacrimejarem, ele finalmente desistiu e colocou a testa na beirada da mesa simples que era um de seus poucos móveis.

Não, não, não, não, não!

Ele se xingou veementemente em sua cabeça.

Eu me importo com ele.

Deuses sejam condenados, eu me importo com ele.

Eu estou condenado.

Abigail estava diante do trono prateado. O sol se pôs, e portanto era o território dos Unseelies. E isto... Muito tecnicamente, era dela. Ela olhou para ele e soltou um longo e vacilante suspiro.

Isso é estúpido. Tudo sobre isso é estúpido. No entanto, aqui estou eu, do mesmo jeito.

— Bem, se *você* não vai sentar, eu vou! — Puck apareceu, piscando do nada, e se jogou no trono de lado, chutando as pernas onde elas caíam sobre um dos braços. Ele sorriu. — Sabe, você realmente precisa ficar suave com toda essa coisa de ‘ser rainha’. Não é grande coisa.

— Receio dizer que não entendi metade do que acabou de sair da sua boca. — Abigail estreitou um olho para ele. — Se eu puder fazer uma pergunta indelicada, o que há de errado com você?

Puck gargalhou. — Errado comigo? Oh, boneca, por onde eu começo? — Ele desapareceu novamente em um piscar de olhos. Num segundo ele estava lá, no outro não estava. Quando ele reapareceu ao lado dela, pairando no ar, ela pulou, e mal se conteve de ganir.

— Por favor, pare com isso. — Ela fechou os olhos.

Ele deu um tapinha na cabeça dela. — Não! — Quando ela foi golpeá-lo para afastá-lo, ele já tinha ido embora. Ele riu e reapareceu sentado nos degraus para o trono, estendendo-se sobre eles como um gato. Ele era alto e magro, e seu sorriso torto revelava o quanto ele estava gostando do jogo de irritá-la. — Por que eu falo assim? É simples. E não. Eu não estou aqui. Bem, tudo bem. Estou *aqui*, mas não estou — ele estalou os dedos — aqui.

Ele a encarou, esperando para ver se ela o seguia. Ela balançou a cabeça. — Por favor, tente novamente.

Cantarolando, ele olhou para o céu estrelado. — Estou aqui fisicamente, mas não estou aqui *temporariamente*. Quero dizer. Suponho que sim, mas não estou *apenas* aqui. Estou amanhã, e ontem, e daqui a uma semana, e daqui a mil anos. Eu estou em cada *quando* eu sempre estarei e sempre estive. Então... Eu meio que embaralhei minha linguagem.

— Você... Existe em todos os tempos que você deve ocupar?

— Exatamente! Minha mente está aqui, agora, eu acho. Talvez não esteja? Talvez esteja mais tarde. Meu foco salta ao redor. Estou aqui, estou lá, estou em todos os lugares. — Ele abriu bem os braços.

— Isso deve ser irritante.

— Não muito! Não para mim, de qualquer maneira. Me disseram que é absolutamente *enlouquecedor* para o resto de vocês. — Ele riu e soltou um longo suspiro, como se estivesse relaxando em um banho quente. — É tão bom poder falar novamente.

Abigail sorriu levemente e balançou a cabeça. Ela não sabia bem o que ia fazer com Robin Goodfellow como seu novo... O que quer que ele fosse. Amigo? Servo? Ela supôs que não importava. Inclinando a cabeça para um lado e depois para o outro, ela estalou o pescoço. Ela não estava ansiosa por isso. Mas isso devia ser feito. Ela devia se dirigir aos Din'Glai, pois a Corte Enluarda deve estar ansiosa para saber o que ela deseja fazer em seguida.

Ela era a rainha deles, ridiculamente assim. Ela deveria dizer *algo* depois da violência que acabara de ocorrer.

— O que você vai dizer a eles?

— Não sei com certeza.

— Minha Senhora Abigail...

Ela se encolheu ao som da voz que veio atrás dela. Era uma vez - não muito tempo atrás - que ela teria sorrido ao som e corrido para os braços do homem que a possuía. Mas quando ela se virou para encarar Lorde Bayodan, ela não sentiu tal jovialidade em seu coração.

Ele não estava sozinho. Esgueirando-se ao lado dele, parecendo tão arrependido quanto ela supunha que uma pessoa feita de vidro fosse capaz, estava Cruinn.

Ela soltou um suspiro, sentindo tanto a dor quanto a fúria crescerem dentro dela em partes iguais. Sua mandíbula se contraiu. Ela balançou a cabeça em desgosto e desviou o olhar deles. — Vocês dois me traíram. Vocês dois traíram Valroy. Ele acreditava que vocês eram amigos dele, e é assim que vocês o tratam? Ele está pregado em uma árvore – ele está sendo *torturado* – tudo por causa de suas ações. — Ela finalmente se virou para eles com um olhar. — Você diz que foi para um bem maior.

— Foi. — Bayodan a observava impassível, parecendo a figura paterna severa que ela nunca teve quando criança. Bem, talvez se o pai dela tivesse pernas de bode, cauda de leão e chifres. Mas isso era irrelevante. — Foi ou o submetia ao túmulo, ou você. Eu escolhi poupar sua vida. — Ele suspirou. — Eu não sabia que Valroy não poderia ser morto.

— Você acreditou que Titânia seria bem sucedida?

Ele balançou sua cabeça. — Eu não queria que ele fosse mutilado e torturado. Eu nem mesmo desejava vê-lo morto, minha senhora. Eu queria ver *você* viva. Ele era apenas o preço que eu estava disposto a pagar.

— E o preço que você deve pagar agora? — Ela deu um passo em direção a ele, suas mãos cerradas em punhos. — E o custo de sua traição?

— Pagarei com prazer.

— Nós - nós dois iremos — acrescentou Cruinn ao lado de seu companheiro. Ele torceu as mãos na frente dele. — Não podíamos deixar Titânia matar você. Não podíamos quebrar nosso voto. Nós a protegeríamos a qualquer custo. Mesmo que isso significasse... Mesmo que isso significasse nossas próprias mortes.

Com um suspiro cansado, ela se virou e caminhou para os degraus que levavam ao trono prateado. Ela se sentou pesadamente sobre eles e colocou a cabeça entre as mãos, fechando os olhos. — Estou furiosa com vocês dois, e

com isso quebro seus laços de guardiões em relação a mim. Mas não posso... Não vou... Me vingar de vocês. Morte e tortura apenas levam a mais morte e tortura. E não foi em mim que sua traição desferiu um duro golpe. Foi Valroy. Ele deve sentenciá-los por seus crimes. Não eu.

— E se ele nunca for libertado? — Perguntou Bayodan.

— Então talvez eu arranque o seu braço no lugar dele. — Ela se sentia tão cansada. Tudo o que ela queria fazer era se enrolar em uma bola e dormir. Mas ela queria adormecer nos braços de Valroy, e isso provavelmente não aconteceria por muito tempo.

Se sequer acontecesse.

Ela se encolheu com o pensamento. — Mas o fato é que não é minha função puni-los. Não foi comigo que vocês mais erraram. Para cada ferida que Titânia lhe der, tenho certeza de que ele virá pedindo reembolso. Eu recuso sua proteção – de vocês dois – e denuncio sua traição ao seu rei. Mas não procurarei prejudicá-los. Ainda não.

Foi só então que ela sentiu a presença dos outros. Olhando para cima, ela saltou para seus pés. Por trás de Bayodan e Cruinn estavam duas dúzias de outros lordes e ladies feéricos. Coisas antigas e poderosas que a observavam com expressões indecifráveis. Cada um uma criatura que poderia ter nascido de seus pesadelos. E agora... Ela era a rainha deles.

Na maior parte.

Ela ainda segurava sua coroa de prata em sua mão, girando-a em seus dedos. Ela não a usaria. Parecia muito presunçoso. Todos ficaram em silêncio, esperando que ela falasse. Era hora dela decidir o que queria dizer.

— Eu... — Ela levantou a coroa que ela segurou por um momento antes de deixar cair a mão de volta ao seu lado. — Eu sou uma garota humana, feita Seelie por Morrigan, jogada no meio de todos vocês. Não tenho o direito

de ser sua rainha. Não tenho o direito de usar esta coroa. Não vou pedir sua fidelidade. Eu não sou Unseelie. Isso... Isso está errado.

Alguém deu um passo à frente. Ela era, para todos os efeitos, um fantasma. Translúcida e enevoada, com um estranho brilho pálido, suas roupas e cabelos girando em torno dela como se fossem pegos pelo vento. — Você vai tentar libertar o Rei Valroy?

— Eu... — Ela hesitou. — Não sei. Libertá-lo significa guerra. Guerra que não acredito que alguém queira travar, salvo ele. Mas eu amo ele. Eu sei que não deveria. Ele é um asno. — Quando a multidão riu de suas palavras, ela sorriu levemente. — No entanto, eu ainda amo, do mesmo jeito. Se eu o libertar, haverá guerra. Se não o fizer, não sei como sobrevivereei ao saber que ele sofre nas mãos de Titânia. Acho que meu coração não aguentaria.

— O que você vai fazer? — Outro cortesão perguntou.

Ela balançou a cabeça, em seguida, encolheu os ombros inutilmente. — Implorar a Titânia para reconsiderar a paz. Implorar a Valroy para repensar seu desejo de guerra. Beber muito. — Ela riu uma vez, cansada, e a multidão riu mais uma vez. — Como eu disse, eu não sei.

— Como sabemos que você não trama em segredo com Titânia? — Alguém perguntou.

— Sim, você volta para nós, e então Valroy é traído. Como sabemos que você não conspirou com ela contra nós?

— Porque simplesmente não é verdade. — Ela poderia discutir com eles por dias, mas de que adiantaria isso? Ela não tinha provas. — E nenhum de vocês se adiantou para ajudá-lo quando Titânia atacou. Vocês são todos tão culpados quanto ela na queda dele. Vocês não têm mais motivos para me questionar do que a vocês mesmos.

— Você procura nos escravizar à raça Seelie? — Outro cortesão deu um passo à frente. Sua voz era um sussurro rouco, e sua forma era inteiramente de sombras. Uma longa capa se arrastava no chão atrás dele, embora parecesse esfarrapada e gasta. Ela não o conhecia, mas ela só podia supor que ele era o líder dos broogs² – o boggart sombrio que ela tinha visto Valroy sussurrando de vez em quando.

— Não. Claro que não. — Ela deu uma risada triste e olhou para a lua, ainda quase cheia, embora agora estivesse minguando. Ela puxou a capa mais apertada sobre si mesma. — Embora eu tenha amigos entre os Seelies, acredito que o povo enluarado tem sido mais gentil comigo, palmo a palmo, do que de outra forma. — Franzindo o cenho, ela voltou sua atenção para a multidão. — Onde está Anfar?

Ninguém respondeu.

— Nós... Nós o atacamos — Cruinn falou após a pausa. — Tivemos que distraí-lo da festa, para que ele não interferisse. Nós não o matamos, apenas o ferimos, nós prometemos. Não sabemos para onde ele foi depois disso.

Ela se encolheu. — Então eu devo encontrá-lo. Esse será meu primeiro ato, acima de tudo. Vou garantir que ele esteja seguro.

— Por que? — Alguém na multidão perguntou.

— Porque ele é meu amigo, é por isso! — Ela engoliu sua frustração, respirou fundo e tentou novamente. — Confiem em mim ou não, eu não me importo. Não tenho nenhum desejo de ser sua rainha. Pensem de meus motivos o que quiserem, mas Anfar é meu amigo, e não vou parar por nada para ter certeza de que ele está seguro.

Silêncio.

² Muitas das criaturas feéricas não possuem um nome equivalente na língua portuguesa, sendo a maioria comumente chamada de 'duende', contudo, são criaturas diferentes. Assim, será mantido o nome original.



Ninguém parecia querer responder a isso. Ela olhou para Puck e virou a cabeça na direção da saída. — Venha. Temos um monstro marinho para encontrar.

Puck saltou para seus pés e estava ao lado dela. — Sim, *Rainha* Abigail!
— Ele mostrou a língua para os cortesãos atrás dela.

Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas. E pegando-o pelo pulso, ela tocou a árvore na borda da sala do trono e se foi.

Uma coisa de cada vez.

Isso era tudo que ela podia lidar.

Uma coisa de cada vez.

Ou então ela talvez desmoronasse.



CAPÍTULO QUATRO

Valroy rosnou quando a lâmina encontrou sua carne. Ele mostrou os dentes e assobiou para o homem acima dele. — Eu vou arruinar você! Guarde minhas palavras, vou destruir todos vocês. Seu...

— Amordace ele.

Um pano foi enfiado em sua boca e outro amarrado em seu rosto para prendê-lo. Ele se debateu, lutando contra as correntes, e agora gritando de raiva contra o tecido. Correntes ainda o prendiam, mas agora elas o prendiam contra uma mesa de madeira. Os pregos de ferro haviam sido arrancados de sua carne, e agora estava aberta, vazando feridas que, se deixadas em paz, cicatrizariam com o tempo. Mas devagar.

Ele duvidava que fossem deixadas em paz.

Rugindo contra a mordaca, ele fez o seu melhor para lutar. Mas qual era o ponto? Ele estava enfraquecido. Exausto. Morrendo de fome. Ensanguentado, espancado, e agora...

Ele começou a rir.

Ele riu tanto quanto riu em muito, muito tempo. Por mais abafado que estivesse, ele não se importava. Ainda era eficaz. Ele olhou para a vadia da rainha Titânia quando um de seus servos caminhou até a mesa... Segurando uma grande serra de metal serrilhada.

— Vamos ver se você honestamente não pode morrer. — Titânia zombou dele. — Vamos ver como você segue sem cabeça.

Ah, como ele riu. E ele continuou a fazer isso até que a lâmina penetrou em sua garganta. Ele teria continuado, apesar da dor, simplesmente para



enervar Titânia. Mas logo os dentes da serra estavam se movendo para frente e para trás em sua carne.

Rasgando. Retalhando. Molhada, afiada e barulhenta. Ele tossiu, sentindo o sangue subir em sua boca enquanto a lâmina cortava suas vias aéreas como se ele não fosse nada mais do que um bife. Sua visão nadou, a dor beirando lampejos brancos e estrelas em seu campo de visão.

Mas isso não importava.

O pior ainda estava por vir.

Ele sabia. Ah, como ele sabia.

Não é a primeira vez que alguém tenta isso, sua vadia idiota.

Ele desejou poder gritar com ela. Mas agora sua garganta estava rasgada, a dor tão completa que o fez se sentir entorpecido e removido. Que de alguma forma, ele poderia simplesmente... Ignorar que havia uma serra grossa e terrível rompendo fundo em seu corpo, puxando-o para frente e para trás e para frente e para trás com cada centímetro de lâmina através dele como se ele não fosse nada mais do que carne na mesa de um açougueiro.

Até que a lâmina atingiu o osso.

Então ele gritou. Ele tentou, de qualquer forma. Suas cordas vocais foram cortadas.

A dor o atravessou, quente, aguda e alta. Ele não podia ignorá-la. Não havia lugar seguro para qual sua mente pudesse escapar. Tornou-se o centro de todo o seu mundo. Dor, agonia e sofrimento. Ele gritou sem ar. O sangue gorgolejou do pedaço aberto, derramando-se ao redor dele como o rio de uma fonte termal. Mas nenhum barulho veio de trás da mordada.

Para frente e para trás.

Para frente e para ttrás.

Para frente e para trás.





E tudo o que ele podia fazer... Era gritar silenciosamente.

— Já verifiquei aqui. — Abigail suspirou, balançando a cabeça para Puck, que a puxava pelo pulso em direção à cabana de Perin.

— Mas você verificou aqui *antes*, você não verificou aqui *agora*. — Puck ganiu, pulando para cima e para baixo como uma criança. — Agora é quando você deve olhar, não antes!

— Este é um dos seus momentos ‘minha mente está em todos os momentos que eu estou e sempre estarei’? — Ela ergueu uma sobrancelha para ele. Ela ainda não tinha certeza de como isso deveria funcionar, mas ela aceitou isso como todas as outras magias estranhas e selvagens que ela encontrou desde que foi arrastada para Tir n’Aill. Por que não? Ela conhecia um homem que não tinha cabeça. Ela poderia se transformar em abelhas. Por que não Robin Goodfellow, um homem cuja mente saltava sobre o tempo como uma pulga com muito açúcar?

— Não. Okay. Mais ou menos. Mas não. Desta vez, é porque meus amigos me disseram. Eles viram Perin arrastando Anfar aqui esta manhã. Venha! Sinto cheiro de comida! *Comida!* — Puck estava pulando para cima e para baixo novamente. Ou talvez ele não tivesse parado. Ela não estava prestando muita atenção.

Havia, de fato, fumaça subindo da pequena chaminé da cabana de Perin. Ela podia ver a luz âmbar bruxuleante nas janelas simples cobertas com grossas cortinas de pele.

Puck estava certo.



Ela se perguntou se começaria a detestar aqueles momentos em que o mestre espião mestiço estava correto. Ela duvidava que fosse estar em falta deles e provavelmente deveria aceitar a inevitabilidade de tudo isso. Com um encolher de ombros, ela começou a caminhar em direção à porta. — Tente ser legal com Perin, sim?

— Por que eu não seria? Ele é ótimo! Eu tenho que me aconchegar na cama com ele. Ele ronca um pouco, mas não chuta. Ele jogou um graveto para mim, me deu comida – ele é um amigo. — Puck sorriu. Pulando até a porta, ele bateu os dedos na superfície de madeira. — Perin! Peeerrin, olá!

A porta se abriu, pouco antes de Puck empurrá-la e pular para dentro. Abigail balançou a cabeça, mas teve que sorrir ao ouvir os ganidos de surpresa de Perin e gritos de “quem *diabos* é... Não! Não! Fora! Fora!”

Quando ela alcançou o batente da porta, ela olhou para dentro. Puck tinha se agarrado a Perin em um abraço e estava tagarelando em um fluxo interminável para o selkie confuso e oprimido. Ela tentou não rir. Ela conseguiu um risinho.

— Olá, garoto selkie, que bom ver você! Comeu algum peixe bom ultimamente? Ooh, você cheira a sementes de mostarda. Vamos comer carne de sal? Adoro carne de sol! É a minha favorita absolutamente. Oh! Oooh. Ooooooh, ele não parece tão bem.

Puck se desgrudou do selkie e na ponta dos pés – literalmente na ponta dos pés – através da pequena casa até a beirada da cama perto da parede. Lá, debaixo de alguns cobertores... Estava Anfar.

Abigail soltou um suspiro de alívio e entrou na casa, fechando silenciosamente a porta atrás dela. — Lamento a chegada inesperada. Olá, Perin. — Ela sorriu para o ex-marinheiro, que estava esfregando a mão no cabelo curto e olhando para Puck como um homem que acaba de perceber

que sua casa inteira estava infestada de texugos loucos. Como se fosse melhor simplesmente queimar a casa inteira e começar de novo.

— Eu... Hum... Olá. — Perin ainda estava olhando para Puck, que agora estava inclinado sobre Anfar e cutucando gentilmente o homem inconsciente no ombro. — Por favor... Por favor, pare com isso. Por favor, deixe-o dormir.

O feérico de cabelos prateados suspirou e deu de ombros antes de se endireitar e sorrir para Perin com uma expressão que era amigável e decididamente selvagem. — Claro, docinho. Só por você, porque você pediu com jeitinho.

Perin balançou a cabeça e, voltando sua atenção para Abigail, sorriu fracamente. — Você está bem?

— Não. Não, não estou. Nem acho que ficarei por algum tempo. — Ela caminhou até ele e o abraçou, feliz por sentir um par de braços em volta dela. Ela contaria suas aflições para ele, mas estava cansada de se repetir. E Perin provavelmente entendeu.

— Eu gostaria de poder encontrar uma maneira de machucar Cruinn, o filho da puta. — Perin a apertou um pouco mais. — Como eles se atrevem a fazer isso com você? Não está certo.

— À sua maneira, Bayodan estava tentando poupar minha vida. Mas não importa. Anfar... Ele está bem?

— Ele perdeu muito sangue quando o encontrei. O que quer que tenha acontecido, isso o inspirou a afundar no fundo do oceano, e não acho que ele desejasse ser encontrado. — Perin beijou o topo de sua cabeça. — Mas acho que ele vai viver.

— Ele vai. — Puck entrou na conversa alegremente. Ele caminhou até uma prateleira na parede e começou a vasculhar garrafas, abrindo cada uma

e cheirando curiosamente. Ele tomou um gole de uma, fez um som de “mleh” e então seguiu em frente. — Ele vai estar de pé como a chuva em alguns dias.

— Como você... — Perin suspirou. — Eu não me importo. Eu não sei, e eu não me importo de saber. — Ele soltou Abigail para ir para o lado de Anfar, garantindo que os cobertores estivessem sobre ele corretamente.

— Isso é provavelmente o melhor. — Abigail riu. — Lamento que você tenha sido arrastado para essa confusão.

Perin balançou a cabeça. — Não é sua culpa.

— Sim, é. — Puck riu. — É totalmente, absolutamente, *cem por cento* culpa dela. Ok, talvez não exatamente *culpa* dela. Mas é totalmente por causa dela. E a carne de sal?

O selkie esfregou as têmporas com as duas mãos. — Ele é sempre assim?

— Sim. — Abigail sorriu. — Até onde eu posso dizer.

Ignorando-os inteiramente, Puck levantou a tampa da panela no fogão. — Parece que ainda vai demorar. — Ele a deixou cair com um tinido que fez Abigail e Perin se encolherem. Por sorte, não pareceu perturbar Anfar. — Vamos jogar cartas! Eu tenho polegares novamente. — Ele os balançou no ar como se eles precisassem de provas. — Eu posso jogar cartas!

Abigail balançou a cabeça. — Não. Eu deveria ir, e...

— E fazer o quê? — Puck a cortou, sua voz perdendo seu tom maníaco e ficando séria. — E fazer exatamente o quê, Abigail Moore? Você está perdida. Presa entre o que você deseja fazer e o que você sente que deve fazer. Então, sente-se. Jogue cartas. Beba. E espere seus amigos se reunirem ao seu redor. Agora ainda não é hora de agir. — Ele sorriu. — Okay?

Ela congelou, olhando para ele com surpresa. Ela preferia o hiperativo Robin Goodfellow a o que quer - quem quer que fosse - que acabara de ver.

Ela assentiu uma vez, fracamente, e sentou-se à mesa de Perin. O selkie parecia igualmente nervoso e se juntou a ela.

— Bom! — Puck se jogou na terceira cadeira e tirou do ar um baralho de cartas. — O jogo é Texas Hold 'Em³. Não se preocupem com o que é o Texas. Ainda não 'existe'. Vou explicar as regras. Então...

Deuses me ajudem.

Acho que posso ter perdido a cabeça e realmente enlouqueci.

Ou esta é a minha vida agora?

Abigail deve ter ficado pálida, pois Perin colocou a mão sobre a dela e apertou. Ela poderia ter sido empurrada para algum tipo de novo estado de ser ridículo... Mas pelo menos ela não estava sozinha.

Esperar que seus amigos se reunissem ao redor dela? Muito bem. Ela aceitaria esse conselho. Ela poderia fazer isso.

Pelo menos havia álcool.

Titânia esperou o esmagar do osso. Que aqueles olhos de safira brilhantes ficassem escuros e vítreos. Que o bastardo *morresse*. Este era o momento em que Valroy, o Príncipe - Rei - Sangrento o flagelo de Tir n'Aill, estaria morto e enterrado. Ela tinha certeza disso.

Ela tinha que estar.

Tudo em sua vida - tudo o que restava dela, pelo menos - se equilibrava na ponta da serra que ainda trabalhava na espinha de seu prisioneiro. Valroy deve morrer. Ele deve. Não havia outro caminho a seguir.

³ Estilo de jogo de pôquer.

Nenhum outro caminho que não levasse à ruína total de tudo o que ela amava e cuidava. Do próprio mundo. Não. Dois mundos. Ela não se importava muito com os humanos e seus avanços tecnológicos. Ela não concordava com a forma como eles arruinavam o mundo natural ao seu redor. A guerra com os humanos viria algum dia, no futuro distante, se eles não mudassem seus modos.

Mas nunca teria chance de acontecer se a fera pútrida sobre a mesa não *morresse!*

Ele teve espasmos e se debateu, mas não conseguiu ir a lugar nenhum. Ele não podia gritar com pulmões que não podiam se encher de ar. O sangue correu e jorrou, encharcando a mesa e escorrendo pela borda como cachoeiras sangrentas.

Mas ele.

Não.

Morreu.

— Minha rainha...? — O homem que tinha a duvidosa distinção de empunhar a serra hesitou. — Eu... Eu não consigo...

— Então *tente mais!* — Ela gesticulou com a mão para outro homem. — Você! Pegue um machado. Decepe-a se for preciso. Eu não ligo. Me dê a cabeça dele e me dê *agora!*

Um machado de ferro foi trazido. E com toda a força que seu soldado conseguiu reunir, ele a desceu sobre a garganta de Valroy com um *baque doentio*.

Um baque.

Mas não um esmagar.

Valroy estava se contorcendo, seu corpo convulsionando em agonia, mãos abrindo e fechando enquanto ele espasmava fracamente sob as

correntes farpadas que o mantinham no lugar. Ele não conseguia se libertar. Mas também não morreria.

— De novo — ela exigiu.

— Mas minha senhora...

— *De novo!*

Baque. Baque. Baque. Como uma criança empunhando um machado de papel contra uma árvore, ela viu seus soldados, um após o outro, tentar remover a cabeça do Rei Sangrento. E seu apelido agora era bem merecido, pois ele era mais carmesim do que azul, seu cabelo manchado de preto da mistura.

Baque. Baque. Baque.

E ainda. Não soltava.

— Tragam cavalos. Tragam dragões! Eu não ligo. Vocês vão me dar a cabeça dele. Vocês vão, ou este mundo inteiro vai queimar por isso! Vocês me entendem? — Ela gritou com seus seguidores, sem se importar com a forma como os soldados se afastaram dela com medo. — Pelo bem de nossa espécie, por Tir n'Aill, e por suas próprias vidas e as daqueles que vocês amam... Ele *deve* morrer!

Baque. Baque. Baque.

Titânia não sabia quando começou a chorar de frustração. Lágrimas de fúria rolavam por suas bochechas. Como ele *ousa* ainda viver, apesar de tudo isso? Como ele ousa existir? *Deve haver uma maneira de acabar com ele. Deve haver. E eu sei como encontrá-la.* Apertando os punhos, ela rosnou e saiu da clareira, deixando seus soldados com seu trabalho.

Ela tinha negócios a tratar com Morrigan.

Você o fez. Você vai me ajudar a desfazê-lo.

Ou todos estariam condenados a queimar.

CAPÍTULO CINCO

Enquanto o sol estava nascendo, Abigail não pôde deixar de sorrir para a cena diante dela. Perin e Puck tinham bebido muito, muito álcool, e agora estavam desmaiados dormindo em uma pilha de cobertores no chão. Puck estava com a cabeça na coxa de Perin.

Ela estava... Decidida e decepcionantemente sóbria.

Ou talvez ela não estivesse, mas sua dor tornava difícil desfrutar.

Empurrando para cima da mesa, ela saiu da cabana e soltou um longo e vacilante suspiro, feliz pelo ar frio que a encontrou. Ela gostou do calor do fogo e do aconchego da cabana de Perin, mas o frio permitiu que ela pensasse direito.

Puxando a capa mais apertada sobre si mesma, ela caminhou até a beira da floresta. Colocando a mão no tronco de uma árvore, ela passou pelas raízes e deixou que elas as carregassem até onde ela desejava estar.

Ou melhor, para quem ela precisava ir.

Valroy.

Ela saiu da beira da clareira e imediatamente respirou fundo pelo nariz. O que ela estava olhando... Não podia... Não podia...

Ela lamentou. Correndo para frente, ela caiu de joelhos ao lado da forma quebrada de uma criatura que ela mal conseguia reconhecer. Sua pele estava ensanguentada e em carne viva, qualquer pele que restou. Ossos eram visíveis através de grandes pedaços de carne que haviam sido removidos de seu peito, seus braços, suas coxas.

Suas asas estavam quebradas e só os farrapos.

Valroy estava deitado de lado, correntes de ferro farpadas amarradas firmemente em torno de seus membros, depois correndo para as árvores ao seu redor em um círculo para amarrá-lo ali. O cabelo escuro e emaranhado obscurecia suas feições. Ela o empurrou para longe, encontrando-o seca com sangue.

Lágrimas caíram de suas bochechas nas dele, pequenas gotas de água em uma máscara carmesim.

Ele estava respirando. Mas ele não deveria estar. A coisa diante dela era uma carcaça, quebrada e mutilada, e não tinha razão para estar viva. Nenhuma razão além do simples fato de que ele não poderia morrer dessa maneira.

Embora ela se perguntasse se ele agora desejava poder.

Sua garganta era um anel de carne viva. Seu pulso era visível, enquanto seu corpo curava lentamente um corte irregular e rasgado. Ela não podia dizer que tipo de arma, ou armas, tinha sido responsável, mas ela sabia o que eles estavam tentando. Eles tentaram tirar sua cabeça.

E falharam.

Inclinando-se, ela cuidadosamente beijou sua bochecha. Ela não queria causar-lhe mais dor, mas não podia deixá-lo assim. *Eu poderia tentar curar suas feridas com magia... Mas de que adiantaria? Eles só usariam isso como uma desculpa para lhe machucar mais.*

Convocando um jarro de água e um pano, ela começou a limpar o sangue da melhor maneira que podia, por mais patético que isso a fizesse se sentir.

Olhos de safira se abriram. Ele endureceu, mas ela o silenciou. — Não. Não se mexa. Não fale. Fique quieto, meu amor. Por favor.



Ele obedeceu, e ela viu como a tensão derreteu dele mais uma vez, e seus olhos se fecharam.

Com ternura, evitando cuidadosamente as feridas que cobriam seu corpo, ela tentou limpar o sangue que podia. Sem saber mais o que fazer, ou como confortá-lo, ela começou a cantar para ele baixinho. Uma canção de ninar que ela lembrava de sua infância, mas não sabia se tinha sido sua mãe ou sua tia que a cantou para ela. Não importava de qualquer maneira.

Libertá-lo. Ou matá-lo.

Essa era a escolha dela a fazer.

E quanto mais ela demorasse como uma criança, incapaz de escolher que lado ela chamava de lar... Mais ele sofreria. Essa tortura era culpa *dela* tanto quanto de Titânia.

Ele era uma criatura da guerra. Uma criatura da morte. Ele nasceu para destruir mundos inteiros. E ela não podia culpá-lo por sua natureza, assim como não podia odiar uma tempestade ou um terremoto. Ele era o que era.

E ela o amava. Que os deuses a ajudem, que os deuses a amaldiçoem, ela o amava. Não apesar de, mas *porque* ele era aquela força da natureza.

— Deve haver outra maneira — ela sussurrou para ele enquanto derramava um pouco de água em seu cabelo, tentando limpar um pouco do sangue e torná-lo um pouco menos duro. — Deve haver algo que eu possa fazer.

Pois isso não poderia continuar. Ela não o deixaria definhar em tal sofrimento. Ela sabia que ele sairia do outro lado da tortura com nada além de uma risada, mas ela não sabia se *ela* poderia suportar.

Isso pode não matá-lo.

Mas isso pode matá-la.





Ela precisava de conselhos. Ela precisava de alguém com quem falar que pudesse ajudá-la. Mas quem? Quem podia? Com um longo suspiro, ela chegou à resposta. Sim. Os deuses a ajudem, os deuses a amaldiçoem, de fato. Inclinando-se, ela beijou Valroy suavemente nos lábios. Se ainda estava acordado, não parecia, pois não respondeu. Era melhor que ele descansasse.

Levantando-se, só então ela percebeu que a clareira estava cheia de guardas. Eles se alinharam no círculo de árvores, suas armaduras douradas brilhando ao sol da manhã. Eles agarravam suas lanças e espadas com medo, imaginando se ela iria destruir todos eles e libertar a coisa quebrada a seus pés.

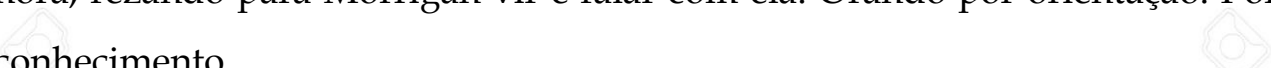
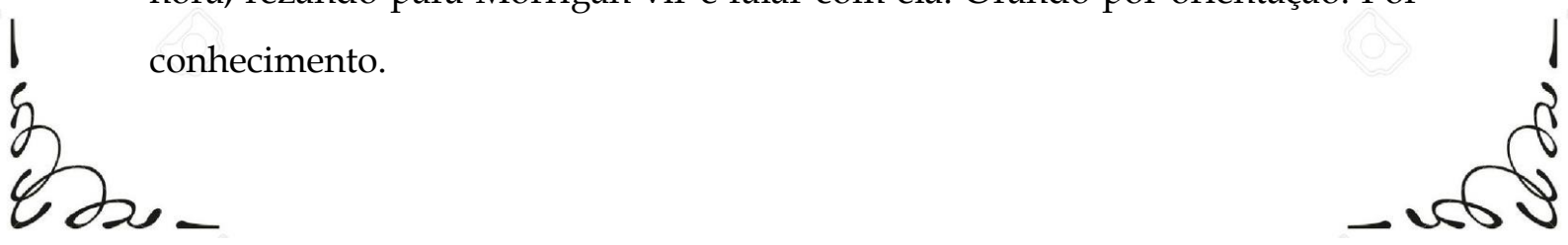
Mas eles também a observavam, cada um deles, com... Lamento. Com tristeza. Ela viu lágrimas nos rostos de alguns deles. Eles choraram por ela. Talvez por ambos.

Eles não tinham alegria em seu dever.

E nisso, ela poderia ter algum consolo. Afastando-se de Valroy, sem se importar com o sangue que manchava seus pés e suas roupas, ela desapareceu mais uma vez entre as raízes das árvores. Ela não sabia para onde estava indo, não precisamente. Mas ela conhecia o lugar pelo tato, se não pela localização.

Leve-me para Morrigan.

Titânia estava no altar dentro do anel de pilares de pedra e arcos e olhou para o céu enquanto o sol começava a nascer. Ela estava aqui há uma hora, rezando para Morrigan vir e falar com ela. Orando por orientação. Por conhecimento.



Pelo presente que ela precisaria para matar o Rei Unseelie.

Mas nenhum corvo circulou o céu. Nenhum sussurro sombrio de guerra e morte afiado no fundo de sua mente. Morrigan não tinha motivos para falar com ela, parecia. Ela arreganhou os dentes com raiva e cerrou os punhos ao lado do corpo.

— Vou rasgá-lo em pedaços de novo, e de novo, e de novo. Eu esfolarei a pele e a carne de seus ossos e farei uma colheita de seu cadáver! Alimentarei toda a raça Unseelie com assados que fiz de seu corpo. Eu farei dele uma fonte de sangue. Você não se importa com seu filho? Você não se importa com sua criação? A morte é um destino muito melhor do que o que vou pagar a ele! — Ela gritou suas ameaças para o céu e rezou para que a deusa soubesse que ela não estava fazendo ameaças vãs.

Ela *nunca* fez ameaças vãs.

Mas apenas silêncio a saudou, junto com o chilrear quieto dos pássaros próximos e a rajada de vento.

Ela girou do altar para sair e parou. Ela não estava tão sozinha quanto pensava. Pois ali, parada na beira das pedras, olhando para ela com os olhos arregalados, estava Abigail Moore.

Ela não parecia ter dormido. Sombras marcavam a pele sob os olhos verdes de musgo que estavam avermelhados pelas lágrimas recentes. A garota parecia, simplesmente, miserável. E Titânia sabia que ela era um pouco culpada por isso.

Abigail também parecia horrorizada.

— Diga-me que você não quer dizer suas palavras — a outra rainha feérica murmurou, segurando uma capa verde escura sobre si mesma como se pudesse afastar o mundo inteiro ao seu redor. — Diga-me que você não vai fazer o que você diz.

A mandíbula de Titânia se contraiu. Ela nunca fez ameaças vãs. — Se Morrigan não me conceder o segredo para assassinar o bastardo e se livrar de sua ameaça de uma vez por todas? Sim. Vou garantir que ele sofra.

— Por que? — Abigail balançou a cabeça. — Eu sei que ele não é...

— Ele é um tirano, um assassino e um *demônio*, sua garota tola. — Titânia deu um passo em direção a ela, os punhos se fechando novamente. — Ele torturou mais almas do que você poderia contar em sua vida. Ele tem feito coisas terríveis. Se eu passasse o resto da eternidade garantindo que ele não sentisse nada além de dor, não seria igual ao que ele causou aos outros! Não se esqueça de quem e o que ele é simplesmente porque você se apaixonou por aquela extensão crescida entre as pernas dele!

A expressão no rosto de Abigail era ilegível. A jovem caminhou até ela lentamente e soltou sua capa. Por um momento, Titânia não soube o que pretendia fazer. A lista de opções era longa. E nenhuma delas acabou por ser verdade.

Pois Abigail puxou a mão e deu um tapa no rosto de Titânia.

Forte.

Titânia cambaleou e caiu no altar de pedra atrás dela, segurando o rosto em choque. A picada foi surpreendentemente dolorosa. Virando-se para olhar para a outra mulher, foi a vez dela de ficar de olhos arregalados.

Abigail estava olhando para ela com tanta raiva que ela se perguntou se a bruxa humana tornada Seelie não tinha sido secretamente *Unseelie* o tempo todo. A rainha da corte enlutarada estava furiosa. Suas palavras foram um silvo baixo e arrepiante que ela soltou entre os dentes cerrados. — Não fale comigo como se conhecesse meus pensamentos, Rainha Titânia. Não finja que você *me* conhece, ou o que aconteceu entre mim e meu marido.



Titânia olhou para ela em choque por mais um momento antes de começar a rir. — Oh, coitadinha... Sua pobre, doce, criança mal orientada. Você honestamente acredita que o ama? Ou pior, você honestamente acredita que *ele* ama *você*? — Ela se endireitou e passou a mão sobre o cabelo para prender os fios que estavam fora do lugar. — Eu sinto muitíssimo. Ele corrompeu você, torceu você, manipulou você para pensar que se importa com você. Eu prometo a você que não. Não há espaço em seu coração negro para ninguém além dele mesmo. Eu só espero que você veja isso antes que seja tarde demais.

Abigail não vacilou em seu olhar. — Você está errada.

— E eu lamento que você acredite nisso. — Titânia foi embora. Não havia nada para ela no altar de Morrigan. A deusa não tinha interesse em assumir a responsabilidade por suas ações. Nem parecia que Abigail iria a ver a razão e aceitar seu lugar como a Rainha Unseelie.

Parecia que tudo caiu sobre os ombros de Titânia mais uma vez.

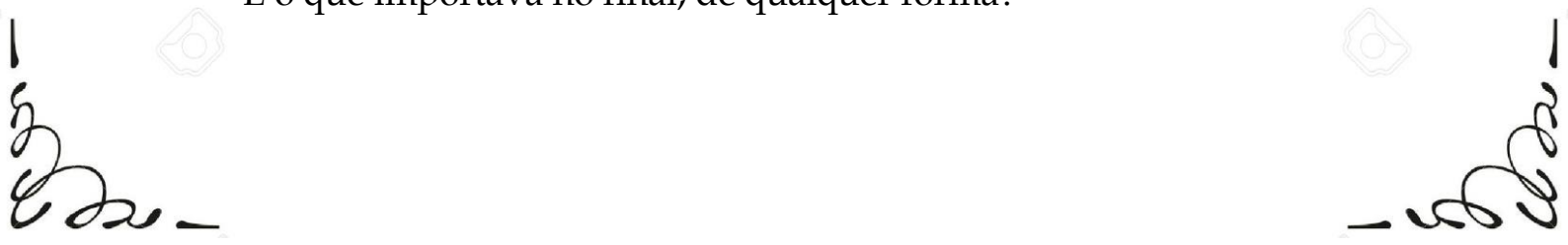
Como sempre.

Abigail observou enquanto Titânia se afastava, e não foi até que a outra rainha se foi que ela se permitiu relaxar, mesmo que um pouco.

E na ausência da mulher, sua raiva vacilou, esfriou e desapareceu. Deixou apenas uma dor vazia e oca em seu lugar. Ela não achava que as palavras de Titânia fossem verdadeiras. Ela acreditava que Valroy a amava.

Mas e se ela estivesse errada?

E o que importava no final, de qualquer forma?





Não. Ela afastou as dúvidas. Valroy a amava, como ela o amava. Ela tinha certeza disso, e infelizmente era uma das poucas coisas em Tir n'Aill em que ela podia confiar.

Aproximando-se do altar de Morrigan, ela olhou para as palmas das mãos. — Eu... Não tenho nada para lhe trazer, grande deusa. Não tenho nada para sacrificar em seu nome, ou colocar sobre sua pedra. — Ajoelhada na grama fria, ela abaixou a cabeça e colocou as mãos nas coxas. — Venho a você para orientação, sabendo que não mereço nenhuma. Mas não sei o que fazer.

Silêncio. Ela não esperava mais nada. Ela fechou os olhos e soltou um suspiro. — Eu amo o homem que deseja destruir meu povo – o povo que você me deu. Eu amo o monstro que fez coisas terríveis e procura fazer mais. E não sei viver sem a criatura que deseja destruir *dois* mundos em sua ira. Encontro-me presa entre a misericórdia e o amor, e não sei qual posso sacrificar e ainda acordar todas as manhãs.

Lágrimas ardiam em seus olhos, e ela as deixou cair. — Não estou sem amigos, sem aliados. Agradeço a quaisquer deuses que me deram Perin, Anfar e... Sim, até Puck. — Ela riu tristemente. — E até um dia atrás, Cruinn e Bayodan. — Seu coração escureceu com o pensamento de seus dois guardiões traidores. — Mas mesmo com eles, não sei que direção tomar. Qual caminho trilhar. Misericórdia ou amor?

Respirando, ela o ar segurou por um momento antes de soltá-lo lentamente. — Ainda assim, por tudo o que aconteceu, eu... Devo a você minha gratidão. Eu sei que não é o jeito de nosso povo agradecer, mas você tem o meu mesmo assim. Acredito que foi sua vontade que trouxe Valroy à minha porta. Eu sei que foi por sua vontade que eu fui trazida de volta à canção da vida como uma Seelie. E foi por sua vontade que me foi dada a



chance de conhecê-lo. De... Amá-lo. E aconteça o que acontecer, vou agradecer até eu deixar de existir.

– *Você pode vê-lo morrer?*

As palavras não eram nada mais do que um sussurro no vento, mas enviaram um calafrio em sua espinha. Ela se endireitou, seus olhos se abrindo, e ela ofegou com o que viu.

Corvos.

Mil deles se reuniram ao redor dela, empoleirados em cima de cada pilar de pedra e arco. E todos eles a observavam, as cabeças viradas para olhá-la com seus olhos negros.

Ela congelou. Ela estava agora na presença da própria deusa. Ela engoliu em seco e levou um momento para refletir sobre a questão. Ela poderia? Ela poderia ver a luz desaparecer dos olhos de Valroy? Ela fechou as mãos em punhos e encontrou lágrimas ardendo em seus olhos mais uma vez, renovadas com a imagem. – Sim... Mas só se eu me juntar a ele em breve.

– *Você pode vê-lo sofrer?*

Era por isso que ela estava aqui. Ela sabia a resposta. E foi uma que a levou a uma conclusão muito perigosa. – Não. Não posso.

– *Então não perca meu tempo.*

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Mil corvos levantaram voo, subindo no ar.

E algo afiado perfurou suas costas e atravessou seu coração. Era como se uma adaga tivesse atravessado seu corpo. Mas quando ela tocou o ponto onde a lâmina deveria ter saído de seu peito, não havia nada lá.

Mas era como se tivesse – não, não uma adaga – mas uma marca a ferro quente. Uma terrível lança de metal em chamas. Sua visão vacilou, ficou branca nas bordas e... Ela caiu no chão.

A escuridão a levou. E era preferível à dor.

Muito preferível.

Ela esteve aqui uma vez antes.

Uma árvore. Um carvalho enorme, assustadora e antiga. Ela alcançava o céu noturno diante dela, seus galhos nus arranhando as estrelas como unhas pontiagudas chegando para rasgá-los em pedaços e arrancá-las dos céus.

Uma árvore com mil armas enterradas em seu tronco. Espadas e punhais, flechas e machados, lanças e maçãs. Algumas de estilos que ela não reconhecia. Algumas que pareciam mais velhas do que ela pensava ser possível. Algumas que não pareciam nada deste mundo.

A árvore crescia no centro de uma plataforma de pedra, erguida acima de uma superfície de líquido que brilhava carmesim ao luar. Era um lago de sangue. Suas raízes se estendiam para a superfície como se espelhassem os galhos acima, determinados em sua expansão enquanto eles se estendiam e se ramificavam no sangue.

As raízes pulsavam.

Elas pulsavam com um batimento cardíaco.

Ela deu um passo à frente, desejando não andar sobre o tapete de raízes emaranhadas, mas sem saber mais o que fazer. O chão estava molhado, úmido e quente. Muito quente. A árvore estava viva... E também o sangue embaixo dela.

Quando ela alcançou o tronco da árvore, ela viu as feridas que as armas fizeram nela ainda derramavam seiva como se alguém tivesse simplesmente batido nela para obter o xarope.

Tocando os dedos em um fluxo, ela não ficou surpresa ao ver que ele voltou vermelho. Esta árvore sangrava, e o líquido que a cercava vinha desta coisa antiga e terrível diante dela.

Tudo o que ela sentia com isso era violência. O desejo por isso - a necessidade - a dor lasciva de trazer dor e senti-la e espalhá-la tão longe quanto suas raízes pudessem ir.

Vivia e sangrava, mas sua canção não era de vida.

Era uma de morte.

Mas parte dela conhecia esta árvore. Conhecia este lugar. E não simplesmente porque ela já tinha visto isso uma vez antes.

Mas como? Não era possível.

E foi quando ela pressionou a palma da mão na casca que a visão se despedaçou.

Ela acordou, deitada na grama gelada, e descobriu que um fino véu de neve havia caído sobre ela. Ela estava tremendo não apenas por causa do frio.

Ela estava tremendo por causa do que sentiu quando colocou a mão sobre aquela árvore da morte.

Não era possível.

Não era possível.

Não poderia ser.

E ela se recusava a aceitar.

Mas quando ela se levantou, e quase caiu no chão novamente, ela se sentiu entrando em pânico. Seu coração batia tão alto em seus ouvidos que abafava todo o resto. Pois quando ela colocou a mão sobre aquela árvore... Uma parte dela a reconheceu pelo que realmente era.

Não.

Não o quê.

Quem.



Quando reapareceu na casa de Perin, abriu a porta e deu dois passos precisos antes que seu coração acelerado e o pânico crescente a dominassem. Ela cambaleou. Alguém a pegou. Ela caiu no chão, embalada em seus braços.

Valroy havia pedido que ela resolvesse o Labirinto.

E pelo que pareceu uma eternidade, ela não tinha noção do que ele queria dizer.

Mas agora... Ela tinha.

E o horror disso fez da escuridão invasora o lugar mais seguro para se estar. E ela mais do que feliz deixou isso levá-la.



CAPÍTULO SEIS

Titânia andava de um lado para o outro na sala do trono, os punhos ainda cerrados ao lado do corpo. Suas unhas cravaram em suas palmas, quase perfurando a pele. Ela não se importou. A picada que deu a ela a centrou, a acalmou, deu a ela algo para se concentrar.

Algo para se concentrar que não a raiva. Mas não foi a raiva que ela sentiu por Valroy, Morrigan, e agora Abigail que fez seus passos seguirem um atrás do outro diante do trono dourado. Era o que corria sob a fúria.

Medo.

Por todos os deuses aqui e ali, ela estava *aterrorizada*.

O que ela deveria fazer? Ela não podia simplesmente ficar na beira do caminho e assistir enquanto Valroy destruía dois mundos. Ela não podia ficar ociosa enquanto o destino de seu povo estava selado. Mas parecia que se havia uma maneira de matar o bastardo venenoso, não era dela para saber.

Mas ela se recusava a ser indefesa. Ela se recusava. Quando uma presença entrou na sala, ela virou a cabeça e encarou a figura sombreada coberta de tecido que estava curvada no canto escuro da sala. — Aí está você! Onde você esteve?

— Ocupado, Rainha Titânia... Eu sirvo mais mestres do que você.

Ela fez uma careta e voltou a andar. Não havia motivo para ficar zangada com um Unseelie. — Você pode derrubar a fachada, Lorde Bayodan. Eu sei que é você quem tem sido meu espião esse tempo todo.

— Eu não sou o rei bode. — A figura riu, um som seco e rouco. Titânia ainda não conseguia ler nenhum tipo de detalhe da figura. Ela não sabia se



era homem ou mulher, jovem ou velho. — Estou lisonjeado que você pense assim.

— Cruinn, então. — Ela revirou os olhos. Faria sentido.

— Não. Nem eu sou ele.

— Isso não importa! — Ela ergueu as mãos. — Minta para mim se quiser. Eu não ligo. Você veio me trazer informações, e eu lhe pagarei por isso. Não tenho tempo para seus jogos.

— Anfar vive, mas por pouco. O amigo selkie da rainha Abigail levou todos eles para seu abrigo.

Ela acenou com a mão com desdém. Ela não se importava. — Valroy pode ser morto?

— Sim.

— Como? Como posso matá-lo? — Ela tentou não soar tão desesperada quanto se sentia. — Diga-me o que devo fazer!

— Eu disse que havia uma maneira dele ser morto. — A figura riu novamente, cruel e fria. — Eu não disse que seria possível para você fazer isso.

Rosnando de raiva, ela reprimiu a vontade de voar para a coisa sombria e rasgá-la em pedaços com as próprias mãos. Fechando os olhos, ela se forçou a respirar fundo e deixá-lo sair. Matar um espião não lhe faria bem. A coisa fétida ainda pode ser útil. — Quem pode matá-lo, então?

— Aquele que resolver o Labirinto pode acabar com sua vida. Ninguém mais.

Titânia esfregou as mãos no rosto e gemeu de frustração. — Não. Aquela jogada fútil que ele colocou diante da idiota da Abigail é um absurdo. O Labirinto não pode ser *resolvido*.



— Ah... Sim, pode. Pois resolver algo é conhecê-lo. E conhecê-lo é mantê-lo. — A figura endireitou-se ligeiramente, ameaçando sair das sombras e entrar na luz. — Ou matá-lo. Se ela assim o desejar.

— Você está falando besteira.

— E é por isso que não será você a matá-lo. Se ele morrer. Ele talvez não morra. Não é uma decisão dele. Nem é sua. — A figura fungou com desdém.

— Você estará morta em pouco tempo. Muito antes dele.

— Não *ouse* me ameaçar.

— Eu não ameaço. Eu prometo. — A figura riu. — Você está sem saída, e os Unseelies gostam de nada mais do que quando sua presa está presa. Faça o seu pior com ele, e isso apenas acelerará sua morte. Não faça nada, e tudo acontecerá do mesmo jeito.

Titânia decidiu que já havia suportado o suficiente. Aproximando-se da figura, ela o agarrou pelo manto e o puxou para frente, puxando-o para a luz. Ela veria o rosto dessa criatura e saberia seu nome, logo antes de jogá-la no Lago das Dores com todo o resto!

Mas quando ela puxou o manto, a figura explodiu em um bando de corvos que voaram para o céu, grasnando e guinchando. Quase soou como uma risada.

E ela ficou segurando nada além de tecido preto esfarrapado.

Medo.

Sim.

Era isso que ela sentia.

Ela estava com muito, muito medo.

Perin segurou Abigail inconsciente em seus braços e gentilmente acariciou seus cabelos. Ela tinha invadido a cabana, sua respiração muito rápida e superficial. Antes mesmo que ele pudesse perguntar o que estava errado, seus olhos rolaram em sua cabeça e ela desmaiou.

Foi honestamente o melhor. A pobre garota parecia exausta e precisava dormir um pouco, mesmo que fosse forçada. A cabeça dela estava apoiada no ombro dele, e ela estava sentada no colo dele de lado sobre as pernas dele. Ele a teria deitado, mas o chão era muito duro e desconfortável, e sua cama ainda estava ocupada pelo *também* inconsciente Anfar.

— Precisamos de mais um lorde ou dama inconsciente e acho que temos um ‘royal flush’⁴— ele murmurou para Puck. Ele tinha acabado de aprender as regras do pôquer. Era um jogo divertido, se... Talvez ele não estivesse jogando com o mestre espião.

O assustador e bizarro feérico mestiço estava sentado à mesa, braços cruzados, queixo apoiado em cima deles. Puck o havia limpado no jogo de cartas, embora eles não estivessem jogando com dinheiro real. Perin suspeitava que o homem estivesse trapaceando, mas não era tolo o suficiente para acusá-lo de tal coisa.

Puck riu baixinho. — Eu gosto de você, selkie.

Ele estava muito feliz que era o caso. O oposto provavelmente seria desastroso. — O que você acha que aconteceu com ela?

— Hum? Oh. Acho que ela foi ver Morrigan. E Grande Mãe provavelmente a contou sobre o pequeno segredo. — Robin Goodfellow sorriu.

⁴ É a melhor jogada no pôquer, a mão mais forte. Ela é formada quando tem-se na mão uma sequência de Ás, Rei, Dama, Valete e Dez do mesmo naipe.

— Pequeno segredo? — Perin ergueu uma sobrancelha.

— Não é um segredo se eu te contar. — Ele revirou os olhos. — Ela vai te dizer, de qualquer maneira, quando ela aceitar. — Ele fungou. — Mas a merda vai cair primeiro, eu acho.

— Você sabe o futuro? — Perin balançou a cabeça. — Achei que você fosse apenas um espião.

— Só! Só? Humpf! — Puck recostou-se na cadeira e bufou. — Eu sou o melhor espião que já existiu, muito obrigado, carai. Eu sei bastante. E porque minha cabeça está aqui, e lá, e antes, e quando, e depois, posso ver muito mais. Mais ou menos. Em pedaços. Mas eu não preciso ser um vidente para saber que Val vai ficar *bolado* quando ele for libertado. — Ele riu novamente, sorrindo com a menção do caos que provavelmente aconteceria.

— E se ele não for libertado? — Perin não tinha certeza de onde ele estava com a ideia, honestamente. Ele realmente não queria guerra com os Seelies ou os humanos. Mas, ao mesmo tempo, ele também não suportava pensar em Valroy deixado em alguma prisão terrível, sendo torturado até o fim dos tempos. Pessoalmente, ele tinha medo de Valroy mais do que qualquer outra coisa. Mas se Abigail o amava, isso significava que havia algo que valia a pena amar nele.

— Você honestamente acha que Abigail não vai libertá-lo? — Puck suspirou e se levantou da cadeira, espreguiçou-se com um bocejo alto, e caminhou até a cama onde Anfar estava descansando. Ele puxou um cobertor para inspecionar cuidadosamente uma das bandagens. Apesar de toda a sua natureza provocadora e maníaca, ele foi cuidadoso com o monstro marinho ferido. E Perin ficou feliz pela ajuda, para ser honesto. — Seria uma coisa se ele morresse. Talvez ela o superasse então. Mas saber que ele está em algum lugar, com dor, e ela não pode ajudá-lo? Não. Ela o libertará.



Perin sabia que o espião estava certo. E ele sabia que uma guerra total se seguiria no rastro de Valroy quando ele saísse de qualquer prisão em que Titânia o tivesse colocado. Era apenas uma questão de tempo, e se Perin era um apostador - e ele descobriu recentemente que não deveria ser - seria mais cedo ou mais tarde.

— Você acha que vamos para a guerra?

— Não sei. Não consigo ver essa parte. — Puck deu de ombros. — Você pensaria que sim, já que seria tão grande e retorcida. Mas não posso. Apenas pedaços nas bordas. — Ele abriu a boca para dizer algo, fez uma pausa, riu e então balançou a cabeça.

— O quê?

— Nada. — Mas Puck ainda tinha aquele sorriso no rosto.

Isso estava deixando Perin nervoso. — Não, me diga. O quê?

Puck terminou de trocar uma das bandagens de Anfar. O monstro marinho estava se curando rapidamente, mas ainda estava mais pálido do que o normal, a pele ao redor das feridas escura com hematomas. O espião puxou os cobertores de volta sobre o homem inconsciente e sorriu tristemente para ele. — Sabe o que é pior do que temer nunca ser amado? — Ele se levantou e estalou o pescoço. — Saber que você nunca vai ser.

— O que você quer dizer? — Perin sentiu como se estivesse correndo atrás de uma carruagem enquanto falava com o outro homem.

— Eu sou cada eu em cada piscar de tempo. Tipo... Pense no mundo como fotos, certo? E... — Ele fez uma pausa. — Pinturas. Pense no mundo como pinturas. A cada fração de segundo que você existe, bam, pinturas. Este sou eu. Uma pilha gigante de pinturas. Tem que resolvê-las às vezes. Mas você sabe o quê? — Ele bufou uma risada. — Eu estou sempre sozinho.



Algo em Perin realmente sentia pela criatura maníaca. — Eu... Eu sinto muito. Isso é terrível. Tem certeza?

— Tanta certeza quanto pode ser! — Ele gargalhou e, quando Anfar se mexeu com o barulho, baixou a voz para um sussurro. — Desculpe. — Ele sorriu. — Está tudo bem, no entanto. Eu não me importo. Além do mais. Eu sou um pouco... Eh... Aleatório. — Ele bateu em sua têmpora. — Mas você está perdendo o ponto que eu estava fazendo, filhote de foca.

— Acho que não entendo.

Puck deu de ombros. — Você irá. Eu tenho que ir. Estarei de volta quando ela acordar. Falou! — E com isso, e nenhum outro aviso, o mestre espião desapareceu. A rapidez fez Perin estremecer de surpresa.

Ele estava feliz pela partida de Puck e um pouco triste por isso. Feliz, porque a imprevisível personificação ambulante do caos não estava mais cutucando seus pertences ou fazendo comentários vagos, aterrorizantes e principalmente ininteligíveis.

Triste, porque agora ele estava sozinho. Com a besta marinha inconsciente que ele se viu terrivelmente preocupado, e a inconsciente Rainha Unseelie.

Inclinando a cabeça para trás contra a parede, ele soltou um suspiro. — Sou apenas um *selkie*.

Titânia estava na margem do Lago das Dores e contemplava a estranha superfície opalescente das águas paradas. O ar estava silencioso ao redor do lago, como sempre. Pois este não era um lugar onde os pássaros vinham cantar, ou insetos vinham espalhar pólen.

Este era um lugar de meditação. De consideração.

E do fim da consciência. O fim de ser um e, em vez disso, ser muitos. Do fim de uma vida e do retorno à própria vida. No entanto, ainda cheirava a aquele momento que existia logo antes da morte, quando a respiração ficava presa na ponta de uma lâmina antes de ser cortada e sumir.

Ela olhou para a superfície que brilhava com cores leitosas como se tivesse sido manchada com óleo. No centro do lago havia uma árvore alta e larga, seus galhos totalmente floridos com pétalas que caíam no mais doce tom de rosa.

Mas era o que permanecia sob a superfície, como sombras nebulosas de peixes imóveis, que ela estava observando. Era um lago raso e poderia alcançar seus ombros na melhor das hipóteses se ela fosse tola o suficiente para entrar. Sua falta de profundidade pouco escondia as figuras que estavam acorrentadas a pesos, amarradas em ferro e mantidas sob a superfície.

Figuras que ainda estavam vivas.

E ainda não estavam, do mesmo jeito.

Ela bateu as pontas dos dedos contra as coxas e soube que estava em um precipício. A estrada se bifurcava diante dela, e ambos os caminhos levavam à morte. Balançando a cabeça, ela suspirou. Não havia escolha verdadeira.

Se Valroy não pode morrer por meios normais, então Abigail deve ser racionalizada. Se ela é quem tem a chave para sua morte... Então ela deve aprender a desejar matá-lo.

E lá estava. A única coisa que ela poderia fazer para salvar Tir n'Aill e a Terra do monstruoso Rei Valroy. Titânia soltou uma risada fraca e cansada.



Claro. Claro que chegaria a isso. Mas o que mais ela tinha, se ela não podia salvar seu povo? Nada.

E assim devia ser feito.

Virando-se para os guardas, ela acenou com a mão. — Tragam o prisioneiro. E envie uma mensagem à Rainha Unseelie para que ela venha se despedir de seu marido.

O Lago das Dores pode não ser capaz de parar seu coração.

Mas ela podia pelo menos esperar que ele pudesse quebrar sua mente.

Abigail acordou com alguém sacudindo-a. Foi uma sacudida suave, mas mesmo assim foi uma sacudida. Ela gritou de surpresa e empurrou quem estava ao lado dela em pânico assustado. Ela caiu no chão e gemeu. Ela tinha estado sentada. Sua decisão de empurrar contra quem a estava tocando foi o que a derrubou.

— Oh-oh, desculpe! — Mãos a puxaram de volta. Levou mais um segundo para ela perceber que era Perin o resultado de seu despertar abrupto.

Esfregando a mão sobre o rosto, ela lutou para lembrar por que estava dormindo. Alguma coisa tinha acontecido e...

Em um lampejo, tudo voltou para ela. A visão. Oh *deuses*, a visão! Instantaneamente, ela queria vomitar. Seu estômago revirou, e ela ficou de pé antes de sair correndo pela porta, os pedaços de casca e lascas no batente grosseiramente cortado cavando em suas palmas enquanto ela cambaleava para fora.



Ela caiu de joelhos e respirou lenta e profundamente o ar frio do início do inverno. Acalmou tanto seu estômago quanto sua cabeça cambaleante, mesmo que os seixos da costa cravassem em seus joelhos.

Ela ouviu passos se aproximando. Alguém esfregou suas costas, agachando-se ao lado dela. — Você está bem, chefe? — Puck.

Ela assentiu fracamente. — Sim...

— Bom. Porque é com você.

— O que você está falando? — Ela olhou para ele, esfregando a mão sobre os olhos uma última vez. Ela se sentiu trêmula, e com certeza, seus dedos estavam tremendo.

— Valroy. Ele... A vadia vai colocá-lo no lago. Você precisa impedi-la.

— Ele a ajudou a ficar de pé, limpou-a e começou a arrumar seu cabelo. — Você precisa salvar seu marido.

— Ele não pode morrer...

— Quem disse que ele ia morrer? — O olhar no rosto de Puck ficou sombrio, e Abigail lutou contra a vontade de dar um passo para trás dele. — Você se lembra dos Salgueiros Chorões?

— Claro. — Ela supôs que nunca esqueceria as coisas que sentiu naquele bosque de árvores silenciosamente gritando. Seria um pesadelo que a assombraria por muito tempo.

Puck zombou. — Você não acha que os Seelies teriam sonhado com sua própria maneira de eliminar os prisioneiros? — Ele puxou seu pulso. — Seu coração pode não parar. Mas o que sair eventualmente pode não estar vivo também. Vamos.

Agir contra Titânia significava começar uma guerra. Não importava se ela conseguisse libertar Valroy ou não. Se ela conseguisse, Valroy destruiria



todos eles. E se ela falhasse, ela teria cometido um ato de guerra, independentemente.

E agora que ela sabia a verdade?

Agora que ela sabia o que Valroy realmente era?

O conhecimento de que ela não podia deixar Valroy sofrer foi questionado. Pois se ele era o que ela agora acreditava que ele fosse... Provavelmente havia muito mais do que Tir n'Aill e a Terra em jogo.

Puck puxou com raiva seu pulso. — Você deveria *pelo menos* dizer adeus, Abigail. Vamos.

Ela enxugou as lágrimas com a mão livre e assentiu uma vez. O mestre espião estava certo. Aconteça o que acontecer, não importa o que ela decidisse, ela devia isso a ele. Ela queria vê-lo. Para perguntar a ele se era verdade.

Pois quando ela visse aqueles olhos cor de safira fitando os dela com a resposta à sua pergunta, ela teria que decidir. Ela teria que escolher.

Misericórdia ou amor.

De uma vez por todas.



CAPÍTULO SETE

Anfar rolou de lado e tossiu. O que quer que estivesse em seus pulmões era espesso e azedo, e ele queria sair. Doía. Tudo doía. Deuses das profundezas, por que ele ainda estava vivo? Ele gemeu com a sensação do latejar em sua cabeça. Era ensurdecador e miserável.

Uma mão tocou seu ombro, e ele se encolheu reflexivamente. Onde ele estava?

A última coisa que ele sabia, ele havia se deitado para morrer.

E agora ele estava aqui. Em algum lugar. Em algum lugar que cheirava vagamente a fogo, e comida cozida, e...

E um selkie que ele veio a conhecer.

Se ele não tivesse chorado recentemente todas as lágrimas que sentia ser capaz de derramar, e se não estivesse com uma dor tão miserável, poderia soluçar. Pois ele sabia onde estava sem abrir os olhos. Ele sabia onde estava deitado. E ele sabia quem estava gentilmente acariciando seu braço.

Maldição.

Maldição para *tudo*.

Perin empurrou timidamente seu cabelo para longe do rosto. Ele deixou acontecer. Ele não estava com muita vontade de lutar, nem tinha forças para isso. Seus membros pareciam pesados e de chumbo. Por que? Por que os deuses procuravam torturá-lo assim? O que ele tinha feito para prejudicá-los?

Ele deveria estar morto.

Ele queria estar morto.



Mas ele estava aqui em vez disso. Precisamente no lugar que mais o assustava. Não a cabana – não o fogo crepitando silenciosamente e a sensação de calor na pequena e pobre estrutura. Mas por causa do homem que estava sentado ao lado dele na cama, tentando o seu melhor para confortá-lo.

Perin ofereceu-lhe uma caneca de água. Trêmulo, Anfar pegou e bebeu com a ajuda do selkie. Se ele não estivesse morto, não havia sentido em sofrer. E o líquido frio era maravilhoso em sua garganta ressecada. Isso o livrou de um pouco do icor amargo que havia se alojado ali.

Também era tentador demais permitir-se desfrutar da atenção do marinheiro. Era muito tentador permitir-se desfrutar da presença do outro homem. Isso só iria destruí-lo ainda mais, ele sabia. Isso só levaria à dor. Seu coração já estava condenado a ser quebrado, como sempre foi.

Perin insistiu para que ele se deitasse novamente, e Anfar obedeceu. Fechando os olhos, ele não olhou para o selkie quando o jovem feérico começou a desembrulhar as bandagens que haviam sido colocadas sobre suas feridas. Mas quando o selkie não falou, ele finalmente olhou para ele. A testa do homem estava franzida em preocupação enquanto ele trocava cuidadosamente a gaze que havia colocado sobre os cortes, agora cicatrizando, mas ainda escorrendo sangue. O homem parecia... Preocupado. Talvez até com um pouco de medo.

– Eu vou viver. – As palavras roucas de Anfar saíram quase inaudíveis. – Você não precisa se preocupar.

– Eu sei. Não... – Ele hesitou. – Não é isso. – Ele abriu a boca novamente como se fosse falar, e então balançou a cabeça, mudando de ideia.

– O quê? – Ele não conseguia muito mais do que isso.



— Suas feridas... Não eram mortais, se tratadas. Por que você... — Perin começou a refazer a bandagem em seu peito. — Deixa pra lá. Não é da minha conta.

Por que eu quis morrer?

Porque eu não desejo suportar meu coração partido novamente. Mas aqui estou eu no precipício mais uma vez. Porque acho que estou apaixonado por você, selkie, e sei que você nunca sentirá o mesmo em troca. Esse é o meu destino. Mas ele não disse nenhuma dessas palavras em voz alta. Isso não valia a pena.

Em vez disso, ele simplesmente fechou os olhos. — Não — ele tossiu — é seu fardo para carregar. — Ele foi se sentar, gemeu e caiu de volta na cama. — Eu devo ir.

— Você não pode se mover ainda. Você não vai a lugar nenhum. — Perin suspirou e terminou de refazer a bandagem e foi cuidar de uma em seu braço. — Nem deveria estar tentando.

— Já te incomodei o suficiente. Eu não deveria estar aqui.

— Eu coloquei você aqui por minha própria vontade. Se eu quisesse... — O selkie parou. Ele visivelmente debateu se deveria ou não continuar falando. Com uma queda derrotada de seus ombros, ele soltou um grunhido e então terminou seu pensamento. — Se eu quisesse deixar você morrer no fundo do oceano, eu não teria ido procurá-lo em primeiro lugar.

— Quem mandou você me encontrar? — *Provavelmente foi Abigail. Valroy provavelmente já estava mutilado demais para fazer muita coisa.*

A mandíbula de Perin se contraiu. — Ninguém me mandou. Eu me enviei.

Isso o confundiu. Isso o confundiu muito. O selkie tinha ido procurá-lo por vontade própria? Por que? As opções que passavam por sua cabeça eram todas impossíveis. Todas que o levavam por uma estrada traiçoeira e

perigosa de *esperança*. E a esperança não lhe fizera nenhum favor em sua vida.

Ah, certo. A previsão. Lembrou-se agora de que a bruxa havia instruído Perin a ficar perto dele. Era isso. Ele era apenas um marinheiro náufrago, desejando não ser pego no lado errado dos ventos do destino pela segunda vez.

Mas havia algo estranho nos olhos do outro homem. Algo que ele quase podia reconhecer em si mesmo. Esperança. E o medo dela. Como observar uma tempestade que se aproximava dominando sua embarcação e saber que não havia absolutamente nada que pudesse fazer para detê-la.

Talvez...

— Você me deixou doente de preocupação — Perin murmurou para ele enquanto começava a trocar uma segunda bandagem de gaze colocada sobre outro ferimento, mais baixo ao seu lado. O toque do homem era quente e, embora as pontas de seus dedos estivessem ásperas pelo uso diário, ele foi tão cuidadoso quanto qualquer um poderia ser ao cuidar de Anfar.

As palavras de Perin confundiram Anfar tanto quanto seu toque o distraiu. Ele levou um momento para processar isso. — Por que?

— Você estava prestes a morrer, é por isso. — Perin olhou para ele incrédulo antes de se concentrar em seu trabalho. — Eu acho que isso era óbvio.

— O que quero dizer é... Por que você se importa?

Perin hesitou e fechou os olhos. — Eu... — Com um gemido, ele passou as mãos pelo cabelo curto, despenteando-o, coçando o couro cabeludo. Anfar lutou contra o desejo de estender a mão e tocá-lo. Mas com o estado em que estava atualmente, ele não sabia se conseguia levantar os braços.

Muito menos se ele *deveria* fazer algo do tipo.



O outro homem foi pego em algum tipo de debate interno. — Eu sou apenas... Eu não sou importante, Anfar. Eu sou irrelevante. Eu sou um maldito *selkie*. Eu nem deveria ser Unseelie! A maioria da minha espécie é da corte ensolarada, e eu... Eu sou apenas um maldito *marinheiro* sem um navio. Eu não sou como você!

Pego de surpresa com o discurso súbito do homem, Anfar só conseguiu encará-lo em silêncio por um momento. Ele não entendia de onde vinha, ou o que tinha a ver com qualquer coisa. Perin parecia tão cabisbaixo, os ombros caídos, os cotovelos agora apoiados nos joelhos.

Anfar não resistiu mais à tentação. Ele estendeu a mão – trêmula como estava – e cuidadosamente a colocou no braço do outro homem. Sua pele pálida, quase cinza-azulada agora, parecia tão estranha contra a bronze de Perin. Mesmo no mundo enluarado dos Unseelies, ele conseguiu manter um bronzeado.

Ele estava apenas com um pouco de inveja.

Mas sua forma humana parecia a de um cadáver afundado. Ele sabia disso. Sua forma não era destinada à beleza e esplendor. Ele era... Simplesmente o que era. Seus dedos finos e unhas afiadas o lembravam de quão monstruoso ele era na aparência comparado ao *selkie*. Perin passaria por humano, se não fosse pela ponta de suas orelhas e dentes.

Quando Perin colocou a palma sobre a mão de Anfar, ele não sabia bem o que fazer. Ou o que pensar. O *selkie* estava olhando para a mão dele, e cautelosamente, cuidadosamente - como se tivesse medo de cada movimento - entrelaçou os dedos nos dele.

O coração de Anfar disparou. Ele congelou, com medo de quebrar o momento fazendo... Bem, qualquer coisa.



— Sou apenas um selkie — murmurou Perin, repetindo-se. — Eu não importo.

— E eu... — Sua voz estava rouca e grossa, e seus ferimentos recentes não tinham nada a ver com isso. Nada mesmo. Ele riu uma vez, fracamente, e semicerrou os olhos. — Olhe para mim.

Perin olhou para ele confuso, a testa franzida no centro mais uma vez. Ele estendeu a outra mão e, como se Anfar fosse feito do cristal mais delicado, ou como se fosse desaparecer como a neve que caía suavemente do lado de fora, colocou a palma da mão na bochecha de Anfar.

O selkie se inclinou para mais perto.

— Ei, *gente!*

Perin saltou quase trinta centímetros no ar, e Anfar teria feito o mesmo se sentisse que podia se mover. A porta da cabana explodiu para dentro, batendo contra a parede.

Puck.

Ele estava sem fôlego, um olhar selvagem de pânico e animação em igual medida estampado em seu rosto. Ele sorriu, afiado e feroz como um lobo. — Nós precisamos de vocês.

— Ele não pode sair da cama. — Insistiu Perin. — Eu vou, mas ele...

— Dane-se. Ela precisa de vocês dois. — Puck passou as costas da mão pelo nariz, e foi então que Anfar percebeu que estava sangrando. — Ah, porra. Muitos saltos de uma só vez. Temos de ir. *Agora.*

— Você não estava apenas aqui? — Perin arqueou uma sobrancelha.

— Eu estava? — Puck gargalhou. — Isto é engraçado! Não importa. Hora de ir.

Com um suspiro longo e difícil, ele se forçou a sentar. Perin objetou, alto e repetidamente, mas isso não importava. A Rainha Unseelie chamou, e

Valroy provavelmente precisava ser resgatado. E o que ele era, senão um amigo leal? — O que Valroy fez?

O sorriso bastante feroz de Puck se tornou cruel e malicioso. — Nada. Ainda.

— Fantástico. — Anfar grunhiu. A dor o atravessou, pungente e aguda. Mas ele não se importou. Ficar de pé, no entanto, era outra questão. De pé, ele não conseguia ficar sem desmaiar.

Perin o impediu de bater no chão. Antes que ele pudesse protestar, o selkie tinha um dos braços de Anfar sobre o ombro e um dos seus ao redor da cintura. — Se você vai fazer isso — disse o selkie com um suspiro — por favor, não seja estúpido sobre isso.

— Ah, acredite em mim. — Puck riu. — Isso está prestes a ficar muito mais.

Abigail não tinha sequer registrado onde ela estava antes de Puck a soltar, beijá-la na bochecha, declarar “dois-v” e desaparecer em um piscar de olhos.

O que quer que isso significasse.

Independentemente disso, ela estava sozinha na beira de um lago. Parecia feito pelo homem, ou pelo menos feito por feéricos, pois era um círculo perfeito. No centro dele, em uma ilha perfeitamente circular, havia uma enorme árvore com casca branca, suas flores rosadas em plena floração.

A própria água deu-lhe uma sensação estranha e inquietante, no entanto. Ela deu um passo para longe da costa, o medo subindo por sua espinha. O líquido era leitoso e estranho, pouco translúcido, e a superfície



brilhava em cores diferentes como óleo. Parecia raso, pois havia formas escuras que permaneciam sob a superfície, embora ela não pudesse dizer o que era.

Um barco estava na margem. E nele, ela viu duas grandes rochas com ganchos de ferro martelados em sua superfície. Eles eram pesos.

Mas... Por que?

Embora Puck a tivesse deixado, e ela estivesse sem ajuda, ela não estava sozinha.

Ela estava, de fato, cercada.

Titânia estava na margem, seu longo vestido de seda combinando com as pétalas rosa-claras da árvore no centro do lago. Sua cabeça estava erguida, e sobre sua cabeça estava sua coroa fina, delicada e dourada. Ela era a rainha régia e exigente que Abigail sempre esperou que ela fosse. Qualquer amizade ou bondade desapareceu de seus olhos.

E cercando as duas havia uma parede de soldados em suas armaduras reluzentes, lanças e espadas e escudos em plena exibição. A mensagem era clara. Se ela tentasse algo tolo, isso significaria uma guerra total.

No entanto, ela não tinha ideia de como evitar tal coisa. Pois ali, encolhido no centro da clareira, entre Titânia e Abigail... Estava Valroy. Ou o que restou dele.

Seu coração se partiu ao meio ao ver sua forma quebrada e mutilada. Ela correu para ele, caindo de joelhos ao lado dele. Ela podia ver os ossos de suas asas, a carne entre os vãos rasgada e arrancada.

No entanto, ele não era o que parecia. Ela sabia disso agora. O conhecimento do que lhe foi mostrado em sua visão a arranhou como um animal selvagem, recusando-se a ficar quieta. Ela nem mesmo teve um



momento para considerar o que isso significava, ou como ela se sentia sobre a verdade que agora tinha descoberto.

Mas vê-lo, derrubado, ensanguentado e torturado... Seu coração se partiu do mesmo jeito. Ela correu para o lado dele sem pensar, e foi só agora que ela embalou sua cabeça em seu colo, que ela se lembrou da realidade de sua situação.

— *Resolva o Labirinto* — dissera ele.

Agora ela sabia o que ele quis dizer.

E a resposta...?

Acariciando suavemente o cabelo dele, ela viu como seus olhos se abriram lentamente pela metade, e ele se contorceu, como se esperasse um golpe. — Sou eu, Valroy. Eu estou aqui.

Havia um leve sorriso em seu rosto e um olhar de alívio, mesmo enquanto ele sussurrava uma palavra. — Corra. — Como ele tinha força para falar, ela não sabia. A linha ao redor de seu pescoço, onde estava claro que eles tentaram e falharam em decapitá-lo, estava vermelha e em carne viva, mas havia tentado curar. O resto dele não estava em melhores condições, e muito pior.

Corra.

Sua mandíbula enrijeceu.

Hoje vai simplesmente continuar a ir de mal a pior. Olhando para Titânia, ela percebeu o que estava prestes a acontecer, mesmo que ela não soubesse dos detalhes. Ela não deveria ter ficado surpresa. Ela era uma ameaça e um perigo, assim como o homem deitado sangrando em seu colo. — O que é este lugar?

— Este é o Lago das Dores. Onde os fétidos *monstros Unseelies* que tomamos como prisioneiros são devolvidos à natureza. — A rainha zombou.

— Onde eles podem retornar à canção da vida e servir a algum propósito maior e mais nobre.

Devolvido à natureza. Ela sabia como era. E ela sabia o que isso implicava. — Como, precisamente, você faz isso?

Titânia apontou para a água. — Ao contrário do nosso querido *Rei Valroy* — ela quase cuspiu a palavra — nossos prisioneiros não sentem dor. Como eles estão comprometidos com o lago, eles não sofrem nada além da maldição de seus próprios pensamentos à medida que são dissolvidos lentamente.

— Dissolvidos. — Um medo frio tomou conta dela. — *Dissolvidos?*

— Até os próprios ossos. Às vezes leva anos. Às vezes séculos. Para ele? Duvido que sequer aconteça. É, eu prometo a você, um destino indolor. Nem mesmo o desconforto do afogamento é sofrido por eles. — As palavras de Titânia eram tão geladas quanto o ar de inverno ao redor delas. E tão clementes.

— Você quer acorrentá-lo ao fundo do lago para sempre.

— Sim.

Inclinando-se, ela beijou a têmpora de Valroy. — E se eu me mover para ficar contra você?

— Você vai se juntar a ele. — A mandíbula de Titânia se contraiu. — Eu esperava que fôssemos irmãs, você e eu. Ainda espero que sejamos. Este é o destino mais gentil que posso dar a ele, o destino mais gentil que posso dar a Tir n'Aill. Ele não sofrerá nenhuma dor. Sem sofrimento. Nada além da companhia de seus pensamentos. Talvez em sonhos vocês ainda possam estar juntos. Isso é paz... Para ele, para nós, para todos.

Havia uma parte dela que estava tentada a ouvir. A parte dela que sabia o que Titânia oferecia era a escolha sensata, lógica e compassiva.



A misericordiosa.

Abigail fechou os olhos e levou um momento, sentindo o beijo do vento amargo do inverno, e imaginou um mundo onde ela nunca encontraria calor nos braços de Valroy, nunca mais. Um mundo onde ela não ouvia sua risada, exceto nos fantasmas das lembranças ou nos sonhos roubados.

Um mundo que, ao contrário, *não estava em chamas*.

Um mundo que não estava nas garras de... O que quer que Valroy realmente fosse.

— Posso ter um momento para falar com ele? — Ela olhou para Titânia.
— Sozinha?

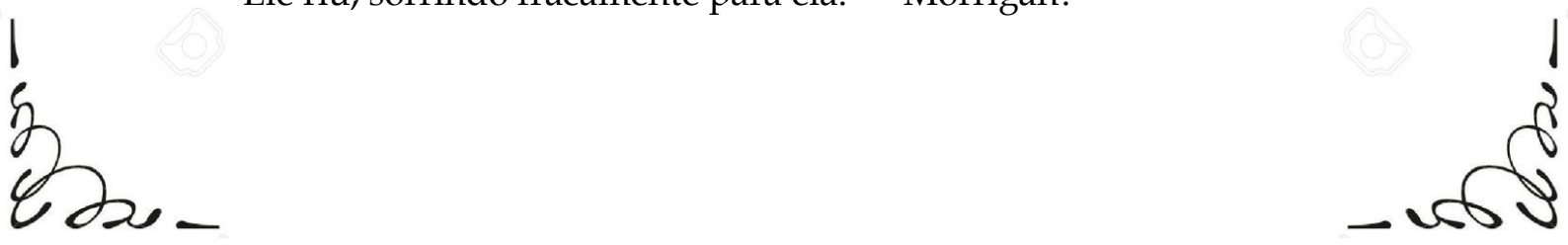
A rainha hesitou por um longo momento. Ela não queria dizer sim. Mas finalmente, depois de um suspiro, ela assentiu. — Muito bem. Diga adeus, Abigail.

Talvez. Talvez não. Abigail estendeu a mão e ordenou que as Gle'Golun crescessem. Ao seu redor, em círculo, erguia-se uma cúpula de videiras, torcendo-se e enrolando-se umas sobre as outras. Ela sabia que Titânia não os deixaria desprotegidos, e Abigail faria o que pudesse para ganhar alguma aparência de privacidade. Ela sorriu enquanto observava o intrincado padrão se formar no melhor abrigo que ela poderia conseguir no momento.

— Lindo. — A voz de Valroy estava rouca e seca. — Você está ficando mais forte...

Voltando a atenção para ele, ela segurou sua bochecha por um momento antes de colocar a palma da mão sobre o círculo tatuado do Labirinto que repousava sobre seu coração. Tinha um novo significado. Um novo e terrível significado.

Ele riu, sorrindo fracamente para ela. — Morrigan?



Abigail se encolheu antes de assentir uma vez. Então, era verdade. Era honestamente verdade. Ela não achava que fosse possível. Mas ela já havia refletido sobre isso uma vez antes, não foi? Feéricos eram metamorfos e monstros. Se a verdadeira forma de Anfar fosse uma grande e poderosa fera marinha, o que Valroy poderia se tornar?

Mas essa não era a pergunta certa a fazer.

A pergunta certa que ela deveria ter feito não era sobre suas formas ou jeitos. Mas sobre sua verdade.

Ele fechou os olhos levemente brilhantes. — Isso é — ele tossiu — trapça. Minha vida não está mais em jogo. Você recebeu a resposta. — Correntes de ferro, as farpas cravadas profundamente em sua carne, chacoalharam quando ele deslocou a mão para colocá-la sobre as costas dela. Ela podia ver os ossos através das feridas ao longo de seus braços. Ele abriu os olhos e a observou, cansado e triste. — Nosso acordo acabou.

Ela teve que rir, baixinho e exausta, enquanto ele sorria para ela, aquela expressão torta e diabólica que não combinava com a tristeza em seus olhos. Silenciosamente, ela sabia o que ele estava perguntando a ela.

— *Você ainda pode me amar, sabendo o que eu realmente sou?*

E sem uma pequena quantidade de horror, ela percebeu que... Sim. Sim, ela podia. Ela esperava que o choque da verdade fosse tão terrível que a libertasse das correntes invisíveis que a prendiam a ele. Mas ela ainda era sua prisioneira, embora agora por meios muito diferentes do dia em que ele a trouxe para Tir n' Aill.

Para o Labirinto.

Suponho que ser "apalpada pelas árvores" por sua floresta agora faz muito sentido. Ela tentou não rir. Ela tentou e falhou, mesmo que o som que a deixou estivesse exausto. — Esse é um grande segredo que você escondeu de mim —



ela murmurou para ele, acariciando uma mecha com sangue de seu cabelo azul de seu rosto. — Eu deveria estar bem zangada com você.

— Não é segredo nenhum. As pistas estavam lá. Você simplesmente não achou que era — ele se encolheu, suas palavras interrompidas por um silvo de dor — possível. E, além disso, esse era o nossa charada. Esse era o nosso jogo. Resolva o Labirinto. — Sua mão sobre a dela, se posicionou em cima de seu coração e do labirinto tatuado que ele usava.

Ele estava certo. Tantas coisas faziam mais sentido, agora. Sua aparente imortalidade. A maneira como o Labirinto torcia e reagia aos seus humores, sua imaginação. Seus pesadelos. O fato de que ele era o centro do Labirinto, não importava onde estivesse. Quantas vezes ele mesmo disse as palavras, embora ela não imaginasse que seu significado era tão literal?

Como se estivesse lendo sua mente, ele sorriu para ela, como se aceitasse o que ele acreditava ser sua rejeição.

Ele disse as palavras em voz alta como se estivesse pedindo que o machado do carrasco caísse.

— Eu sou o Labirinto.



CAPÍTULO OITO

Valroy assistiu em exaustão e agonia enquanto Abigail lutava com a verdade. Com a verdade não só do mundo inteiro ao seu redor, mas... Dele. De quem - do *quê* - ele realmente era.

— Podemos... Fazer isso outra hora? — Ele engoliu em seco, sentindo o arranhão na garganta como se tivesse sido forçado a engolir tachinhas. Felizmente, elas não tinham ido tão longe. — Eu me sinto um pouco fora de ordem no momento.

Ela franziu a testa para ele, e ele sabia sua resposta.

Ele suspirou. Ela estava certa. Provavelmente não *haveria* outro momento. Ou ela o abandonaria no lago, ou ela lutaria contra Titânia e seus soldados, e provavelmente perderia. Ele amava sua querida esposa, ele a amava mais do que ele poderia ter pensado ser possível, mas ela não estava pronta para enfrentar a vadia da rainha sozinha.

E ele não seria de ajuda.

— Diga-me a verdade — ela sussurrou. — Toda ela. Por favor.

Quem era ele para negá-la? Ele zombou. — Sou parte do próprio tecido da escuridão.

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. Uma lágrima escorreu por sua bochecha. Como ele desejava afastá-la. — Eu não entendo.

— Eu era... Sou... Um pesadelo imparável. — Ele tentou evitar que suas palavras quebrassem enquanto falava, mas era um desafio. Ele não sabia se estava em plena posse de ambos os pulmões no momento. E cada contração,

cada vez, enviava novos picos de dor através dele. Ele optou por ficar o mais imóvel que podia, deitado no colo dela como estava.

Foi certamente o maior conforto que ele havia experimentado nos últimos dias.

— Eu era um estado bruto. Primordial. Uma força da escuridão além do véu, que existia em Tir n'Aill desde o início dos tempos. Desde talvez antes de Tir n'Aill ser formada. Eu sou uma criatura antiga das profundezas entre os mundos. — Ele fechou os olhos por um momento, lembrando daqueles dias. Eles eram confusos e estranhos, e corriam juntos em longas sequências de tempo que não faziam sentido para ele. Era como se o tempo não fosse linear, mas... Mais uma série de momentos. — Eu era o Labirinto, antes de ter um nome. Antes de ter uma forma. Eu era o caos e a morte.

O olhar de horror e confusão em seu rosto teria sido cômico para ele, se ele não a amasse tanto. — Você ainda é o filho de Morrigan? Ou isso é mentira?

— Sim. Por... Por assim dizer. — Seu próprio coração se partiu, vendo-a ouvir sua história. Ele estava cansado de trazer sua dor. Mas ele sabia que isso provavelmente nunca iria parar. Era sua natureza. Era simplesmente o que ele *era*. — Ela desejava ver este mundo desfeito, punir os arrogantes Seelies e destruir os humanos venenosos. Ela sabia que eu tinha o poder de fazê-lo. Morrigan gerou o demônio. E, grávida como estava, ela veio perante mim. Ela veio perante este Grande Poder Incognoscível e me ofereceu um acordo. Um jogo. E você sabe como não consigo resistir a uma boa diversão.

Abigail bufou uma risada cansada.

— Se eu fizesse isso por ela... Se eu destruísse os Seelies e os humanos, ela me daria Tir n'Aill para mim. Mas em troca, devo manter os Unseelies próximos... Proteger seu povo escolhido e me tornar um deles. Eu, claro,



disse sim. — Valroy tossiu e estremeceu. Oh, isso doía quando ele não tinha os dois pulmões. — Eu me faria pequeno para ela. Eu sacrificaria meu próprio ser e deixaria as sombras efêmeras, se isso significasse que eu poderia finalmente alimentar a fome de morte que me alimenta. Pena que a vadia mudou de ideia.

Ela suspirou.

Ele fechou os olhos novamente. Ele não queria ver sua rejeição a ele. Seu desgosto. O ódio dela. — Mas mesmo sem o jogo dela, eu queria... — Ele parou para evitar vomitar quando uma pontada de dor fresca, afiada e irregular rasgou sua espinha.

Quando conseguiu respirar, recomeçou. — Eu queria a chance de saber como era sentir a alegria, a tristeza, a luxúria, o ódio, o amor, que eu não conseguia entender. Que eu não poderia experimentar. Eu disse sim. Ela gerou o demônio, e dessa cópula, eu poderia tomar forma. Eu me coloquei na vida dentro dela, e agora sou o que você vê diante de você.

— Por que você não me contou nada disso?

Ele riu e, abrindo os olhos, sorriu para ela o melhor que pôde. — Sim, porque essa é uma conversa que se deseja ter. ‘Meu querido amor, eu sou um monstro antigo e imparável de além dos limites que deseja destruir dois mundos, pois sou incapaz de me ajudar. Passa a mostarda, sim?’

Isso a fez rir. A pobrezinha parecia exausta - totalmente abatida. Seus ombros caíram com o peso do mundo ao seu redor.

Ele desejou beijá-la até tudo desaparecer. Abraçá-la até que ele pudesse fazer tudo melhorar. Mas ele não tinha pleno uso de ambos os braços. Isso talvez dificultasse um pouco.





Sem mencionar o simples fato de que ele era a fonte de seus problemas para começar. E aí estava o custo de sua verdade. Ele tinha dado a ela um fardo demais. E este seria o fim.

— Não me diga adeus — ele murmurou. — Acho que não aguentaria. Esta é apenas uma despedida até amanhã. Eu sou eterno, minha bruxinha. E eu voltarei para você algum dia... Mesmo que seja quando este mundo se transformar em pó, e eu for etéreo mais uma vez. Entre no meu Labirinto e abrace-o, e você me abraçará.

Quando ela franziu a testa em confusão, ele lutou para levar a mão ao rosto dela. Ela teve que ajudá-lo, gentilmente apoiando o peso de seu braço como se estivesse com medo de que ele se partisse em dois. Não, ele não podia. Eles já haviam tentado. — Tome seu trono, minha rainha. Tome a paz que vem com a nossa despedida.

Ela o beijou. Ela se inclinou para perto dele e pressionou seus lábios nos dele, e ele saboreou cada segundo, pois provavelmente seria o último. Isso foi um adeus.

Mesmo que ele não suportasse ouvir as palavras.

Pois ninguém escolheria um monstro como eu, sabendo da morte que trago em meu rastro.

Abigail sentiu o peso da verdade sobre ela. A história que ele contou a ela – a realidade de sua origem – a deixou cambaleando. Ela desejou poder beber uma garrafa de álcool e rastejar para um banho quente e simplesmente chorar.



Ela conhecia o alcance dele, no momento em que tocou aquela árvore em sua visão. Ela havia sentido a corrupção, a escuridão, a *malícia* que percorria todo o mundo sangrento abaixo dela.

Ele era muito mais que o demônio que jazia brutalizado e atormentado em seus braços. Poderia levar anos para entender o que ele realmente era. E mais importante, o que ela desejava *fazer* sobre isso.

Mas ela não teria tal luxo. Ela teria que escolher.

E ela teria que escolher agora.

— Abigail. Está na hora. — A voz elevada de Titânia rompeu a cúpula tecida de videiras que Abigail havia cultivado ao redor dela e de seu marido. Seu rei. Valroy. Um mal antigo e imparável além do alcance do próprio mundo.

Merda.

Ela queria rastejar para um canto, mas era hora de escolher.

Mas quem ela estava enganando?

Se ela fosse honesta, verdadeiramente honesta, não havia decisão a tomar. Foi exatamente como Morrigan apontou tão sucintamente. Ela estava apenas perdendo tempo, demorando-se à beira de uma decisão, porque sua mente lhe dizia que estava errado.

No entanto, sua alma sabia a verdade.

Dispensando as videiras, observando-as recuar para a terra e desaparecer, ela olhou para o homem em seus braços. Mas ele não era um homem, era? Ele nem mesmo era verdadeiramente feérico. Ele era... Simplesmente ele. Não havia outro como Valroy.

E o olhar de tristeza em seu rosto quebrou sua alma. *Tome a paz que vem com a nossa despedida.* Foi o que ele disse. E foi um conselho sábio. Eram as palavras que qualquer um diria a ela. Era o que ela deveria fazer.

Ela deveria abandoná-lo.

Ela deveria deixá-lo no Lago das Dores.

Ela deveria tê-lo em seus sonhos e vê-lo perder a cabeça lentamente enquanto permanecia naquele lugar de não-vivo e imortal. Mas...

Não.

Ela não podia.

Ela amava Valroy.

Ela o amava. Todo ele. Venha a escuridão, venha a guerra, venha a morte.

Venha o que vier.

Ele era o Labirinto. Ele era um mal primordial.

E ela era sua noiva.

Abrindo os olhos, ela o beijou mais uma vez. Lentamente, ela o colocou de volta no chão, tão cuidadosamente quanto pôde. Seus olhos estavam fechados, e ela observou enquanto as lágrimas corriam lentamente por suas bochechas.

Foi um bom conselho. E ele acreditava que ela ia aceitar.

Você não sabe o quão tola eu realmente sou, não é? Com um leve sorriso, ela se levantou, endireitou os ombros e olhou para Titânia. — Não.

— O que você quer dizer com *não*? — Titânia arqueou uma sobrancelha fina para ela.

Ela se preparou para o que estava prestes a acontecer. — Ele é meu rei, e eu sou sua rainha. Eu não vou abandoná-lo.

Valroy riu. Silenciosamente, mas ele riu do mesmo jeito. Ela queria chutá-lo nas costelas, mas decidiu que, como muitas delas estavam quebradas e duas estavam aparecendo, provavelmente era rude.



A decepção cruzou as feições afiadas de Titânia. Decepção, mas não surpresa. — Que assim seja. — Ela assentiu e, com um movimento do pulso, fez um gesto para seus guardas.

E com isso?

A guerra começou.

Titânia observou o caos acontecer.

E se sentiu um pouco triste pela perda de seus guardas. Ela sabia que muitos deles cairiam - eles sabiam o dever que estavam cumprindo. Eles sabiam que quando estivessem contra Abigail, provavelmente morreriam das Gle'Golun.

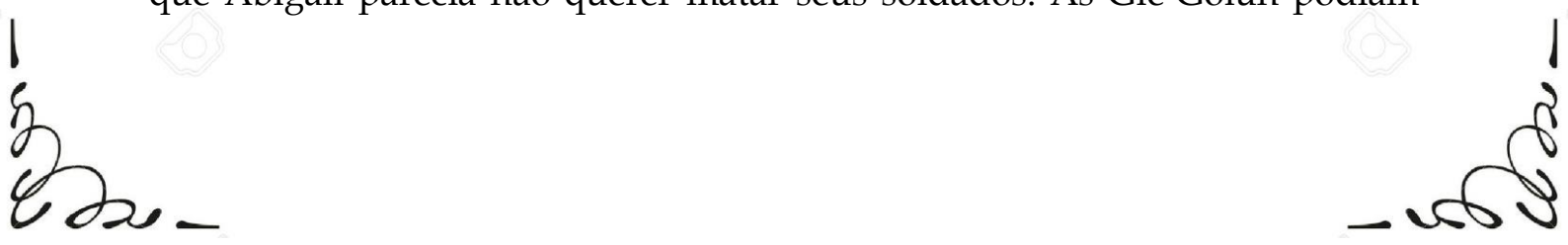
E a jovem bruxa, transformada em Seelie, transformada em Rainha Unseelie, era uma oponente formidável. De verdade, se a mulher conhecesse a extensão de seus poderes, e tivesse a habilidade e prática para usá-los corretamente, todos eles se tornariam nada além de ossos deixados no pó dentro de momentos.

Mas ela não era habilidosa. Nem tinha prática.

E ali estava a única oportunidade de sucesso de Titânia.

Valroy tentou se levantar, mas não conseguiu fazer nada com as correntes que ainda o prendiam, pesando-o. Titânia não tinha dúvidas de que, mesmo torturado e quebrado, o bastardo ainda conseguiria se levantar e lutar.

Havia duas razões pelas quais Titânia venceria este dia. A primeira era que Abigail parecia não querer matar seus soldados. As Gle'Golun podiam



rasgar todo o bosque dos Salgueiros Chorões, mas as flores apenas estalavam e cortavam os soldados de armadura dourada que Titânia trouxera.

A segunda?

Ninguém, nem mesmo a nova Rainha Unseelie, podia permanecer de pé sozinha.

Abigail era inexperiente e também estava em menor número. Não havia ninguém para se juntar a ela, ninguém para lutar ao lado dela. Até o pequeno covarde Puck a abandonou ao seu destino. Titânia balançou a cabeça, desapontada. A pobre menina não entendeu.

Ninguém ficaria ao lado dela se ela escolhesse amar o monstro.

Ninguém.

Abigail não tinha ideia do que estava fazendo. Nenhuma mesmo. Ela usou suas videiras para conter os soldados, mas não tinha vontade de matá-los. Ela não queria acabar com suas vidas. Um dos homens atirou uma lança nela, e ela se abaixou por reflexo. As Gle'Golun pegaram a arma no ar e a transformaram em pó, comendo tanto a madeira quanto o metal.

Outro soldado saltou sobre o círculo que ela havia desenhado ao redor deles, e seu desejo de não derramar sangue foi posto à prova.

Ela não queria matar.

Nem ela desejava morrer.

— Sinto muito — ela sussurrou para o homem enquanto as videiras o arrastavam para a terra, as gavinhas espinhosas já penetrando profundamente em sua carne. Ele gritou de dor enquanto as flores bebiam

sua vida e devoravam seu corpo. Levou apenas uma questão de momentos antes que o soldado não fosse nada além de ossos.

De pé, ela olhou para os outros soldados, agora muito mais hesitantes em lutar. — Vão. Por favor. Eu não desejo acabar com vocês. — Ela enxugou a lágrima em sua bochecha. — Eu não quero isso.

— Você fez sua escolha — Titânia declarou. — Você escolheu matar a todos nós pelas mãos *dele*. Agora você deseja manter a si mesma limpa de sangue? Covarde.

— Não sou covarde. — Abigail cerrou os punhos. — Eu não sou. Não desejo a morte a ninguém. Nem posso abandonar o homem que amo.

— Então você é uma tola em pensar que pode ter um sem o outro. — Titânia fez um gesto com a mão e Abigail gritou quando o chão sob seus pés se moveu. Suas videiras foram engolidas pela própria terra enquanto a terra parecia rolar como a maré do oceano. Abigail teve que lutar para mantê-las acima da superfície.

— Você está sozinha, Abigail Moore. Você não pode me derrotar — Titânia gritou sobre o combate.

Na confusão e luta de Abigail, os soldados romperam a linha. Um deles ergueu uma espada bem acima da cabeça.

Valroy rugiu em fúria, embora não pudesse fazer nada para detê-los.

Abigail gritou.

A espada caiu.

E encontrou o braço de uma criatura feita de cem mil cacos de vidro quebrado.

CAPÍTULO NOVE

Caos.

Puro caos.

Valroy teria gostado, se fosse forte o suficiente para poder entrar na luta. Do jeito que estava, ele ficou ali, sentindo o peso das correntes de ferro farpado enquanto elas rasgavam sua carne. Ele lutou para ficar de pé, embora uma de suas pernas estivesse sem muitos dos músculos necessários para movê-la.

Ele não se importou.

Ele ficaria de pé.

E ele defenderia a mulher que amava. Pois ela o havia escolhido - *ele!* - conhecendo a verdade de sua alma. Finalmente sabendo quem e o que ele era. E ela o beijou... E escolheu ficar ao lado dele.

Ele ficaria de pé. E ele a ajudaria.

Duas vezes ele caiu, ouvindo a luta acontecendo ao seu redor. Cruinn e Bayodan chegaram com Puck, mudando a maré da batalha, embora os Unseelies ainda estivessem em desvantagem numérica.

Mas eles tinham Abigail. Que, enfurecida, assumiu a forma de um animal enorme que ele achava que não existia em nenhum lugar que ele conhecesse. Chifres como um alce erguiam-se da cabeça da fera com um corpo de cavalo, e toda ela do mesmo verde musgo da cor de seus olhos. E ela estava em *fúria*.

Ele riu, incapaz de se conter, enquanto observava Abigail colidir com vários dos soldados Seelies de armadura dourada, enviando-os voando com

o impacto. Os cascos chutaram e empinaram, e ele ouviu o peitoral de um soldado estalar alto. Talvez suas costelas tenham ido com ele. Valroy não tinha certeza. Ele esperava que sim.

Ele estava de joelhos e se sentia bastante orgulhoso de si mesmo por ter feito o progresso, quando o chão se ergueu para encontrá-lo mais uma vez. Mãos o agarraram, e ele sibilou para quem ousou tocá-lo. Ele foi golpeá-las, por mais inútil que fosse um ataque, mas parou.

Ele piscou. — Selkie?

O selkie, de fato. Perin estava desenrolando a corrente de ferro dele, encolhendo-se quando sua pele nua encontrou o ferro. Isso o queimaria, mas o ex-marinheiro não parecia se importar. Ele tinha uma expressão estóica no rosto, ignorando a confusão de Valroy e o barulho da batalha e caos ao redor deles. Ele esteve em navios para viver. Talvez isso fosse simplesmente outra tempestade para ele enfrentar.

E com o selkie provavelmente chega...

Lá estava o rugido. Um som que sacudiu as árvores com o estrondo, que sacudiu as pedras e fez a vida selvagem fugir. Foi quase mais uma sensação do que um som, e deixou Valroy no limite. Ele odiava aquele som. Ele já tinha ouvido ele várias vezes antes.

Todo mundo congelou.

Todos, exceto Valroy.

Ele riu.

Com uma tosse, ele cuspiu sangue no chão pela mão e sorriu. Afinal, ele não precisaria se levantar. A cavalaria havia chegado. — Ah, olá, Anfar.

A bruxa, o metamorfo, o rei-bode, o mestre espião e agora o monstro marinho.

Titânia sabia quando estava em desvantagem.

Fazendo uma careta de raiva, ela gritou para seus soldados - ou o que restava deles - para recuar. Eles tinham perdido este dia. Mas eles não perderiam amanhã. Ela não podia. Ela *não podia*. Ou então o próprio mundo queimaria.

A guerra havia começado.

O Rei Unseelie ganhou sua rainha, e agora estava livre.

Eu estava tão perto. Eu estive tão perto.

Maldita seja, Abigail Moore.

Espero que entenda o que fez.

Abigail estava ofegante quando deixou sua forma mudar de volta para sua forma humana e sentou-se no chão onde estava, exausta demais para se mover. Ela estava sangrando de um corte no ombro, e doía como o inferno, embora não parecesse tão sério.

Ela teria que envolvê-lo de qualquer maneira, e - ela piscou em choque quando Puck apareceu na frente dela e imediatamente começou a limpar e cuidar do ferimento.

Ela sorriu e foi enxotá-lo. — Há outros mais feridos do que eu. Eu sou...

Ele a cutucou na ponta do nariz. — Boop. — E voltou a fazer o que estava fazendo.

Que criatura estranha. Que criatura estranha e insana. Mas ela se encontrou profundamente feliz por ele estar do seu lado. — Você trouxe os outros.

— Eu trouxe. — Ele sorriu.

Ela foi dizer a ele como teria sido perigoso colocar tantos de seus amigos em perigo. Especialmente Anfar, que agora estava caído contra uma árvore, segurando seu lado, os olhos fechados e as feições contraídas de dor. O monstro marinho já havia sido surrado até o esquecimento *antes* de mudar de forma para o enorme monstro marinho que era sua verdadeira forma.

Tampouco sabia como se sentia com a ajuda de Cruinn e Bayodan, que estavam parados perto da beira da floresta, conversando baixinho um com o outro. A cauda de Bayodan balançava atrás dele de forma agitada. Ela não podia imaginar o que Valroy estava planejando fazer com os dois cortesãos Unseelies que o haviam traído. Que haviam traído os dois.

No entanto, eles não tinham vindo? Eles não entraram na luta? Ela não sabia se eles teriam sido bem sucedidos. Em vez de estar sentada ali na grama ensanguentada, observando Puck enrolar seu ferimento, ela poderia estar acorrentada ao fundo de um lago que *dissolvia* as pessoas.

Falando em feridas. Pobre Perin. Ela se encolheu com o estado das mãos do selkie. Elas estavam vermelhas, como se tivessem sido queimadas pelo sol, mas isso parecia não incomodá-lo. Ele terminou de desenrolar as correntes que prendiam Valroy e este enxotou o selkie. Franzindo o cenho, o marinheiro levantou-se, puxou a pele para cima dos ombros e, com um suspiro, foi cuidar de Anfar.

A aparição de Anfar assustou o resto dos soldados Seelies e provavelmente poupou muitas vidas. Já havia muitos mortos na grama. Por mais preocupada que ela estivesse com a fera marinha, ele terminou a luta

antes que ela se transformasse em mais derramamento de sangue. Titânia e os outros haviam recuado e ficaram fazendo um balanço de si mesmos e dos mortos.

— Feito! — Puck sorriu e amarrou a tira de gaze em um adorável laço em seu braço.

Ela sorriu para ele, seu cansaço tornando-o um pouco torto, e se inclinou para beijar sua bochecha. Ela não podia agradecê-lo – um ato ao qual ela ainda estava se adaptando – mas isso teria que servir.

Valroy estava deitado de costas na grama, o peito subindo e descendo em câmera lenta. Ela se levantou, vacilou, quase caiu – Puck a manteve de pé – e ela sorriu para ele mais uma vez. — Vá ajudar Anfar. Leve-o de volta para um lugar onde ele possa descansar. Acho que ele não está bem.

— Você vai ficar bem com o ‘Alto, Azul e Puto’ ali? — Puck virou a cabeça na direção de Valroy. — Acho que ele está com um humor *do caralho*.

Abigail respirou fundo, prendeu e lentamente soltou. — Vai levar algum tempo para ele se curar, eu espero. Temos esse tanto até termos que nos preocupar.

— Bem! Eu sei como você pode distraí-lo. — Puck deu um tapa na bunda dela.

Ela gritou e deu um tapa no peito dele em resposta. Ou melhor, ela tentou. Ele desapareceu no ar, e ela o ouviu gargalhando. Ele reapareceu em um piscar de olhos ao lado de Anfar, e ele se agachou para verificar o monstro marinho, seu truque brincalhão já esquecido.

Ela balançou a cabeça.

Feéricos.

Mancando até Valroy – oh, Deus, seu tornozelo doía – ela quase caiu de joelhos ao lado dele. Foi muito menos gracioso do que ela pretendia, e ela quase acabou esparramada em cima dele.

Ele riu. Estava quieto, estava fraco, mas quando ela olhou para ele, ele estava olhando para ela com as pálpebras semi-cerradas, e olhos cor de safira levemente brilhantes. Ele parecia além do ponto de exaustão. Queimaduras vermelhas grossas e raivosas riscavam seu corpo em padrões cruzados, os elos da corrente de ferro o queimaram como um ferro quente em carne crua.

Mas ele estava sorrindo para ela. Sorrindo genuinamente, com uma espécie de ternura que ecoou em seus olhos que a fez quase querer chorar. Apesar de toda a sua dor, através de toda a tortura que ele tinha acabado de suportar, ele estava olhando para ela com apenas uma coisa em seus olhos.

Amor.

Como pode Titânia não ver que isso é real? Abigail estendeu a mão e gentilmente afastou uma mecha de seu cabelo azul longe de seu rosto. – Oi.

– Quantos você matou? – Ele sorriu.

Ela franziu a testa. – Não quero saber.

– Humpf. – Ele tentou se sentar, gemeu e caiu de volta na grama. – Você não é nada divertida. Muito em breve, no entanto, acho que você vai perder a conta com quantos Seelies você esmaga sob seu calcanhar. Ou cascos, conforme o caso.

Sua mandíbula enrijeceu. – Podemos não falar da violência que está por vir? Eu não gosto disso do jeito que você gosta.

– Ainda.

Ela o encarou.

— Tudo bem, tudo bem... — Ele tossiu, virou a cabeça e cuspiu sangue no chão ao lado dele. — Estou precisando de álcool. Uma grande quantidade de... Oh. Anfar está bem? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não sei. Ele foi deixado em péssimo estado por Cruinn na noite de nosso casamento e... Acho que esse esforço não o fez bem.

Valroy suspirou. — Ele vai viver. Ele é um bastardo difícil de matar. — Ele lutou para se sentar novamente, e ela o ajudou. Ela assobiou em dor solidária ao ver suas asas. Elas eram pouco mais do que osso. Ela não sabia onde tocá-lo que não lhe trouxesse mais sofrimento.

Mas isso não parecia incomodá-lo. Ele se inclinou contra ela, e ela o segurou em seus braços tão gentilmente quanto podia.

Descansando a testa contra a têmpora dela, ele soltou um suspiro longo e irregular. A tensão o deixou enquanto ele se consolava em seu abraço. — Ele vai se curar. Assim como eu.

Ela acariciou o cabelo dele suavemente, fechando os olhos, e tentou encontrar paz no fato de que, no momento, ele estava seguro. No momento, o mundo não estava pegando fogo.

Alguém silenciosamente limpou a garganta. Ela virou a cabeça e olhou para Cruinn e Bayodan. Seu nervosismo sobre o momento retornou instantaneamente.

— Eu não esqueci suas traições. — Valroy arreganhou os dentes em uma careta. — Nem os perdoei.

Bayodan e Cruinn baixaram a cabeça, Cruinn parecendo muito mais chateado que seu companheiro. O metamorfo torceu as mãos na frente dele e olhou para Anfar com culpa e arrependimento. — Não queríamos prejudicá-lo. Mas não tivemos escolha. Nós o deixamos vivo, quando poderíamos tê-lo matado.

— Sem *escolha*. — Valroy se mexeu, claramente querendo se levantar. Abigail soltou um pequeno ruído de protesto, mas não havia como parar o Rei Unseelie. Ela só podia fazer o que podia para ajudá-lo, suportando seu peso o melhor que podia enquanto ele finalmente, agonizantemente, se levantava. Ela podia sentir o tremor em seus músculos pela tensão disso. — Sem escolha, você diz?

— Titânia pretendia matar Abigail antes da cerimônia. Seus espiões chegam longe demais para que mesmo nós possamos detê-los todos. — Bayodan colocou a mão no ombro de Cruinn. — Tivemos uma escolha, sim. Trair você ou trair nosso voto a Lady Abigail. — Sua expressão ficou sombria. — E, ao fazer isso, entregá-la à sepultura.

O som que saiu de Valroy não era humano. Era o rosnado de um animal. Ele zombou dos dois cortesãos, e então soltou outra risada fraca. — Você me trai... Para salvar minha rainha. Isso é o que você afirma.

— Sim. — Bayodan ergueu a cabeça, não desafiador, mas orgulhoso. Ficou claro que ele acreditava que o que tinha feito tinha sido a escolha certa.

— Vocês pagarão um preço por sua traição, não importa suas supostas motivações. — O peso de Valroy cedeu contra ela. Seus olhos se fecharam por um momento, e ela se perguntou se ele não estava prestes a desmaiar. Mas com unhas e dentes, parecia que ele conseguiu voltar do abismo. — Aguardem. Vocês irão sofrer.

— Para salvá-la, pagaremos qualquer preço. — Cruinn olhou para ela, tristeza em suas feições. — Mesmo que isso signifique que ganhamos o ódio dela em troca.

Isso a atingiu, embora ela soubesse que ainda deveria estar zangada com eles. Ela suspirou e balançou a cabeça. — Podemos lidar com isso outra hora?

— Sim. Quando eu tiver forças para *arrancar seus membros*. — Valroy deu um passo à frente.

Ela era a única coisa que o impedia de cair de cara no chão. Ela estremeceu quando colocou todo o seu peso no tornozelo torcido e quase derrubou os dois no chão. — Ai.

Ele suspirou e beijou sua têmpora. — Vamos. Eu preciso... Eu preciso de álcool. E descansar. E um banho. Provavelmente nessa ordem. — Ele virou a cabeça para onde Anfar ainda estava sentado, caído contra a árvore. — Oi, algas marinhas.

Anfar levantou a cabeça, embora muito pouco.

— Você não tem permissão para morrer. — Valroy sorriu. — Ainda tenho utilidade para você.

Anfar baixou a cabeça mais uma vez e não disse nada. Puck revirou os olhos visivelmente, e Perin parecia estar fazendo o possível para ignorar Valroy enquanto cuidava de algumas das feridas enfaixadas de Anfar que haviam reaberto.

— Ele quer dizer que se importa — Abigail interveio com um olhar indiferente para o Rei Unseelie.

— Shhh. — Valroy lançou-lhe um olhar correspondente, embora ainda houvesse uma torção brincalhona em seus lábios. — Você vai arruinar minha reputação. — Sua expressão altiva falhou quando ele foi dominado pela dor mais uma vez, dobrando-se com um gemido silencioso. — Vamos. Por favor.

Abigail o segurou perto de seu lado e, fechando os olhos, deixou que as raízes das árvores próximas a ela levassem os dois para a casa dele.

Para o Labirinto.

Para... O resto de si mesmo, na verdade.



A sensação da transição das árvores de Tir n'Aill para as do Labirinto veio sobre ela como o roçar de uma mão em sua espinha. Como sair para o ar da noite. Parecia tanto com *ele* que ela se perguntou como nunca havia notado isso antes.

Fazia muito sentido.

Mas, novamente, parecia impossível.

Como ele poderia ser a escuridão deste lugar, *e* o homem por quem ela se apaixonou? Eles reapareceram ao lado de sua cama, e ela cuidadosamente o sentou na beirada dela. Alcançando o éter, ela convocou rolos de gaze, uma tigela de água e um pano limpo. Ela cuidaria de seus ferimentos o melhor que pudesse, mesmo que... Alguns parecessem precisar da ajuda de um cirurgião com linha e agulha.

Valroy ficou sentado em silêncio, ombros caídos, cabeça baixa. Seus olhos estavam fechados, e a única razão pela qual ela sabia que ele ainda estava acordado enquanto ela cuidava dele era que ele não desabou no chão.

Ela parou por um momento. — Você não é a mobília também, é? Não preciso ficar paranoica sobre sentar em cadeiras.

Valroy riu, cansado e quebrado. Com um pequeno alcance de sua mão, ele chamou uma velha garrafa de vidro e tomou um gole dela. Ela não sabia que tipo de álcool era, mas cheirava forte. Ela não o culpava.

Ele tinha tentado manter a aparência de nobreza, de arrogância incontrolável, quando estava na frente dos outros. Mesmo destruído como estava, seria o cruel Rei Unseelie.

Mas agora eles estavam sozinhos. E ela viu tudo desmoronar. Ele estava com tanta dor. Ela passou o pano úmido sobre o ombro dele, limpando um pouco do sangue seco e fresco que o manchava.



— Não... Eu não sou a mobília. — Ele sorriu, embora não abrisse os olhos nem erguesse a cabeça.

— E os monstros que vivem aqui?

— Eu sou alguns. Não todos. Alguns vêm morar aqui pela segurança que ofereço. Outros... Sim. Ou são de minha criação. — Ele tomou outro gole da garrafa, claramente querendo fazer o trabalho rápido.

Ela começou a limpar suavemente um pouco do sangue do cabelo dele, tanto quanto podia. Ele precisava de um banho, mas a ideia de afundar em água quente com feridas abertas... Ela não podia imaginar que não seria uma agonia. — Alguém mais sabe?

— Suspeito que o espião irritante e incongruente possa saber, embora eu não saiba como. — Valroy fez uma careta. — Eu o detesto.

— Eu gosto dele. E, no momento, ele é a única razão pela qual não estamos nos dissolvendo em um lago. — Ela suspirou. — Voltarei para lá quando estiver forte o suficiente e destruirei aquele lugar. Mas acho que não conseguiria muito no momento.

— Bom. Eu esperava que você não estivesse sendo tão hipócrita.

Ela revirou os olhos e resistiu à vontade de bater nele. Seria rude. Então a atingiu. — Oh. *Oh*.

— Sim. — Ele sorriu brevemente. — Você entende agora.

— Os Salgueiros Chorões. Quando eu os destruí, eu... Oh. — Ela suspirou e fez uma pausa em seu trabalho. — Sinto muito. Eu não sabia que eles eram uma parte de você.

— Isso teria impedido você? — Outro gole profundo do álcool.

Ela considerou sua resposta por um momento. — Não. Mas eu não teria sido tão insensível sobre isso.

Ele riu novamente, cansado e fraco. Ele inclinou seu ombro contra ela, em um abraço tanto quanto ele provavelmente tinha a força para dar a ela. — Eu te amo, Abigail Moore.

— E eu você, Valroy. O Labirinto. Quem e o que quer que você seja. — Ela beijou sua bochecha.

O sorriso que pintava suas feições era calmo e terno. Ele ficou sentado em silêncio enquanto ela terminava de costurar suas feridas, embora ela não soubesse nem por onde começar com suas asas. Ele balançou a cabeça quando ela perguntou se havia algo que ela pudesse fazer por ele.

Ele lhe entregou a garrafa de licor, e ela mesma tomou um gole, antes de tossir e engasgar. Pelos deuses, queimou! Ele riu novamente com a reação dela, antes de se arrastar cansado para os travesseiros.

Ela o ajudou enquanto ele se deitava de bruços, evitando que as costas e as asas rasgadas tocassem a superfície. Ela cuidadosamente colocou um cobertor em volta dele, embora não quisesse colocar muita pressão sobre as feridas.

— Vou ficar bem em breve. — Ele puxou um travesseiro sob a cabeça. — Não se preocupe comigo.

— Eu não gosto de ver você com dor. — Ela acariciou seu cabelo suavemente enquanto se deitava de lado ao lado dele. — Mas não tenho medo de acordar ao lado do seu cadáver.

Ele riu, um olho de safira se abrindo para olhar para ela por um momento. — Não. Você não deve. Só há uma maneira de me matar, e não é essa.

Ela sabia o que ele queria dizer.

A árvore.



Aquela árvore terrível, horrorosa e sanguinária, com mil armas novas e velhas enterradas em sua casca.

Ela franziu a testa enquanto continuava a acariciar seu cabelo. — Quando você estiver bem... Então o que acontece?

Ele sorriu enquanto fechava os olhos novamente, o primeiro lampejo de sua escuridão diabólica retornando a ele. — Você sabe.

Sim.

Ela sabia.

Mas ela se preocuparia com isso no dia seguinte.

Ela fechou os olhos e tentou ao máximo silenciar sua mente para que pudesse dormir. Mas um pensamento continuou rolando por ela. Sim. Ela sabia o que aconteceria quando Valroy estivesse bem.

Guerra.



CAPÍTULO DEZ

Titânia assistiu enquanto a neve caía. O inverno havia chegado, e agora ele pretendia pintar a terra de Tir n'Aill com seu manto branco. Ela parou diante do altar de Dagda e voltou sua atenção para as três árvores que cresceram, torcidas juntas, em um emaranhado e belo arco diante dela.

Os galhos antigos ficaram retorcidos e resistiram a tempestades e estações. E eles resistiriam a cada tempestade que viesse... Se Valroy não os destruísse. Ela tirou a coroa de sua cabeça e a deixou cair no chão a seus pés. Suas pulseiras de ouro seguiram. Então seus anéis. Desatando o vestido atrás do pescoço, ela deixou a seda rosa, manchada de sangue seco, acumular-se sobre ela no chão.

Dando um passo à frente, ela sentiu o frio do vento de inverno contra sua pele nua. Ela não se importou. Ajoelhada diante do altar, o gelo da neve picou seus joelhos. Ela não se importou. Ela suportaria muito mais do que isso nos próximos dias e semanas se não agisse.

Ela era a última chance de Tir n'Aill permanecer inteira.

A última chance para os Seelies sobreviverem à maré de sangue que estava por vir.

Mas ela não sabia o que fazer.

Pelos deuses, ela sentia falta do marido. A dor a picou, fresca e crua, e ela soltou um soluço baixinho. Oberon saberia o que fazer. Ele sempre sabia. Ele era sua rocha – sua corda de aterramento. Sem ele, ela se sentia... Tão sozinha. Tão vazia.

Tão perdida.



Lágrimas deixaram seus olhos, rolando sem controle por suas bochechas. Inclinando a cabeça, ela fechou os olhos. — Venho diante de você como sou, Grande Pai. Eu venho diante de você sem orgulho, sem honra, sem esperança. Não posso ficar para trás e deixar meu povo morrer. Deixar a vida, a alegria, a felicidade neste mundo se perder em sua malícia e carnificina odiosa e alegre. Eu não vou não fazer nada.

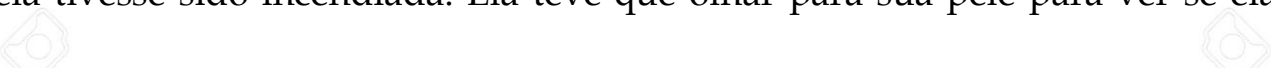
Silêncio. Nada além da rajada de vento e o farfalhar das folhas nas árvores que estavam lentamente se revestindo de branco enquanto os grandes flocos de neve caíam sobre elas. A neve veio com a sensação de falta de som. Um abafamento do mundo. E isso fez com que suas palavras parecessem ainda menores por isso.

— Por favor, Grande Pai Dagda, ajude sua filha. Ajude-me a ver o que devo fazer. Como devo dar ao meu povo um lugar que não seja dentro da sepultura. — Ela cerrou os punhos. — Eu nem me importo se eu sobreviver. Deixe-me ser o sacrifício se for preciso. Tire minha vida, tire tudo... Não sou nada sem meu Oberon. Mas, *por favor*, deixe meu povo viver. Encontre uma maneira de parar esse monstro que ria enquanto lambe os ossos de tantas almas inocentes.

Ela colocou as palmas das mãos no chão diante dela, curvando-se ainda mais diante do Grande Pai de tudo o que vivia. Implorando-lhe silenciosamente, com sua própria alma, para fazer algo. Qualquer coisa. Para mostrar a ela o caminho. Para mostrar a ela o que deve ser feito para salvar a raça Seelie.

Sua cabeça cambaleou.

De repente, uma sensação como fogo rastejou sobre seu corpo. Como se ela tivesse sido incendiada. Ela teve que olhar para sua pele para ver se ela





não estalava e ficava preta com ela. A dor era esmagadora e tão abrupta que ela não conseguia nem gritar.

Ela caiu na neve quando uma visão a alcançou.

Quanto tempo ela ficou ali na neve, ela não sabia. Tempo suficiente para que uma camada de branco cobrisse seu corpo nu. Ela estremeceu contra o frio e se levantou do chão.

Ela riu. Colocando a palma da mão no rosto, ela não pôde evitar, mas se viu chorando e rindo ao mesmo tempo. — Muito bem. — Ela se levantou e, voltando para suas coisas, arrancou a coroa de ouro da neve. Era a única coisa que ela precisava.

Ela pediu para saber o que fazer para salvar seu povo. E o grande Dagda achou por bem responder a sua oração.

E havia esperança. Uma chance pequena e infinitesimal.

Mas, oh, se ela não ficou um pouco *amarga* com isso.

Perin abriu a porta de sua cabana. Estava congelando. O fogo havia se apagado, e o espaço estava tão frio por dentro quanto por fora. A tempestade de neve que vinha do oceano sacudia as venezianas de madeira que mal protegiam o vento.

Ele estava mais uma vez transportando Anfar para dentro de sua casa. Perin tinha o braço do outro homem sobre seu ombro e o segurava pela cintura para ajudá-lo a caminhar. Caso contrário, ele provavelmente não teria sido capaz de ficar de pé. Mas no momento em que a batalha com Titânia terminou, o céu escureceu.



— Isso é tudo que precisamos agora, clima senciante — ele murmurou. Quando Anfar olhou para ele com curiosidade, ainda que turva, ele balançou a cabeça. — Deixa pra lá.

Puck os havia abandonado, o que provavelmente era para melhor. Ele não sabia o que fazer com o mestre espião Seelie, e sua presença apenas o deixava nervoso. Era como acariciar um gato selvagem. Qualquer momento pode resultar em dor inesperada e derramamento de sangue.

Cuidadosamente, ele ajudou Anfar a sentar na cama. O pobre monstro marinho parecia muito desgastado. Ele balançou um pouco onde estava sentado, como se estivesse prestes a perder a consciência.

— Deite-se — ele pediu. — Você não está bem.

— Eu estou bem. — Anfar se arrastou para se encostar na parede, no entanto.

Perin suspirou e foi até o fogão para acender o fogo. Não havia sentido em discutir com um meio-demônio antigo e poderoso, mas ele tentou de qualquer maneira. — Você não está ‘bem’ e não deveria ter ido ajudar os outros.

— Se eu não o fizesse, mais estariam mortos. Até talvez alguns de nossos próprios amigos e aliados. Não. Eu tive que ir. — Anfar tossiu. — Eu não vou morrer.

Não por falta de tentativa. Perin grunhiu e guardou esses pensamentos para si mesmo. Quando as primeiras chamas começaram a queimar, ele voltou sua atenção para o monstro marinho. Ele estava enrolado em si mesmo, e... Tremendo.

— Você... Anfar?

— Eu vou ficar bem. — Mas estava claro que o homem estava evitando que seus dentes batessem a cada palavra. — Tenho sangue frio. Eu vou... Vou... — Ele se inclinou para o lado.

Perin saltou para frente e o pegou nos braços. Ele teria simplesmente caído em sua cama. Não teria sido sério, mas o instinto assumiu o controle. O outro homem estava positivamente tremendo. Ele sabia que o monstro poderia ter sobrevivido a temperaturas muito mais baixas do que isso, se ele não estivesse em condições tão terríveis para começar.

Levaria algum tempo até que o fogo afugentasse o frio de sua cabana. — Lamento que minha casa não seja melhor do que é. Eu...

A mão de Anfar pousou no peito de Perin. Perin esperou para ver se o monstro marinho iria empurrá-lo para longe e rosar para ele por estar perto demais.

Mas o homem não o estava empurrando, unhas afiadas que pareciam garras agarrando o tecido. O coração de Perin se alojou em sua garganta. Ele não sabia o que fazer. Ele não sabia o que dizer. Mas a pobre criatura ainda estava tremendo.

Havia uma coisa que ele poderia fazer para ajudá-lo.

Arrastando, ele tirou a pele de seus ombros e a jogou ao redor de Anfar. Era grossa e quente com o calor de seu próprio corpo. Ele não conseguiu encontrar a vontade de soltá-lo e o manteve em seus braços.

Anfar tocou a pele e olhou para ele em um choque atordoado e nebuloso. — Perin?

— Você está congelando. E levará algum tempo para o fogo aquecer a cabana. E... Eu... — O que ele estava pensando? Era assim que ele morria. Este era o momento em que seu mundo acabava. Com uma mão afiada cavando em seu peito e arrancando seu coração. Mas ele não podia evitar.



Inclinando a cabeça para baixo, ele beijou Anfar. O homem congelou em seus braços, travado solidamente, a mão em sua camisa apertando em um punho.

Perin sentiu o gosto do oceano no beijo. Não apenas o mar salgado, mas o chamado das ondas mais profundas. Longe de qualquer lugar que sua forma de foca pudesse levá-lo. Não, esta criatura era do abismo escuro. Que engraçado ele estar aqui, tremendo em seus braços. A perda de sangue faria isso com qualquer um, ele imaginou.

Que pensamento estranho ter quando ele estava prestes a ter seu rosto arrancado no momento em que Anfar recuperasse seus sentidos.

Ele parou o beijo e esperou ser gritado, repreendido ou assassinado.

Mas nada disso aconteceu.

Anfar simplesmente o encarou enquanto mil emoções cruzavam suas feições afiadas. Ele era tão expressivo, apesar do fato de seus olhos serem de um preto puro de pálpebra a pálpebra. Anfar era monstruoso na aparência, mas ele não se importava. Havia um fascínio nisso, se ele estivesse sendo honesto.

Na maioria das vezes ele estava usando suas feições para mostrar uma cara feia ou carrancuda. Mas alguns dias ele não estava? Alguns dias como agora, quando Perin podia ver tanta vulnerabilidade queimando nele? Ele queria abraçá-lo ainda mais apertado.

Mas ele tinha presumido muito.

Ele havia presumido muito, muito mesmo. — Me perdoe, eu...

Anfar tocou os dedos nos seus lábios, silenciando-o. — Você me deu sua pele. Por que?

— Você está congelando.

— Sim, mas...



— Eu confio em você. — Perin sorriu levemente. — De uma forma ou de outra, eu confio em você.

Lentamente, hesitantemente, como se tivesse medo de quebrar como cristal ao mais simples toque, Anfar passou a ponta dos dedos pela bochecha de Perin. Ele traçou sua bochecha, então correu ao longo de sua mandíbula.

— Eu sou um monstro, selkie.

— Não somos todos?

Isso arrancou um leve sorriso de Anfar.

Foi quando Perin de repente percebeu o que estava acontecendo. Então ele percebeu qual era realmente a expressão no rosto de Anfar. Não foi simplesmente choque... Foi descrença.

Descrença.

Os ombros de Perin caíram ligeiramente quando ele finalmente entendeu uma parte que estava faltando na equação durante todo o seu tempo na presença do monstro marinho, e seu coração quase se partiu por isso. *Ele não acredita que pode ser desejado. Ou amado.*

— Quando Cruinn atacou você, por que você rastejou até o fundo do oceano para morrer?

— Foi... Foi a forma que ele assumiu. — Os olhos de Anfar se fecharam e ele inclinou a cabeça um pouco mais perto de Perin. — Ele me beijou, usando o rosto de outra pessoa, pois sabia que isso lhe daria a oportunidade de enterrar uma lâmina à esquerda do meu coração, mesmo quando a quebrou.

Perin franziu a testa. — De quem era? De Astasha?

— Não, selkie. — Ele ergueu a cabeça mais uma vez, e Perin sentiu sua respiração se acumular em sua bochecha. — Era o seu.

O monstro marinho o beijou. Perin deixou seus próprios olhos se fecharem ao sentir aquelas unhas afiadas se entrelaçando em seu cabelo, segurando sua nuca. Perin levantou Anfar em seu colo, tomando cuidado para não pressionar com força as feridas do outro homem.

Afinal, Anfar estava ferido.

Isso era...

Oh, era tão difícil pensar direito. Puxando sua pele ao redor de ambos para o calor, ele se perdeu no beijo. Foi empolgado no início. Cauteloso, nervoso e prudente. Quase apreensivo. Havia uma estranheza no monstro marinho que era difícil de negar. Mas quando Perin encontrou seus lábios um a um a cada movimento, o aperto do monstro marinho em sua nuca se apertou, puxando-o para baixo com mais força, transformando o momento terno em algo que rapidamente se tornou escaldante com sua paixão.

Quando eles se afastaram, Perin se perguntou se um dos dentes afiados de Anfar não havia partido seu lábio. Mas ele não se importou. Ele não se importou nem um pouco. Sua respiração estava mais rápida do que antes, seu coração batendo em seus ouvidos. Seu corpo ficou tenso de desejo, reagindo rápida e ansiosamente à presença do outro homem em seu colo.

Mas ele tinha uma confissão a fazer primeiro. — Anfar, eu... Eu não quero que você pense que isso é simplesmente desejo e seja levado pelo caminho errado. Eu... — Ele parou, sem saber como terminar o pensamento.

Anfar riu. Silenciosamente, mas estava lá. Sua cabeça caiu no ombro de Perin, como se algum tipo de fardo terrível tivesse sido tirado dele, e ele finalmente conseguisse desmaiar de exaustão. — Desejo... — Suas palavras eram quase um sussurro. — Ninguém me deseja, Perin.

— Eu desejo. — Ele se mexeu desconfortavelmente. — Você está sentado na prova disso.



Isso provocou outra risada mais alta e honesta do monstro marinho. — Por que você não disse nada? Você deve entender que não tem nada em termos de competição.

— Eu sou irrelevante. Eu não sou poderoso. Eu não sou como Valroy, ou Abigail, ou Puck, ou qualquer um dos outros. Eu sou fraco. Que chance tenho eu de ficar com alguém como você? Como eu começaria essa conversa?

— Perin bufou. — Olá, grande e terrível fera marinha. Eu sou um selkie insignificante, que você poderia comer como uma reflexão tardia. Eu quero te beijar.

Anfar estendeu a palma da mão sobre o peito de Perin, sobre seu coração. — Olá, selkie insignificante, a quem eu poderia comer como uma reflexão tardia. Eu sou uma grande e terrível fera marinha. — Ele ergueu a cabeça e roçou os lábios na barba por fazer do queixo de Perin. — Eu quero te beijar.

E assim... Eles fizeram.

Foi no meio do abraço que Perin se viu deitado em seu catre, Anfar em cima dele, ambos sob sua pele. O fogo finalmente afugentou o frio. Ele queria tocar Anfar. Oh, como ele queria despir o homem de suas roupas.

Mas ele estava usando mais bandagens do que não.

E o monstro marinho precisava descansar.

A cabeça de Anfar estava descansando em seu peito, e ele passou os braços ao redor dele. E foi assim, ouvindo o crepitar do fogo e a respiração lenta do monstro marinho enquanto adormecia, que Perin se juntou a ele no sono com um sorriso no rosto.



CAPÍTULO ONZE

Valroy acordou com alguém acariciando suavemente seu cabelo. Pelas estrelas, ele havia passado uma eternidade sem conhecer um toque verdadeiro e afetuoso. E foi quase o suficiente para fazê-lo esquecer seus objetivos e jogar sua loucura ao vento para permanecer em seu abraço o máximo que pudesse.

Mas ele sabia que com o tempo isso iria corroê-lo. Isso envenenaria o poço. Ele era quem ele era, não importa o quanto ele desejasse poder mudar sua natureza.

Ele doía. Ele doía *em todos os lugares*. Mas a dor não estava tão ruim quanto na noite anterior. Seu corpo estava se curando rapidamente, e ele podia até sentir a carne de suas asas crescendo novamente. Coçava. Infernos, como coçava.

Ele se mexeu, enrolando-se um pouco em Abigail. Ela estava deitada ao lado dele, sua cabeça dobrada sob seu queixo. Que criatura simpática e gentil ela era. Ele não estava surpreso que ela não pudesse destruir Bayodan e Cruinn pelo que eles tinham feito. Ela os perdoaria. Era da natureza dela.

Não dele.

— Preciso de um banho. — Sua garganta estava rouca e seca. Ele precisava de um banho, comida e água. E talvez mais álcool. — Eu me sinto nojento.

Ela riu. — Acho que você tem uma desculpa.

— Talvez. Mas eu sou um rei, e um rei não deve ficar preso em seus travesseiros com sangue seco. — Ele bufou e se moveu para se sentar,

sentindo a queimação em seus músculos enquanto o fazia. Ela o ajudou, a coisinha preciosa, o melhor que pôde. Ele era muito mais pesado do que ela, mas ela era mais forte agora do que tinha sido como uma mulher mortal.

Ele tirou um dos referidos travesseiros de seu braço e fez uma careta. — Vou precisar substituir alguns deles.

— Dificilmente o menor dos nossos problemas, eu espero.

A escuridão e a tristeza em sua voz não passaram despercebidas. Ele suspirou. — Você sabe o que deve ser feito.

— Eu sei. Mas... Há o que deve ser feito e o que você fará logo depois.

— Ela o ajudou a se arrastar até a beirada da cama e apoiou seu peso enquanto ele se levantava.

Suas pernas estavam trêmulas, mas estavam inteiras, o que foi uma boa mudança de ritmo. Ter todos os ossos, músculos, tendões e órgãos *dentro* do corpo era uma experiência terrivelmente subestimada. Ele inclinou a cabeça para beijar o topo dela. — Não se preocupe, meu amor. Pelo menos não até depois do café da manhã.

Quando ele sorriu, ela olhou carrancuda. Isso o fez rir.

Com um aceno de cabeça apertado, ela o levou para longe da cama, e foi a vez dela de acompanhá-lo ao banho. Era uma sensação estranha, viajar pelas raízes de seu próprio eu. Mas ele ainda não sabia se era forte o suficiente para dobrá-los pelo espaço como preferia fazer. Quando chegaram à grande banheira de cobre, ele observou com uma quantidade chocante de orgulho quando ela estendeu a mão e apenas desejou que a banheira fosse enchida com água quente.

— Você está ficando mais forte, minha bruxinha. — Seu sorriso foi decididamente menos diabólico dessa vez, e isso lhe rendeu uma expressão muito menos perturbada em troca.



— Estou tentando me adaptar ao máximo. Eu simplesmente gostaria que o mundo parasse de virar por alguns momentos para que eu pudesse recuperar o fôlego. — Ela o ajudou a se despir, tirando sua calça arruinada e manchada de sangue e a jogando de lado.

Ele entrou na banheira com a ajuda dela e afundou alegremente na água quente, gemendo de alívio. A água ao redor dele instantaneamente virou um tom desbotado de carmesim.

Abigail sentou-se na beirada da banheira, convocando sabonete e um pano. Ela pegou seu braço e começou a cuidar dele. O ato o fez sorrir, mesmo quando a tristeza em seus olhos fez seu coração doer em retorno.

— Você sabe que Titânia deve morrer — ele murmurou. — Eu não vou perdoar isso.

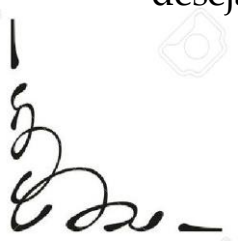
— Eu sei que ela vai morrer. — Sua carranca se aprofundou. — Se ela ‘deve’ ou não, ela vai.

Ele sorriu. Ela derramou água no cabelo dele e começou a pentear os fios. Parecia tão bom. — Com a morte dela, o trono Seelie ficará vazio. E nesse vácuo, não haverá ninguém para se opor a mim. A conquista de Tir n’Aill será chocantemente sem sangue.

— Até que você os escravize ou mate todos eles.

— Sim. Até então. — Ele fechou os olhos. Mesmo com suas palavras frias, seu toque era amoroso enquanto cuidava dele. Ele não invejava sua posição e desejava mais do que tudo que ela simplesmente aceitasse o destino dos Seelies, e então dos humanos da Terra.

Mas ele sabia que não seria possível. E se ele fosse sincero, ele sabia que isso destruiria algo que ele amava nela. Isso mudaria quem ela era, e ele não desejava isso mais do que sabia que ela desejava para ele.



— O que devemos fazer? — Abigail se moveu para começar a limpar seu outro braço. — Eu...

— Eu sei. — Ele era capaz de fazer isso sozinho, mas estava gostando de ser bajulado. Era tão raro que ele era o único a ser atendido. Estendendo a mão, ele colocou a palma da mão em sua bochecha e puxou seu rosto para o dele. Ele a beijou, lento e gentil, tentando transmitir em seu abraço tudo o que sentia por ela.

Quando ele se afastou, ele sorriu e passou a ponta do polegar ao longo de sua pele. — Um passo de cada vez. Primeiro, devo terminar de me curar. Em segundo lugar, vou lidar com a minha laia traidora. Então... Titânia morre. Podemos discutir o que acontece então.

Abigail fechou os olhos e descansou a cabeça contra a dele. Para seu crédito, ela não tentou argumentar pela vida da rainha vadia. Ela provavelmente sabia que havia algumas brigas pelas quais não valia a pena pegar lutar. Com um suspiro, ela voltou a cuidar de seus ferimentos. — Sempre vou lutar pela paz.

— E eu nunca esperaria o contrário.

— Tenho medo de que isso me destrua. Não posso ficar ao seu lado enquanto você destrói dois mundos. Mas eu... Eu te amo, e eu... — Ela engasgou, e ele viu as lágrimas começarem a se formar em seus olhos verdes.

— Shhh, meu amor. — Ele a puxou para perto mais uma vez, beijando sua bochecha. — Shhh. Está tudo certo. Um passo de cada vez. Nós suportamos muito, e farei o que puder para lhe dar tempo para decidir sobre suas ações.

Ela riu fracamente. — Obrigada.

— É o mínimo que posso fazer, já que meu presente de casamento para você foi bastante destruído no momento em que foi dado. — Ele bufou. — O que a velha vadia estava pensando? Mil anos de paz. Perdido.

— Ela honestamente acreditava que você poderia morrer. Por que ela não iria? Como ela poderia suspeitar que você não era mais um homem do que uma montanha? — Abigail balançou a cabeça.

Ele sorriu. — Uma montanha muito bonita.

Ela o cutucou no lado, e ele grunhiu. Pelo menos ela evitou uma de suas muitas feridas curando. Ela era legal assim.

Ele puxou os braços dela ao redor dele, desejando sentir seu abraço. Ela foi de bom grado, movendo-se para se sentar atrás dele e cruzando os braços sobre o ombro dele. Ela colocou a cabeça ao lado dele. — Você é o Labirinto ao nosso redor.

— Sim.

— Eu vi uma árvore, cercada de sangue. Um carvalho antigo e sem folhas, com mil armas embutidas em sua casca. É... É você?

Ele riu e virou a cabeça para beijar sua bochecha. — Não. Não mais do que o seu coração é o seu todo. É apenas um pedaço de mim, como todo o resto.

— E as armas?

— Tentativas de mil guerreiros que procuravam matar o indestrutível. Cada um queria ver se era forte o suficiente para resolver meu Labirinto e acabar com minha vida. E cada um falhou. — Ele bufou. — Tolos.

Ela o apertou um pouco mais forte, como se desejasse que o momento não acabasse. Ou como se ela temesse que ele desaparecesse. A pobrezinha. Ela tinha sofrido tanto. Mas quando isso se tornaria demais? Ele se perguntou o quanto ela teria que ir antes que pudesse descansar.

Talvez nunca.

As estrelas antigas sabiam como ele era consistentemente problemático.

— Por enquanto, descansamos. Por enquanto, afaste esses pensamentos de sua mente. — Ele fechou os olhos. Ele ainda estava muito cansado e dolorido.

Eles ficaram em silêncio por um longo momento. Quando o quebrou, sua voz traiu sua incerteza. — Você duvida do meu amor por você, Abigail? Seria tolice não se perguntar, agora que você sabe a verdade sobre mim.

— Suponho que não sou melhor do que aqueles que empunhavam aquelas armas antigas. — Ela soltou um longo suspiro. — Não duvido do seu amor. Nem posso evitar o meu próprio. — Ela se mexeu, lentamente o soltando, e colocou o pano úmido de lado. — Venha, estou morrendo de fome. Devemos comer antes, acredito que nós dois vamos voltar a dormir por uma semana.

— Isso soa fenomenal. — Ele grunhiu quando se inclinou para frente, triste por deixar a água quente, mesmo que estivesse começando a esfriar no ar do inverno. Seus espaços eram sempre mantidos aquecidos, mas as estações tinham seu jeito de se infiltrar nas bordas.

Pegando sua mão, ela o ajudou a sair da banheira, e ele convocou roupas para si. Ele a estudou por um momento. Ela parecia tão cansada. Ele a puxou para um abraço e beijou o topo de sua cabeça. — Aconteça o que acontecer, eu te amo.

— E eu você, grande monstro imparável da escuridão além do véu. — Ela resmungou.

— Ah, veja, você entendeu um pouco errado. — Ele inclinou a cabeça dela para olhar para ele. — Um grande e imparável monstro da escuridão além do véu que tem um *enorme...*



Ela bateu a mão no peito dele.

Ele estremeceu de dor. — Devagar com os cortes.

Quando ela riu, ele se juntou a ela.

Titânia estava em seus aposentos particulares e os estudava. Ela observou cada detalhe - o tecido fino que cobria os galhos das árvores para criar uma aparência de paredes. Os móveis vivos que eram feitos puramente de videiras que se enrolavam em padrões intrincados para criar obras de arte de seu design.

Ela se sentou no trono Seelie por quase dois mil anos. Com um fôlego, ela caminhou até um banco estofado que pendia de uma árvore por videiras como um balanço. Ela se deitou sobre ele, olhando para o céu estrelado. Embora fossem domínio dos Unseelies, ela sempre as amou. Olhar para as luzes cintilantes sempre lhe dera um pouco de paz. Que havia mais neste mundo do que ela e seus problemas.

Às vezes era bom ser lembrada de quão pequena ela era, apesar de toda sua grandiosidade e poder.

Mas agora?

Elas a fizeram se sentir...

Sozinha.

Porque isso era exatamente o que ela era. Seus cortesãos a apoiavam. Eles ficavam atrás dela. Mas seus amigos se foram. Oh, ela não lamentou a perda de Puck. Aquele espião irritante era útil, mas demais para o que valia. Não. Deixe Abigail lidar com aquele cretino se ela assim o desejasse.





Foi a perda de Oberon que finalmente estava se estabelecendo em sua alma. Sim, eles tiveram sua parcela de disputas. Sim, ela muitas vezes o afastava e o expulsava de sua cama quando o encontrava brincando com algum sprite ou outro.

Mas ele era metade de sua alma. Não importa o que aconteceu entre eles, ela o amava como nenhum outro. Ela se levantou do banco, andou de um lado para o outro por alguns momentos, e então cedeu ao inevitável. O mundo estava sob o reinado dos Unseelies, mas ela duvidava que algum deles fosse tolo o suficiente para confrontá-la.

Ela viajou de volta para o freixo que cresceu onde o corpo de Oberon foi colocado. Estava coberto por uma fina camada de neve, os galhos brilhando brancos ao luar pálido. Caminhando até sua base, ela encontrou um recanto entre as raízes e se acomodou nele.

Fechando os olhos, ela se deixou sentir a força da árvore. A resiliência. E ela se sentiu um pouco menos sozinha.

Por mais de um motivo.

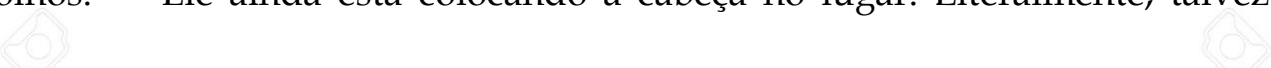
— Ei, mãezona.

Encolhendo-se, ela abriu os olhos para encarar o homem que apareceu na frente dela. Ele parecia um corte em tecido branco, com suas roupas pretas apertadas que cortavam linhas afiadas contra a neve. Sua mandíbula enrijeceu. — Eu disse para você nunca mais me chamar assim, Puck.

— Meh. Você não é a minha chefe agora. — Ele gargalhou.

Deuses, ela o odiava. — O que você quer? Você veio me avisar que o Rei Unseelie está a caminho para me matar?

— Não. — Ele soprou alguns fios de seu cabelo branco prateado de seus olhos. — Ele ainda está colocando a cabeça no lugar. Literalmente, talvez.



Você realmente fez um número nele. Bom trabalho. Isso não o irritou *nem um pouco*.

Ela realmente o odiava. — Então por que você está aqui, Goodfellow?

Ele inclinou a cabeça ligeiramente. — Porque você tem uma mensagem para eu transmitir à nova Rainha Unseelie, não é?

Era uma afirmação, não uma pergunta. O mestre espião tinha maneiras de saber coisas que não deveriam ser conhecidas. Havia uma razão pela qual ele estava no posto que ele estava. Ela suspirou. — Sim. Eu tenho.

— Onde você quer que isso aconteça? — Sua voz havia perdido toda a jovialidade e rapidamente ficou fria e séria. Ela não sabia qual versão dele ela preferia. Ela não esperava por nenhuma das duas. — Aqui?

Titânia olhou para a escuridão da noite, iluminada pela luz da lua na neve branca. — Não. Este lugar é sagrado. — Ela parou por um momento, pensando sobre isso. — O Lago das Dores. Ela tem negócios inacabados lá.

Puck assentiu. — Amanhecer?

Algo torceu em seu estômago. Era como se ela estivesse na beira de um penhasco e soubesse que deveria pular na escuridão, sem saber o que a esperava lá. Oh, pelos deuses, ela estava com medo. Ela não tinha vergonha de admitir isso, ou deixá-lo transparecer em seu rosto.

Mas ela sabia o que estaria esperando por ela no fundo daquele penhasco. Colocando a mão sobre as raízes do freixo, ela tentou extrair toda a força que podia de sua presença.

Era isso que devia acontecer.

Esta era a única chance para os Seelies e Tir n'Aill continuarem a existir. Ela fechou os olhos por um momento, afastando o terror. Ela respirou fundo e lentamente soltou. Era isso, ou ela deixava aquele bastardo do Valroy rir por último.



Só isso foi o suficiente para inspirá-la.

Ela voltou sua atenção para Puck e se preparou para o que estava por vir.

— Amanhecer.



CAPÍTULO DOZE

Anfar acordou nos braços de um selkie.

E ele não sabia quando sentira tanta paz em seu coração. Suas feridas ainda doíam um pouco, mas de alguma forma, elas melhoraram com sua presença. O fogo ainda crepitava, mantendo a pequena cabana aquecida. Perin deve ter se levantado à noite para cuidar dele.

Eles estavam enterrados debaixo de cobertores de pele. Um deles era a pele do selkie. Ele sorriu debilmente, lembrando-se de como Perin lhe dera sem hesitar nem por um momento. Ele passou os dedos pela pele, apreciando a sensação sob seus dedos. Ele parecia tão pálido ao lado dela e achou o contraste mais uma vez fascinante.

Ele se espreguiçou, sentindo-se muito melhor do que na noite anterior. Ele podia sentir sua pele ainda se unindo onde os cortes eram mais profundos, mas eles não o faziam cambalear de dor cada vez que ele se movia.

Perin soltou um pequeno ruído de resmungo em seu sono e apertou Anfar com mais força. Quando ele abriu os olhos, Anfar sorriu grogue.

Anfar não sabia o que dizer.

Então, ele se expressou de outra maneira.

Tentativamente, preocupado que a qualquer momento ele pudesse ser empurrado, ele aproximou seus lábios dos dele. Lentamente, ele zerou a distância entre eles, beijando o outro homem. Perin tinha gosto de praia - de água salgada e poças de maré, do cheiro forte do vento do oceano. Mas também de lareira e lar. De uma fogueira e comida cozida.

Lar.

Algo que Anfar nunca teve de verdade. Ele tinha seu lago, mas aquele era apenas um lugar onde ele podia se esticar tranquilamente em sua verdadeira forma.

Mas enquanto beijava o selkie, sentindo seu corpo reagir aos músculos de Perin contra os dele, ele se pegou pensando se não havia outra maneira de encontrar um lugar para pertencer. E se isso não fosse para ser ao lado do ex-marinheiro.

Eu deveria manter meu coração longe de suas mãos. Ele vai quebrá-lo com o tempo.

Mas ninguém nunca me pediu isso.

Como posso recusá-lo?

Ele prendeu a respiração quando Perin o rolou de costas, prendendo-o, os lábios de Perin ainda trabalhando sobre os dele, embora agora com uma intenção diferente. Anfar não pôde deixar de gemer quando Perin aprofundou o abraço, inclinando a cabeça para o lado para melhorar o efeito.

Seu corpo pulsava, apertando com a necessidade. Ele se sentiu enrijecer dentro de sua calça, seu desejo queimando instantaneamente como um fósforo jogado em óleo. Fazia muito tempo... Muito, muito tempo. E ele nunca se viu em uma situação como esta.

A mão de Perin começou a percorrer o corpo de Anfar, e ele ficou rígido de várias maneiras. O selkie quebrou o beijo, olhando para ele com uma sobrancelha franzida, sua mão parando de viajar para o sul. — Você está com muita dor?

— N-não. — Maldito seja, ele gaguejou! Que epítome do desejo sexual ele era, deitado abaixo dele, gaguejando e travado pelo medo. — Eu...

Perin sorriu levemente. — Posso tocar em você?

Ele engoliu a pedra em sua garganta que de repente apareceu ali como que por magia. Ele se forçou a não gaguejar uma segunda vez, embora sua resposta tenha sido calma e tensa. — Sim.

Ele não precisava se preocupar em falar depois disso. Os lábios de Perin pressionaram os dele mais uma vez, apaixonados e necessitados, deixando Anfar sem espaço para dúvidas. Sem espaço para se preocupar. Tudo o que ele podia fazer era beijar o homem de volta com o mesmo fervor.

Ele segurou a parte de trás da cabeça de Perin, puxando-o para mais perto, querendo sentir mais o selkie. Ele estalou a língua contra os lábios do homem e ficou feliz quando eles se separaram ansiosamente por ele.

A mão do selkie retomou sua jornada até alcançar o cinto de Anfar. Habilmente, ele desfez a fivela e desamarrou a calça. Quando sua mão, quente e um pouco áspera, escorregou na calça de Anfar, ele quase se debateu embaixo dele.

Ele se viu quase agarrado ao selkie, desejando mais, enquanto o outro homem pegava seu desejo ansioso e começava a acariciá-lo, com cuidado, mas com firmeza.

Deuses.

Sim.

Sua calça logo foi arrancada e amontoadada no chão. Perin estava entre suas pernas, as coxas de Anfar descansando sobre as dele. O selkie ainda estava completamente vestido enquanto Anfar estava ali, tentando não ofegar por ar. Quando Perin não se mexeu para se despir, foi a vez de Anfar franzir a testa em confusão.

— Você ainda está ferido — Perin murmurou, mesmo enquanto segurava o membro de Anfar em sua mão, acariciando o comprimento dele como se estivesse com medo dele. — Eu não quero te machucar.

— Eu me curo rapidamente. — Anfar tentou não perfurar um dos cobertores com suas unhas afiadas. Mas ele precisava segurar alguma coisa.

Perin riu e se inclinou, capturando os lábios de Anfar em outro beijo. Quando eles se afastaram, ele ainda estava sorrindo. — Amanhã então. Mas esta noite é sobre você. — Ele aumentou seu aperto. — Sobre isso.

Anfar gemeu, erguendo os quadris, perdendo-se no prazer disso. O êxtase. A liberação. Não apenas do prazer físico, mas... Da companhia.

Sua mente lutava contra ele a cada passo, tentando afundar de volta na miséria e na solidão. Sussurrando palavras de *ele só vai te machucar e você não merece isso*. Mas Perin - tudo nele - afastou esses pensamentos. Com seu beijo. Com seu toque. Com seu sorriso. Sua presença.

Ele puxou Perin para si, capturando seus lábios com os dele, sentindo seu prazer começar a subir enquanto o outro homem habilmente o tirava dele. Quando ele se afastou, seu coração estava batendo forte. — Perin...

— Solte. — O selkie se inclinou sobre ele, seu peso em sua mão próximo da cabeça de Anfar. — Solte. Eu tenho você. Estou aqui.

Anfar fechou os olhos e jogou a cabeça para trás, rosnando. Seu corpo começou a se contrair em ondas. Ele estava muito cansado. Muito pego desprevenido. E muito ansioso. Seus lábios se retraíram, arreganhando os dentes, quase ofegando quando ele não pôde deixar de obedecer às palavras insistentes do selkie.

Quando a liberação caiu sobre ele, suas costas saíram da cama, e ele quase uivou. Ele puxou Perin para baixo para outro beijo que parecia quase violento e necessitado, enquanto seu corpo estremecia e se contorcia, os choques de seu prazer ainda causando estragos.

Quando ele finalmente parou, ele se afastou, apenas para ver que um de seus dentes afiados havia raspado o lábio inferior de Perin, e ele estava



sangrando por um pequeno corte. Antes que pudesse dizer uma palavra, Perin lambeu o lábio e sorriu. — Eu vou ter mais disso da próxima vez, também.

Todo o ar deixou seus pulmões em uma corrida. Ele estava quase atordoado quando Perin pegou algumas das bandagens de pano limpas no chão e as mergulhou na tigela de água para limpar Anfar. Ele tentou fazer barulho, tentou afastar as mãos de Perin, insistindo que poderia fazer isso sozinho.

Mas Perin lançou-lhe um olhar ao mesmo tempo brincalhão e repreendedor. Foi o suficiente para inspirá-lo a ficar ali deitado, observando o selkie com admiração.

Sim. Haveria uma próxima vez. E seria em breve.

Porque os deuses o ajudem...

Ele estava apaixonado.

Abigail estava na sala do trono, observando o luar filtrar através das árvores e a neve caindo suavemente. Não havia um centímetro dela no chão ou ao redor da área que vagamente pudesse ser considerado um cômodo, nem estava terrivelmente frio dentro dos limites da parede de pedra em ruínas que o cercava por todos os lados.

Que pensativo.

A visão era linda, porém, toda branca e azul-clara. A neve brilhava para refletir as estrelas brilhantes acima. O trono, seu osso esculpido e a superfície de madeira, coberto por um manto de prata brilhante que se tornaria





dourado quando o sol nascesse, era de tirar o fôlego. Esta era a estação dos Unseelies. A estação da morte.

E ali, em toda a sua glória, estava o seu rei.

Valroy pegou a mão dela no momento em que o sol se pôs e a trouxe silenciosamente até aqui. Ela não precisou perguntar por quê. Ela sabia. Havia negócios para fazer - negócios que ela detestava, mas sabia que deviam ser conduzidos.

Valroy estava no topo dos degraus. Seus ferimentos estavam praticamente curados, embora ele andasse mancando e vários dos cortes mais profundos ainda estivessem rosados e com vergões inchados em sua pele pálida.

Mas isso não o impediu de tirar o fôlego dela. Ele vestiu sua melhor calça de couro preto, um intrincado cinto prateado e uma única pele drapeada sobre o braço direito, deixando o esquerdo nu para exibir as espirais de tinta azul escura e o mapa do Labirinto estampado em seu coração.

Suas asas se curaram, e ele as deixou abertas, suas longas garras flexionando enquanto ele olhava para sua corte com uma expressão ilegível e endurecida em suas feições afiadas.

E no topo de sua cabeça, uma coroa de prata, feita de trepadeiras irregulares e retorcidas, destinada a parecer tão bela e mortal quanto o homem que a usava.

Pelos deuses, ele era lindo. Embora ela devesse ficar ao lado dele e subir as escadas para o trono, ela não sabia como poderia. Ela não era isso, ela não era como ele. Ela não *pertencia* aqui.



Puck apareceu atrás dela em um piscar de olhos, fazendo-a pular quase para fora do chão. Ele sorriu antes de abraçar o braço dela, aconchegando-se ao seu lado como se fossem melhores amigos de infância.

Quando Valroy estendeu a mão, unhas pretas curvadas para acenar para ela, ela sentiu a familiar torção de excitação e medo como se fosse a primeira vez que o conhecesse. Puck beijou seu ombro, então sem cerimônia a empurrou para frente.

Ela se impediu de encará-lo.

Subindo os degraus para ficar ao lado dele, ela colocou a mão na dele. Ele a puxou para perto dele, inclinando a cabeça para dar um beijo em sua bochecha, antes de sussurrar: — Por que você não usa sua coroa, minha bruxinha?

Ela parou por um momento, pensando em sua resposta, antes de murmurar sua resposta. — Porque eu não sou a rainha deles. Eu sou sua.

Isso dividiu sua expressão fria em um sorriso diabólico, e ele beijou sua bochecha mais uma vez, mas não respondeu. Ele se endireitou e se virou mais uma vez para os cortesãos que estavam reunidos. Anfar estava lá, parecendo muito melhor do que dois dias antes. Perin estava atrás dele, parecendo incrivelmente nervoso, embora estivesse claramente tentando o seu melhor para esconder isso.

— Membros da Din'Glai... Todos vocês me decepcionaram. — Ele fez uma careta de desgosto. — Pois aqui estou, seu legítimo rei, e estou traído. Não apenas por Bayodan e Cruinn, embora seus atos fossem os mais diretos, mas por *todos vocês* que estão reunidos.

Murmúrios atravessaram a multidão enquanto eles se mexiam, temerosos e cautelosos, lembrando claramente o que aconteceu com os

Din'Glai depois que ela escolheu morrer pelas Gle'Golun e Valroy acreditou que ela foi conduzida por um deles.

— Nenhum de vocês levantou uma única mão para defender seu rei. Nenhum de vocês interveio enquanto Titânia tentava tirar minha vida. Seu crime não é de lealdade quebrada, mas de omissão. Seu crime não é de ação, mas de inação. Talvez vocês tenham rezado para que Titânia tivesse sucesso em seus esforços para me ver morto. Bem... — Ele inclinou a cabeça para trás, revelando a linha vermelha que cercava sua garganta. A marca deixada pelos machados, pela serra, por todos os métodos imagináveis para cortar sua cabeça. No entanto, nenhum funcionou. — Vocês veem o quão longe *isso* a levou.

— O que você planeja fazer? — Um dos cortesãos falou. Ela pensaria que era um ato de ousadia, se a voz do homem não tivesse falhado de terror. Não, não foi a bravura que o inspirou. Foi desespero.

— No momento? Nada mesmo. No momento, tenho assuntos mais importantes para tratar. Ou seja, a ruína da vadia da rainha Titânia. — Ele riu. — E eu pretendo arruiná-la, acredite em mim.

— Esta é a sua declaração de guerra? — Outro homem perguntou da multidão.

— Não. — Ele fez uma pausa. Então sorriu. — Ainda não. — Com um aceno de mão, ele descartou o assunto como se fosse uma total perda de tempo. — Não, esta é minha declaração de vingança. Não preciso do apoio de meus cortesãos, nem exércitos, nem planos táticos para simplesmente garantir que ela sofra muito antes de eu enfiar sua cabeça chorosa em uma lança, uma vez que ela me implore por misericórdia e me cante a canção de sua derrota total.



Abigail virou a cabeça para esconder seu arrepio. Ela passou a discordar profundamente dos métodos de Titânia, mas não desejava esse tipo de sofrimento a ninguém.

A mão de Valroy apertou levemente a dela, como se sentisse seu desconforto e desejasse lhe dar algum tipo de consolo. Mas seu tom era tão áspero e exigente enquanto ele continuava a falar. — Não. Não é por isso que reuni todos vocês aqui. Eu reuni vocês aqui para a vingança que eu procuro que é muito mais perto de casa... Muito mais pessoal. Hoje, busco minha vingança contra meus verdadeiros amotinados. Bayodan e Cruinn... Avancem.

Seu coração se alojou em sua garganta. Ela se pegou apertando a mão de Valroy, mas não sabia porquê. Ele era a fonte do que estava por vir, e ainda assim ela se viu desejando se esconder em seus braços para o que ela sabia que estava prestes a acontecer.

Um, se não ambos, de seus antigos guardiões estava prestes a morrer.

Se eles tivessem sorte.



CAPÍTULO TREZE

Abigail assistiu, prendendo a respiração, enquanto Bayodan e Cruinn avançavam como ordenado. Os cascos de Bayodan estalaram no chão de pedra enquanto ele conduzia seu companheiro até o que era, para todos os efeitos, a força.

Cruinn agarrou a manga do rei-bode, sua expressão de vidro fraturado de intensa preocupação e medo. A cabeça de Bayodan estava erguida, seus olhos carmesins não revelando nada enquanto ele olhava para o Rei Unseelie.

Foi então, bem naquele momento, que ela percebeu que... Não queria vingança.

Ela não queria que eles sofressem.

Ela ainda estava furiosa com eles, sim, mas isso não era o mesmo que desejar que eles sofressem por isso. No entanto, ela se perguntou o quanto ela teria a dizer sobre o assunto. Valroy era, se nada mais, uma força da natureza.

Literalmente.

Ela suspirou e passou a mão no rosto.

— Vocês são acusados de traição. — As palavras de Valroy foram transmitidas facilmente no silêncio da sala do trono. — Não apenas de amigos e parentes da raça Seelie. Não apenas do seu rei recém-coroadado. — As mãos dele se fecharam em punhos e ela viu o sangue escorrer pelo espaço entre os dedos, as unhas afiadas perfurando as palmas das mãos. — Mas de um homem que acreditou em vocês como aliados. Que acreditou em vocês como *amigos*.

Bayodan não disse nada. Cruinn deu meio passo atrás de seu companheiro, seu aperto apertando sua manga.

Valroy riu baixinho, incrédulo. — E vocês não têm nada a dizer por si mesmos?

A única coisa que revelou que o rei-bode poderia estar sentindo alguma coisa foi o leve tique em sua mandíbula que desapareceu assim que surgiu. Nem mesmo seu rabo balançava atrás dele, como parecia sempre fazer.

— Muito bem. — Valroy zombou. — Então eu declaro vocês dois culpados. Alguém presente deseja discutir comigo? — Ele abriu suas asas, e Abigail observou como a Corte Unseelie se encolheu com medo.

Não. Ela supôs que eles não desejavam. E com certeza, eles estavam todos em silêncio, olhando para Valroy com os olhos arregalados, exceto por Anfar, que estava olhando para a cena com uma expressão fria e impassível.

— Bayodan, eu o sentencio a sofrer cada ponto de dano que foi pago a mim pelos Seelies. Você deve pagar, gota a gota, centímetro por centímetro, pedaço por pedaço, por cada corte da lâmina, cada cair do machado. Curandeiros cuidarão de você entre cada ferida para garantir que você não morra até que eu tome sua cabeça como Titânia tentou fazer comigo. — A expressão de Valroy se transformou em uma maldade quase maníaca com as palavras.

Cruinn fechou os olhos com força e inclinou a cabeça perto de seu companheiro.

— E você... Cruinn, o metamorfo. Cruinn, o inflexível, cujos atos traiçoeiros não se estenderam apenas a seu rei e rainha, mas a Anfar, que não teve *nenhum papel* a desempenhar, mas permaneceu leal. — Valroy bufou e balançou a cabeça. — Que vergonha, Cruinn. Que vergonha. Mas como posso garantir que você também sofra, quando nenhuma faca ou lâmina pode

acabar com você? — Foi quando ele riu. Baixo e calmo, e isso enviou um arrepio na espinha de Abigail. — Tenho algo especial para você.

Ele deu um passo em direção a Bayodan e Cruinn, suas mãos finalmente se soltando dos punhos, as pontas dos dedos e garras manchadas de vermelho. — Vou cortar você em mil pedaços. Cada pedaço deve ser colocado em uma caixa de ferro. E cada caixa será espalhada aos ventos de Tir n'Aill, da Terra e de qualquer outro reino que eu possa encontrar. Você não deve morrer, Cruinn... Não se engane. Mas, oh, como você *gostaria* de fazer isso.

Cruinn soltou um gemido pequeno e agonizante, mas não disse nada.

O estômago de Abigail estava dando nós, e ela temia que pudesse vomitar. Ela se sentiu um pouco tonta enquanto o sangue corria por ela com a imagem mental do que estava para acontecer com seus antigos guardiões. — Não.

Ela não sabia como o espaço poderia ter ficado mais silencioso. Mas aconteceu.

Valroy virou-se para ela lentamente, com a sobrancelha arqueada. — O que você quer dizer com '*não*'?

— Eu... Não discuto que não deveria haver punição. Exílio, talvez. Envie-os para o mundo humano e deixe-os permanecer lá, longe de suas casas, até que as estrelas se transformem em pó. — Ela engoliu. Sua boca ficou repentinamente seca. — Mas isso... Esse é um preço muito alto, meu rei.

Abigail lutou contra o desejo de recuar quando Valroy deu um passo em direção a ela, cada grama o predador que ele realmente era. — Oh? — Ele sorriu, perverso e sombrio. — E você tentaria decidir o destino deles? Você? Minha noiva Seelie, que nem vai usar sua coroa de prata, vai *me* dizer o que fazer?

Ela se sentiu tão pequena quando ele se aproximou dela, usando sua altura e suas asas para efeito total. Deuses, ele seria para sempre a criatura perigosa e aterrorizante, não importa quantas noites ela passasse em seus braços. Ela fez o seu melhor para manter a cabeça erguida e não recuar enquanto ele pairava sobre ela.

— Eu... — Ela hesitou. — Eu nunca procurarei comandar você, Valroy. Fazer isso me tornaria a maior tola viva.

Ele bufou uma vez.

Ela continuou. — Mas procurarei aconselhá-lo, sim. E nisto... Nisto, não tenho estômago para ver tal destino acontecer a eles.

— Não posso deixá-los ir embora sem pagar um preço por suas ações.
— Ele estreitou os olhos cor de safira enquanto a examinava. — Mas talvez possamos fazer uma... Troca.

Ela franziu a testa. — O que mais posso lhe dar, marido? Você tem tudo o que você buscou de mim.

— Talvez. Talvez não. — Sem aviso, ele a agarrou pela cintura com ambas as mãos e a puxou para ele, seu corpo pressionado contra o dele. Ele riu de seu grito instintivo de medo, deleite e prazer em seus olhos por sua reação. — Se você deseja ver a punição deles diminuída... Eu vou concordar com isso. Bayodan perderá um membro por seu crime. Cruinn simplesmente terá que viver com a culpa. Isso combina mais com você, meu amor?

Ela foi olhar para Bayodan, mas a mão de Valroy segurou seu queixo, mantendo-a imóvel. — A-ah. — Ele sorriu. — Não. Você decide por conta própria. Um membro dele, em troca de suas vidas.

Havia um problema. Ela sabia que havia. Seu sorriso lhe disse isso. Mas que escolha ela tinha? Como todos os jogos de Valroy, ele sempre cortava o

baralho para garantir que ela tivesse a mão perdedora. Ela lhe lançou um olhar irritado. Isso só o fez rir.

Com um suspiro, ela desistiu. — Sim. Eu concordo.

— Maravilhoso. — Ele baixou a mão e apontou para onde Bayodan e Cruinn ainda estavam de pé. — Pegue o membro que quiser, minha rainha.

Seus olhos se arregalaram. — *O quê?*

— Você escolheu o castigo. É sua responsabilidade fazê-lo. — Seu sorriso se alargou, seus olhos brilhando com aquela diversão diabólica mais uma vez. — Tenho certeza de que suas Glé'Golun seriam mais do que capazes de remover um de seus membros se você preferir não sujar as mãos.

Ela não podia acreditar nele. Não. Não, isso não era verdade. Ela podia muito acreditar nele. — Você é um asno.

Ele gargalhou e deu um passo para trás, estendendo os braços como se dissesse “*sim, e?*” antes de se sentar em seu trono com um suspiro satisfeito.

Ela olhou para ele.

Ele gesticulou para que ela continuasse com isso.

Colocando a mão sobre os olhos, ela esfregou a têmpora com o dedo médio e o polegar. Ela lutou contra a vontade de caminhar até ele e socá-lo no rosto. Mas não adiantaria. Com um suspiro longo e aflito, ela levantou a cabeça e desceu os degraus do trono para onde Bayodan e Cruinn esperavam.

Quando ela caminhou até o imponente rei-bode, ela franziu a testa. — Eu sinto muito.

Ele sorriu, uma expressão calorosa e terna. — Você está poupando minha vida. Você está salvando meu companheiro de uma eternidade de loucura e tormento. Do que você tem que se desculpar? — Lentamente, ele se ajoelhou diante dela, curvando a cabeça com chifres. Cruinn o seguiu. Isso a

lembrou muito do momento em que juraram fidelidade a ela. E de alguma forma estranha, eles ainda a mantinham forte.

Pois foi por causa dela que eles haviam traído Valroy. E se não fosse pelas ações do rei bode, ela provavelmente estaria morta pela segunda vez. Ela colocou a mão no ombro dele. — Eu perdôo vocês dois por seus atos.

— Não merecemos. — Cruinn levantou a cabeça para olhar para ela, com lágrimas nos olhos. Ela não sabia que a criatura feita de tantos milhares de cacos de vidro quebrado poderia chorar. Mas ela não ficou chocada ao ver que o que caiu de suas bochechas brilhava, muito parecido com a neve que os cercava. — Nós não merecemos você, Abigail Moore.

Ela tentou não rir. Tentou não chorar. Tentou não gritar. Ela apenas balançou a cabeça e desejou profundamente que ela pudesse rastejar de volta na cama. Voltando sua atenção para Bayodan, ela colocou um dedo sob o queixo dele, a barba escura arranhando sua pele, e inclinou a cabeça para olhar para ela. — Eu vou deixar você escolher.

— Meu braço direito. — Ele tirou o casaco, jogando-o de lado. Ele fechou os olhos. — Como sou canhoto.

Inclinando-se, ela descansou a testa contra a dele. *Isso é o que significa ser feérica. Isto é o que significa ser a Rainha Unseelie. E aconteça o que acontecer, encontrarei uma maneira de moderar a violência do homem que amo.*

Colocando a mão no ombro de Bayodan, ela respirou fundo, prendeu o ar e o soltou. Fechando os próprios olhos, ela desejou que suas flores perigosas fossem trabalhar. Ela não podia assistir a cena. Ela não queria ver as videiras cavando fundo em sua carne, comendo tudo até o osso. Desta vez, ela ordenou que os levassem também.

Bayodan estremeceu. Ela o sentiu ficar tenso, e sua outra mão agarrou sua coxa. O som de umidade – de carne sendo devorada – revirou seu

estômago mais uma vez. Mas ela permaneceria forte. Ela suportaria esse fardo. Ela não abandonaria Bayodan.

Ele rosnou, seu aperto aumentando.

Ele não gritou. Ele não chorou. E, portanto, nem ela. Quando a ação foi feita, ela abriu os olhos. Seu braço se foi até o ombro. Antes que ele pudesse sangrar muito, ela desejou que a ferida fechasse. Ela não sabia se poderia curar alguém - ela não havia tentado antes.

Mas ela não iria deixá-lo sofrer mais do que ele precisava. Com certeza, a ferida se fechou diante de seus olhos. A pele estava vermelha e em carne viva, e ainda devia ser incrivelmente dolorosa. Mas era melhor do que a alternativa.

Ainda era tão chocante sentir aquele tipo de poder queimando entre seus dedos, quase coçando para ser usado. Era como se ela tivesse soltado um pássaro de sua gaiola, e agora ele estava ansioso para voar.

Mas libertar o bando inteiro ainda a assustava. *Um dia. Uma coisa de cada vez. O suficiente foi dado a você para lidar com isso.*

— Oh, eu vejo. Você vai curá-lo, mas não eu, quando minhas feridas ainda estavam abertas. — O sarcasmo de Valroy a tirou de seus pensamentos.
— Eu vejo onde suas simpatias realmente se encaixam, amada.

Olhando por cima do ombro para ele, ela o encontrou sorrindo. — Você se cura rápido o suficiente por conta própria.

Ele gargalhou. — Sim, sim. Arrume suas desculpas.

Revirando os olhos, ela voltou sua atenção para Bayodan, cujos olhos ainda estavam fechados enquanto ele estava claramente se recuperando da dor. Ela deu um passo para trás dele, deixando Cruinn cuidar de seu companheiro. — Seu preço está pago, Bayodan.

— Obrigado, minha rainha. Minha senhora — murmurou o rei-bode.

— Se você repetir suas transgressões, você encontrará que minha misericórdia – e a de minha rainha – será nula e sem efeito. Você entende?

— Sim, Rei Valroy – Cruinn respondeu. Bayodan repetiu a frase um momento depois, embora fosse quase inaudível.

Ela olhou para Cruinn. — E você... Uma última coisa.

Seus olhos se arregalaram um pouco com o tom dela. — S-sim, Lady Abigail?

— Peça desculpas a Anfar. — Ela apontou para o monstro marinho ainda à espreita no canto. — E você deve a ele um favor de sua escolha no futuro.

A expressão de Cruinn relaxou, e o sorriso que se formou em seu rosto foi de alívio e adoração ao mesmo tempo. — Claro. Sim. — Ele se levantou, gentilmente ajudando Bayodan a se levantar em seus - *cascos?* - antes de dirigir-se a Anfar. — Nós lhe pagamos nossas mais profundas desculpas, Lorde Anfar. Não queríamos prejudicá-lo, mas fizemos apenas o que devia ser feito. — Ele baixou a cabeça. — Nosso truque foi a única maneira que conseguimos pensar para baixar sua guarda. Por isso, estamos em dívida com você. E como nossa Senhora ordenou, ficaremos felizes em pagar essa dívida.

Anfar ficou em silêncio, seus olhos totalmente negros encarando o metamorfo. Sua expressão não revelou nada. — Muito bem.

Ah, ele está muito bravo. Ele tem todo o direito de estar.

Cruinn inclinou a cabeça e, pegando o casaco de Bayodan, gentilmente levou o rei-bode para fora da sala do trono.

Ela soltou um suspiro que não percebeu que estava segurando.

— Nós terminamos. — Valroy se levantou do trono e se envolveu com suas asas como uma capa. — Vocês estão todos dispensados.

A corte não perdeu tempo em desaparecer nas sombras da floresta circundante. Puck soprou-lhe um beijo e desapareceu um segundo depois, e ela balançou a cabeça para as travessuras do homem.

Quando eles estavam sozinhos, ela se preparou e voltou sua atenção para Valroy. Ele estava olhando para ela, aquele leve sorriso em seu rosto, brilhantes olhos cor de safira piscando com algo que ela não conseguia nomear.

Depois de uma pausa, ela falou. — O quão bravo você está?

— Com você? Hum. — Ele desceu os degraus, tomando seu tempo enquanto se aproximava. Ele serpenteou um braço ao redor dela, puxando-a para ele mais uma vez. — Nada que uma boa surra não compense.

Ela não pôde deixar de sorrir para ele. — Mesmo? Acho que minha mão vai ficar dolorida, no entanto. Talvez você também devesse deixar suas feridas cicatrizarem antes de me deixar dobrar você.

Ele uivou em gargalhadas, seus braços envolvendo-a em um verdadeiro abraço. Sua expressão finalmente suavizou, revelando a ternura que ele estava escondendo. — Eu não estou zangado com você, Abigail. Eu queria vê-los sofrer. Mas contanto que eu consiga algo em troca... Acho que não me importo de acalmar minha sede de sangue. — Ele beijou sua testa. — Você foi magnífica. — Depois de uma pausa, ele grunhiu. — Mas estou muito zangado por você não ter pensado em curar *minhas* feridas.

— Eu não sabia que podia.

Ele bufou. — Dificilmente uma desculpa. — Mas ainda havia uma pontada de sorriso em seu rosto. — Venha, minha querida. Eu estou com fome. Ver toda aquela carne crua...

Em seu lamento de desânimo, ele gargalhou.

Ela o segurou enquanto ele os dobrava pelo mundo.



Valroy não podia ser mudado. Mas talvez ele pudesse ser acalmado.

Talvez haja esperança para o futuro, afinal.



CAPÍTULO QUATORZE

Titânia sentou-se no cobertor vermelho que estendeu na neve ao lado do Lago das Dores. Estava quieto, nenhum pássaro ou animal permanecia por este lugar. A água, se é que se pode chamar assim, nunca congelava, por mais frio que o ar ficasse. A superfície opalescente brilhava à luz do nascer do sol, lançando âmbares e laranjas para dançar com o resto.

Tinha parado de nevar, e a cobertura branca era grossa e nova, e se ela tivesse uma mente diferente, ela gostaria de brincar com os outros Seelies que se reuniram na floresta do lado de fora de sua casa para atirar bolas de neve e construir estruturas caprichosas.

Mas não. Hoje ela tinha uma mente diferente, de fato.

Colocando a cesta de piquenique ao lado dela, ela abriu uma das duas garrafas de vinho dentro. Um era tinto e o outro era branco.

Ela se serviu de uma taça do tinto e bebeu. O cheiro estava bom - não havia nada no cheiro da garrafa para alertá-la de que alguma coisa havia sido alterada com a substância. Mas foi o sabor que o denunciou. Algo que era um pouco acre demais. Um pouco amargo demais.

Mas era o que era.

Ela bebeu o vinho novamente. Foi menos ofensivo na segunda vez. Partindo um pedaço de queijo e pão, ela começou a tomar seu café da manhã e observar o nascer do sol.

E ela esperou.



Alguém estava beijando a bochecha de Abigail, apenas uma hora depois que ela adormeceu. Com um baixo humm, ela piscou e abriu os olhos. Valroy estava ao lado dela, ele mesmo dormindo profundamente. Portanto, não era ele que...

— Sshh... — Uma mão passou suavemente sobre sua boca. Virando-se de costas, ela olhou para o rosto sorridente de Puck. Ele colocou um dedo sobre os lábios, indicando que ela deveria ficar em silêncio.

Piscando em confusão, ela não sabia o que fazer, de acordo o manto do sono a deixava atordoada.

— Você tem que vir comigo — ele sussurrou. — É muito, muito importante.

O sol tinha acabado de nascer. O que poderia ser tão urgente? Mas ela assentiu, e quando ele saiu da cama para dar alguns passos para ela ficar de pé, ela esfregou os olhos, tentando afastar a sonolência persistente.

Saindo de debaixo dos cobertores, ela convocou roupas mais quentes para vestir. Um suéter de lã grossa e uma capa serviriam. Ela estava com inveja de Valroy e sua pele, mas usar a pele de um animal parecia profundamente errado agora.

Puck estava de pé na beirada do quarto, acenando com a mão para que ela o seguisse. Com um aceno de cabeça, ela caminhou até ele e sussurrou: — O que foi?

— Isto é uma emergência. Por favor, apenas venha. — Ele pegou a mão dela. — Você vai entender em... Meia hora.

— Isso é perigoso?



— Para você? Não. Vou ficar por perto apenas no caso. — Ele sorriu. — Você pode confiar em mim. — Quando ela estreitou um olho para ele em resposta, ele riu baixinho. — Eu sei, eu sei. Ande, do mesmo jeito.

Com um suspiro, ela deu de ombros. Certo. Por que não? Por que não adicionar um pouco mais de caos à sua vida? Embora, apesar de sua resposta sarcástica... Ela honestamente confiava nele. Ela sabia que provavelmente não deveria, quem confiava em um espião, afinal?

Mas ele nunca lhe deu qualquer motivo para questioná-lo. *Nem Bayodan e Cruinn, e você vê o que aconteceu com eles.* Não. Ela empurrou as dúvidas de sua mente para o canto de trás. Ela era muito jovem para desconfiar de todos ao seu redor. Ela sabia que era provavelmente assim que Valroy e Titânia sobreviveram. Ela chegaria a esse ponto em sua vida eterna, ela tinha certeza. Mas ainda não. — Tudo bem.

— Ótimo. — Com outro lampejo de sorriso, ele os dobrou pelo espaço. Parecia diferente de viajar pelas raízes do solo abaixo dela, e ainda a deixava vagamente nauseada. Quando reapareceu, deu um passo e olhou para a neve a seus pés. Chegava até seus tornozelos, e ela soltou um humm quando percebeu... Seus pés não estavam frios.

Ela se lembrava de todo o tempo que passou andando pelo Labirinto e de como seus pés doíam. Com outro aceno de cabeça, ela soltou um pequeno suspiro. Quão longe ela tinha chegado, ou caído, dependendo de como se olhasse para isso.

Olhando para trás, ela ficou rígida onde estava.

O Lago das Dores.

Ele se estendia diante dela, uma superfície doentia e opalescente brilhando ao sol da manhã. Todas as provas da batalha que acontecera - o sangue, a violência, os corpos - desapareceram. Tudo enterrado sob um

manto de neve branca, ou talvez tivesse sido varrido. Apagados da existência pelo próprio mundo de Tir n'Aill ou seus guardiões.

Ali, na margem, havia um grande cobertor vermelho e retangular. E sobre ele estava sentada Titânia, seu vestido rosa ao redor dela, uma capa de lã branca puxada sobre os ombros. Sua coroa de ouro estava no topo de sua cabeça, delicadas mechas de ouro tecidas quase indistinguíveis de seu cabelo loiro. Uma cesta feita de trepadeiras que Abigail sabia que estava viva estava ao lado dela.

Puck a cutucou, em seguida, empurrou a cabeça em direção à outra mulher. — Vá em frente — ele sussurrou. — Ela só quer conversar com você.

Conversar.

Isso, Abigail não acreditava. Ela olhou Puck estreitamente por um momento e pensou em gritar com ele por não avisá-la. Com um suspiro, ela decidiu que não valiam as palavras ou o ar. Saindo do lado dele, ela se aproximou lentamente de Titânia, nervosa a qualquer momento que um batalhão de soldados de armadura dourada saltasse das árvores e a matasse. Ou pior.

Ela estremeceu com a ideia do lago, das pobres almas presas em suas águas, dissolvendo-se lentamente. Nunca se afogando, nunca respirando, apenas sabendo que estavam morrendo. *Este lugar deve desaparecer antes de eu partir, mesmo que Titânia tente me impedir.*

— Sente-se, Abigail. — Titânia deu um tapinha no local ao lado dela sem olhar para ela. Ela segurava uma delicada taça de vinho tinto na mão. O vidro era tão fino que era quase invisível.

— Você vai me perdoar se eu for um pouco cautelosa com você. — Abigail manteve a guarda erguida, puxando a capa para mais perto de si. — Nós não tivemos as melhores semanas, você e eu.

— Não. Suponho que não. — Titânia suspirou. — Eu realmente sinto muito, Abigail, acredite em mim. Eu não queria que nada disso acontecesse. Eu não queria fazer de você uma inimiga. Desejei que fôssemos amigas, talvez até irmãs. — Sua mandíbula se contraiu, e ela tomou outro gole do vinho tinto.

— Eu não vou trair Valroy, se é por isso que você me trouxe aqui.

— Não. Não é.

Abigail esfregou a mão sobre os olhos. Muito bem. Tudo bem. Certo. Por que não? Ela pisou no cobertor vermelho e sentou-se ao lado de Titânia, em frente à cesta. Titânia pousou sua taça de vinho, afundando-a na neve para mantê-la firme. Ela pegou a garrafa de vinho branco e puxou a rolha do gargalo com um *pop*. Ela derramou em outra taça e ofereceu a Abigail.

Não foi sem hesitação que ela aceitou. Abigail observou a outra mulher atentamente, tentando ler algo – *qualquer coisa* – em sua expressão. Mas o rosto de Titânia era inescrutável. Ela estava simplesmente cuidando de lhe entregar uma taça de vinho. — Não está envenenado, está?

Titânia riu e sorriu pela primeira vez. — Não.

Ela tomou um gole. Era bom. Doce, mas não muito enjoativo. Ela olhou para o Lago das Dores. — Vou desmontar este lugar antes de sair daqui.

— Eu sei que você vai. — Titânia pegou seu vinho tinto e torceu a taça entre os dedos por um momento antes de tomar outro gole. — Eu não vou te impedir.

— Por que você pediu a Puck para me trazer aqui?

— Primeiro, eu... — Os ombros de Titânia caíram, e o verniz frio de sua expressão se desvaneceu e quebrou diante dos olhos de Abigail. Havia uma profunda tristeza em seus olhos. Dor, perda e... Medo. — Primeiro, gostaria de dizer que sinto muito por trair você. Por favor, não me considere tão

insensível e cruel a ponto de querer prejudicá-la por despeito pela companhia que você mantém. Ou o amor que você parece ter encontrado por aquele bastardo.

Abigail sorriu e olhou para o lago, com a árvore no centro que ainda estava em plena floração apesar da neve do inverno. Pétalas caíam de seus galhos, flutuando e esvoaçando até se juntarem na neve, rosa contra o branco. Se ela não soubesse o que era - se não pudesse sentir - seria quase lindo. Quase. — Eu aceito suas desculpas.

— Estou simplesmente fazendo o que devo para salvar meu povo. *Nosso* povo. — Titânia pegou outro pedaço de queijo e pão e comeu, parando pensativa enquanto mastigava. — Eu amo Tir n'Aill. Eu amo todo o nosso tipo. Eu nunca desejei guerra, ou morte, ou matança, mesmo dos Unseelies. Não desejo vê-los expulsos deste mundo ou de qualquer outro. Somos um povo. Um. E chegará um momento em que os humanos nos expulsarão e nos esquecerão. Seremos tudo o que nos resta.

Franzindo o cenho, Abigail só pôde assentir. Ela não discordava do sentimento. Ela sabia que a raça humana afastaria todos os lugares selvagens com o tempo. Era da natureza deles. Afinal, ela tinha sido um deles recentemente. — Não acredito que qualquer ação que você tenha tomado contra mim tenha sido por maldade, Titânia. Não concordo com o que você fez, mas... Também não sei o que teria feito diferente.

Titânia sorriu levemente. — Você quer dizer isso?

— Eu quero. Se eu estivesse no seu lugar... Se eu fosse encarregada de impedir Valroy de destruir os Seelies e a Terra, e... E quem sabe onde mais, uma vez que ele terminasse? — Abigail deu de ombros. — Eu teria, talvez, esperado os mil anos e *não* tentado matar Valroy em nossa noite de núpcias, no entanto.



Isso fez a rainha rir. Ela olhou para o lago e tomou um gole de vinho. — Sim. Acredito que foi um erro grave da minha parte. Eu queria atacá-lo quando ele estava vulnerável e distraído. Mas... Paguei caro pelo meu passo em falso e continuarei a pagar por isso até não ter mais nada.

— Valroy deseja matá-la.

Titânia soltou uma gargalhada, mais alta e mais sarcástica que a primeira. — Claro que sim. Isso é só um fato. Mas não pretendo dar-lhe o prazer.

— Você acha que pode detê-lo?

Titânia apenas sorriu e bebeu seu vinho novamente.

Elas ficaram em silêncio por um momento, com Abigail sem saber o que dizer ou fazer. Ela tomou um gole de vinho branco e comeu um pouco da comida na cesta depois que a rainha fez um gesto para ela, oferecendo a ela.

— Tenho medo de morrer.

Abigail olhou para cima, surpresa.

Titânia estava olhando para o lago, sua expressão plana. Havia um estranho tipo de resignação quebrada em seus olhos. — Tenho medo de morrer. Eu não desejo ir. Depois de tudo o que vi, depois de tudo o que fiz, você pensaria que estaria pronta para voltar à canção da vida. Com a morte de Oberon, eu... Eu nunca me senti tão sozinha. Tão vazia. Mesmo quando brigávamos, e oh, nós brigávamos com frequência, eu ainda sabia que ele estava lá. Que se eu precisasse dele, realmente precisasse dele, ele estaria ao meu lado sem pensar duas vezes. Agora que ele se foi, pensei que estaria ansiosa para me juntar a ele. Para me jogar na pira. Mas... Não. Não, isso... — Ela ofegou, lágrimas se formando em seus olhos. Ela as enxugou, irritada. — Eu não desejo morrer, Abigail.



— Talvez haja algo que eu possa fazer para dissuadi-lo, de alguma forma...

— Não. — Titânia fechou os olhos. — Não. Você não poderia. Nem mesmo você, que tem tanta influência sobre ele. Minha cabeça estaria em uma estaca em sua sala do trono dentro de uma semana, se eu... — Ela suspirou e bebeu seu vinho, e serviu-se de outra taça da garrafa de tinto.

Poderia? — Por que você fala no passado, Titânia?

A rainha riu novamente, um pouco mais sombria, mas não menos sarcástica. — Não sou tão nervosa. Eu não represento nenhum perigo para você. Isso, eu juro.

Abigail ainda não pôde deixar de franzir a testa e olhou para o lago também. — Não sei como é morrer por meios normais. As Gle'Golun não me machucaram. Não senti nada ao morrer, exceto um... Um profundo sentimento de pertencimento. De me sentir conectada a algo maior. Eu não importava... Eu não era nada e ninguém. Eu era um grão de areia na costa de algum grande oceano. Mas foi tranquilo. Todas as minhas preocupações, todos os meus problemas, todas as trevas e monstros? Eles se foram. Varridos como se nunca tivessem importado. Foi como um alívio, como se um fardo tivesse sido tirado dos meus ombros que eu nunca soube que estava ali até que ele se foi.

Elas ficaram em silêncio por um minuto, talvez mais, antes de Titânia falar. — Não é da nossa natureza dizer isso. Mas para você, eu vou. Obrigada, Abigail. Obrigada por suas palavras.

Quando Abigail se virou para olhar para ela, a mulher estava sorrindo levemente. Vermelho manchou seus lábios, e por um momento ela o confundiu com o vinho. Mas quando Titânia tossiu uma vez, ela viu que... Esse não era o caso.

Era sangue.

Seus olhos se arregalaram e a preocupação a inundou. Ela ficou de joelhos e estendeu a mão para ela. — Titânia, você...

— Shhh. Eu estou bem. — A rainha afastou a mão e tomou um gole de vinho novamente, como se nada estivesse acontecendo. — Apesar de estragar o sabor, devo admitir.

— O quê... Quem... Por que? — Levantando-se em pânico, ela tentou desesperadamente encontrar uma solução para o que estava acontecendo. Ela olhou para cima para ver se Puck estava lá, talvez ele pudesse obter ajuda, mas ele não estava em lugar algum. — Eu posso te curar, eu...

— Por que você me curaria? — Titânia riu. — Oh, você é muito doce e ingênua para palavras, querida. Não adianta me curar quando eu mesma coloquei o veneno no vinho. — Ela ergueu a taça e ponderou. — O veneno de uma cobra perigosa. Funciona rapidamente. Também não é doloroso. Eu só me sinto um pouco mais entorpecida do que o normal. — Ela bebeu o vinho novamente.

— Eu... Mas...

— Shhh, Abigail. Sente-se. E me deixe falar. — Titânia riu. — Tenho tão poucas palavras em mim.

Abigail fez o que lhe foi dito e sentou-se, agora diretamente ao lado da outra mulher. Ela não disse nada, apenas estendeu a mão para colocar a mão no ombro de Titânia. Desta vez, a rainha não a afastou.

— Eu não vou deixar esse maldito bastardo tirar minha vida, Abigail. Eu não vou fazer isso. Eu vou ir como eu quiser, quando eu quiser. — Ela zombou. — Eu não vou dar a ele o *prazer*. — Ela tossiu e enxugou os lábios com um pano de dentro da cesta. Saiu só o sangue.

Com um suspiro, Titânia bebeu o resto de sua taça de vinho, dando um gole, e verificou o conteúdo da garrafa. Estava vazia. Ela riu. — Devo deixar este mundo como o vivi. Bêbada e com raiva.

Ela jogou a garrafa na neve. Estendendo a mão, ela puxou a coroa de ouro de sua cabeça e a virou em suas mãos pensativamente. — Orei ao nosso deus Dagda. Orei a ele pedindo orientação. E ele me mostrou como eu poderia salvar meu povo. Eu vi quem deve levar nosso povo para a segurança. — Ela estremeceu, mas não foi de dor. Foi de luto. Lágrimas escorriam por suas bochechas, e Abigail assistiu com horror como elas pareciam estar manchadas de sangue. — Não serei eu.

Titânia passou os dedos pela coroa dourada e, depois de uma pausa, estendeu-a para Abigail.

Abigail congelou. Ela olhou para a mulher com os olhos arregalados e com mais horror do que tinha estado um momento antes, se isso fosse possível. — O... O quê?

A outra mulher sorriu. — Se você leva ou não fisicamente a coroa, garota, não importa. Não é nada mais do que um adereço de palco glorificado.

Abigail a pegou hesitante, sentindo como se algo estivesse prestes a saltar e aterrorizá-la a qualquer momento. — Você não pode estar falando sério. Não posso...

— Você pode. Você deve. E você vai. — Titânia se apoiou nela, tossindo, tocando seus lábios com o pano mais uma vez. — Já decretei. E é minha para conceder a quem eu desejar.

— Eu... — Abigail sentiu como se ela tivesse sido anestesiada pelo veneno.



— Você agora é a Rainha dos Seelies, Abigail Moore. — Titânia encostou a cabeça no ombro de Abigail e fechou os olhos. — Proteja nosso povo, Abigail. Salve-os desse seu monstro.

— Prometo que farei tudo o que puder.

— Posso te pedir um favor, minha rainha?

Abigail não sabia o que dizer. Não sabia o que pensar. Não sabia o que fazer. — C-claro.

— Você vai me segurar enquanto eu morrer? Eu... Acho que ainda estou com medo.

Lágrimas ardiam em seus olhos, mas Abigail não se incomodou em enxugá-las. Ela puxou a capa ao redor da outra mulher e a segurou em seus braços, descansando a cabeça sobre a dela. Titânia parou de tossir um minuto ou dois depois. Ela sentiu como a respiração da mulher começou a ficar apertada, então começou a desacelerar.

Ela não gritou. Ela não teve espasmos. O veneno silenciosamente fez seu trabalho.

E em silêncio, ela segurou Titânia enquanto sua vida terminava.

E somente quando ela se foi, Abigail se permitiu chorar.



CAPÍTULO QUINZE

Abigail nunca se sentiu mais perdida em sua vida.

Não quando Marcus partiu.

Não quando ele vendeu a casa debaixo dela.

Não quando ela foi sequestrada para o Labirinto.

Não quando ela se viu refeita como uma Seelie.

Abigail sentou-se nos degraus do trono dourado e olhou para a coroa em suas mãos. E ela simplesmente... Não sabia o que fazer.

Uma vez que Titânia se foi, ela descarregou sua raiva no Lago das Dores, dividindo-o. Ela havia ordenado que as raízes do mundo se abrissem e engolissem o terrível líquido no chão. Ela colocou suas Gle'Golun sobre todos aqueles que estavam presos lá, acabando com seu sofrimento.

Quando tudo terminou, ela se sentou ao lado do corpo de Titânia, chorando, por algum tempo.

Puck teve que afastá-la, murmurando para ela que outros estavam vindo para cuidar do corpo. Ele a informou que os Din'Lae já estavam informados de sua morte e que ela precisaria se dirigir à corte ensolarada. Os Din'Lae gostariam de falar com ela. E rápido.

Pois ela agora era a Rainha Seelie.

A coroa de ouro em suas mãos...? Era dela.

E é uma farsa. Essa coisa toda é uma farsa. Mas aqui estava ela. E aqui ela não teve outra escolha a não ser esperar que os cortesãos se reunissem. E ela sabia que eles ficariam furiosos. E por que não ficariam? Titânia, sua legítima



governante, havia cometido suicídio para evitar ser assassinada. E ela não tinha direito ao que lhe fora dado. Nenhum direito de sentar-se no trono.

E era por isso que ela estava sentada na frente dele. Não porque desejasse sentar-se nas pedras frias. Mas porque simplesmente não parecia dela. Nem ela pensou que seria por muito tempo. Se seu ridículo “reinado” durasse tanto tempo.

Levou apenas alguns minutos antes que uma multidão de cortesãos Seelies se reunisse diante dela. Cada um parecendo assustado e nervoso, murmurando um para o outro. Quando Puck assentiu, sinalizando que todos estavam presentes, Abigail se levantou e se viu mais uma vez se dirigindo a uma multidão de feéricos na sala do trono.

Como sua “rainha”.

Ela tirou o capuz de sua capa da cabeça e olhou para os Seelies. Cada um era lindo e único à sua maneira. Uma mulher que parecia ser feita de gelo estava empoleirada em cima de um galho próximo, asas cristalinas batendo atrás dela. Assemelhavam-se aos de uma libélula, translúcidas e cheias de veias.

— Titânia... — Ela fez uma pausa e começou de novo. — Titânia escolheu acabar com sua vida. Ela queria garantir que Valroy não a tirasse dela. E quando ela morreu, ela me deu a coroa de ouro. — Ela a levantou brevemente antes de deixar cair a mão de volta ao seu lado. — Eu lhes asseguro que tudo isso é tão estranho e inesperado para mim quanto para vocês.

— Como sabemos que você não a envenenou? — Um deles perguntou. Ele era um homem cujo rosto parecia um cervo, embora o resto dele parecesse humanoide.



Puck respondeu por ela, na forma de caminhar até ele com um pergaminho dobrado e oferecê-lo a ele.

O cara de cervo hesitou antes de pegá-lo, desdobrá-lo e levar um momento para lê-lo. Ele suspirou pesadamente e passou para alguém ao lado dele. Abigail não sabia o que dizia, mas podia adivinhar. Uma missiva de Titânia, explicando suas ações, ela supôs.

— Mas por que *você*? — uma mulher exigiu. — Por que você, uma traidora da nossa espécie? Uma apoiadora Unseelie?

— Primeiro, eu não sou uma apoiadora Unseelie. Eu não sou uma apoiadora Seelie. Busco a paz para ambos. — Abigail cerrou o punho, a raiva afinando sua voz. — Eu negocieei por mil anos, apenas para Titânia destruir tudo quando tentou matar Valroy em nossa noite de núpcias!

Balançando a cabeça, ela olhou para o campo nevado que descia a colina íngreme onde ficava a sala do trono. Dava-lhe uma vista maravilhosa das florestas de Tir n'Aill. — Não vou argumentar que não pertenço a este lugar. Não vou argumentar que não tenho direito ao que me foi dado. Mas o que não vou suportar são acusações de que de alguma forma desejo estar de acordo com os planos de guerra de Valroy, quando isso não poderia estar mais longe da verdade.

Os cortesãos permaneceram em silêncio e, diante da falta de resposta, ela olhou para a coroa em sua mão. — Titânia acreditava que eu deveria ficar no caminho de Valroy. Que com isso, eu de alguma forma o impediria de seus planos de destruir os Seelies e os humanos.

— E é isso que você pretende fazer? — Alguém perto da parte de trás perguntou.

Com um leve encolher de ombros, ela fechou os olhos. Ela podia ver o centro do quebra-cabeça que ela deveria resolver – o labirinto que se estendia

diante dela. Seu objetivo era claro, impedir Valroy de destruir seu povo, novo e velho. Mas como ela pretendia chegar lá? Como ela pretendia *fazer* isso?

Parece que sempre vou resolver labirintos.

Finalmente, ela respondeu. — Sim. Não sei se vou conseguir. Mas vou ficar no caminho dele.

— Mas você é a rainha dele. Você ama ele.

— Eu sou, e eu o amo. Mas isso não significa que eu concordo com seus objetivos, nem que vou ficar do lado dele se ele for para a guerra. — Ela se virou para falar com os Din'Lae. — Eu não vou traí-lo. E não deixarei de amá-lo. Mas se isso significa que eu tenho que pegar uma espada e uma lança — o pensamento dela empunhando uma espada a fez rir — e enfrentá-lo? Eu irei. Eu sou Seelie. E eu tenho um dever a cumprir.

— Mas você é a *Rainha* Unseelie — alguém na multidão insistiu.

— Sim. Mas por essa mesma lógica, Valroy agora é o Rei Seelie. — Suas palavras geraram uma reação variada. Alguns dos cortesãos riram. Alguns deles gemeram. E muitos deles resmungaram com raiva para si mesmos ou para os outros. — As coisas mudaram — ela declarou simplesmente. — As coisas estão estranhas. E eu não sei o que vai acontecer. Eu não sei o que vai acontecer a seguir. Mas farei tudo o que puder para salvar seu povo. Nosso povo. Juro isso a vocês, todos vocês, prefiro morrer de novo do que ver este mundo desmoronar sob o machado de Valroy.

Depois de uma longa pausa enquanto os Din'Lae se olhavam com cautela, uma mulher deu um passo à frente. Ela era uma bela criatura cujos membros eram os galhos retorcidos de árvores. — Eu apoio você, Rainha Abigail. Estarei ao seu lado, aconteça o que acontecer.

— E eu também — disse outro.

— E eu também.

Todos, exceto dois, juraram fidelidade a ela no final. Uma criatura alta e rude feita inteiramente de pedra, e outra que parecia feita de nada além de fumaça.

Ela inclinou a cabeça para eles. — Eu respeito suas escolhas, e... Eu não culpo vocês. Se eu estivesse no seu lugar, provavelmente também não acreditaria em mim.

— Você nos expulsa? — O homem de pedra disse através de um resmungo.

— Não. Desejo ouvir suas vozes. Seus pensamentos. — Ela olhou para a coroa em sua mão e mais uma vez fechou os olhos. — Sou jovem. Uma fração de anos em comparação com qualquer um de vocês. Eu... Não posso fazer isso sozinha.

— Ainda bem que você me tem! — Puck gargalhou e apareceu ao lado dela de repente, jogando os braços ao redor dos ombros dela por trás dela e beijando sua bochecha. Ele tinha alguns centímetros sobre ela, então era fácil para ele se enrolar sobre ela como sua capa, para melhor ou para pior.

Quando ela foi enxotá-lo, ele ficou rígido. — Oh, não. — Puck desapareceu em outro piscar de olhos, foi tão rápido quanto tinha chegado. Ela não sabia o que o havia assustado por um momento, antes que ela tivesse sua resposta.

— Onde ela está, Titânia? Me enfrente, sua *puta* traiçoeira!

Era isso.

Valroy.

Os Din'Lae se espalharam quase mais rápido do que ela podia ver, cada um deles desocupando a sala do trono em instantes. Nenhum deles queria enfrentar o terrível Rei Unseelie, que apareceu na entrada da sala do trono, uma espada em cada mão e assassinato em seus olhos. Eles não ousaram

atacá-lo, nem mesmo em plena luz do dia. E ela não os culpou por um grama de seu medo.

Sua expressão cintilou e se transformou em confusão quando ele a viu. Abigail balançou a cabeça, nem mesmo sabendo por onde começar.

Valroy baixou as espadas, inclinando a cabeça com curiosidade enquanto dava um passo em direção a ela. — O que aconteceu, bruxinha?

— Eu... — Ela ergueu a coroa de ouro fracamente. — Titânia está morta. O Lago das Dores foi destruído.

Ele fez uma pausa, piscou e depois riu. Verdadeiramente riu, como se fosse a notícia mais engraçada ou mais alegre que ele já tinha ouvido. As espadas desapareceram de suas mãos, e ele se dobrou, uivando de diversão.

Ela suspirou. — Valroy, não é engraçado.

Ele se endireitou de volta, sorrindo maliciosamente. — Ah, mas é! Esta é a melhor coisa que eu vi em anos. Você, minha querida, doce e maravilhosa rainha, assumiu a responsabilidade de *matar* minha inimiga por mim! E você ainda tem a coroa dela como prova.

— Não... Não foi assassinato. — Ela se encolheu. Ela sabia que essa conversa não ocorreria bem. Nada bem. — Foi suicídio.

O sorriso de Valroy desvaneceu-se ligeiramente. — Oh?

— Ela queria acabar com a vida dela antes que você fizesse isso por ela. — Abigail fechou os olhos e tentou não pensar na perda de Titânia. Elas não tinham sido amigas de verdade. Elas não eram aliadas. Ela não sabia por que sua morte a machucava tanto. *Talvez porque ela é - era - uma lenda, e havia algum consolo em saber que ela existia.* — Ela bebeu uma garrafa de vinho misturado com veneno. Ela me chamou para falar comigo, e Puck me trouxe até ela enquanto você dormia.

— Hum... Bem. — Ele deu de ombros e caminhou em direção a ela. — Não é tão divertido quanto se você mesmo a tivesse matado, mas suponho que ainda estou feliz em ver isso feito! A vadia está morta, e agora o trono Seelie está vago. Vai tornar tudo mais fácil...

— Não está vago.

Ele congelou. Por um momento, parecia que ele ia perguntar a ela quem havia assumido o trono, antes que seus olhos cor de safira levemente brilhantes se movessem para a coroa em sua mão e de volta para seu rosto.

Foi sua raiva repentina que tornou dolorosamente aparente que ele entendia exatamente o que havia acontecido. Isso, e seu xingamento. — Aquela *puta*. Aquele rameira insuportável! Não... Isso não deve permanecer. Você é minha rainha. *Minha!*

Ele deu outro passo em direção a ela, e ela lutou contra a vontade de recuar. Ela apertou a coroa em sua mão. — Eu sou sua rainha. Eu não renuncio a isso. Mas também... Sou a governante dos Seelies.

Sua expressão suavizou, e então ele sorriu, cruel e falso. — Então ela tornou meu trabalho mais simples para mim ainda. Não haverá ninguém no meu caminho enquanto eu escravizar os Seelies e destruir a raça humana.

Aqui está.

O momento que ela teria que escolher. O momento em que tudo seria revirado *de novo*. Com um suspiro, ela colocou a coroa de ouro em sua cabeça. Era tão estranho tê-la ali. Mas se encaixava nela sem problemas. Ela encontrou o olhar de Valroy e cerrou os punhos.

Isso era tolice. Ela não podia enfrentá-lo. Ela mal conseguia entender o conceito de seu próprio poder, muito menos usá-lo para enfrentar alguém como ele. Ela era jovem, inexperiente e, por todos os meios, uma tola.



Mas ela não tinha escolha. Ela precisava fazer isso. Não havia desculpas. Pois se ela falhasse... *Espero que eu seja tudo o que Dagda lhe disse que eu era, Titânia. Pois eu mesma não sei.*

Com sua hesitação, ele estendeu a mão para ela. — Vamos, meu amor. Você e eu governaremos este mundo, e os vermes correrão diante de nossa ira combinada.

Com uma palavra, ela desencadearia o inferno. Preparando-se, ela acendeu o pavio que acenderia o barril de pólvora.

— Não.

Valroy olhou para ela.

Não.

Ela lhe disse que *não*.

A fúria o atravessou como um incêndio. Ele havia acordado com sua amada desaparecida de sua cama. Tendo sabido por Puck que ela tinha ido ver Titânia, ele tinha certeza que sua esposa tinha se tornado prisioneira da vadia.

Foi muito pior do que isso. Ele sempre quis que Abigail fosse uma rainha, mas ela deveria ser rainha *dele*! Não tomar o lugar da puta no trono Seelie!

Primeiro, foi-lhe negado o prazer de tirar ele mesmo a vida de Titânia. Segundo, ela havia dado o trono a Abigail. E isso poderia ter sido desculpável se seu dia não tivesse ido de terrível a pior com aquela palavra simples e irritante.



Não.

Ela não se juntaria a ele para destruir os Seelies e os humanos. Ele zombou. Ele podia ver o brilho de desafio em seus olhos verdes musgo. A resiliência e determinação. Mas ele também viu *incerteza*. E por que ela não teria medo? Como ela poderia ter uma chance contra ele?

Ele deu um passo lento para frente. — Mude de ideia, Abigail... Eu vou te dar essa chance pelo quanto eu te amo. Fique ao meu lado. Vamos governar Tir n'Aill juntos.

Ela hesitou antes de se afastar dele. — Você quer que eu seja a rainha das cinzas, Valroy. Você me faria governar um povo morto e escravizado. Você queimaria este mundo ensolarado e depois passaria para o próximo.

— Sim. E? — Ele riu de sua clara frustração com sua resposta irreverente. — Este mundo é meu para arruinar. Assim como a Terra. Como qualquer mundo que eu achar adequado invadir depois disso! — Ele rosnou, mostrando os dentes. — Eu sou Valroy. Eu sou o Labirinto. Não serei parado por nada nem por ninguém. — Ele deu outro passo em direção a ela, lembrando-a de quão pequena ela era em comparação com ele.

Ela vacilou. Ele se perguntou se ela se renderia. Ele rezou para que ela o fizesse. Porque a alternativa... A alternativa era um caminho que ele não queria trilhar.

Ele observou enquanto ela endireitava a coluna, endireitava os ombros e levantava a cabeça. Ela encontrou seu olhar. — Eu vou te parar.

A risada que o deixou naquele momento era tão fria quanto o vento de inverno ao redor deles. Ele fechou os olhos e levou um momento para se preparar para o que estava por vir. Seria agradável... Para ele. Para ela?

Bem.

Sorrindo, ele voltou sua atenção para ela. Antes que ela pudesse reagir, ele a agarrou pela frente da capa e a arrastou para ele, envolvendo uma asa

atrás de suas costas para prender seu peito ao dele. Ela cheirava a castanhas e especiarias de inverno. Foram-se os aromas da primavera, verão e outono. Pois ela era parte do mundo ao seu redor.

E então ele soube a verdade do que ela ganhou com a coroa.

Maldita seja você ao poço do inferno do meu pai, Morrigan. Maldita seja você pelo que você fez.

Por enquanto, sua única esperança de sucesso... Era que ela nunca descobrisse o poder que ela havia conquistado. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você acha que pode me impedir?

— Eu sei que vou tentar. — Ela olhou para ele em resposta.

Com uma risada sombria que enviou um arrepio na espinha dela, ele agarrou seu queixo e segurou seu rosto no lugar enquanto deixava seus lábios deslizarem sobre os dela, antes de sussurrar em seu ouvido. — Veremos, minha bruxinha... Veremos.

Ela gritou quando ele prendeu a coleira de ferro em volta de sua garganta e a arrastou pelo espaço entre os mundos.

Você me pertence, Abigail Moore.

Você é minha.

E ninguém mais terá você.

Nem mesmo a própria Tir n'Aill.

CAPÍTULO DEZESESSEIS

As mãos de Abigail encontraram a pedra áspera um momento antes do resto dela. Valroy a jogou para a frente sem a menor cerimônia e, tropeçando em uma grossa corrente de ferro, ela caiu dolorosamente no chão.

Olhando para cima, ela não reconheceu onde estava. Paredes de pedra a cercavam de três lados. Pareciam as antigas ruínas de alguma cultura antiga, com raízes e trepadeiras crescidas sobre. O chão abaixo dela era feito de enormes pedras colocadas e cortadas para serem praticamente planas, embora as lacunas entre elas fossem irregulares e cheias de musgo.

Embora ela não reconhecesse seus arredores, ela sabia *onde* estava. A neblina profunda e esfumaçada sobre o céu o denunciava. Afinal, o sol nunca brilharia no Labirinto.

Sua garganta coçava. A pesada coleira de ferro ao redor de sua garganta puxava sua cabeça para baixo em direção ao chão. Não estava preso à corrente em que ela tropeçou, mas ela sabia que estaria em breve.

— Ah, Abigail. — Ele a pegou mais uma vez pela parte de trás do pescoço - usando a coleira de ferro como uma alça - e a colocou de pé. Ele a empurrou para frente, e quando ela se virou para ele, ele a empurrou contra a pedra, prendendo-a ali com a garra de uma de suas asas. Ele zombou dela. — Eu esperava que não chegasse a isso.

— Me solte, Valroy. Isso não faz sentido! O quê você espera conseguir?

Seu olhar safira percorreu seu corpo e depois voltou. — Eu tenho uma lista.

— Agora não é hora de brincar! Tire essa coisa de mim! — Ela empurrou seu peito. Mas ele não se moveu.

Em vez disso, seu sorriso ficou mais sombrio. — Eu não estou *brincando*, minha bruxinha... — Ele a girou mais uma vez e a pressionou, de cara, contra a parede de pedra. Ela tentou se afastar, mas não havia nada que pudesse fazer. Mesmo que ela pudesse ser mais forte que um mortal, ela ainda não era páreo para Valroy.

Seus protestos se transformaram em um suspiro quando o comprimento de seu corpo era agora o que a prendia ali, sua coxa entre as dela. Ela estremeceu apesar de si mesma quando colocou as palmas das mãos contra a parede em uma tentativa inútil de se dar algum espaço. — Me *solta*, Valroy.

— Não. Não a menos que você fique ao meu lado, tocha na mão, e me ajude a conquistar este mundo miserável... Ou quando não houver mais ninguém para salvar, e meu negócio estiver concluído. — Ele aninhou a cabeça em seu cabelo perto de sua orelha, seus braços deslizando ao redor de seu corpo. As garras de suas asas estavam contra a pedra ao lado de suas próprias mãos. — Até então... — Ele puxou seus quadris de volta para ele, deslizando-a para cima de sua coxa. — Você é minha prisioneira, Abigail Moore.

Ela não pôde deixar de fechar os olhos com a sensação dele ao seu redor, segurando-a no lugar, resistindo a todas as suas tentativas de lutar. Seria tão fácil ceder. Seria tão fácil fazer o que ele pediu.

Virando a cabeça para ele, ela foi beijá-lo. Ele se moveu para encontrá-la, sorrindo, claramente acreditando que tinha vencido tão facilmente.

Ela mordeu o lábio dele o mais forte que pôde.

Ele rosnou de dor, seu aperto sobre ela aumentando. Quando ela se afastou, uma pequena linha de sangue escorria do canto de sua boca. Ele sorriu, e sua risada era tão feroz e cruel quanto sua expressão. — Se é assim que você gostaria que fosse, muito bem.

Ela grunhiu quando seu rosto encontrou a parede mais uma vez, preso ali pela garra de uma de suas asas, as pontas afiadas das garras descansando contra sua pele. Ameaçando-a a se mover. Ameaçando-a a inspirá-lo a apertar e perfurar sua pele.

Ele não a mataria. Ela sabia disso. Mas sempre havia o perigo do que *mais* ele poderia fazer.

— Valroy, pare com isso. Me solta.

— Eu jurei fazer a Rainha Seelie sofrer pelo que foi feito comigo. Me foi negado o meu pagamento devido da rainha anterior. Suponho que terei meu peso em ouro vindo de você, em vez disso... — Ele deslizou a palma da mão sobre o estômago dela, os dedos se abrindo. Quando eles correram sob o cós de sua calça, ela reprimiu um gemido.

E quando seus dedos correram mais para baixo de seu corpo, segurando seu núcleo, ela teve que cerrar os dentes para não gemer. Ela não lhe daria a vitória. Ela não daria.

Outra risada maliciosa estava perto de sua orelha, quando ele começou a brincar com ela. Suas asas a seguraram facilmente no lugar, permitindo que sua outra mão vagasse sobre ela, tirando sua capa e jogando-a de lado. — Você é minha, Abigail. *Minha*. E você pode negar tudo o que quiser. E confie em mim, eu sei como você gosta de fazer exatamente isso...

Ela se preocupou que pudesse ter mordido sua língua quando ele afundou um dedo dentro dela, a unha preta afiada retirada, e começou a trabalhar dentro dela. Isso forçou a respiração de seus pulmões para fora

como se ela tivesse levado um soco no estômago. Torceu nós dentro dela e fez sua pele arrepiar com algo como fogo, cada nervo em seu corpo ganhando vida.

Sua outra mão deslizou para cima de seu suéter e começou a tatear e amassar seu seio, beliscando o botão sensível entre os dedos. Quando ela não gritou, ele redobrou seus esforços. Não foi até que ela estava quase certa de que ele devia ter partido a pele que ela finalmente soltou um gemido, e ele cedeu. Apenas para mudar de lado.

Quanto tempo durou, ela não sabia dizer. Ele a atormentava, arrastando as unhas sobre sua pele para deixar vergões, mordendo seu ombro, e todo o tempo seu dedo se movia nela, prometendo mais. Prometendo o que ele estava prestes a fazer com ela.

Mas “mais” não veio.

Quando ela estava prestes a gritar com ele, exigindo que ele arrancasse suas roupas e a colocasse contra a parede e acabasse com isso, ele puxou a mão de dentro dela e, com uma risada profundamente divertida, deu um passo para trás.

Deixou-a encostada na parede, ofegante, sentindo-se superaquecida no ar frio do inverno.

— Bem?

Ela se virou e apoiou as costas nas pedras, preocupada que sem isso pudesse desmoronar. E ela o encarou o mais forte que pôde. — O que você está tentando provar?

— Que esse seu joguinho, essa pequena pretensão de *bondade*, é tudo uma farsa. Que você não quer nada mais do que me fazer te foder forte como o javali com quem te ameacei há pouco tempo. — Ele sorriu. — Não é mesmo, bruxinha?

— Querer você e amar você não tem nada a ver com concordar com você. Não tem nada a ver com tolerar suas ações. — Ela pressionou as palmas das mãos na pedra atrás dela, precisando da mordida fria das bordas rochosas para se centrar. Para tentar acalmar o fogo que ele acendeu dentro dela.

— Hum. Veremos. — Ele ponderou sobre ela por um momento, claramente pensando uma decisão. — Eu pensei em dar corda em você como um relógio e deixá-la aqui, ansiosa e sozinha. Achei que talvez fosse te provocar por dias antes de finalmente te dar o que você queria. Mas... — Sua expressão se dividiu naquele sorriso perverso que ela passou a reconhecer. Aquele que ela tanto amava quanto temia. — Quando eu já fui paciente?

O momento seguinte foi um borrão quando ele desceu sobre ela como a fera que ele era. Ela ouviu o tecido rasgando quando ele rasgou suas roupas de seu corpo e a pressionou mais uma vez de cara na parede.

— Além do mais. — Suas palavras foram pouco mais que um grunhido em seu ouvido. — Você fica tão bem assim... À minha mercê. — Ela teve pouco aviso dele lá em sua entrada antes que ele impulsionasse os quadris para frente. Levou apenas um forte impulso antes que ele finalmente tirasse o grito de sua garganta que ela havia contido até aquele ponto.

Ele puxou um de seus joelhos sobre a dobra de seu braço, deixando-a exposta. Outro impulso dos quadris, e ela o sentiu profundamente dentro dela, esticando e enchendo-a. Ela não precisava contar o número de seus piercings enquanto eles se chocavam contra seu corpo esperando para saber que ele tinha se dirigido até o fim. A dor feliz havia lhe dito isso.

Dizer que ele não estava com vontade de mostrar qualquer misericórdia a ela era colocar as coisas de forma leviana. Ele puxou para fora dela apenas o suficiente para garantir que o impacto de volta a chocasse fortemente contra a

parede e estabeleceu um ritmo que enviou estrelas disparando através de sua visão enquanto ele começou a fodê-la como ele havia ameaçado.

As garras de suas asas a prenderam ali, mantendo-a imóvel e puxando-a de volta contra seus impulsos, tudo ao mesmo tempo. Ela não conseguia impedir os sons que fazia, choramingando e chorando, gemendo de prazer enquanto ele a devastava.

Ela perdeu a conta de quantas vezes seu prazer subiu e atingiu o pico antes que ele finalmente parecesse ter algum tipo de pena dela. Seus quadris impulsionaram para frente mais uma vez, enterrando-se na base, e ele rosnou alto. Mais dois impactos, erráticos e contundentes, o suficiente para quase levantá-la da ponta dos pés, e depois um terceiro, antes que ela o sentisse inchar e pulsar. A sensação dele crescendo dentro dela foi o suficiente para mandá-la para aquele penhasco mais uma vez, gemendo.

Ele a abraçou em seu peito, os dois ofegantes, enquanto seus corpos se acalmavam de sua incursão. Ele beijou sua bochecha então, lentamente, antes de soltá-la e se afastar.

Por um momento, ela se perguntou se ele não mudaria de ideia.

Até que ela ouviu um *tilintar alto e metálico* e um peso pesado na parte de trás de seu pescoço a arrastou para fora do equilíbrio e para o chão. Ela caiu, acorrentada e com a coleira, nua, aos pés dele.

— Esta... É uma visão e tanto, devo dizer. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente enquanto a observava. — Acho que poderia desfrutar de você assim, meu amor. O que você acha? Um século ou dois como meu animal de estimação? Então você pode tomar seu lugar como Rainha das Cinzas.

— Me *solta*, Valroy! — Ela puxou a coleira de ferro, mas só lhe deu coceira como se ela tivesse tocada em urtigas. Ela não podia puxá-la para fora. — Você não pode fazer isso!

— Eu posso. Eu posso, e devo. — Ele convocou um grosso cobertor de pele em suas mãos e o jogou sobre ela. — Voltarei esta noite e veremos se você repensou sua posição. E se não? — Ele se afastou, rindo baixinho mais uma vez. — Talvez devamos tentar mais vezes.

Ele desapareceu.

E ela gritou obscenidades no ar vazio.

Era uma ocorrência frequente que Anfar se visse olhando para Valroy incrédulo devido a algo terrível que o idiota havia feito. Era sempre um esquema ou outro com o amigo. Ele queria estrangulá-lo de sua vida quando ele trouxe a bruxa humana para seu Labirinto. E apesar do quanto ele apreciava Abigail Moore, e pensava nela como uma amiga, ainda tinha sido um erro terrível trazê-la aqui.

Mas agora, seu “primo” bastardo havia se superado.

— Você fez o quê? — Ele mal podia acreditar nas palavras que saíram da boca de Valroy.

O Rei Unseelie estava sentado em seu trono, olhando para todo o mundo como o gato que comeu o canário. Ele tinha uma perna dobrada sobre um braço da cadeira prateada e estava rindo da expressão de raiva e choque no rosto de Anfar. — O quê? Ela está bem. Eu não a machuquei.

Anfar pressionou as palmas das mãos contra os ossos orbitais de suas bochechas e sentiu algum alívio da sensação. Isso tudo ia dar-lhe uma terrível dor de cabeça. — Você a fez prisioneira.

— Claro. — Ele disse isso como se fosse a única resposta lógica no mundo. Como se Anfar fosse de alguma forma o tolo.

— Você não pode, ela é a *Rainha Seelie*, Valroy. E, além disso, ela é *sua* rainha. — Todas as notícias da morte de Titânia e da inexplicável ascensão de Abigail ao trono ainda giravam em sua cabeça. Era tudo muito para absorver de uma só vez. E agora, tinha sido coroado como a cobertura de um bolo pelo rapto de sua própria esposa por Valroy.

— Precisamente! Ela é minha. E eu não a machuquei, velho amigo. — Valroy suspirou. — Você acha que eu ainda não a amo? Não. Estou fazendo isso, de certa forma, para protegê-la. — Ele bateu suas longas unhas pretas contra o braço do trono. — Se eu não a acorrentasse onde pudesse mantê-la segura, ela poderia tentar me impedir. E se ela ficasse contra mim em batalha...

— Você deve libertá-la. Você deve. — Anfar balançou a cabeça. — Isso é loucura, mesmo para você.

— Primeiro, estou lisonjeado que você pense assim. — Valroy sorriu, mas desapareceu rapidamente. — E segundo, não. Eu não preciso fazer nada. Eu sou rei e não respondo a você. Ela é minha prisioneira e permanecerá assim até que eu ache adequado libertá-la.

— Os Seelies reunirão seus exércitos. — Anfar cerrou um punho ao seu lado. — Eles vão marchar contra nós.

— Bom! — Ele riu. — Deixe que venham! Mas você fala falso, seu pedaço de madeira empapada. Você sabe que sim. Os Seelies só conheceram Abigail como sua rainha por apenas uma hora antes de eu levá-la deles. Eles não se levantarão para lutar pela segurança de uma mulher que não conhecem, nem teriam motivos para acreditar na sinceridade de suas palavras. Do ponto de vista deles, a traiçoeira bruxa Seelie está apenas se escondendo nos braços de seu amante.

Anfar sentiu seu maxilar apertar. — Você não sabe disso.

— Eu sei. E, além disso, mesmo se eles se *levantassem* contra mim, que chance eles teriam? Eu sou a encarnação da guerra. Eu sou morte. Eu sou carnificina e abate. Eles são um bando de sprites da floresta e elfos da lareira.

— Valroy acenou com a mão com desdém e se recostou no trono, claramente aproveitando a ação de sentar nele depois de tanto tempo. — Que bem eles podem fazer?

Havia pouca coisa no mundo que Anfar odiasse mais do que discutir com Valroy. E em uma posição acima disso era quando o bastardo estava falando a verdade. Não, ele não achava que os Seelies se levantariam para defender sua rainha. Nem teriam chance se o fizessem.

— Você está cometendo um erro grave, Valroy. — Anfar deu meia-volta e foi embora. Ele não queria mais nada disso. — Um que pode finalmente significar sua ruína.

— Veremos, velho amigo. Veremos.

Sim. Eles veriam.

Ele dobrou o espaço e chegou à cabana de Perin, ansioso para ficar longe do príncipe — *rei*, ele se corrigiu — e voltar para um lugar mais caloroso e acolhedor. Ele tinha feito o que podia para tornar a casa mais confortável. Janelas de vidro, cortinas melhores e... Um catre maior e mais forte, pois o pequeno pedaço de tecido entre os postes de madeira não suportava seus pesos combinados.

Eles aprenderam isso da maneira mais difícil.

Ele sorriu maliciosamente, mas seu humor foi arruinado no momento em que ele abriu a porta e entrou. O fogão estava queimando forte, e o calor dele era agradável em comparação com o frio da noite de inverno.

Perin levantou-se de onde estivera sentado à mesa, afiando seu sabre de abordagem. Havia uma chance de que eles pudessem precisar. Ele se

levantou e abriu a boca para falar, mas Anfar simplesmente balançou a cabeça. O selkie ficou em silêncio, franzindo a testa, enquanto Anfar se aproximava dele.

Anfar estendeu a mão e puxou o outro homem para um beijo profundo. Ele queria senti-lo. Prová-lo. Tomar consolo em seu abraço. Perin não fez perguntas enquanto embrulhava os braços em volta de Anfar, segurando-o perto.

Quando ele finalmente se afastou, Perin beijou sua bochecha, depois sua testa. Ele não perguntou o que estava errado. Ele não pediu notícias. Ele simplesmente esperou pacientemente que Anfar falasse.

Acho que não posso amá-lo mais do que já amo.

Descansando a cabeça no ombro do selkie, ele suspirou e deixou um pouco da tensão sair de seu corpo. Um pouco. Não toda. Nunca seria “toda”, e isso não era nada contra o ex-marinheiro.

— Talvez eu tenha que escolher — Anfar murmurou.

Perin o abraçou com mais força. O selkie sabia tão bem quanto ele que a situação ia piorar antes de melhorar. Ele não ofereceu sutilezas, nem chavões. Ele não deu desculpas, nem promessas de que tudo ia ficar bem.

E assim, Perin provou que Anfar estava errado.

Ele poderia amá-lo mais.

Esta noite, vou simplesmente desfrutar desta pequena paz que encontrei.

Amanhã, terei que escolher finalmente de uma vez por todas.

Valroy, ou as vidas de Tir n'Aill?

CAPÍTULO DEZESETE

— Eu suponho que eu não deveria ficar surpresa.

Abigail não sabia com quem estava falando. Valroy. Ela mesma. O ar vazio. Morrigan. Qualquer um e ninguém. Ela segurou o cobertor de pele em torno de si com mais força e soltou um suspiro longo e pesado.

Ela não podia fazer sua mágica, acorrentada como estava. Então, lá estava ela sentada, na alcova de três lados da parte arruinada do Labirinto onde Valroy a havia deixado. E ela estava nua.

Ela deveria estar congelando. Ela deveria estar encolhida no cobertor para salvar sua vida, ou juntando tantos pedaços de gravetos e galhos caídos quanto ela pudesse alcançar para tentar fazer uma fogueira. Se ela fosse uma mulher mortal, ela certamente estaria morta.

Mas ela não estava. Nem se sentia tão desconfortável, se fosse honesta consigo mesma. Seu maior aborrecimento não era o ar gelado, mas a coceira da coleira de ferro ao redor de sua garganta. Ela arrastou o cobertor de pele até a garganta, empurrando o máximo de pele que pôde sob o anel de ferro para aliviar a dor.

Estranhamente, sua respiração nem se transformou em névoa no ar frio.

Huh.

Talvez ela fosse feérica. Ela definitivamente sentiu o frio quando o inverno chegou, mas agora era como se ela simplesmente tivesse se adaptado a ele. Ou isso era o que ela tinha pensado até que ela se mexeu e notou algo estranho.

Sua pele estava... Ela abriu o cobertor para dar uma olhada melhor em sua perna, esticando-a na frente dela.

— O que em nome de...

Sua pele estava pálida, quase tão branca quanto a neve abaixo dela, com apenas um leve rosa para mostrar que ela ainda podia estar viva. Os toques de verde que existiam em torno de seus tornozelos e pulsos que tinham desbotado e afilado enquanto se estendia por seus membros agora eram... *Azuis*. Um azul pálido, como o céu aberto ao amanhecer.

Estendendo os braços, ela soltou um baixinho “huh”. Com certeza, parecia que ela havia mudado junto com a estação. Suas sardas ainda estavam lá, um punhado de pontos quase cor de carvão contra sua pele de outra forma desumanamente branca.

Seu cabelo ainda era granada. Pelo menos havia isso. Ela se perguntou de que cor eram seus olhos, ou seus lábios, já que parecia ter seguido o passo com o verde musgo de seus membros.

Ela não mudou de cor quando o outono chegou. *Eu não era rainha quando ele veio e se foi*. Ela balançou a cabeça em silêncio. Não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso, mesmo que ela entendesse o que estava acontecendo. Apenas mais uma coisa a que ela foi submetida sem qualquer aviso ou explicação.

Oh, estou de mau humor esta noite. Ela tinha muitas desculpas, ela supôs. Recolhendo o cobertor em volta de si mesma, ela se sentou no centro da alcova de pedra e soltou outro suspiro triste.

Valroy.

Maldito seja ele.

Ela estava furiosa com ele. Mas verdade seja dita? Ela não ficou surpresa. Ela não ficou nem um pouco surpresa. — Eu sabia que algo assim



iria acontecer. Eu sabia que ele me tiraria do caminho, então não iria interferir em seus planos.

Deitada de lado, ela se enrolou metade sobre e metade sob a pele. Tirou o peso da corrente de seu pescoço, embora tenha afundado a coleira desconfortavelmente em seu ombro. Não, ela não estava chocada com o que Valroy tinha feito. Do seu ponto de vista, fazia todo o sentido lógico.

Capture a Rainha Seelie para garantir que o povo ensolarado estivesse sem governo quando ele invadissem seu mundo. Se Titânia ainda estivesse viva, a Rainha Seelie estaria morta. Mas agora, ele a manteria assim – como um cachorro acorrentado dentro de sua fortaleza – até que a batalha passasse.

Uma fortaleza que era *ele mesmo*, mas que era irrelevante no momento.

Pressionando a palma da mão na pedra fria, ela tentou ouvir o zumbido do mundo ao seu redor. Sentir a canção do Labirinto, mesmo que não pudesse ouvir a canção da vida. Mas com o ferro enrolado em sua garganta, ela não conseguia sentir nada. Nada, exceto a superfície desgastada e lisa da rocha.

Sim. Ela estava de mau humor e sentindo muita pena de si mesma. Enfiando a mão de volta sob a pele, ela fechou os olhos. Não havia como saber quanto tempo Valroy esperaria para invadir a luz do dia de Tir n'Aill. Mas ele não era, como disse, uma criatura paciente.

Eu deveria salvá-los. Ajudá-los. E em vez disso, não posso fazer nada. Isso não pode ser o que Dagda te mostrou, Titânia. Isso não pode ser o que deveria acontecer.

Mas não importava o que *deveria* acontecer. Só importava o que *tinha* acontecido. E o que ela planejava fazer a seguir. — O que eu posso fazer? — Ela riu fracamente, aconchegando-se na pele ao seu redor. — Ele não vai me ouvir.





Ela estava brava. Ela se sentia pequena e indefesa. Foram apenas sua fúria e aborrecimento por Valroy que a impediram de chorar. Haveria tempo para lágrimas mais tarde, quando Tir n'Aill estivesse queimando ao seu redor.

No entanto, ela não sentia ódio em seu coração por Valroy. Ele era o que era, e nunca fingiu convencê-la do contrário. Mesmo suas ações agora estavam perfeitamente alinhadas com quem ela esperava que ele fosse.

Foi exatamente nesse ponto, quando ela começou a adormecer, estimulada por pura exaustão, que Abigail chegou a uma conclusão.

Amar alguém não impedia o desejo de dar um soco na sua cara.

Valroy entrou na alcova de seu Labirinto e não pôde deixar de sorrir levemente para o pedaço de pele coberto de neve que havia se amontoado no centro do espaço. Ele colocou o prato de comida em um bloco que tinha caído de uma das paredes muitos séculos atrás, decidindo que era uma mesa boa o suficiente para o momento.

Pobre Abigail.

Sua pobre Abigail.

Ele não estava sendo gentil com ela. Não por qualquer imaginação criativa. E ele sabia disso. Mas este era um novo jogo maravilhoso para eles jogarem. Ele seria o guarda insensível, e ela sua prisioneira indefesa. Ele sorriu com o pensamento, as imagens mentais de todas as coisas terríveis que ele faria com ela piscando em sua mente. *Talvez seja hora de ver se ela gosta do chicote ou do açoite.*



Mas não hoje.

Talvez.

Aproximando-se de onde ela estava, encolhida debaixo do cobertor que ele lhe dera, ele se ajoelhou ao lado dela. A corrente de ferro e as mechas de cabelo granada que desapareciam sob a pele eram as únicas indicações de que o que estava enrolado por baixo era sua esposa. Sua rainha. Seu animal de estimação Seelie.

Afastando suavemente o cobertor, ela murmurou e rolou de costas, sem se importar com o frio ou sua nudez em seu estado de sono.

Pelas estrelas, ele não sabia quando já tinha visto algo tão bonito em sua vida.

Sua pele estava quase tão pálida quanto o clima, manchada com tons de azul em seus pulsos, tornozelos e provavelmente ao longo da parte inferior das costas, embora ele não pudesse ver. Seus lábios eram de um azul celeste. Não profundamente escuros como os de um cadáver, mas brilhantes e cheios da promessa de gelo. Assim, também, ele sabia que seus olhos combinariam.

Nem mesmo Titânia havia alcançado tal conexão com o mundo ao seu redor.

Abigail havia se tornado a Rainha do Inverno. Assim como ela se tornaria a Rainha da Primavera, do Verão e do Outono. As Gle'Golun ainda estavam emaranhadas em seu cabelo, como sempre, pois aquela erva perniciosa nunca morreria, não importa a estação.

Se ele se tornou a Morte há muito, muito tempo...

Agora ela havia se tornado a Vida.

Ele zombou. Ele sussurrou para si mesmo, desejando que seus pensamentos fossem ouvidos pela vadia da deusa que o colocou nessa situação. Mas ele manteve suas palavras em silêncio, pois não queria acordar a pobre coisinha adormecida diante dele.



Ele deixou as pontas dos dedos roçarem as sardas na clavícula e no ombro. Elas ficaram cinza escuro. — Você é a culpada por isso, Mãe Morrigan. Este foi o seu esquema o tempo todo. Me enganar para amá-la, e então a modelar para ser minha ruína. Bem, você está errada. Desejei que ela ficasse voluntariamente ao meu lado. Eu não queria escravizá-la. Mas agora, você não me deixou escolha.

Ele estendeu a mão, correndo os dedos pelo cabelo ruivo de Abigail antes de acariciar as costas de seus dedos sobre sua bochecha. Ela estava fria ao toque agora. Quente, mas não como ela tinha sido. Até os mamilos dela estavam tingidos de azul, e ele sorriu maliciosamente, perguntando-se o que *mais* havia mudado de cor. — E se você acha que eu não vou apreciá-la alegremente assim pelos séculos vindouros? Você não sabe que tipo de criatura depravada você deu à luz. — Rindo sombriamente, ele se abaixou para deitar ao lado de Abigail, beijando sua garganta logo acima do ferro que a circundava.

Arrastando seus beijos para cima, ela murmurou em seu sono, aproximando-se dele, sentindo sua presença através de seu sonho. Ele envolveu uma asa sobre eles, seu peso apoiado em seu cotovelo próximo da cabeça dela, prendendo-a. Seus lábios roçaram os dela quando ele começou a deixar a outra mão vagar pelo corpo dela.

Quando ele segurou seu seio, apertando-o, amando como ela era tão flexível em seu aperto, ela soltou um pequeno som de surpresa contra ele.

Terminando o beijo, ele sorriu para ela enquanto ela piscava para afastar o sono. Seus olhos eram azul gelo. Quase branco, na verdade. *Agradecerei por sua beleza, Mãe Morrigan. Vou pelo menos agradecer por me dar um prêmio tão saboroso.*



— Boa noite meu amor. Você viu? Quase combinamos agora. Embora meu azul seja muito mais...

Sua cabeça balançou para o lado.

Ele levou um momento atordoado para perceber que ela tinha acabado *de socá-lo no nariz*.

Rindo, ele se sentou, tocando os dedos no rosto. Ela não tinha feito nada além de machucá-lo. — Boa noite, de fato.

— Como você se *atreve*!

— Você gosta quando eu toco em você... — Ele estava de costas, com ela montada em sua cintura. Normalmente, ele ficaria mais do que feliz em ter sua esposa nua montando nele, mas seu ato habitual não parecia ser seu objetivo. Em vez disso, ela parecia decidida a esmurrá-lo com os punhos.

Por mais engraçado que fosse.

E ele riu.

Ele agarrou seus pulsos, pegando-os facilmente do ar, e não pôde deixar de se maravilhar com a pura raiva em sua expressão. Era de tirar o fôlego.

— O que você está olhando? — Ela o encarou.

— Sua magnificência. Eu amo muito quando você está com raiva.

O grunhido de raiva e o redobrar de seus esforços para espancá-lo sem sentido o fez uivar de rir mais uma vez. Ela estava tão furiosa! Ele os virou, as costas dela pousando no cobertor de pele, as coxas ainda sobre as dele. Ela se debateu e o chutou, mas foi incapaz de impedi-lo de prender seus pulsos sobre sua cabeça sob a pressão de uma de suas garras.

— Me solta!

Ele segurou seus quadris no lugar, impedindo-a de chutar debaixo dele, ignorando os impactos de seus saltos contra suas costas e suas pernas. Ela

eventualmente se cansou, acalmando suas tentativas de fuga fúteis, e concentrou sua energia em um olhar que ele jurou que era para parar seu coração onde ele se ajoelhava.

Ele sorriu. — Você terminou? Eu trouxe o café da manhã. Embora eu possa ser convencido a comer outra coisa, se você quiser.

Seu grunhido frustrado e lívido foi quase desumano, e ela voltou a se debater embaixo dele. Ele riu divertido, amando como ela não iria desistir. E também amando a vista. Ele amou muito a vista.

— Ou podemos fazer algo completamente diferente, se você preferir...

— Ele mudou seu peso, deitando entre as pernas dela, prendendo-a no chão com uma pressão de seus quadris, provando o quanto ele gostava do show que ela estava dando.

A pressão de seu corpo carente contra o dela acalmou sua contorção, e ela respirou fundo. — Agora não é hora para isso, você...

Ele a beijou, silenciando seu protesto. Forte e áspero, reivindicando-a a cada segundo, ele segurou sua cabeça imóvel enquanto invadia sua boca com sua língua, emaranhando-a com a dela. Estrelas, como ele a queria. Como ele sempre a queria.

E como ele começou a viver no momento em que ela se rendeu a ele. Quando ela lutou contra ele com unhas e dentes, antes que seu amor e desejo por ele vencessem sua fúria e sua raiva.

Algum dia, a balança se inclinaria para o outro lado. Algum dia, seus crimes seriam demais para ela suportar, e nada que ele pudesse fazer iria conquistá-la.

Mas enquanto ela gemia contra seus lábios, seu corpo se contorcendo sob o dele de uma maneira muito diferente, ele sabia que esse dia ainda não havia chegado.



Desta vez, ele a levaria lentamente. Ele queria que ambos sentissem isso. Para saboreá-lo enquanto ele empurrava dentro dela, juntando-se e tornando-se um. Quando ele soltou seus pulsos, ela se agarrou a ele, seu nome pairando em seus lábios com cada impulso.

O que aconteceria com eles, ele não sabia.

Quando ela aprenderia a odiá-lo, ele não sabia dizer.

Mas por enquanto?

Por enquanto, ele iria aproveitar cada gota de alegria dos momentos fugazes que lhe restassem, mas esse não era o caso.

Quando tudo terminou, ele sussurrou palavras de amor para ela, abraçando-a. Sua Abigail. Sua rainha. Aquela que conhecia a verdade de sua natureza e ainda assim escolhera estar com ele.

Ela o beijou, terna e gentil, antes que aqueles olhos azuis de gelo encontrassem os dele. — Eu te amo, Valroy. Eu realmente amo.

Ele sorriu.

— Mas isso não pode continuar.

Ele a beijou, dizendo em silêncio o que não se permitiria dizer em palavras.

Eu sei.



CAPÍTULO DEZOITO

Abigail estava nos braços de Valroy. Ele estava quente, e ela se aconchegou mais perto dele, querendo a sensação de seu corpo contra o dela. Havia conforto nisso - havia paz - mesmo que a coceira da coleira de ferro em volta de sua garganta a lembrasse precisamente de quão sem paz isso realmente era.

Ela ponderou sobre o tom azul de sua pele em seu pulso, segurando-o nas marcas de tinta em seu peito. Sim, eles quase combinavam, embora a cor dela fosse muito mais pálida do que os azuis profundos de suas tatuagens.

Ela o amava.

Ah, como ela o amava.

Mas ela precisava ser livre. Ela não sabia como, nem acreditava que tivesse o poder dentro de si mesma para fazer isso sozinha. Valroy certamente não seria a pessoa a fazê-lo. Não importa o quanto ela chorasse, não importa o quanto ela implorasse, ou se enfurecesse, ou lutasse - ele a manteria aqui até que o mundo se transformasse em cinzas e pó.

E só os deuses saberiam o que restaria de sua alma quando isso acontecesse. Mas ela não podia evitar seu abraço. Ela não podia negar como se sentia em seus braços. E como ela desejava, com todas as suas forças, que o momento pudesse durar para sempre.

Ele estava dormindo, e ela estava sendo embalada atrás dele, enrolada em cobertores de pele como eles estavam no meio da alcova de pedra.

Fechando os olhos, ela se deixou levar pelo abraço dele. E seus desejos se transformaram em orações.

Eu preciso ser livre.

Eu preciso pará-lo.

Por favor, deuses, me ajudem.

Perin entrou na clareira, alguns passos atrás de Anfar. Ele não pertencia aqui. Deuses de tudo, ele não pertencia a qualquer lugar *perto* desta situação. Mas lá estava ele, sua pele sobre os ombros, e fez o que havia prometido fazer – ficar ao lado de Anfar.

E fazer o que podia.

Em uma maldita *guerra do caralho*.

Ele odiava cada passo que dava. Ele odiava cada segundo disso. Ele queria sentar em sua cabana quente e fazer amor com Anfar. Ele queria ter uma temporada de Yule tranquila e agradável. Não esse absurdo.

Não travando guerra contra seu próprio rei em segredo para salvar sua rainha.

Somos traidores para sequer considerar o que vamos fazer. Mas isso deve ser feito. Deve. O que estava acontecendo com Abigail era uma injustiça que ele não podia suportar. Tampouco desejava permanecer nas legiões de Valroy enquanto varriam Tir n'Aill e destruíam tudo.

Anfar curvou a cabeça para os três presentes. Perin não ficou surpreso ao ver quem tinha ido ao encontro secreto. Lorde Bayodan, a manga de seu casaco levantada para revelar seu braço esquerdo perdido. Cruinn, que parecia gelo em seus arredores nevados. E lá, sorrindo largamente, estava o louco e mestre espião.

Correção. Não havia três de pé na clareira.

Havia quatro.

Uma pequena elfa de lareira estava atrás de Puck, torcendo as mãos. Sua capa estava manchada de farinha nas bordas, e ela parecia histericamente deslocada. Perin franziu a testa.

O que, em nome do testículo esquerdo de Leviatã, uma *elfa de lareira Seelie* estava fazendo aqui?

Provavelmente o mesmo que um ex-marinheiro tolo que virou selkie.

Ele sorriu levemente para a mulher. Seu rosto redondo estava tenso de nervosismo, seus cachos escuros amontoados desigualmente atrás do capuz de sua capa verde. Mas ela ainda sorriu, cautelosa como era, de volta para ele.

Eles compartilhavam o fato de que ambos estavam profundamente fora de seu alcance e não tinham nada que estar lá, mas “lá” era onde eles estavam, da mesma forma. Ele sentiu uma simpatia instantânea pela mulher.

Puck se esticou, suas costas estalando audivelmente enquanto ele fazia. — Bem! Agora estamos todos reunidos. Aqueles de nós que são necessários para impedir que esse show de merda aconteça.

Bayodan acariciou a barba pensativamente. — Você foi vê-la?

— Não. — Robin Goodfellow suspirou. — Ele a escondeu, até mesmo de mim. Posso dizer que ela está no Labirinto, mas não posso dizer *onde*. — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Isso me irrita.

Cruinn franziu a testa e abraçou o braço de seu companheiro. — Os exércitos estão se reunindo. Valroy disse a eles que marcharemos dentro de alguns dias. Não há como pará-lo agora. — Cruinn suspirou e olhou para a elfa doméstica. — Uri, e os Seelies?

Depois de gaguejar por um minuto inteiro e olhar ao redor como se a própria escuridão fosse devorá-la, Uri conseguiu engolir seu medo o



suficiente para falar. — Reunimos o máximo que podemos. Mas os lordes e ladies discutem sobre quem deve liderar, com Abigail ausente. Eles... Não sabem como libertá-la.

— Eles desejam mesmo libertá-la? — Anfar balançou a cabeça.

— S-sim, eles desejam. Eles sabem que precisam dela, gostem ou não.

— Uri puxou a capa em volta de si mesma, olhando para a floresta ao seu redor mais uma vez. — Alguém precisa brigar para organizar nosso exército. Isso é tudo.

— Eu sugiro que você encontre alguém para fazer isso — respondeu Bayodan. — Pois se vocês não se reunirem, temo que nossas forças destruam as suas sem vacilar.

— Eles devem fazê-lo de qualquer maneira! — Uri se encolheu e balançou a cabeça. — Qual é o sentido de tentar? Valroy não pode ser parado. Não há ninguém entre nós que possa se opor a ele.

— Ah, há. — Puck suspirou. — Mas ela está acorrentada em um buraco em algum lugar. Não, crianças, se queremos salvar o mundo, temos que libertar Abigail.

Os ombros de Anfar caíram e ele passou a mão pelo rosto. Perin colocou a mão em suas costas, fazendo o possível para apoiar seu amigo e amante, mesmo que não houvesse muito mais que pudesse fazer. Ele certamente não ia falar e dizer merda.

— E como você propõe que façamos isso, mestre espião? — Bayodan arqueou uma sobrancelha escura. — Nós juramos protegê-la e permanecemos fiéis às nossas promessas. Mas devemos encontrá-la antes que possamos libertá-la.



— Então é isso que devemos fazer. — O tom de Anfar soou tão... Derrotado. Tão vazio. — Devemos desafiar Valroy. Devemos traí-lo. — Ele ficou em silêncio por um momento e balançou a cabeça. — Eu devo traí-lo.

Perin se aproximou dele. — Não, Anfar... Nós podemos encontrar outra maneira, nós...

— Não há outro caminho. — As mãos de Anfar se fecharam em punhos. — Pense. Bayodan e Cruinn são traidores conhecidos. Eles não poderão andar no Labirinto sem escrutínio. Se Puck não consegue encontrá-la, então ela está escondida em seu labirinto. Certamente não enviaremos a elfa Seelie. — Ele fez uma pausa. — Sem ofensa.

Uri bufou. — Nenhuma tomada, acredite em mim.

Perin não perdeu o fantasma de um sorriso de Anfar antes de soltar outro suspiro e olhar para as estrelas e a lua acima. — Não. Será eu. Eu sou o único que ele não vai questionar vagando por sua casa.

— Eu irei com você. — Perin passou a mão para a de Anfar e a segurou com força. — Vamos juntos. Ele vai achar romântico, talvez, e nos deixar em paz.

Anfar soltou uma gargalhada. — Você provavelmente está certo.

— Uma vez que vocês a encontrem, vocês vão nos convocar. — Bayodan sorriu. — Acredito que conheço uma maneira de atrasá-lo o suficiente para Abigail assumir o comando.

— Bom. Então, está resolvido. — Puck colocou as mãos em concha na frente do rosto e soprou nelas. — Anfar vai se esgueirar pelo Labirinto para encontrar Abigail. Então ele vai deixar o resto de nós entrar. Ela assume o exército Seelie, e... — Ele pausou. — E depois?

O silêncio reinou por um momento, antes que Anfar o quebrasse. Ele se afastou da reunião e começou a caminhar para a floresta. Ele não iria querer perder tempo – e não havia tempo a perder, afinal.

Com uma palavra, ele disse o que todos estavam pensando.

– Guerra.

Abigail cutucou o ensopado que Valroy lhe trouxe com uma colher. Ela o olhou de perto, misturando os pedaços de vegetais em um caldo que ele preparou para ela. Não que fosse *ruim*, por si só. Era só que... Não. Não, era ruim.

– O que foi? – Ele sorriu. Ele acendeu uma fogueira no centro da alcova e, embora ela não parecesse se importar nem um pouco com o frio, era bom estar quente.

– Bem... – Ela não sabia como dizer isso. Ela tomou uma colherada do ensopado e pensou por mais alguns momentos. – Você é um péssimo cozinheiro.

Valroy gargalhou e se reclinou ao lado dela, apoiando-se nos cotovelos. – Primeiro, eu não cozinhei. Eu não saberia o que fazer com uma cozinha se eu possuísse uma. Segundo, somos Unseelies. Pedi-lhes que preparassem comida sem carne. Acredito que isso destruiu sua visão da realidade como a conhecemos.

Ela sorriu. – Precisa de tempero. Qualquer tempero. E é basicamente o mesmo para a flora e para a fauna. Um pouco de sal e pimenta e melhora. – Ela deu de ombros. Mas era comida, e ela comeria, mesmo que tivesse gosto

de água e pedaços de abóbora e batatas. Isso evitou que seu estômago roncasse tanto quanto parecia querer fazer.

Quando ela teve o suficiente dos alimentos cozidos, ela colocou a tigela de lado e voltou sua atenção para o fogo, observando as chamas dançarem enquanto consumiam a madeira.

— Junte-se a mim, Abigail. Meu amor. — Ele pegou a mão dela e beijou seus dedos. — Por favor...

— Você sabe que eu não posso. Não importa o quanto me dói negar você. Nem vou concordar em fazer isso nunca, e você sabe disso.

— Eu sei. — Ele se mexeu, movendo-se para sentar ao lado dela, e puxou-a em seus braços. Ela não resistiu e de fato descansou a cabeça no ombro dele. — Então, vamos negociar.

Ela gemeu. — Não outro jogo, Valroy.

— Claro! Sempre outro jogo. — Ele beijou o topo de sua cabeça. — Você vai ouvir minha proposta, poderosa Rainha Seelie?

Ela suspirou. Ela sabia que não seria um bom negócio, não importa o que fosse. E provavelmente seria um que ela não teria escolha a não ser concordar. — Qual é sua proposta, Rei Unseelie?

— Eu pouparei Tir n'Aill da minha ira por mil anos. Sua paz entre nosso povo será restabelecida. Eu a libertarei de suas correntes. — Ele a segurou um pouco mais apertado. — Se não de meu alcance.

Era tudo bom demais para ser verdade. — E o que você recebe em troca?

— A Terra. O mundo humano. Vamos invadi-la juntos, você e eu, e vamos refazer a Ilha como era antes. Uma terra selvagem e pura, como os Tuatha De Danann a criaram há muito tempo. Vamos restaurá-la aos dias em

que Dagda e Morrigan reinavam. Os humanos e suas invenções serão repelidos. — O desespero em sua voz de alguma forma quebrou seu coração.

— E os humanos que vivem lá?

— Eles terão a chance de fugir. E aqueles que não... Bem, eles se tornarão nossos brinquedos, como antigamente. Você será a rainha da Ilha, e eu serei seu rei.

— E suas guerras? — *Há sempre uma pegadinha.*

— Minha guerra contra os Seelies deve esperar por mil anos. E quanto aos humanos? — Ele encolheu os ombros. — Destruir suas preciosas cidades será o suficiente para mim. Vou afiar minhas lâminas sobre seus soldados enquanto eles enfrentam a maré de videiras que devolverão seu mundo patético ao pó e ao solo. — Ele riu. — Vamos, você não acha que seria divertido?

— Não. — Ela riu com ele, embora não soubesse porquê. A ideia era ridícula, talvez. — Não parece divertido. Não me deleito com a morte e o caos.

— Eu sei. É uma vergonha. Mas estou trabalhando duro para mudar isso. Algum dia você ficará em um campo de sangue e osso e rirá em triunfo. Eu sei isso. — Ele baixou a cabeça para o ombro dela e mordeu de brincadeira a carne macia.

Isso a fez gemer, e ela bateu a palma da mão contra o peito dele em protesto. Mas ambos estavam sorrindo quando ele cedeu, mesmo que rapidamente desaparecesse. — Oh, Valroy... Eu sinto muito.

— Pelo quê, meu amor?

— Que eu não sou o monstro sanguinário que você deseja que eu seja.

— Ela fechou os olhos. — Que eu não posso dizer sim a este projeto que você tem sobre o universo. Que eu não posso ficar ao seu lado nisso.

Ele a puxou para seu colo, sentando-a de lado sobre suas coxas, e passou os braços ao redor dela mais uma vez, antes de colocar uma asa ao redor deles para completar. Ele beijou sua bochecha antes de descansar sua testa contra sua têmpora. — Eu não pediria para você ser nada além do que você é. Eu te amo mais do que posso colocar em palavras, minha bruxinha. Minha Seelie. Minha rainha. Minha adversária. Se eu quero que você me ame como *eu* realmente sou, como eu poderia fazer outra coisa além de lhe dar o mesmo respeito?

Ele colocou a mão sobre o coração dela, abrindo bem os dedos. Suas unhas pretas pareciam tão afiadas com seu contraste contra sua pele pálida. — Não, Abigail Moore. Lute comigo. Me amaldiçoe. Me derrube. Fique contra mim em todas as oportunidades. Desfaça meus planos e derrube minhas forças com seu ataque. Eu me regozijarei em cada segundo disso.

— Então, deixe-me ir, e você verá isso feito.

Ele riu. — Um dia.

— Você pode imaginar o quão irritantemente frustrante você é? — Ela virou a cabeça para lançar-lhe um olhar. — Você pode até começar a enrolar sua própria cabeça dura sobre isso?

— Sim. Eu posso. — Ele sorriu. — E você ama. Não finja o contrário.

Era verdade. Ela amava. Algo sobre o desejo de bater nele sem sentido era *cativante*, embora ela soubesse que era loucura. Ela resmungou e desistiu dessa linha de raciocínio. — Deixe-me ir, Valroy. Não posso deixar você destruir Tir n'Aill ou a Terra. E temo o que será de mim se você fizer isso.

— O que você quer dizer?

— Não me deixe aqui, acorrentada a este lugar, sem nada a fazer a não ser esperar que você conte quantos mortos você colocou em estacas em comemoração. — Ela se encolheu e mordeu as lágrimas que ardiam e



ameaçavam cair. Não. Ela iria chorar mais tarde, quando houvesse algo que valesse *a pena chorar*. Por enquanto, ele não tinha feito nada além de ofendê-la. E ela chorou o suficiente por si mesma por vários séculos, tanto quanto ela podia imaginar.

— Farei mais do que contar histórias de batalha. — Sua mão deslizou para sua coxa. Ela deu um tapa, e ele cedeu. — Vamos, agora... Pense em como nos divertiremos, com você sendo meu espólio de guerra? Como posso puni-la, brincar com você, levá-la a tais alturas...

— A que custo? — Ela deslizou sua mão na dele e a segurou. Principalmente para impedi-lo de colocá-la em lugares que não deveria ir no momento. — Quando chegar a hora de tirar esta maldita coleira do meu pescoço, o que sairá daqui, sabendo que o mundo ao qual ela retorna está morto e destruído, e que ela falhou na tarefa que lhe foi proposta?

Valroy rosnou e se mexeu, colocando-a de costas no chão para ficar de pé e caminhar para o outro lado do fogo. Ela ficou ali, nua e despreocupada com seu estado de ser, e o observou caminhar diante dela.

— E o que você quer que eu faça? — Seu tom se elevou em um grito enquanto ele andava, seus dentes à mostra enquanto ele fazia uma careta com suas palavras. — Você quer que eu me renda em vez disso? Um de nós deve queimar na pira, Abigail! Um de nós deve ser destruído para que o outro persista!

Ela recuou quando ele chutou um dos troncos em chamas, enviando-o voando pela alcova para se chocar contra a parede oposta, cinzas caindo em seu rastro. Ela não se atreveu a falar.

— Eu sou o que sou! E eu sou a morte e a ruína deste mundo. Eu sou o Rei Unseelie! E isso era tudo o que eu *deveria* ser! Fui colocado aqui para





acabar com este lugar. E eu vou fazer isso. Não importa o quanto isso destrua meu coração pelo que isso fará com você.

— Valroy, eu...

— Não! — Ele se virou para ela, suas asas se abrindo com um *estalo*. — Eu vou amar o que quer que rasteje para fora deste lugar, com a alma quebrada como pode estar. Eu vou te amar, não importa o que aconteça com você. Não importa a forma que Morrigan lhe dê, ou o que os deuses podem fazer com você. Sejam vermes, moscas ou árvores, meu coração é seu. — Ele estava quase tremendo em sua fúria. — Mas verei meu trabalho ser feito, Abigail Moore. Guarde minhas palavras. Este mundo deve queimar. E se tudo o que me restar de você quando esfriar for as cinzas da mulher que amo, *que assim seja!*

Ela não ficou surpresa quando ele desapareceu um momento depois.

Nem ficou chocada quando começou a chorar.

Mas as lágrimas não eram por ela.

Não.

As lágrimas eram por ele.



CAPÍTULO DEZENOVE

Anfar vestiu o casaco, ajustando a gola grossa e as lapelas. Fazia muito tempo desde que ele o usava. Um, ele não sentia a necessidade. Dois, ele nunca saiu para o labirinto na estação de inverno. Era profundamente desagradável para alguém cuja temperatura corporal estava mais próxima da de um lagarto do que de um humano.

Mas agora ele tinha uma razão.

Perin estava sentado no catre, sorrindo para ele, de tal maneira que Anfar ficou nervoso por ele ter feito algo tolo.

— O quê? — Ele olhou para si mesmo. Nada parecia fora do lugar.

— Você parece bastante um capitão. — Perin riu.

— Eu não sou tal coisa. — Ele concentrou sua atenção nos botões de sua manga. Dois estavam faltando. O tecido preto do casaco estava gasto e esfarrapado em alguns lugares, rasgado em outros. Ele não sabia por que se incomodava em enfiar um dos botões de latão na fenda correspondente.

— Ah, vamos. Você daria um capitão fantástico.

— Eu não daria. — Ele se virou da cabana e saiu pela porta. Perin estava logo atrás dele enquanto ele apontava a mão para o chão, abrindo uma superfície de água escura como piche. Isso os levaria para o interior do Labirinto.

— Por que não? — Perin cutucou seu cotovelo com o dele.

— Não sei navegar. — Anfar deu um passo no líquido, mergulhando profundamente na substância. Ele sabia que Perin o seguiria. Quando ele saiu do outro lado, ele levou um momento para estudar seus novos arredores.

Sim, isso os levou para longe na floresta estranha e em constante mudança e no mundo do labirinto escuro que Valroy chamava de lar.

Precisamente *onde* naquela floresta em constante mudança, ele não sabia.

Embora isso realmente não importasse.

— Você não sabe navegar? — Perin grunhiu enquanto se arrastava para fora do buraco, limpando um pouco da água que se acumulava em seus braços. — De verdade? — Ele riu da ideia.

Anfar sorriu, divertido apesar de suas melhores inclinações quando eles começaram a andar pelo caminho na frente deles. — Por que eu saberia navegar um navio?

— Porque você é Anfar, filho do Leviatã.

— Eu os como. Eu não fico em cima deles. — Anfar puxou as lapelas de seu casaco para mais perto de si. Ele o havia tirado do capitão de um navio há muito tempo. Ele simplesmente gostou da aparência, e parecia uma peça cara que ajudaria a mantê-lo aquecido no tempo frio.

Ele realmente odiava o frio.

Talvez eu visite os mares mais quentes este ano. Talvez eu o leve comigo, e possamos ver o verão em uma rocha no oceano distante. Sim, parecia um momento maravilhoso, agora que ele pensava sobre isso.

Perin fez uma pausa por um momento e então balançou a cabeça. — Eu realmente deveria aprender a pensar antes de falar.

Anfar riu e deu um sorriso ao selkie. — Eu gosto quando você fala.

— Por isso, estou feliz, sob pena que eu tivesse sido comido agora. — Perin riu.

— Absolutamente. — O sorriso de Anfar permaneceu em seu rosto por mais tempo do que o normal. Isso estava começando a se tornar mais comum

na presença do selkie. Não havia felicidade em seu coração – ainda não. Mas estava chegando perto. Talvez uma vez que toda esse absurdo fosse concluído, ele pudesse se permitir desfrutar verdadeiramente da paz da companhia do outro homem.

Ele riu baixinho.

– O quê? – Perin andou ao lado dele.

– Eu estava simplesmente pensando o quanto estou ansioso para terminar todo esse negócio. Então eu percebi o quão tolo isso era.

O selkie suspirou. – Eu certamente espero que não seja tolice. Porque estou pronto para gritar. Como você aguenta isso o tempo todo?

Anfar deu de ombros. – Valroy é o mais próximo de um irmão que jamais terei. Para melhor ou pior. Apesar de todo o seu comportamento insensível, apesar de toda a sua estupidez teimosa, ele é ferozmente leal àqueles que demonstram tal lealdade a ele.

A expressão de Perin caiu, claramente lendo a inferência na declaração de Anfar. Valroy não era do tipo que traía os seus. Ele não era o tipo de apunhalar pelas costas ou trair a confiança dos outros. Não. Ele formaria exércitos para proteger aqueles que chamava de amigos.

Pena que tão poucas pessoas lhe pagassem a mesma cortesia em troca.

Há muito tempo, Anfar havia prometido – principalmente para si mesmo – nunca ser vítima das mesmas inclinações que venceram até mesmo os mais ferrenhos apoiadores do rei. Ele nunca trairia Valroy, mas simplesmente falaria seu desagrado em seu rosto.

Mesmo que isso significasse violência.

Especialmente quando isso significava violência.

Mas aqui estava ele. Fazendo exatamente a coisa que ele jurou nunca fazer. Esgueirar-se pelas costas de Valroy e tentar desfazer os planos de seu

pseudo-primo. O que mais havia para fazer? Ele não via outro caminho a seguir que não significasse destruição e ruína para todos, Seelies e Unseelies igualmente.

— Como, exatamente, tudo isso deveria funcionar? — Perin manteve a voz baixa, sabendo que poderia haver goblins ou bogles na floresta, ouvindo-os. E as hordas do Labirinto respondiam cegamente ao chamado de seu mestre.

Anfar deu de ombros. — Nós a encontramos. A partir daí, cabe ao mestre espião, presumo.

— Mas não podemos simplesmente... Valroy vai notar.

— É preciso uma distração. E confio naquele lunático para pensar em alguma coisa. — Anfar não sentia amor por Robin Goodfellow. Nenhum. Mas, em vez disso, havia uma quantidade saudável de respeito pelo homem louco. Anfar sabia quando não queria se envolver com alguém e não sentia necessidade de provar sua própria força ou valor contra Puck.

Provavelmente acabaria com muito sangue derramado em ambos os lados e não conseguiria absolutamente nada no final. Não, deixe o mestre espião planejar e jogar seus jogos. Anfar não aceitaria nada disso.

— Como planejamos encontrá-la? Este lugar... Não é exatamente previsível. Não adianta tentar *caminhar* até lá.

— Eu sei. — Anfar sentiu seu humor afundar no fundo do oceano como um barquinho de papel em uma tempestade.

— Então, qual... Qual é o nosso plano? — Perin aproximou-se dele, apertando o próprio casaco. Ele estava vestindo um casaco de lã sob a pele, mas o homem ainda parecia congelando. Anfar desejou que houvesse algo que ele pudesse fazer para ajudar no assunto, mas não era como se ele tivesse qualquer toque caloroso para dar. — Isto é impossível.

— Não. Não é. — Ele quase desejou que fosse.

— Então...

— Espere.

Perin obedientemente calou-se. Eles caminharam entre as árvores em silêncio, com nada além do ranger de neve sob seus pés. Anfar não gostava de usar sapatos - nem Perin - mas o inverno exigia. Nenhum deles era adequado para o frio. *Depois disso, vou encontrar uma fonte termal e uma garrafa de rum e ficar lá por uma semana.*

Eles não precisaram esperar muito. Valroy era, se nada mais, notavelmente previsível. E Anfar o conhecia bem.

— Indo para um piquenique?

Perin ficou rígido quando a voz cortou o silêncio da floresta no inverno. Anfar fechou os olhos e se preparou para o que viria a seguir. *Sinto muito, Valroy. Eu realmente sinto.* Virando-se para o som, ele encontrou Valroy empoleirado em cima de uma rocha como se estivesse sentado ali por horas. Ele tinha um sorriso torto e satisfeito no rosto, como se tivesse pego Anfar fazendo algo sórdido.

— Não. — Anfar manteve seu tom monótono. Não foi difícil de fazer.

Valroy riu e escorregou da rocha, caminhando até eles com toda a confiança do mundo. — Ora, ora. Não precisa ser tímido. Olá, Perin.

— O-olá, meu rei. — Perin olhou para seus sapatos, seus dedos se contorcendo como se quisesse pegar seu sabre de abordagem. Ele os enfiou nos bolsos.

Valroy riu do medo óbvio do homem antes de voltar sua atenção para Anfar. — Podemos falar em particular, primo? — Ele sacudiu a cabeça pelo caminho. — Então eu vou devolvê-lo à companhia de seu amigo.

Anfar assentiu uma vez antes de seguir Valroy a uma dúzia de passos de distância. Longe o suficiente para que Perin não os ouvisse. Embora não soubesse por que o rei se incomodava, não discutiu.

Valroy virou-se para ele e abruptamente passou os braços ao redor dele em um abraço. Os olhos de Anfar se arregalaram em choque com o movimento repentino, ficando tenso e inseguro por um segundo antes de devolver o gesto hesitante.

— Parabéns. — Valroy se afastou e, em vez disso, descansou as mãos nos ombros de Anfar. — Estou muito, muito feliz por você. — Havia verdadeira ternura nos olhos azuis brilhantes do rei. — Demorou o suficiente. Ele se importa com você, isso é claro.

— Farei o meu melhor para não arruinar isso.

Valroy riu, sorrindo. — Esse é o Anfar que conheço e amo. — Soltando as mãos dos ombros de Anfar, ele enrolou suas asas em volta de si como uma capa. — Independentemente disso, estou aqui para desejar a você tudo de bom, seu amontoado de algas marinhas encharcado e senciente.

Anfar suspirou.

Isso só fez Valroy rir ainda mais. Quando sua diversão se acalmou, ele olhou para Perin. — Por que vocês dois estão aqui?

— Você sabe o porquê.

Foi a vez de Valroy suspirar, toda diversão em sua expressão desaparecendo. — Acho que sim, Anfar.

— Você não vai libertá-la. Disso eu sei. Não vou perder meu fôlego. — Ele balançou sua cabeça. — Mas eu sei o que ela deve estar suportando.

— Você? — Valroy riu. — Suponho que você mesmo tenha provado ultimamente. — Ele cravou uma garra afiada no peito de Anfar.

Ele resistiu ao impulso de bater no outro homem. Por muito pouco. — Valroy. Você fez a Rainha Seelie prisioneira.

— Ela é *minha* rainha.

— O que ainda não lhe dá o direito de segurá-la contra a vontade dela.

— Eu pensei que você não estava aqui para me convencer a libertá-la.

— Os lábios de Valroy se torceram em um sorriso de escárnio.

— Só quero dizer que sei que ela sofre. Queremos confortá-la. — Anfar encontrou o olhar de Valroy enquanto o outro homem tentava perfurar seus puros olhos negros para a verdade interior.

Ele não iria encontrá-la.

Anfar não era um mentiroso experiente. Nem precisava ser. Pois o que ele disse era inteiramente verdade. — Não estamos aqui para libertá-la.

Respirando fundo, Valroy segurou por um longo momento, e então exalou em uma palavra. — *Está bem.* Venha. Se vocês desejam vê-la... Eu permitirei. — Ele se virou de Anfar e gesticulou com a mão no ar diante dele. O chão se arrastou e retumbou, e as árvores se moveram e cresceram em um portão estranho e enrolado, galhos irregulares como unhas afiadas se esticando e se enrolando.

E esse espaço levava a outra área do Labirinto. Uma que nem mesmo Anfar reconheceu. Parecia um castelo em ruínas, paredes de pedra empilhadas desmoronadas ou cobertas de vegetação. Janelas e vigas de teto apodrecidas há muito tempo.

— Diga-me, Perin — Valroy chamou o outro homem, fazendo com que o selkie se sacudisse de medo — você sabe fazer ensopado de legumes?

— S-sim?

— Corretamente. Como os humanos fazem.

— Eu acredito que sim? — Perin piscou. — Por que?

— Bom. — Valroy fungou com desdém e atravessou o portão, levando-os para a estranha estrutura em ruínas. — Talvez você possa animar o humor dela.

Anfar seguiu atrás do Rei Unseelie, olhando seus arredores com cautela. Ele pensou ter visto tudo o que o Labirinto tinha a oferecer. Todos os reinos de pesadelo que habitavam dentro dele. Mas não, parecia que havia algumas partes do monstro senciente que mesmo ele ainda não tinha experienciado.

Valroy os conduziu por uma série de viradas e voltas, como um quebra-cabeça humano se pareceria. Anfar tentou contar quantas esquerdas e direitas eles tomaram, mas foi inútil. *Podemos precisar escapar deste lugar com pressa. E ele não nos deixará viajar por magia se não desejar.*

Esquerda, direita, direita, esquerda, direita, esquerda...

Seria apenas uma questão de tempo até que Valroy descobrisse a verdadeira razão pela qual Anfar e Perin vieram ver Abigail. Seria apenas uma questão de horas – minutos, até – antes que eles sofressem a ira do Rei Unseelie.

Anfar só podia rezar para que Perin fosse poupado do pior. Anfar podia curar-se rapidamente e estava acostumado à dor. Mas o selkie?

Não.

Ele morreria antes de deixar o ex-marinheiro sofrer.

Direita, direita, esquerda, esquerda, reto, aparentemente dobrando para trás, mas não...

Eles chegaram a uma alcova, cercada de três lados por paredes de pedra intransponíveis e coberta por uma camada de neve.

E ali, acorrentada a uma grossa dobradiça de ferro na parede, e com uma coleira em volta do pescoço, estava Abigail.

Os olhos de Anfar se arregalaram.

Não porque a mulher estava nua, sentada em cima de um cobertor de pele e usando outro ao redor dela, sentada perto de um fogo crepitante preguiçosamente.

Mas porque ela havia mudado. Pálida como gelo, com manchas azuis em sua pele onde o verde já esteve. A estação havia se tornado a de gelo e neve, e agora ela fizera o mesmo. Foi porque ela agora era rainha?

Ele nunca tinha visto nada parecido. Alguns sprites eram conhecidos por disfarçar suas formas para combinar com a estação, mas ele não achava que era isso que Abigail estava fazendo.

Valroy estalou a língua e se virou da entrada. — Vou buscar uma panela e ingredientes para você, Perin. — Ele desapareceu.

Ao som de sua voz, Abigail olhou para cima, cautelosa e confusa a princípio. Depois alegria e felicidade ao reconhecê-los. — Anfar! Perin! — Ela se levantou e correu em direção a eles, os pesados elos de metal da corrente arrastando-se pela pedra. Quando ela alcançou o limite, ela soltou um pequeno *hurk* e riu, triste como estava. — Agora eu sei como Puck deve ter se sentido.

Perin correu para frente, abraçando Abigail em um abraço, levantando-a do chão em sua exuberância. — Você está bem? Deuses, Abigail, eu sinto muito...

— Eu estou bem. Este maldito colar coça como você não acreditaria, e eu preciso muito me livrar deste lugar. Mas estou bem. — Abigail retribuiu o abraço. — Considerando todas as coisas. — Ela ficou na ponta dos pés para beijar Perin na bochecha. — É tão maravilhoso ver vocês dois, embora as circunstâncias sejam terríveis.

Anfar deu um passo à frente e examinou os elos de ferro. Eles não seriam difíceis de quebrar. — Não temos muito tempo antes de Valroy retornar.

— Sim, *sim*, sossega seu facho, lábios de lagarto. — Puck apareceu de repente ao lado dele, piscando para a existência com tal brusquidão que fez todos os três estremecerem. — Ei, chefa! Oooh, lady sexy e de gelo. — Puck correu para abraçá-la, rindo. — É um peitinho para fora, não é?

Abigail riu de alívio, mesmo enquanto balançava a cabeça em confusão. — Eu ainda não entendo o que você está dizendo.

— Não importa! — Puck sorriu para Anfar. — Lula Molusco aqui me colocou aqui dentro. Agora é hora de tirar você.

— Mas como? — Abigail piscou.

— Eu não sou uma lula — Anfar interrompeu, olhando para Puck. Isso só fez o espião louco gargalhar.

— Mamão com açúcar. Bem. Não, na verdade não. Isso pode nos matar. Que divertido! — Puck caminhou alguns passos para longe de Abigail e foi até uma parede. Pegando o dedo, ele desenhou um símbolo na neve que havia se acumulado ali, mal cobrindo a superfície. Então ele bateu no centro do símbolo três vezes.

Magia. Magia negra. O que significava apenas uma coisa. Com certeza, a pedra se abriu como se fosse uma porta que estava lá o tempo todo.

Lorde Bayodan e Cruinn. O metamorfo correu para frente, abraçando Abigail com força. Bayodan o seguiu, embora sua saudação à Rainha Seelie fosse apenas o tapinha de sua única mão restante em cima de seu cabelo granada.

Agora os traidores estavam todos reunidos.

E o problema poderia começar oficialmente.

CAPÍTULO VINTE

Abigail não conseguia entender direito o que estava vendo. Anfar, Perin, Puck, Cruinn, Bayodan... Eles estavam todos aqui. Todos vieram para libertá-la. Ela passou os braços ao redor de Cruinn, abraçando-os com força, e sabia que se Valroy pegasse algum de seus amigos, isso significaria o fim de suas vidas.

Ou pior.

— Vocês precisam ir. Se ele encontrar vocês aqui, não serei capaz de detê-lo. — Ela pegou a mão de Anfar, e o monstro marinho a pegou, hesitantemente permitindo que ela o puxasse para um abraço.

— Não, Abigail. — Anfar a abraçou, antes de dar um beijo em sua têmpora. — Não vamos sair. Não até que você seja libertada.

Puck já estava brincando com a coleira em seu pescoço, um par de ferramentas tortas e de aparência estranha cavando na fechadura que a mantinha fechada. — Não se preocupe. Eu tenho um plano!

— Por que isso me aterroriza, Puck? — Abigail inclinou a cabeça para longe, estremecendo quando ele puxou seu cabelo por acidente. — Ai.

— Desculpe! Desculpe. — Ele voltou ao trabalho, apertando um olho enquanto continuava mexendo na fechadura.

Quando ficou claro que ele não iria informá-la sobre qual *era realmente o plano*, ela voltou sua atenção para Bayodan. — Como está seu braço?

Ele sorriu fracamente. — Não dói. Mera inconveniência. Vou me adaptar.

— Você terá mais dificuldade em se adaptar quando Valroy voltar e arrancar nossas cabeças. — Perin estava olhando para a entrada da alcova, com a mão no punho de um sabre que estava amarrado ao seu lado. Como se a espada fosse parar o Rei Unseelie.

Mas era o pensamento que contava, ela supôs.

— Calma, filhote de foca. — Puck torceu a ferramenta. A fechadura clicou, e ela a sentiu se soltar. — Tá-dá!

— Oh, deuses, obrigada. — Ela coçou a pele, esfregando os pontos doloridos, sentindo o alívio da constante sensação de queimação deixando-a. Ela sabia que não deveria dizer isso. Mas ela não se importava com razão naquele momento.

Ele riu e a apertou com força. — Eu nunca vou dizer não para salvar uma linda mulher nua. — Afastando-se, ele bateu palmas uma vez. — Tudo bem! Hora de ir. Cruinn, você sabe o que fazer. Abby, você vem comigo e Bayodan até o resto se encaixar. Anfar, Perin, apenas se façam de estúpidos. — Puck beliscou a bochecha de Perin. — O que não deve ser muito difícil para você, não é, rapazinho?

Quando Anfar rosnou e golpeou Puck, o trapaceiro desapareceu em um piscar de olhos, rindo como o lunático que era.

Perin apenas esfregou a bochecha. — Eu quero ir para casa.

Abigail poderia apoiar firmemente esse sentimento. Ela balançou a cabeça. — Ele vai me sentir se eu tentar sair pelas raízes do Labirinto. Ele provavelmente vai me sentir, não importa o que aconteça.

— E é por isso que estou aqui. — Bayodan colocou a mão pesada sobre o ombro dela. — Eu posso obscurecer você. Mas você está certa. Até que ele se distraia e saia do Labirinto, devemos viajar a pé.

— Você... — Ela hesitou, encontrando-se de repente sem vontade de dizer a verdade. *Você não entende. Ele nunca saiu do Labirinto. Ele é o Labirinto.* Mas o que ela tinha descoberto era um segredo. Um segredo profundo e que Valroy confiou a ela.

Ela mordeu tudo de volta. Não. Ela não iria contar a eles. Ainda não. — Você tem um plano para tirá-lo do Labirinto?

— Resumidamente? Sim. — Bayodan suspirou. — Em detalhes, podemos discutir isso assim que sairmos.

Cruinn se aproximou dela, seu exterior vítreo brilhando ao luar. Ele a estudou por um momento, colocando um dedo frio e suave em seus lábios. — Você realmente é muito linda.

Ela sentiu suas bochechas ficarem quentes com suas palavras, e ela sorriu. — Tenha cuidado, Cruinn. Por favor.

— Ah, nós vamos ter. — Ele a beijou na bochecha e, enquanto se afastavam, ela estava olhando para uma réplica perfeita de si mesma. Cruinn riu, sua voz combinando com a dela perfeitamente. — Você se importaria tanto se o distraíssemos primeiro? — Ele piscou para ela.

Abigail riu baixinho e balançou a cabeça. — Acho que não me importaria. Mas acho que ele sim, assim que descobrisse a verdade.

— Hum. Você está certa. Além disso, não achamos que poderíamos imitar sua habilidade e vigor, independentemente. — Ele pegou a coleira de ferro e, deslizando-a em volta do pescoço, fechou a fechadura. — Ainda podemos ficar tentados a tentar. — Ele enrugou o nariz, parecendo tanto com o próprio reflexo dela, e arranhou a pele sob a coleira de ferro. — Coisinha má.

Tomando o rosto de Cruinn em suas mãos, ela o puxou para um beijo. Era tão estranho beijar a si mesma. Mas ela fechou os olhos e lembrou a si

mesma de quem estava se despedindo. Quando ela se separou, ela pegou suas mãos nas dela e deu outro beijo em seus dedos. — Não deixe que isso seja um adeus, Cruinn. Não deixe.

— Faremos o nosso melhor. — Ele sorriu e acariciou seus dedos sobre sua bochecha. — Agora, vá, garota boba. Os Seelies precisam de você.

Com um aceno de cabeça, ela se virou e se afastou dele, ficando perto de Bayodan. Ela forçou as lágrimas a não caírem, embora tivesse que enxugar os olhos por precaução. Ela não olhou para Cruinn, Anfar ou Perin.

Pois ela não queria pensar na grande chance de nunca mais ver qualquer combinação deles.

— Não se preocupe, Rainha Seelie. — Bayodan colocou a mão no ombro dela. Ela olhou para cima e observou fascinada enquanto os olhos vermelhos puros que ele mantinha escondidos se abriram. Três em sua testa em um arco, e um abaixo de cada um de seus olhos normais. Ela não podia sentir a magia que ele exercia sobre eles, mas sabia que seria o suficiente para escondê-los de Valroy.

— Acho perfeitamente aceitável se preocupar, obrigada.

Ele sorriu. — Isto é. E sim, alguns podem perder suas vidas. É improvável que todos nós sobrevivamos ao que está por vir. Mas sabemos do risco. Entendemos o preço que pagaremos. — Seu aperto aumentou apenas ligeiramente em seu ombro.

Ela convocou roupas para si mesma, percebendo finalmente que ela estava, de fato, andando completamente nua.

Ele riu. — E estamos dispostos a pagar pelo que vamos ganhar.

— O que ganharemos é um Rei Unseelie muito furioso em pouco tempo. — Ela suspirou. — Mas... Você está certo. Ele precisa ser parado a qualquer custo.

— Lembre-se dessas palavras quando você experimentar as perdas que podem seguir, amor.

Ela assentiu uma vez e ficou em silêncio. Bayodan parecia saber para onde estava indo. Ou talvez ainda não importasse. Pois até que Valroy estivesse devidamente distraído, eles poderiam vagar em círculos sem meios de fuga.

E mesmo assim?

Ela não tinha tanta certeza de que algum deles voltariam do Labirinto.

Perin prendeu a respiração quando Valroy voltou, uma panela cheia de água e um saco de pano cheio de vegetais nas mãos. O Rei Unseelie colocou a panela de água sobre o fogo, antes de jogar o saco no chão aos pés de Perin e fazer um gesto como se Perin fosse apenas... Continuar com isso.

É assim que eu morro. É assim que eu morro. É assim que eu morro.

Pelo menos seu terror geral atual seria confundido com seu terror geral normal em torno de Valroy. Vasculhando o saco, ele encontrou uma bagunça de temperos e verduras aleatórias. Deu-lhe algo para fazer.

— Você não precisa cozinhar, Perin. — A falsa Abigail sorriu. Cruinn foi impecável em sua interpretação dela, e foi quase chocante assistir. O metamorfo era um ator fenomenal.

— Está tudo bem — ele murmurou sua resposta. — Prefiro fazer isso do que nada. — E isso era verdade. Deixado sozinho, tendo que assistir a essa cena estranha acontecer diante dele, ele provavelmente a entregaria. Então... Ele manteve a cabeça baixa e fez exatamente o que Valroy ordenou que ele fizesse.

— Como você pode ver, eu não a machuquei. Ela está perfeitamente bem. — Valroy sentou-se ao lado de sua “esposa” e se espreguiçou. — Se alguma coisa, nós gostamos desse nosso joguinho, não é?

Cruinn-como-Abigail fixou seu melhor olhar no rei.

Isso só fez o rei sorrir. Ele se apoiou nos cotovelos e soltou um suspiro, seu humor desaparecendo. — Fico feliz em ver vocês dois juntos. Eu estava preocupado que Anfar fosse minha vela para sempre.

A mão de Anfar se fechou em punho por um momento antes de soltar lentamente. — De fato.

O rosto da Abigail-falsa se iluminou com o que Perin só poderia chamar de alegria honesta e legítima. — Vocês dois são amantes agora?

— Sim — Perin murmurou. — Nós somos.

Ela sorriu. — Isso é maravilhoso!

— De fato. Que casal feliz fazemos, não é? — Valroy balançou a cabeça.

Perin não conhecia bem o homem. Não sabia como *desejava* conhecer o Rei Unseelie em todos os detalhes. Mas até ele podia ver que havia um grande desconforto durante todo o momento. — Você prefere que nós saíamos? — *Por favor, diga sim.*

Valroy olhou pela entrada da alcova, ponderando suas palavras. — Não. Fiquem. Consertem a refeição, então vocês estão dispensados. Acredito que Abigail terá poucas chances de receber visitantes em breve.

O silêncio caiu sobre eles como uma névoa fria. Cada um deles sabia claramente o significado por trás de suas palavras.

— Quando você vai atacar? — Anfar foi o único corajoso o suficiente para finalmente fazer a pergunta que todos estavam se perguntando.

— Quando o sol se puser amanhã. Eu darei aos Seelies mais um dia de tranquilidade antes de acabar com eles. — Valroy sorriu, embora não

alcançasse seus olhos. — Será glorioso. E você vai se juntar a mim, não vai, Anfar?

O monstro marinho fechou os olhos totalmente pretos. — Não concordo com sua guerra. Eu não entendo por que você não pode simplesmente estar em paz com o que você tem. Você usa a coroa de prata. Você tem uma mulher que te ama. Mas não é suficiente para você.

— Não. Não é. — Valroy sentou-se. — Fui feito para ser assim. Fui projetado para ser o destruidor. A ruína de dois mundos, se não mais. — Ele colocou a palma da mão sobre os círculos pintados em seu peito. — Não posso mudar.

— Acho que você diz isso para se confortar, não porque seja verdade.

— Anfar levantou a cabeça, observando o outro homem sem nenhum medo em sua expressão. Se a fera marinha se preocupava com a possibilidade de irritar o rei e provocá-lo à violência, isso não apareceu.

Perin, por sua vez, não tinha essa inclinação e foi cortando os legumes e fazendo o ensopado. O mundo estava acabando, e seus amigos e amante poderiam estar à beira da destruição. Dois mundos de almas inocentes equilibrados na ponta de uma lâmina.

E ele estava fazendo o maldito *ensopado de legumes*.

— Você quer que eu abandone minha própria natureza, Anfar. Você gostaria que eu pegasse tudo o que sou e o enfiasse em uma garrafa de vidro, simplesmente para não perturbar o equilíbrio do mundo que você procura manter. — Valroy zombou. — Não, velho amigo. Eu não farei tal coisa.

— Eu imploro a você. Considere suas ações. Encontre outra maneira de saciar sua sede de sangue. Mas afaste-se desses desígnios de guerra. Os Seelies são nossos irmãos, embora não gostemos de admitir isso. — Anfar deu um passo em direção a Valroy enquanto falava. — Por favor, Valroy.

— E o que você tem para me dar por uma coisa dessas? O que eu ganharia em troca, se eu concordasse em refrear meus desejos naturais e negar a verdade de minha própria alma? — O rei arqueou uma sobrancelha. — Diga.

— Você teria a gratidão e o amor de todos ao seu redor. — Anfar balançou a cabeça. — Quantas centenas de anos você falou comigo como ninguém jura fidelidade verdadeira a você? Quantos amigos você tem, Valroy? É assim que você deseja viver?

— Não! — Valroy ficou de pé, suas asas se abrindo.

Perin lutou para não cair no fogo e sentiu as mãos trêmulas enquanto cortava as batatas. Cruinn, como Abigail, encolheu-se de Valroy com um medo inacreditável.

— Não é assim que eu gostaria de viver. Não é assim que eu desejo *existir*! — Algo no Rei Unseelie pareceu rachar e estilhaçar perante os olhos de Perin, embora ele não pudesse dizer o que era. — Você acha que eu desejo viver minha vida sendo detestado e odiado? Olhado com desgosto e horror por todos, exceto por *ela*? — Ele apontou para a falsa Abigail. — E, para ser fiel a mim mesmo, devo deixá-la acorrentada como uma fera, para que ela não tente me impedir? Não, Anfar! Não *desejo* viver assim!

As asas de Valroy relaxaram lentamente, embora estivesse claro que seu temperamento não. Quando ele falou novamente, suas palavras eram apenas um silvo. — Eu tenho a oportunidade agora de ter tudo. Minha guerra. Meu amor. E eu mesmo. Eu não vou desistir. Terá de ser arrancado de minhas mãos frias e mortas. — Ele mostrou os dentes. — Perguntarei a você mais uma vez, Anfar das Profundezas, Filho de Leviatã, meu *primo*. Você vai ficar ao meu lado?



Perin se perguntou se seu coração havia parado de bater, o vazio no ar era tão total. Ninguém se mexeu. Ninguém ousava nem respirar.

Anfar fechou os olhos. — Sim.

— Bom! — Valroy riu. — Então para quê todo esse problema? Você é tão melodramático, velho amigo. Sente-se. Beba. Vamos ser amigos.

E assim, foi como se nada tivesse acontecido.

Era como se fosse apenas um jantar entre amigos.

E o tempo todo ele fazia o ensopado e sabia sem sombra de dúvida que tudo estava prestes a dar muito, muito errado.



CAPÍTULO VINTE E UM

Valroy nunca se considerou um bom ator. Ele nunca tinha tentado de verdade. Ele deixou esses tipos de jogos para outros mais adequados para o papel.

Mas aqui estava ele, jantando com “amigos”, fingindo que tudo estava bem. E que ele não estava à beira de destruir o mundo.

Será glorioso. Todos vocês verão. Meu mundo será melhor. Livre dos truques e mentiras dos Seelies. Livre da raça humana destrutiva e egoísta. Minha escuridão se espalhará e tudo será simples. Então, haverá paz.

Por mais agradável que ele suponha que fosse sentar e conversar com Anfar e Perin, isso também o enchia de incerteza. Ele queria que eles fossem embora. Ele tinha muito trabalho a fazer, organizando seus exércitos e preparando-os para o ataque.

E a pobre Abigail parecia prestes a chorar a qualquer momento. Ele queria abraçá-la. Dizer a ela que ia ficar tudo bem. Beijá-la até que ela sorrisse novamente. Verdadeiramente sorrisse. Não um que fosse marcado pela tristeza e agonia de sua situação.

Mas ele não sabia que poderia fazer algo do tipo. Não sem libertá-la. E isso... Isso, ele não podia fazer.

O fim de todo o seu trabalho, todas as suas intrigas, todos os seus planos mestres. A guerra viria, e ele venceria. E então ele poderia finalmente se permitir ser feliz e abraçar o que havia conquistado.

Restava apenas uma pergunta... Abigail o amaria quando tudo estivesse terminado?

Ele supôs que descobriria.

O jantar terminou e ele ficou feliz em ver Anfar e Perin partirem. Ele se despediu deles, assim como Abigail, e observou enquanto os dois homens saíam da alcova e se dirigiam para os corredores sinuosos de sua casa. Anfar criaria um de seus portais de tinta para saírem, ele tinha certeza.

Abigail afundou nos cobertores de pele que ele havia empilhado perto do fogo. Ela puxou um em torno de si, parecendo que estava lutando contra a vontade de vomitar.

— A comida dele era tão ruim assim? — Valroy sentou-se ao lado dela.

— Não. Bem. Poderia ter sido pior. — Abigail sorriu para ele, mas mais uma vez não pareceu tocar seus olhos.

— De fato. Poderia ter sido a minha de novo. — Ele passou um braço ao redor dela e a puxou para perto, inclinando-se para beijar sua bochecha. — Sinto muito, bruxinha. Mas me diga... Me diga que você entende porque isso precisa ser assim. Por que devo mantê-la aqui como minha prisioneira.

— Você teme que, se eu fosse livre, ficaria contra você.

— Sim.

— E o que aconteceria então? — Ela olhou para ele, olhos azul-gelo passando entre os dele enquanto ela procurava sua própria resposta em sua expressão. — O que aconteceria se eu lutasse contra você?

— Isso não importa. Porque não vai acontecer. — Ele voltou sua atenção para o fogo, observando as chamas tremeluzirem e dançarem. — Eu vou proteger você.

— De você mesmo?

— Sim. — Ele sorriu. — Especialmente de mim mesmo.

Era surpreendente como pequenas coisas, tão facilmente esquecidas, tendiam a se acumular com o tempo. Que se algo estivesse errado, ou fora do



lugar, poderia passar despercebido no início. Mas então, como o rastejar da luz do amanhecer, ele começou a ver o que era.

Ele franziu a testa.

Virando a cabeça de Abigail para a dele, ele observou. E esperou.

A respiração que deixou seus lábios se transformou em névoa.

Como o estalar de um relâmpago, a raiva o atingiu em um instante.

Igualmente cegante.

Igualmente mortal.

E igualmente implacável.

Abigail sorriu.

Ele rugiu de raiva.

— *Cruinn!*

Abigail congelou quando sentiu o mundo ao seu redor... Mudar. Nada se moveu fisicamente. Não houve nenhum estrondo da terra sob seus pés ou arrepios nos galhos das árvores ao seu redor. Mas ela agarrou o pulso de Bayodan e o deteve mesmo assim.

Era como se algo tivesse arrancado um nervo em seu corpo. O Labirinto estava com *raiva*.

— Ele sabe — ela sussurrou. — Oh, deuses, ele sabe.

Bayodan a puxou para seu lado, envolvendo seu braço restante ao redor dela. Ela viu quando ele virou a cabeça para cima, seus olhos vermelhos e estranhos se movendo em todas as direções como se tivessem mente própria.



— Foi mais rápido do que eu esperava. — Bayodan suspirou. Ele a soltou para gesticular com a mão em um arco diante dele. Um buraco negro rodopiante apareceu no espaço, primeiro como uma pequena lasca, e depois para um vazio rodopiante gigante. — Nós devemos ir. Venha. Antes que ele sinta minha magia.

— E quanto a Anfar e Perin? — Ela se virou para olhar para trás, mas Bayodan já a estava empurrando para o portal. — E quanto a Cruinn?

— Nós nos separamos para que suas chances de encontrar você fossem menores. Isso é tudo. Agora, *venha*, minha rainha.

E com outro empurrão, ela cambaleou pelo portal.

E seu coração se partiu por seus amigos. E esperava que isso fosse tudo o que seria danificado antes do final da noite.

Mas ela duvidava muito.

Quando ela reapareceu, ela se viu em um campo gramado, com uma parede imponente de árvores agourentas a cem ou duzentos metros de distância. A borda do labirinto. Ela nunca tinha visto de fora, e ela olhou para os galhos secos e retorcidos e arbustos espinhosos e não pôde deixar de estremecer.

— Abigail!

Ela olhou para cima e riu do que viu. Tanto pelo humor, mas também pelo alívio. — *Uri?* — Ela mal podia acreditar.

Mas lá estava ela. A baixa, robusta e sorridente elfa de lareira estava sentada em cima de uma vaca leiteira. Ela estava vestindo uma armadura, e ela estava sorrindo tão grande e largo como nunca. E ela não estava sozinha. De pé ali, estavam pelo menos uma centena ou mais de feéricos Seelies de todas as formas e cores. Criaturas feitas de videiras, de luz, de carne e sangue, e... Sim, até mesmo uma feita inteiramente de abelhas.



E todos estavam prontos para a guerra.

Liderados por *Uri*, de todas as pessoas.

— Pelos deuses, o que você está fazendo? — Ela correu para a amiga.

Uri desceu da vaca, que agora tentava obedientemente comer o gelo e a grama coberta de neve. Abigail pegou sua amiga e a abraçou, levantando-a do chão. — O que você está fazendo aqui?

— Ajudando você, é claro! Ah, é tão bom ver você! — Uri agarrou-se a ela antes de beijar sua bochecha. — Isso significa que temos uma chance. Significa que há esperança. Ah, Abigail!

Ela gentilmente colocou a amiga no chão e deu um tapinha na lateral da vaca. — Que corcel poderoso você tem.

A elfa bufou. — Eu tive que fazer o meu melhor em cima da hora, você sabe.

Abigail riu e bagunçou os cachos escuros da mulher. — Claro. E eu te amo por isso.

Bayodan soltou um suspiro. — Crianças, por mais encantadora que seja esta reunião... Temo que haja mais uma coisa a fazer antes de nos prepararmos para a guerra total. — Ele gesticulou atrás deles em direção ao Labirinto. — Isto é, se você deseja ajudar Anfar e Perin.

— E como, precisamente, devemos fazer isso? — Abigail arqueou uma sobrancelha.

Bayodan sorriu, seus olhos extras piscando lentamente e desaparecendo como se nunca estivessem lá. — Ao causar uma distração, é claro.

Anfar soube no momento que eles estavam em apuros. Infelizmente, também chegou meio segundo antes que fosse tarde demais para fazer algo a respeito.

Uma mão com unhas afiadas agarrou-o pela nuca e empurrou seu rosto contra uma parede de pedra. O impacto foi seguido por um segundo antes que ele pudesse empurrar de volta contra o ataque, rodeando Valroy com suas próprias unhas, pegando carne e enviando o Rei Unseelie cambaleando para trás um passo.

Pois não havia dúvida de quem tinha feito isso, e embora tenha demorado um segundo para ele piscar para clarear a visão, não havia dúvida em sua mente de que ele estava certo. E com certeza, lá estava Valroy, em toda a sua glória furiosa.

— Como você se *atreve*! — Valroy abriu as asas. — *Traidor!*

Anfar fez um gesto com a mão, convocando uma poça preta de líquido para Perin escapar. Ele protelaria Valroy o máximo que pudesse antes...

Nada aconteceu. Ele gesticulou novamente. Então ele tentou mudar sua forma para a de sua verdadeira forma. Se ele tomasse a forma de uma fera marinha, mesmo em terra, Valroy não seria capaz de detê-lo. Ele zombou quando percebeu que sua magia era inutilizável, e sua forma presa como estava.

Valroy apenas riu. Um sorriso de escárnio perverso dividiu suas feições afiadas. — Seu tolo. Seu completo *idiota*. Você viveu aqui dentro do meu labirinto para o *meu* prazer! Você não tem poder aqui. Eu sou o senhor deste lugar e de todos os que nele habitam! — Sua voz era quase um rugido, e parecia sacudir as próprias árvores ao seu redor.

Anfar deu um passo para longe de seu amigo - ex-amigo - e se perguntou se ele não havia julgado mal o homem. Perin seguiu ao lado dele,

com o sabre desembainhado, embora todos soubessem que o selkie não teria chance na batalha.

Anfar só podia fazer tudo o que podia para garantir que não chegasse a isso. — Valroy, acalme-se.

— Você os trouxe aqui. Você os trouxe todos aqui! E agora ela se *foi*! — O rei deu um soco na parede de pedra ao lado dele, quebrando a rocha e enviando pedaços de escombros para o chão aos seus pés. — Você. *Você*. Meu amigo mais antigo. Meu único aliado verdadeiro. Meu irmão, meu primo, minha família. Você virou as costas para mim!

Foi só então que Anfar notou as lágrimas.

A dor.

O medo.

Valroy estava com *medo*. Mas de quê? Não dele. Certamente não dele. Anfar não representava nenhuma ameaça ao rei.

— Valroy, por favor. Acalme-se. Você sabe que não poderia mantê-la como seu animal de estimação. Ela tinha que ser libertada. Era...

— *Agora ela deve morrer!* — Valroy convocou uma espada para sua mão, a lâmina negra brilhando ao luar. — Agora eu devo derrubá-la como eu teria feito com aquela puta da Titânia. Você não entende?

Algo como gelo desceu pela espinha de Anfar, e ele estremeceu. — Não. Você...

— Vocês todos não me deixaram escolha. Isso é culpa *sua*! Ela vai morrer por minhas mãos. Mas não antes de eu enviar você para saudar os deuses antes dela. — Ele apontou a ponta da lâmina para Anfar. — Prepare-se para a morte, velho amigo.

— Não. Pare com isso. Isto é loucura! — Perin deu meio passo à frente, mas Anfar o empurrou para trás com um leve cutucão no braço.

— Perin... — Ele virou o selkie para encará-lo e, puxando a cabeça do homem para a sua, beijou-o suavemente. — Eu não vou ver você morrer. Fique fora disso.

— Eu deveria arrancar a pele dele e fazer você comer, Anfar. Eu deveria fazê-lo gritar. Ou talvez eu abra as suas entranhas e deixe você morrer lentamente e faça você assistir enquanto eu o estupro, sem saber se eu dei a ele a misericórdia de uma morte limpa! — Valroy deu outro passo em direção a eles, preparando-se para uma luta. — Mas não. Meu último presente para você, meu último ato de amor, Anfar, é este. Ele morrerá *depois* de você.

Anfar supôs que era um pequeno favor.

Ele convocou sua própria espada e enfrentou o Rei Unseelie. Ele não sabia quanto tempo ele iria durar em uma luta contra ele. Mas ele sabia que seria violenta, independentemente. — O que você fez com Cruinn?

Valroy zombou. — O devolvi ao ponto de onde partiu. Eu o quebrei em cem milhões de pedaços. Despedacei ele como o lixo que é.

Cruinn estava morto.

Anfar soltou um longo suspiro.

Ele logo seguiria. Ele contaria ao metamorfo de sua dor pessoalmente em pouco tempo. — Muito bem, Valroy. Se este é o caminho que você escolheu, este é o caminho que trilharemos juntos.

O Rei Unseelie riu baixo, sombrio e cruel. — Meu caminho se tornou um rio de sangue. E agora, o seu deve preenchê-lo.

Valroy atacou e Anfar desviou o ataque. O som de metal contra metal começou enquanto sua dança se desenrolava. Perin ficou para trás. Anfar não teve um segundo para pensar no selkie, para que ele não fosse atravessado pela espada de obsidiana do rei.

Valroy chutou o tornozelo de Anfar debaixo dele, enviando Anfar para frente e cambaleando para se equilibrar. O corte ardente em seu braço lhe disse que ele não se recuperou rápido o suficiente. Ele cambaleou, pegando Valroy desprevenido, e lhe deu um corte quase igual na coxa.

E assim, eles dançaram.

Primos. Família. Amigos.

Não havia dúvida na mente de Anfar de que Valroy o mataria. Que não haveria um momento de hesitação no outro homem antes que ele enfiasse aquela lâmina em seu pescoço e acabasse com sua vida.

Mas ele encontrou algum consolo nas lágrimas que corriam pelo rosto de Valroy, descontroladas e despercebidas.

Algum consolo. Mas não muito.

Foi a espada de Anfar que falhou primeiro. Ela se estilhaçou, a lâmina se dividiu em duas após um poderoso golpe de Valroy. Ele foi lançado voando pelo corredor de pedra, fazendo barulho até parar no chão de pedra do corredor.

Então veio o soco no rosto.

E Anfar caiu.

— Não!

Perin.

O selkie entrou na luta, fazendo o possível para defender Anfar. Mas ele não era páreo para Valroy, que o pegou pela frente da camisa e o jogou na parede com um *baque forte*.

Perin deslizou para o chão, a cabeça rolando para o lado. Inconsciente. Talvez morto. Anfar não sabia. Mas isso lhe deu tempo suficiente para ficar de pé e enfiar o punho quebrado de sua espada no flanco de Valroy.



O homem rugiu de dor e, com o movimento de um braço, acertou Anfar com força no queixo, jogando-o no chão mais uma vez, estrelas explodindo como luzes brancas em seus olhos. Ele gemeu de dor e lutou para limpar sua visão.

Mas, mais uma vez, ele era muito lento.

Valroy estava ajoelhado em cima dele, prendendo seus ombros na pedra fria. Ele segurou a espada quebrada de Anfar em sua mão e a ergueu acima de sua cabeça com ambas as mãos. A ferida em seu lado era profunda, mas não o suficiente para detê-lo.

— Adeus, primo.

— Adeus, Valroy.

Anfar fechou os olhos. E esperou pela dor.

Como eles ousam!

Valroy não queria matar seus amigos.

Ele não queria matar seu primo. Seu amigo. Seu irmão.

Mas era o único caminho a seguir. Ele levantou a lâmina acima de sua cabeça, pronto para enfiá-la na garganta do outro homem. Anfar simplesmente pavimentaria o caminho para que o resto o seguisse. Perin, Bayodan, Puck.

Abigail.

Mas antes que ele pudesse dar o golpe, algo torceu dolorosamente em seu coração. Ele ofegou de dor e se dobrou, a lâmina deixando seus dedos e caindo inofensivamente no chão. Parecia que alguém tinha acabado de





arrancar uma de suas costelas sem uma única incisão. A dor era tão visceral que ele quase vomitou.

Mas ele sabia que não encontraria nenhum ferimento se olhasse. A dor não estava neste corpo. Estava em outro lugar. E ele sabia exatamente quem tinha feito isso.

Ele fez uma careta, seus lábios se repuxando em um rosnado feroz e animalesco.

Abigail.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Abigail ficou de pé e observou enquanto suas Gle'Golun cortava uma enorme faixa de carnificina através da borda do Labirinto. Ela sabia o que estava fazendo, ela sabia quem estava machucando. E partiu seu coração fazer isso.

Mas havia muito em jogo.

Os soldados ficaram ao lado dela, observando com o que ela sabia que não era pouca coisa de medo, enquanto ela mantinha as mãos estendidas em direção à floresta.

Me desculpe, meu amor.

Não demorou muito para sua “distração” fazer o truque. Ela ouviu um rugido, não de ninguém nem de nada, mas do próprio Labirinto. Um som de fúria que retumbou no chão abaixo dela. Os soldados que estavam ao lado dela recuaram alguns passos, e ela não podia dizer que os culpava. Nem um momento depois, ele chegou.

Valroy.

Ele mergulhou na clareira que as Gle'Golun havia feito, e com uma batida poderosa de suas asas, pousou pesadamente no chão, uma lâmina de obsidiana escura em cada mão. Ele avançou em direção a eles, suas feições contorcidas de raiva.

Por um momento, ela lutou contra o desejo de se encolher como os soldados ao seu lado. Pois ela mal reconheceu a criatura que se aproximou deles, sem se importar que ele estivesse tão em desvantagem numérica.

Ela chamou suas flores mortais de volta para ela, cessando seu ataque ao Labirinto. Ela precisaria focar sua atenção naqueles ao seu redor, seu objetivo de atrair a atenção de Valroy agora alcançado.

— Abigail. Venha comigo. *Agora*. — Suas palavras foram um rosnado.

Ela balançou a cabeça. — Você sabe que eu não posso.

— Se você fizer isso, não há como voltar atrás. Se você ficar contra mim, não haverá retorno de como as coisas eram entre nós. — Ele endireitou os ombros, abrindo as asas por um momento. — Venha comigo. Esta é a sua última chance. Ou assista o mundo queimar... Ou junte-se à pira.

Seus olhos se arregalaram. — Você não pode estar falando sério.

Com um sorriso lento e doentio, ele estendeu os braços para os lados, as espadas estendidas. — Eu sou Valroy, o Rei Unseelie, Mestre do Labirinto, Campeão do Anel de Sangue. Eu sou a criação de Morrigan, vim trazer morte e escuridão para todos vocês. Junte-se a mim, ou caia.

Desviando o olhar, ela fechou os olhos por um momento, não querendo aceitar suas palavras como verdade. Mas ela não duvidou delas. Ela adoraria acreditar que ele não a destruiria se ela ficasse em seu caminho... Mas ela não podia. Se isso significasse que ele finalmente conseguiria seus objetivos?

Ele poderia muito bem trocar sua vida.

— Não, Valroy. — Ela voltou sua atenção para ele e deu um passo à frente. Ela convocou suas Gle'Golun, enviando-as para fora dela em arcos sinuosos. — Você não vai destruir este mundo, nem qualquer outro. Não enquanto eu ainda respirar.

Ele riu, um tom bizarro e maníaco em sua expressão enquanto o fazia. — Isso pode ser arranjado, meu amor. — Ele girou o pulso, circulando uma de suas espadas. — Mas! Não deve acontecer agora. Reúna seus exércitos, bruxinha. Reúna o máximo de seus Seelies pútridos e insípidos que puder

para enfrentar meu exército. — Ele virou as costas e começou a se afastar antes de fazer uma pausa, em seguida, encará-los mais uma vez. — Oh. Eu quase esqueci.

Ele pescou algo do bolso e o ergueu contra a luz, preso entre o indicador e o dedo médio. Um caco de vidro, do tamanho de uma carta de baralho. Com um sorriso perverso, ele o lançou, enviando-o pelo ar e aterrissando a poucos passos dela.

Cruinn.

Seu coração afundou. Parecia irreal. — Não. Por favor, não, Valroy.

— Um milhão de pedaços de vidro agora estão espalhados por este mundo patético! Mandei meus boggles e boggarts levá-los para longe e enviar seus cacos patéticos até onde a vista alcança. — Valroy gargalhou. — E antes que você pergunte? Anfar e Perin estão presos no meu Labirinto. E eles nunca sairão vivos.

— Pare com isso, Valroy! Isso é loucura. Não é tarde demais. — Abigail deu um passo em direção a ele, estendendo a mão, pedindo-lhe que fosse até ela. — Por favor. Eu te amo.

— E eu, você. — Ele encolheu os ombros. — Mas o que isso importa para alguma coisa? Eu amo Anfar. E ele estará morto dentro de uma hora. — Depois de uma pausa, ele sorriu. — Eu poderia pegar ou deixar o selkie.

— Você não pode fazer isso. Você não pode!

Ele riu e abriu bem as asas. — Até amanhã, minha rainha. Então, Tir n'Aill deve queimar. Diga adeus, reúna seus exércitos, e então veremos o que *posso* e o que *não posso* fazer. — Com um redemoinho de fumaça negra, o Rei Unseelie se foi.

Bayodan aproximou-se lentamente do caco de vidro que jazia na neve e, abaixando-se, pegou-o na palma da mão. Por um momento, ela se perguntou

se ele não havia se transformado em uma estátua, antes de agarrar o vidro com força. Com um grunhido, ele fez uma careta, seus olhos apertados. Lágrimas escorriam por suas bochechas, pingando no chão junto com o sangue que escorria de sua palma.

Caminhando até seu lado, ela o envolveu com os braços, pressionando a cabeça em seu peito. Não havia palavras que ela pudesse dizer. Nenhum conselho que ela pudesse dar. Apenas a presença dela. Cruinn se foi. Seu companheiro se foi.

Mas em breve, talvez todos eles se juntassem a ele.

– Nós estamos perdidos.

– Claro que estamos perdidos. Estamos no *Labirinto*.

Perin suspirou e esfregou o ombro. Estava dolorido de onde Valroy o arremessou contra a parede, mas pelo menos ele ainda estava com o braço. E sua cabeça. E qualquer outra coisa. E Anfar, exceto por seu humor, parecia estar bem. Cortes, hematomas, mas nada pior do que Perin já havia suportado pessoalmente.

O monstro marinho estava mancando levemente, mas Perin não estava muito preocupado. Do jeito que estava, eles tinham coisas maiores e mais mortais com que se preocupar do que um tornozelo torcido ou um joelho machucado.

Ou seja, que Valroy iria voltar e matá-los.

Anfar ainda estava sem uso de seu poder, mesmo com o desaparecimento de Valroy. Isso significava que eles estavam presos nessa

série bizarra e tortuosa de corredores e alcovas. Perin nunca tinha visto nada parecido no Labirinto, nem Anfar.

E isso significava que eles foram bem e verdadeiramente devastados por um barril de óleo de baleia ruim.

— Ei, genteee!

Anfar e Perin gemeram em uníssono.

— O quê? — Puck apareceu na neve ao lado deles, caminhando com um sorriso satisfeito em suas feições afiadas. — Continuem fazendo isso, e eu vou pensar que vocês não estão felizes em me ver. Que vocês *não* querem minha ajuda para salvar suas vidas.

A mandíbula de Anfar se contraiu, e ele abaixou a cabeça, seu cabelo verde-mar escuro caindo ao longo de seu rosto em mechas úmidas para esconder suas feições. — Quais as notícias, Goodfellow?

— Primeiro, vocês idiotas têm alguma ideia de onde estão indo? — Puck piscou.

— Não — Anfar e Perin responderam em uníssono.

— Você tem? — acrescentou Perin.

— Porra, não. — Puck gargalhou. — Ah bem! Adoro andar em círculos. É um grande jogo. Vamos jogar juntos. — Ele caminhou ao lado de Anfar, assobiando alegremente.

Foram uma dúzia de passos antes que Anfar finalmente cedesse. Ele agarrou Puck pela garganta e o jogou contra a parede. — Chega! — Os dentes afiados do monstro marinho estavam à mostra. — Seja útil ou fique em *silêncio!*

— Huh. — Puck piscou e então olhou para Perin. — Por que ele está tão mal-humorado?

— Pode ter algo a ver com o fato de estarmos presos e Valroy querer nos matar.

— Bem, veja, é por isso que estou aqui. — Puck sorriu prestativo, embora um pouco nervoso. — Eu não posso levar vocês para fora daqui. Mas posso impedir que Valroy mate vocês. Bayodan não é o único que pode esgueirar as pessoas por aí.

Anfar encarou Puck por um longo momento, em silêncio, antes de finalmente soltar o outro homem e se afastar. — Está bem.

— Woof. — Puck se limpou, e então riu. — Heh. Woof. Deixa pra lá. Ei! Esperem! — Ele escolheu andar ao lado de Perin dessa vez, para grande desgosto de Perin.

Mas Perin optou por manter a boca fechada e simplesmente enfiou as mãos nos bolsos. Ele não tinha nenhuma briga com Puck. Nem ele queria uma. Nem queria ficar mais enredado nessa absurdo do que já estava, embora achasse que era tarde demais para se preocupar com esse tipo de coisa.

— Você tem alguma ideia de como nos tirar deste lugar? — Perin perguntou depois de alguns minutos de caminhada. Esquerda, esquerda, direita, esquerda, reto, direita... E eles não estavam chegando a lugar nenhum.

— Esse lugar? Tipo, aqui-aqui? Não. Nenhuma. Mas quando estivermos fora desse pedaço de pedra, talvez. — Puck deu de ombros. — Tenho contatos que podem nos levar ao limite e nos libertar, mas eles não virão aqui. — Ele estreitou os olhos e olhou para uma das paredes. — Vocês já tentaram subir?

— Sim. — A resposta de Anfar foi curta e afiada.

Perin suspirou. — A parede continua se movendo. Ou nos derruba.

— Bem, merda. — Puck riu. — O bastardo pensou em tudo. Bem, quero dizer, ele *fez literalmente, porque* - deixa pra lá. — Com um arrepio dramático, ele convocou um casaco grosso e o vestiu. — Então... Nós andamos em círculos. Isso é ótimo.

E por quase uma hora ou mais, pela matemática aproximada de Perin, eles seguiram. Esquerdas e direitas, diretos e meias-voltas, e eles não estavam fazendo nenhum progresso visual. Na verdade, Perin estava bastante convencido de que eles haviam passado pelo mesmo cruzamento pelo menos três vezes. Mas com a neve que continuava a cair ao redor deles, obscurecia quaisquer outros pontos de referência que ele pudesse identificar.

Puck soltou um suspiro triste. — Isso é terrível. Eu não gosto mais desse jogo. Estou entediado. Vamos fazer outra coisa. — Quando Anfar e Perin o ignoraram, o mestiço bateu no queixo pensativo, imperturbável pela falta de resposta. — Eu me pergunto se há algum tipo de truque nisso. Um tipo de...

— *Porra.*

Anfar e Puck pularam, alarmados com a explosão repentina de Perin. Perin, enquanto isso, estava com a cabeça entre as mãos e xingava a si mesmo em voz alta e visceral.

— Olha, eu posso nos esconder de Valroy até certo ponto, mas se você...

— Eu sou tão estúpido! — Perin rosnou e olhou para o céu nublado. —
Vá para esquerda.

— O quê? — Anfar piscou.

— Isso é o que a bruxa me disse. Vá para esquerda. — Ele esfregou as mãos no rosto e soltou um longo gemido. — Isso é o que ela quis dizer.

— Bem, quero dizer, pode ser um monte de coisas. Mas acho que vale a pena tentar. — Puck cheirou. — Não é como se tivéssemos muito mais o que fazer.



Anfar estudou Perin, antes de lhe dar um leve sorriso. Girando nos calcanhares, ele voltou a andar. Desta vez, eles tomaram apenas à esquerda pelos corredores rochosos e tortuosos. Não importa como parecia que a esquerda os levaria a um beco sem saída, ou quão inútil era tentar, eles foram para a esquerda, independentemente.

Aberturas apareciam do nada, aparentemente escondidas pelo ângulo das paredes sempre que entravam em um beco sem saída.

Foi apenas alguns minutos depois que eles estavam sob um enorme arco de pedra, desmoronado e quase arruinado.

A saída!

Ou a entrada, dependendo de como se olhasse. Perin olhou para as fileiras de pedras cobertas de gelo e sentiu um leve vislumbre de esperança. Talvez ele escapasse vivo do dia.

— Nossa carona está aqui. Oi! Greg! Aí está meu bom amigo!

Perin virou-se para ver Puck caminhando até alguém que estava na beira das árvores. Ele estava vestido como um nobre, com todos os punhos de renda e elegância que Perin esperaria de alguém de alta posição. Ele teria se misturado em qualquer evento da alta sociedade.

Exceto pelo simples fato de que ele estava sem cabeça.

Anfar esfregou as têmporas, os olhos fechados, claramente sofrendo de dor de cabeça.

Perin passou um braço sobre seus ombros e, inclinando-se para ele, beijou sua cabeça. — Pelo menos estamos fora desse absurdo.

— Eu suponho que sim.

Ele não culpou Anfar por estar tão zangado quanto ele. Nem ele acreditava que pudesse fazer uma maldita coisa para levantar os ânimos de



uma criatura cujo coração geralmente vivia no fundo de um lago com o resto dele.

E ele entendia. Não era a guerra iminente que estava incomodando seu amante e amigo. Era Valroy. Era um homem com quem ele passara séculos como amigo - Perin ainda estava tentando entender ter vivido tantos anos - que agora era seu inimigo.

Que estave a centímetros de matá-lo.

— Se... Se todos vocês entrassem no círculo que desenhei — disse o homem sem cabeça enquanto gesticulava para um símbolo que havia gravado no chão.

Perin olhou para o homem.

E com um olho em uma vara, empoleirado atrás de uma lupa?

O homem olhou de volta.

Espero ter visto tudo agora. Eu duvido. Perin entrou no círculo e balançou a cabeça. — O sol está se pondo. Precisaremos nos esconder, em breve. A noite não é segura para nós, estranhamente.

— Conheço alguém que vai nos hospedar. — Puck sorriu. — Tenho certeza que ela está desesperada pela companhia. E para mostrar a você como cozinhar comida decente.

— Eu sou um bom cozinheiro! — Perin apontou um dedo acusador para o espião. — Eu vi você comer uma carcaça de peixe podre na praia!

— Eu era um cachorro! O que você quer de mim? — Puck rosnou.

— *Calem a boca!* — O grito de Anfar acalmou a todos.

Depois de um longo momento de silêncio que parecia pairar no ar, o homem do globo ocular resmungou: — Posso... Ah... Continuar, Lorde Anfar?

O monstro marinho grunhiu.



Mas quando Perin enfiou a mão na de Anfar e a apertou suavemente, sentiu o outro homem retribuir o favor.

O dia seguinte seria a guerra.

Mas, por enquanto, ambos estavam vivos. E eles estavam juntos.

E Perin saborearia cada segundo disso.

— Ihuhhh! — Puck gritou enquanto jogava as mãos no ar quando o círculo ao redor deles começou a brilhar. — Levanta os braços para a descida!

Tudo bem.

Talvez Perin não saboreasse *cada* segundo.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

A casa da árvore de Abigail nunca pareceu mais apertada do que com Bayodan, Perin, Anfar, Puck e Uri dentro dela. Mas também nunca foi tão maravilhosa.

Ela torceu e mudou a árvore para permitir um pouco mais de espaço, no entanto, já que todos passariam a noite. E para permitir uma lareira que pudesse sustentar uma chama. Ela começou a fazer o jantar, incluindo um pouco de carne assada para os “meninos”.

Isso lhe deu algo para fazer. Isso deu a ela algo para se concentrar que não o buraco em seu peito que cresceu lá desde que Valroy a aprisionou. E aquele que se tornaria muito literal em pouco tempo ou provavelmente permaneceria pelo resto do tempo.

Ela mexeu o pote de cidra de wassail, garantindo que não chegasse muito perto das chamas e escaldasse. Ela serviu uma caneca para Uri e a entregou a elfa antes de servir uma para ela.

Perin e Puck estavam em um debate sobre a melhor forma de dar nós em um navio. Foi uma discussão que Puck escolheu especificamente para incitar o ex-marinheiro em uma conversa, já que Bayodan e Anfar não pareciam com vontade de conversar.

Uri estava se escondendo de todos sob o pretexto de ajudá-la a cozinhar. Abigail não se importou. Uri rapidamente assumiu, batendo nas mãos de Abigail quando ela aparentemente estava fazendo algo errado aos olhos da elfa de lareira.

— Eu tenho cozinhado toda a minha vida. — Abigail riu enquanto se sentava perto do fogo e tomava um gole de sua caneca de cidra.

— Você é um bebê! Uma garota de, o que, apenas vinte anos e alguns?

— Uri bufou. — Por favor. Você pode ser a Rainha Seelie, mas mal conhece o caminho de uma lareira.

— Acho que isso é justo.

— E mais. É o mínimo que posso fazer. — A elfa franziu o cenho. — Eu sou inútil de outra forma. Eu deveria estar fazendo algo para ajudar.

— O que, em nome das estrelas, você está falando? — Abigail balançou a cabeça. — Você estava com armadura completa esta tarde.

— E que farsa foi, hein? — Uri riu. — Você pode imaginar? Eu? Em uma luta. Humpf. — Ela bateu a colher de pau na borda da panela de cobre que pendia em um gancho da lareira, e então a empurrou perto o suficiente do fogo para que esquentasse, mas não fervesse. Trocando sua colher pelo atizador de fogo, ela apontou para as chamas antes de lançar um sorriso a Abigail. — Eu estava lá apenas para intimidação.

Abigail riu, o mais forte que ela conseguia se lembrar de rir em muito tempo, e recostou a cabeça contra os tijolos. Eles estavam quentes, e era bom depois de ficar no frio por tanto tempo. — Obrigada, Uri.

— Ainda não a liberei disso, eu vejo.

— Não, não. Está bem livre. Só não importa às vezes. — Ela fechou os olhos. — Às vezes sou grata e não me importo se você sabe disso.

O bater de uma colher em sua perna a fez rir novamente. Mas seu humor rapidamente desapareceu. Depois de um longo momento, ela olhou de volta para a elfa. — Diga-me, o que foi feito com Titânia?

— Nada ainda. Ela descansa e espera o inverno acabar e o chão amolecer. Então... Então sua realocação é para devolvê-la à canção da vida. —



Uri franziu a testa, as linhas ao redor de seu rosto ficando mais profundas. —
Se ainda vivermos.

Isso não parecia certo. Isso não parecia nem um pouco certo. Ela não sabia o que poderia fazer para resolver o problema, mas sabia que ia tentar. Pois a elfa estava certa - se ela não visse Titânia descansar ao amanhecer, ela não teria chance quando o sol se pusesse.

Valroy estava sentado no trono prateado, ouvindo o clamor dos Din'Glai. Ele estava cercado por cortesãos, todos prontos para a guerra quando o sol se pusesse no dia seguinte.

Ele sentava-se ali no trono em uma multidão.

E estava totalmente sozinho.

Ele cerrou os dentes contra o som das conversas acontecendo ao seu redor. Ele deveria estar comemorando. Ele estava às vésperas da guerra. Sua grande guerra. Ele varreria Tir n'Aill como a praga que ele foi projetado para ser. A terra cairia diante dele como cordeiros para o matadouro. Não seria nada além de um desfile da vitória pela Ilha que deveria ter sido dele desde o início.

Não havia alegria em seu coração.

Nenhuma felicidade.

Nenhuma celebração.

Anfar não estava aqui. Ele não podia incitá-lo e provocá-lo sobre seu relacionamento com o selkie.

Bayodan não estava aqui para fornecer silenciosamente seus conselhos estratégicos.



Cruinn foi espalhado pelo mundo em um milhão de fragmentos de vidro quebrado.

E Abigail...

Com um suspiro profundo, ele fechou os olhos. De repente, como o estalar de um galho, a raiva substituiu sua dor. *Essa é minha chance! Minha única chance!* Levantando-se do trono, ele mal notou enquanto os cortesãos ao seu redor cambaleavam aterrorizados. Ele não queria nada com eles. Ele tinha outro objetivo.

Desaparecendo da sala do trono, ele atravessou Tir n'Aill até um círculo de pedras, cujo altar havia sido consertado da última vez que ele o despedaçou. Ele apareceu e abriu suas asas.

— *Morrigan!*

Não houve resposta. Ele riu. Ele simplesmente riu. Balançando a cabeça, ele andou de um lado para o outro na frente da pedra. — Devo dizer que estou impressionado. Você fez um bom jogo, mas por que deseja me punir, eu não sei. O que eu já fiz que você não queria que eu fizesse? O que eu já fiz que não foi por seu desígnio? Você a deu para mim - você me fez amá-la - e agora deseja me ver matá-la! — Fazendo uma careta, ele cravou as unhas nas palmas das mãos, desejando sentir a picada. — Você deseja que eu destruía todos aqueles que passei a amar... Por que? *Por que?*

As únicas respostas que lhe vieram foram suas próprias palavras ecoadas que ricochetearam nas pedras monolíticas que o cercavam. Ele não se importou. Ele sabia que ela estava ouvindo. Mesmo que ela não tivesse coragem de responder.

— Eu jurei isto uma vez antes, e eu o farei novamente, *Mãe Morrigan*. Quando este mundo for derrotado sob meu calcanhar, e os humanos forem extintos, eu me livrarei desta forma que você fez para mim. — Ele colocou a

palma da mão sobre o coração e o mapa do Labirinto - seu verdadeiro eu. — Eu me tornarei o que eu era antes... E irei atrás de *você*. Destruirei toda Tir n'Aill. Eu vou arrancar você e Dagda e os outros vermes de seus tronos etéreos e vou consumi-los! Nada restará, nem você, nem este desperdício de mundo, *nada*.

Silêncio.

Ele revirou os olhos. — Você me deu amor, apenas para me fazer rasgá-lo em pedaços. Você me fez vê-la morrer, sabendo que você simplesmente me faria fazer isso de novo. Se você deseja que eu sofra, que assim seja. Mas isso não me deterá! — Por um momento, ele se perguntou se Titânia não havia retornado com seus machados e lâminas, com quanta dor estava percorrendo seu corpo. Mas não era a agonia física que o incomodava. Não, não foi isso que fez seus olhos arderem.

Era todo o resto.

— Toda a luz morrerá e as sombras reinarão. E quando tudo estiver terminado, e não houver nada além de poeira e as lágrimas que você chora por essas criaturas que você fez... Somente quando você me implorar por piedade e misericórdia... Só *então* eu a perdoarei o suficiente para matá-la. Pois esse é o preço que você pagará pela morte de minha Abigail Moore.

Valroy se virou.

E congelou.

Abigail observou os outros dormirem por um longo tempo, sentada com as costas contra a parede. Ela se recusou a pegar a cama, em vez disso, permitiu que Anfar e Perin compartilhassem a superfície maior. Ela se sentou

no chão em cima de vários cobertores, com um vira-lata adormecido enrolado em uma bola contra sua coxa. Ela coçou atrás das orelhas de Puck, apreciando sua companhia.

Amaldiçoado como tinha sido, estava claro que uma parte dele ainda permanecia naquela forma. Ela não se importou. Isso tornava consideravelmente menos estranho quando ele desejava abraçar. O espaço estava cheio de respirações suaves e roncos de seus amigos e companheiros.

Mas ela não pôde se juntar a eles. O sono não veio para ela, e depois de uma hora de tentativas intermitentes, ela simplesmente desistiu.

A lua estava quase cheia, e ela podia ver a luz pálida brilhando no mundo coberto de neve. A floresta estava silenciosa, com apenas o som do vento farfalhando os galhos das sempre-vivas.

Amanhã passarei meu último dia ao sol antes que tudo o que foi colocado diante de mim seja desfeito. Ou serei morta... Ou destruirei o homem que amo. Valroy vai tirar minha vida, ou eu, a dele. E não sei qual acho preferível.

De qualquer forma, parecia como morrer.

Fechando os olhos por um momento, ela suspirou. Ela sabia que o que estava prestes a fazer era tolo e perigoso, mas o impulso estava lá mesmo assim. — Você está acordado? — Ela sussurrou para o cachorro.

Ele rolou de costas, abrindo um olho, seu rabo batendo silenciosamente nos cobertores.

— Desejo ir rezar para Morrigan. Mas não é seguro ficar no escuro. Você vem comigo? — Ela manteve a voz baixa para não acordar os outros.

Batidas mais silenciosas.

Ela sorriu. Pelo menos ele não tentou dissuadi-la. Levantando-se, Puck se juntou a ela, sentando-se ao lado dela como qualquer outro filhote leal. Inclinando-se, ela beijou o topo de sua cabeça. Colocando uma mão na parede

de sua casa e a outra em seu ombro, ela os levou pelas raízes até o círculo de pedras que Morrigan mantinha como seu altar.

E mais uma vez, assim como tinha sido com Titânia...

Ela descobriu que não estava sozinha.

Puck rosnou ao seu lado, dentes brancos brilhando ao luar.

Valroy.

Merda.

Ele estava olhando para ela, com os olhos arregalados de surpresa, suas asas translúcidas parecendo ainda mais fantasmagóricas à luz da lua.

— Eu... — Ela deu um passo para trás. Isso era perigoso, muito perigoso. Ela não precisava de mais provas de que vir até ela era um erro enorme do que aquilo que estava diante dela.

— Não vá. — Ele estendeu a mão para ela, ignorando completamente o rosnado de Puck. — Por favor.

Ela congelou. Não havia raiva em sua voz - simplesmente tristeza e pesar. Não, era mais do que isso. Era solidão. Ele parecia tão completamente destituído, que algo em seu coração se partiu por ele.

— Você matou Cruinn.

— Ele mereceu. — Sua mandíbula enrijeceu. — Duas vezes traído me faz o tolo, não ele. Eu não aceitaria a chance de uma terceira. Por que você está aqui?

— Eu... Eu vim rezar para Morrigan. E você?

— Vim gritar com ela. — Ele sorriu, embora a expressão não alcançasse seus olhos.

Ela riu uma vez, balançando a cabeça. Isso soou certo. — Eu devo ir.

— Não. Por favor. Não saia. Eu... Eu não vou te machucar esta noite. Eu não vou acorrentar você. Eu simplesmente... Eu simplesmente desejo falar. — Ele deu um passo em direção a ela.

Puck rosnou mais alto, pisando entre eles, e soltou um latido agudo e raivoso.

— Você vai nos deixar em paz? — Valroy olhou para o cachorro. — Eu dei minha palavra a ela. — Ele apontou um dedo com garras afiadas para a floresta que cercava o anel de pedras. — Vá.

— Está tudo bem, Puck. Eu acredito nele.

Mas o feérico que virou cachorro ainda ficou lá e rosnou.

Revirando os olhos em exasperação, Valroy convocou um graveto para sua mão. Ele acenou no ar na frente do filhote e depois atirou-o para a floresta.

Puck hesitou.

E então o perseguiu.

Com um aceno de cabeça, Valroy deixou cair o graveto - ainda em sua mão, afinal não o havia jogado - no chão ao lado dele. — Idiota.

— Eu adoro ele. Ele é um bom amigo. Se qualquer coisa é... Imprevisível na melhor das hipóteses.

— Você mantém uma companhia terrível.

— Atual companhia incluída. Eu sei.

Ele sorriu para ela, uma coisa terna e ferida, antes de dar um passo cauteloso em direção a ela. — Abigail...

— Eu não desejo brigar com você esta noite. Acho que não tenho estômago para isso. — Ela engoliu o nó na garganta, sentindo as lágrimas lutando por sua contenção. — Não me peça para ir com você, não me peça para...

— Shhh. — Ele fechou a distância entre eles, antes de puxá-la em seus braços. Ele a abraçou apertado, enrolando suas asas sobre ela. — Shhh, meu amor.

Jogando os braços ao redor do pescoço dele, ela se agarrou a ele e sentiu sua restrição desmoronar. Ela chorou em seus braços e não se importou com o quão fraca isso poderia deixá-la. A sensação dele contra ela, o cheiro do ar da noite e do vento fresco, o roçar de seu cabelo contra sua bochecha. Era tudo demais.

Ele acariciou sua mão através de seus cabelos, penteando os fios, e simplesmente a segurou pelo que deve ter sido minutos, antes de finalmente falar. — Diga-me que você entende.

— Eu entendo.

— E eu também. — Ele inclinou a cabeça dela para a dele e colocou os lábios em sua testa, antes de vagar seus beijos por sua bochecha. — É assim que deve ser. Tentei nos poupar desse destino... Mas falhei. Sinto muito.

— Eu te amo, Valroy. — Ela colocou a palma da mão sobre o coração dele, traçando as linhas do Labirinto com as pontas dos dedos. — Eu te amo mais do que palavras podem expressar.

Ele sorriu fracamente. — E vou saborear isso até que as estrelas pisquem no céu, minha bruxinha. Minha Seelie. Minha rainha. A única que terei. — Ele acariciou seus dedos ao longo de seu queixo e se inclinou para beijá-la.

Ela afundou em seu abraço, encontrando-o com todas as emoções que brotaram em seu coração por ele. Amanhã, um deles morreria nas mãos do outro. Mas neste momento, neste pequeno fragmento de tempo, ela poderia esquecer tudo e beijar o homem que ela amava. Seu Rei Unseelie.

Mas como todos os momentos no tempo, eles se iam como grãos de areia.

Ele se afastou dela lentamente, claramente desejando que durasse tanto quanto ela. Uma de suas garras traçou pelo cabelo dela, torcendo as mechas ao redor das garras de sua asa. Uma única lágrima escorregou de seu olho, e ela estendeu a mão para enxugá-la.

Sem dizer uma palavra, ele se afastou e se virou para sair, suas asas se enrolando como uma capa. Ele desapareceu nas sombras.

A próxima vez que se encontrassem, estariam em guerra.

Ela não podia fazer nada além de olhar para o lugar onde ele esteve, desejando por todo o mundo que ela pudesse segui-lo na escuridão. De certa forma, ter tudo terminado seria um alívio. Em breve, ela não teria que se preocupar se poderia ou não ficar ao lado de Valroy enquanto ele destruía dois mundos.

Quando Puck, ainda como um cachorro, saltou de volta para ela, com um graveto muito diferente em seus dentes, ela soltou uma risada muito cansada. Ela coçou a cabeça dele. — Bom garoto.

Olhando para o altar por um momento, ela voltou sua atenção para o céu estrelado da noite. As palavras que ela veio dizer à Morrigan agora pareciam vazias e sem sentido. Eram sentimentos que a deusa já conhecia.

Elas não fariam bem a ninguém.

Segurando o graveto em sua mão, ela puxou. Puck o puxou de volta em um jogo de cabo-de-guerra. Ela sabia por que ele estava sendo tão tolo, e estava funcionando. Pois ela estava sorrindo ao devolvê-los para sua casa.

Desta vez, o sono finalmente veio até ela, embora fosse interrompido de vez em quando com um cachorro insistindo em mastigar o pedaço de graveto que ele não largaria.



Mas ela supôs que estava tudo bem.

Pela manhã, ela colocaria Titânia para descansar dentro da canção da vida.

E talvez não muito depois, ela se juntaria a ela.





CAPÍTULO VINTE E

QUATRO

Abigail observou o sol nascer da colina onde um enorme freixo se erguia sozinho. Os galhos estavam nus e cobertos com centímetros de neve, assim como o chão ao redor dela. Ainda era inverno, e a canção da vida estava dormente e adormecida.

Aproximando-se da árvore, ela olhou através dos galhos. Este era Oberon. Este era o monumento que ele desejava deixar para seu povo. Colocando a mão na casca, ela sentiu a força silenciosa que queimava dentro dela.

— Sinto muito pelo que aconteceu — ela murmurou para a árvore. — Mas acho que você já sabe disso.

Soltando um suspiro, ela olhou para o campo. A vista do alto da colina era linda. Mas ela estava farta do gelo e da neve.

Olhando para a mão, ela a virou, estudando-se por um momento. Sua pele era quase tão branca quanto o mundo ao seu redor, e o azul pálido que manchava sua pele era bom, mas... Não. Ela colocaria Titânia para descansar. E se ela não pudesse fazê-lo no inverno?

Bem.

Então não seria mais inverno.





Fechando os olhos, ela se permitiu focar em tudo ao seu redor. Ela se permitiu ouvir a canção da vida, e senti-la cantarolando baixo, quieta e adormecida. E com um sussurro, ela disse para mudar.

— Acorde.

Ela se mexeu, transformando frio em calor, e simplesmente *desejou* isso.

A neve derreteria e molharia a grama. As flores desabrochariam e se estenderiam até o sol. As árvores brotariam. Os pássaros construiriam seus ninhos e a vida recomeçaria. A época do inverno passaria e a primavera voltaria.

Quando ela abriu os olhos, ela teve que rir.

Por que o que mais ela poderia fazer?

O mundo havia mudado. Ela ainda podia ver pilhas de neve remanescentes nas sombras das árvores que tocavam a floresta. Mas o inverno se foi. A primavera chegara, exatamente como ela desejara. E quando ela olhou para seus pulsos, com certeza, o azul foi substituído pelo verde musgo que ela passou a reconhecer.

Seu sorriso era agridoce.

Parecia muito estranho para Anfar estar de pé na luz do sol, ombro a ombro com os Din'Lae. Bem, ombro a ombro não era muito preciso. A corte ensolarada estava dando a Anfar e seus companheiros improváveis Unseelies um espaço muito grande. Mas lá estavam eles, mesmo assim, reunidos em um campo para assistir ao funeral de Titânia.

Que estranho, de fato.





Perin estava perto dele. O selkie continuou olhando para a multidão Seelie, como se estivesse preocupado que eles pudessem se virar de repente e atacá-los. Era uma possibilidade. Mas com Anfar, Bayodan e Puck presentes, era altamente improvável.

Eles sabiam evitar uma matança se não precisassem de uma. E a promessa de guerra sempre fez alianças estranhas.

O que mais confundiu Anfar - ou talvez o espantou fosse uma palavra melhor - foi que o inverno fugiu ao capricho da mulher que estava alguns passos à sua frente, coroa de ouro no topo da cabeça, emaranhada nos cachos de cabelo granada que fluíam ao redor dela.

Anfar agora sabia a verdade sobre o que ela era. O que Morrigan e Titânia a transformaram. Abigail Moore... *Era Tir n'Aill*. Ela era as raízes das árvores, a grama, a vida que os cercava.

E a única coisa que poderia parar a fúria mortal de Valroy.

Titânia foi trazida à frente, carregada em um catre por oito dos Din'Lae, vestidos com suas melhores roupas e rostos fixos em tristeza. A ex-rainha estava deitada sob uma mortalha translúcida de tecido rosa, com os braços cruzados sobre o peito e cercada de flores de louros e bugigangas de todo tipo.

Ela seria colocada para descansar com o que restava de seu amado rei. Anfar balançou a cabeça. Ele detestava profundamente a ex-rainha, e sempre desejou ter a oportunidade de comer Oberon e acabar com seus modos traiçoeiros e manipuladores.

Ele não estava triste por vê-los partir.

Nem um pouco.





Era estranho estar em um funeral onde não se importava nada com o falecido. Ele sabia por que Abigail tinha demorado nisso, no entanto. Era o ato final que passaria a tocha proverbial.

Sem mencionar que a demonstração de seu poder provavelmente colocou os Din'Lae firmemente em suas costas. Pois se ela controlasse as estações, ela poderia fazer muito mais do que isso. Ele suspeitava que Abigail ainda estava se ajustando ao alcance de seus dons.

Era uma pena que ela não tivesse mais ninguém que pudesse ensiná-la.

Abigail ficou de lado para permitir que o catre que carregava Titânia passasse, para descansar ao pé do freixo no topo da colina. A nova rainha estava vestida com um vestido de seda verde pálida, parecendo cada centímetro a feérica que ela se tornou. Ajoelhando-se ao lado de Titânia, ela estendeu a mão e colocou a mão cuidadosamente no braço da falecida, e murmurou palavras que Anfar não conseguiu ouvir.

Não foi um momento depois que a ex-rainha desapareceu no chão, o musgo e a grama subindo para consumi-la e levá-la para dentro da terra. E enquanto Abigail se levantava, um mar de flores cor-de-rosa desabrochou ao redor dela, cercando a base da árvore e se espalhando pela colina, entrelaçando-se entre os cortesãos.

Anfar olhou para algumas das flores que chegaram a seus pés. Franzindo a testa, ele se abaixou para tocar uma das delicadas pétalas, tomando cuidado para não arranhá-la com as unhas afiadas e danificá-la.

— Lindas — Perin murmurou ao lado dele.

— Eu suponho que sim.

Perin riu da resposta inexpressiva de Anfar. Ele estava feliz que o selkie não levou seu mau humor para o lado pessoal.



Abigail desceu a colina em direção à multidão reunida, atravessando as flores e não deixando nenhum dano em seu rastro. Ela ergueu a cabeça e, para todo o mundo, parecia tão régia quanto o título que lhe fora dado.

Finalmente.

Anfar sorriu.

— E agora — ela declarou — vamos para a guerra.

Abigail estava no campo aberto na fronteira do Labirinto e olhou para a área aberta que ela havia aberto na floresta no dia anterior. Quase não sobrou nada do estrago. Ela só podia ver um pouco de onde ela havia enviado suas Gle'Golun contra as árvores para devorá-las.

Um exército esperava atrás dela. Legiões de Seelies em seus regimentos. Enormes criaturas parecidas com árvores saíram da floresta para ficar com eles. Bestas e criaturas de lendas de todas as formas e naturezas.

A sua esquerda estavam três Unseelies e um mestiço. À sua direita estava uma elfa de lareira montada em uma vaca.

Ela tentou desesperadamente não rir do ridículo de tudo isso.

Ela tentou, e falhou.

Bayodan sorriu para ela, um brilho conhecedor em seus olhos vermelhos. Ele colocou uma mão pesada em seu ombro. — Seja forte, Abigail.

— Farei o meu melhor. — Ela voltou sua atenção para o Labirinto. — Embora eu não saiba se será suficiente.

— Acredito que será. — Bayodan ergueu a mão do ombro dela para pegar um pedaço de vidro quebrado do bolso, virando-o na palma da mão.

— Deve ser.

— Se sobrevivermos...

— Quando — ele interrompeu.

— Quando. — Ela sorriu com a correção. — Nós encontraremos os pedaços de seu companheiro. Encontraremos Cruinn.

— Talvez. Não sei se isso pode ser feito. — Ele olhou para o fragmento em sua palma e franziu a testa. — Mas eu, como você, farei o meu melhor para tentar.

— O que você está planejando fazer? — Perin perguntou ao lado dela. Ela sorriu para o selkie e estendeu a mão para colocar a palma da mão em sua bochecha com barba. Ele sorriu de volta para ela através de seu medo óbvio.

— Há uma árvore que eu procuro. Uma que me foi mostrada em visões por Morrigan. Acho que é a chave para detê-lo. — Ela franziu a testa. — E acho que é no centro daquelas ruínas onde ele me manteve.

Perin gaguejou por um momento e depois riu. Riu muito, como se alguém tivesse acabado de pregar uma peça nele. Ele suspirou, balançou a cabeça e, juntando as mãos dela nas suas, beijou seus dedos. — Abigail?

— Sim?

— Vá para esquerda. — Perin sorriu, uma expressão torta e cercada.

Ela franziu a testa. — O que você quer dizer?

— Você vai ver. Apenas... Vá para a esquerda.

Ela sorriu e deu de ombros. Ela supôs que faria sentido quando ela precisasse.

Puck estava afiando adagas, assobiando baixinho para si mesmo, sorrindo como se nada estivesse errado e fosse apenas qualquer outra noite. Enquanto isso, Anfar olhava para o Labirinto como se quisesse que ele explodisse em chamas. Talvez ele quisesse realmente. Infelizmente, não funcionou.



O sol começou a se pôr, lançando longas sombras sobre a grama verde fresca. Pelo menos Valroy não teria o inverno para apoiá-lo. Ela respirou fundo e segurou enquanto o sol descia no horizonte, e o crepúsculo caía sobre eles.

E com a escuridão veio os Unseelies.

Boggarts e Goblins, Praxies e Salamandras - monstros combinados com seus horrores sombrios para cada uma das criaturas do sol que estavam ao lado dela.

A guerra aconteceria neste tempo em que nenhum reinava e nem governava. Nesse espaço entre o dia e a noite.

E ali, de pé à frente das milhares de criaturas que rastejavam das sombras do Labirinto... Estava Valroy. Coroa de prata no topo de sua cabeça e lâminas de obsidiana em suas mãos.

— Pelo menos eu não acredito que isso vai demorar muito — ela murmurou para Bayodan.

Isso arrancou uma risada do rei bode. — Não, eu não acho que vai.

Ela revirou os ombros, espreguiçando-se, sentindo os nós tensos neles explodirem ao fazê-lo. — Muito bem. Não vamos perder tempo, então.

Estendendo as mãos, ela convocou suas flores mortais e as colocou sobre a horda à sua frente.

Rugidos e gritos encheram a noite.

Sons de sede de sangue. De morte. De vitória.

De guerra.



Os braços e peito de Valroy estavam cobertos de sangue. Escorria das garras de suas asas e escorria pelas lâminas negras de suas espadas, tornando-se profundamente carmesim no crepúsculo que se desvanecia. O sol se pôs sobre o mundo, e agora se pôs sobre a raça Seelie e os traiçoeiros Unseelies que se juntaram a eles.

Ele mataria todos eles.

Cada um.

Incluindo sua rainha.

Ele enterraria seu próprio coração naquela sepultura.

Mas não havia outro jeito.

No momento, ele podia saborear o estalo de ossos sob seus golpes. No dilaceramento de carne e tendões, dos gritos dos moribundos enquanto ele os cortava como uma lâmina através de fiapos de fumaça de vela. Eles não eram nada para ele.

Pois os Seelies não podiam ficar contra ele. Ninguém entre suas fileiras poderia desafiá-lo. Havia apenas uma que era um risco. Havia apenas uma que lhe representava algum perigo.

E lá estava ela. Andando pela carnificina como se ela não existisse. Seus olhos não estavam nele, no entanto. Ela não estava de frente para ele...

Ela estava entrando no labirinto.

Ele se encolheu de dor e agarrou seu lado enquanto suas malditas flores começaram a devorar as árvores ao redor dela. Onde ela estava *indo*?

E então... Ele soube.

Não.

— Abigail! — Ele gritou no meio da luta, abrindo suas asas. Com um salto, ele voou no ar, mergulhando sobre a multidão para pousar na frente dela, bloqueando seu caminho. Ela parou. O olhar em seu rosto não estava



com medo como deveria estar. Pois ela estava olhando para o instrumento de sua destruição.

Em vez disso, ela o observou com aquele olhar de determinação ardente que ele tanto adorava. Ele tinha adorado seu medo, mas se apaixonou por seu desafio. E agora, estava diante dele em toda a sua glória.

Deuses, ela era tão *bonita*. Ele perdeu o fôlego ao vê-la como ela estava. Vestido de seda claro manchado de carmesim até os tornozelos. Seus pés descalços encharcados no sangue dos caídos. Videiras daquelas flores mortais enrolavam em seus braços, e mais eram visíveis em seu cabelo. Suas orelhas pontudas e olhos pálidos de musgo.

E a *fúria* que eles mantinham.

Talvez ele a fodesse uma última vez antes de arrancar seu coração de seu peito. Afinal, não era como se seus crimes pudessem piorar. — Lute comigo. — Ele sorriu, girando suas espadas. — Venha e vamos resolver isso.

— Não.

Apertando os dentes, ele rosnou. — Você não chegará ao seu destino. Você não pode viajar para onde deseja ir! O lugar que você procura não é seu para tocar.

— Você está errado, Rei Unseelie. — Ela sorriu, um olhar que poderia ter parecido com o dele. — Pois tudo o que vive é meu domínio. — Ela estendeu as mãos para os lados.

Rosnando, ele mergulhou para ela, balançando sua espada no ar, com a intenção de separar sua cabeça de seus ombros. — Não!

Mas ela se foi. Sua lâmina passou apenas pelo ar vazio.

Ele podia senti-la, movendo-se pelas raízes e árvores do Labirinto. Movendo-se por uma parte dele como se ela fosse um veneno rasgando suas





veias. Ele podia senti-la lá – ele podia retardá-la – mas pelas estrelas e o próprio vazio...

Ele não podia *detê-la*.

Pois ele era uma coisa viva, nesta forma minúscula que Morrigan tinha feito para ele. Nesse reflexo daquele lugar que crescia no centro das ruínas de uma construção que ele só conseguia lembrar em seus sonhos.

Olhando para a guerra acontecendo ao seu lado, ele arreganhou os dentes. Seus Unseelies teriam que lutar por conta própria. Pois se ela conseguisse...

O medo arrepiou sua espinha.

– *Não!*



CAPÍTULO VINTE E CINCO

Abigail apareceu na entrada de pedra do labirinto de corredores que ela sabia conter seu destino. Invocando uma capa, ela a vestiu, puxando o capuz sobre a cabeça. — Você está pronto?

— Como sempre estarei, chefe. — Puck apareceu em um piscar de olhos ao lado dela, sorrindo de orelha a orelha.

O espião a manteria escondida de Valroy enquanto ela procurava. Ela planejava mandá-lo embora no momento em que se tornasse muito perigoso. O que, a julgar pelo grito cheio de raiva que ela ouviu de dentro dos corredores tortuosos... Ia ser mais cedo do que mais tarde.

Engolindo seu medo, ela levantou a cabeça e entrou. Puck desapareceu mais uma vez, mas ela sabia que ele ficaria por perto.

Que noção estranha era pensar que Robin Goodfellow se tornara um de seus amigos mais próximos. Que o imprevisível - e bastante insano - mestre espião se tornara um amigo desses. Poderia chegar um dia em que ele se voltasse contra ela. Poderia chegar um dia em que ele a traísse. Mas, por enquanto, ela não questionaria sua lealdade. E se esse dia chegasse, haveria muito que ela poderia perdoar.

Pois neste momento, ele era a única coisa que impedia Valroy de rasgá-la em pedaços.

Vá para a esquerda, dissera Perin.

E pela esquerda ela foi.

Em cada encruzilhada, em cada cruzamento, em cada bifurcação no caminho, ela ia para a esquerda.

— Mostre-se! — O Mestre do Labirinto havia chegado.

Ela se abaixou perto das pedras, mordendo o lábio, e teve que se lembrar de que ele não podia vê-la ou senti-la. Puxando o capuz mais alto sobre a cabeça, ela caminhou. Esquerda em todas as oportunidades, não importa o quão insano ou tolo parecesse.

— Nunca imaginei que você fosse uma *covarde*, Abigail Moore.

Ela não sabia onde ele estava, pois sua voz agora parecia vir de todos os lugares. Havia um desespero maníaco em seu tom, e isso a preocupou profundamente. Pois se a criatura estava ficando desequilibrada, não havia como dizer do que ele era capaz.

Como destruir o mundo.

Como me matar.

Não. Ela empurrou seu medo, e esquerda depois de esquerda ela foi.

— *Abigail...* — Agora o Rei Unseelie cantava, sua voz baixa e sensual. — Revele-se, minha bruxinha. Deixe-me caçá-la por esses corredores. Deixe-me persegui-la. Deixe-me tomá-la como os animais selvagens que somos. Podemos ser como éramos. Eu prometo.

Era mentira. Foi talvez a primeira vez que ele mentiu para ela. Por que isso parecia uma traição? Por que parecia uma lâmina em sua lateral? Ela ignorou o melhor que pôde, seguindo à esquerda e à esquerda e à esquerda.

— Este lugar já foi um templo para mim. Construído há muito, muito tempo, antes de eu tomar esta forma. Antes de eu ser o Labirinto ao seu redor. Era um lugar para sacrificar, um lugar para adorar e temer. E é isso que você é agora, meu animal de estimação Seelie. Você é meu *sacrifício*. E do seu sangue fluirá uma nova era!

Esquerda e esquerda e esquerda.



— Muito bem. Se você não se mostrar, Rainha Seelie, enviarei meus monstros para caçá-la.

Algo rosnou nas sombras ao lado dela, e ela quase gritou. Seu coração batia tão alto em seus ouvidos que ela mal conseguia pensar. Mas as criaturas que escorriam da escuridão não podiam vê-la. Eles estalavam ao ar livre, mas estavam cegos para ela.

Oh, Puck, eu poderia te beijar.

Esquerda e esquerda e esquerda e esquerda de novo.

E então...

Ela estava lá. Sua respiração ficou presa. Ela se sentiu entorpecida e se perguntou se poderia desmaiar. — Puck... Vá. — Ela não tirou os olhos da visão à sua frente.

Ela não se atreveu.

Se o mestre espião saiu do lado dela, ela não sabia. Ela supôs que não importaria em breve. Pois ali, no centro dos corredores tortuosos por onde ela andara, estava a visão de seus sonhos.

Um grande e retorcido carvalho se erguia do centro de um labirinto em espiral esculpido na pedra, uma plataforma elevada que ficava acima de uma piscina de sangue que se estendia em torno dele em um círculo enorme e perfeito. Mas as raízes não entravam no chão. Elas não faziam parte da sujeira e do solo.

Não, em vez disso, as raízes se espalhavam em torno dele, como as veias de um animal, se espalhando e se afinando, se espalhando em uma membrana que revestia a superfície do líquido carmesim que brilhava quase roxo à luz da lua cheia que havia surgido no céu noturno.



Enterradas no tronco da árvore havia mil armas de todos os tipos. Flechas e lanças, espadas e machados, modernas e antigas, novo e velho. Algumas pareciam de um mundo que ela não conhecia.

Seus galhos escuros espelhavam as formas irregulares de suas raízes, embora os galhos que se estendiam no ar parecessem pregos tortos e afiados arranhando o céu, como se desejassem devorar as próprias estrelas de seus lares. E talvez desejasse, pois quem poderia dizer quantos mundos Valroy poderia devorar se não fosse detido?

Ela sabia o que estava olhando.

O coração pulsante do monstro que ela veio a amar.

Ela deu um passo à frente, seus pés descalços tocando a membrana das raízes da árvore, e ela a sentiu pulsar. Ela pisou na plataforma e estendeu a mão para tocar uma das armas antigas enterradas na superfície escarpada.

— *Abigail!*

Não, não, não!

Valroy avançou até ela, os nós dos dedos brancos de tanto agarrar suas espadas. Ela tinha chegado ao centro de seu antigo templo, e agora a garota tola acabaria com tudo!

Ele ergueu a espada quando ela se virou, olhos verdes pálidos brilhando de fúria, e ela ergueu a mão. Ele teve que pular para trás quando as Gle'Golun se ergueram do sangue que cercava a árvore antiga que era seu coração sangrando. Elas empurraram através da teia de raízes, abrindo buracos nelas, enviando-o cambaleando para trás ainda mais enquanto ele silvava de dor.

Medo.

Pelas estrelas, ele estava com *medo*.

Pois ele olhou para a realidade muito real de sua própria morte. — Não faça isso, Abigail. Não. Este não é o seu destino. Não é assim que fomos feitos para ser. Você e eu estamos destinados a ficar juntos, como um. — Ele estendeu a mão para ela, mas sabia que ela não iria ouvir. — Não me faça te matar, por favor, Abigail.

— Não sou eu quem morre esta noite, marido. — Seus punhos se cerraram ao seu lado, e então lentamente se soltaram, sua expressão severa rachando apenas por um segundo quando a tristeza irrompeu. — Me perdoe.

Lábios se curvando de raiva, ele voou para ela mais uma vez. As flores mortais rasgaram sua carne, mas ele não se importou. Esta pequena forma dele não poderia morrer. Deixe-as arrancar pedaços de seus braços! Os olhos de Abigail se arregalaram de medo quando ela cambaleou para longe dele, desviando-se do caminho enquanto ele balançava uma de suas espadas para ela.

Ela se esquivou duas vezes antes que ele fizesse contato, sua espada cortando profundamente em sua coxa, cortando tecido e pele. Ela gritou de dor e cambaleou. Ele deu uma cotovelada nas costas dela, e ela caiu no chão como se não fosse nada mais do que uma mulher mortal mais uma vez.

Tão poderosa.

Mas tão frágil.

As Gle'Golun o atacaram, e ele rugiu, arreganhando os dentes, abrindo a espada, empurrando-as para trás. Chutando Abigail para ficar de costas, ele se ajoelhou sobre ela, prendendo-a no chão.

— Espera! — Ela estendeu a mão, agarrando seus braços. Mas com as garras de uma de suas asas, ele as colocou na pedra acima de sua cabeça e as

manteve lá. Ela tentou mudar de forma, mas ele colocou a mão em volta do pescoço dela, usando seu poder restante neste lugar para mantê-la como estava. O pânico encheu seus olhos quando ela percebeu que estava presa. — Valroy...

— Não.

Ele estava sangrando muito. As flores fizeram seu trabalho.

Mas ele não se importou.

Lágrimas caíram de suas bochechas quando ele convocou uma pequena adaga para sua mão. Seria o suficiente para acabar com ela. — Adeus, meu amor. Adeus, minha bruxinha.

Ele se recostou, ergueu a adaga sobre a cabeça e se preparou para perder o coração no mesmo momento em que destruísse o dela.

Abigail esperou a lâmina cair. Esperou a adaga de ferro penetrar fundo em seu coração e acabar com sua vida. Raiva e agonia eram tudo o que ela podia ver no rosto de Valroy. Amor e ódio misturados como um enquanto ele rosnava, seus lábios puxados para trás, revelando seus dentes afiados.

Ele se preparou para o golpe.

E ela se preparou para morrer.

— Faça isso, meu amor — ela sussurrou. — Traga a si mesmo a paz que eu não posso lhe dar.

Era como se ela visse uma ponte desmoronar diante de seus olhos. Cada grama de Valroy pareceu se despedaçar naquele momento sob o peso do que ela havia dito a ele. O som que o deixou foi meio grito de raiva e de puro sofrimento. Seus ombros se curvaram e, com outro uivo, ele jogou a

lâmina para longe dele, fazendo-a ricochetear em uma das paredes de pedra que cercavam a árvore.

Ele desceu dela, cambaleando, e então caiu no chão de joelhos na base do grande carvalho.

Ele colocou a cabeça nas mãos.

E ele chorou.

Sentando-se, ela assobiou de dor e olhou para o corte profundo em sua coxa. Ela colocou a mão sobre ele e desejou que a carne se curasse. Quando a dor diminuiu, ela se ajoelhou antes de ficar de pé, observando Valroy com cautela.

— Eu não posso fazer isso. — Suas palavras foram um grunhido baixo e furioso, mesmo quando seus ombros tremeram com as lágrimas. Ela não podia ver seu rosto, velado como estava com mechas de cabelo azul. As garras de suas asas estavam apertadas. — Não posso.

Derrotado.

Isso era o que ele estava.

Pura e inteiramente... Quebrado. Ele se inclinou contra o tronco da árvore, e então se sentou com um grunhido. Suas flores haviam cessado seu ataque, mas o dano já estava feito. Ele estava sangrando muito, e ela podia ver o vermelho escorrendo do canto de sua boca. Mas ela sabia que aquele corpo poderia sofrer mil mortes e nunca morrer.

Não fez nada para parar o quanto seu coração doía por ele. Ele parecia tão... Vazio. Os olhos brilhantes de safira não tinham nenhum vislumbre da maliciosidade que ela veio a amar ao se aproximar dele.

— Prometa-me uma coisa. — Suas palavras eram calmas, nada de sua raiva permanecendo nelas. — Diga a eles que você me derrotou na batalha. Ou diga que você me pregou uma peça terrível. Não diga a eles que eu... Eu

não poderia te matar. Que prefiro entregar tudo o que sou do que ver você morrer uma segunda vez. — Suas feições se contorceram de dor. — Eu não poderia... Eu não poderia sobreviver a isso.

Ela se ajoelhou ao seu lado, observando-o. O rei derrotado. O monstro quebrado. A escuridão vencida.

Ela poderia matá-lo. Ordenar que as Gle'Golun devorassem a árvore e a transformassem em pó. Talvez ele voltasse a ser a grande e incognoscível escuridão que tinha sido antes. Ou talvez ele nunca mais existisse.

Mas Valroy estaria morto e perdido.

E ela nunca mais o veria.

O mundo dependia disso.

Estendendo a mão, ela ternamente enxugou as lágrimas de seu rosto. Ela se aproximou e, inclinando a cabeça dele para a dela, o beijou. Ela queria gravar este momento, esta memória, nas profundezas de sua mente. De modo que não importa os séculos, não importa o que venha ou vá, ela nunca, jamais esqueceria.

Ou o esqueceria.

Valroy deve morrer.

Ou então... Ou talvez isso fosse simplesmente o que ela foi levada a acreditar.

Ela se afastou dele e viu quando ele deitou a cabeça contra a árvore, olhos fechados, suas feições desenhadas em um olhar de resignação.

— Você deseja morrer, Valroy?

— *Claro* que não. Não seja estúpida. Embora talvez haja algo a ser dito para me livrar dessa forma minúscula em que a puta da Morrigan me colocou.

Ela teve que rir de quão mal-humorado e descontente ele parecia, mas ela decidiu não comentar sobre isso. Ela pegou a mão dele e a segurou entre as dela, estudando seus dedos longos e unhas pretas afiadas. Enlaçando seus dedos entre os dele, eles pareciam tão pequenos. Tão delicados. Tão quente na cor em comparação com sua palidez.

Como noite e dia.

Como a vida e a morte.

Pois isso era o que eles eram.

E um não poderia existir sem o outro. Se ele morresse, ela o seguiria.

Mas talvez houvesse outra maneira.

— Desejo fazer um trato com você, Rei Unseelie. Um jogo, se você quiser.

Seus olhos se abriram com isso, se para arquear uma sobrancelha incrédula para ela, mas ele não disse nada.

Ela sorriu. — Fique nesta ‘forma minúscula’ que a puta da Morrigan fez para você, e você e eu faremos uma nova aposta. Este é o jogo que coloco diante de você, oh grande e terrível Labirinto. Você...

— Você não precisa ser tão sarcástica sobre isso.

Ela ignorou sua interrupção. — Você deve se esforçar para destruir o mundo humano como você deseja fazer por tanto tempo. Talvez você até se esforce para destruir Tir n’Aill, ou qualquer outro lugar cujo nome eu não saiba. Você vai planejar, vai tramar e vai se posicionar para desencadear a guerra sangrenta pela qual anseia há tanto tempo.

Ele a olhou fixamente. — E isso é diferente do que eu estava fazendo... Como, exatamente?

— Pois será uma guerra apenas entre nós. Sem soldados. Sem abate. Você deve fazer tudo o que puder para destruir todos os mundos diante de

você, e eu farei tudo ao meu alcance para garantir que você não tenha sucesso. Estarei lá para detê-lo, a cada passo. Cada vez que você levantar um machado para um inocente, tentarei parar seu golpe.

— Apenas nós dois? — Olhos de safira se moveram entre os dela.

— Apenas nós dois.

— Eu vou derrotar você. — Seus lábios se curvaram em um leve sorriso.

— Você vai tentar. — Ela ergueu a mão dele e colocou a palma sobre o próprio coração, pressionando-a ali. — Você é meu amigo, e você é meu inimigo. Você é meu caçador, e você é meu amante. E eu... — Sua voz falhou, e ela se forçou a passar por isso. — E se eu visse você morrer, eu me juntaria a você no túmulo, apenas um momento depois.

Ele serpenteou a outra mão em seu cabelo, embalando a parte de trás de sua cabeça, e a puxou para ele. Ela caiu metade em seu colo, uma de suas asas puxando-a pelo resto do caminho. Ele a beijou, áspero e contundente, como se a luta deles tivesse apenas tomado outra forma.

Quando ele se afastou, seu coração estava batendo por outro motivo.

— Talvez... — Ele sorriu, o primeiro vislumbre de sua maldade brilhando. — Talvez eu possa ser convencido. Especialmente se o meu prêmio de consolação for *este*. — Suas unhas afiadas picaram seu couro cabeludo enquanto ele aumentava seu aperto em seu cabelo, puxando-a para outro beijo imparável.

Ela se perguntou se ele pretendia tomá-la ali mesmo.

Ela se perguntou se ela se importaria.

Ele se afastou, e com uma respiração vacilante e trêmula, ele a puxou para um abraço que ela pensou que poderia esmagar o ar de seus pulmões. — Inteligente. Muito bem. Aceito seu jogo, Rainha Seelie. Você e eu estaremos sempre procurando desfazer um ao outro. *Sem* nossos exércitos. — Seus

dedos encontraram os laços de seu vestido e começaram a afrouxá-los, uma e outra vez. Ela não o deteve quando ele a puxou para frente com força, montando-a em seu colo.

Ele dobrou os joelhos, e as garras de sua asa tomaram o lugar de sua mão enquanto ele puxava o cabelo dela para trás, fazendo-a respirar fundo quando ardeu. Ah, mas parecia glorioso. Ela fechou os olhos, cedendo.

O rosnado que o deixou era selvagem e muito diferente dos de antes. Ele puxou o vestido de seu corpo, jogando-o de lado, e desceu sobre ela com mãos e lábios, com garras raspando e mordendo os dentes.

Não demorou muito para que ele estivesse pressionando dentro dela, esticando-a, enchendo-a, fazendo-a gemer e choramingar enquanto ele puxava seus quadris rudemente contra os dele, exigindo entrada.

Renda-se.

Isso foi o que Morrigan ordenou que ela fizesse desde o início.

Renda-se e torne-se sua presa.

E era isso que ela era. O cervo para seu lobo. Ela encontrou a elevação de seus quadris com um movimento próprio, não se preocupando em contar o número de seus piercings enquanto eles perfuravam seu caminho para casa dentro dela.

— Não tão minúscula — ela ofegou, pressionando a mão em seu abdômen, sentindo-o deslizar dentro dela.

Ele riu, sombrio e grosso, e puxou a cabeça dela para baixo para devorar seus lábios em um beijo mais uma vez. Quando se separaram, ele a observava com adoração, amor e admiração em seus olhos cor de safira.

Ela sorriu para ele, antes de choramingar seu nome quando ele bateu em algum lugar lá no fundo.



— Minha bruxinha... Minha Rainha Seelie. Não importa o que vamos suportar. Não importa o que aconteça conosco. Minha luz do sol. Minhas flores brilhantes. Meu coração vivo. Não vou parar até te derrotar. E eu vou saborear cada momento que eu falhar. Eu te amo.

Sua luz da lua. Seu osso, e seu sangue, e a promessa de dentes afiados e o rasgar de garras. Sim. Era assim que deveria ser. Assim... Juntos, nesta dança ou em qualquer outra. Eles estariam juntos.

Ela colocou a palma da mão no símbolo sobre o coração dele. — E eu te amo... Meu Labirinto das Sombras⁵.



⁵ Maze of Shadows. O nome da série.

EPÍLOGO

— Não é paz. — Abigail olhou para a Corte Ensolarada. Muitos haviam morrido. Muitos ficaram feridos. Mas todos eles ainda estavam vivos. — É simplesmente uma guerra menor. Uma pessoal. Ele não podia ser dissuadido, e nunca o será. Mas o Rei Unseelie concordou que até que ele *me derrote*, nenhum outro sofrerá sua conquista.

Puck riu. — Conquista. Certo. — Ele agarrou os quadris invisíveis na frente dele e empurrou seus próprios para frente.

Ela deu um tapa na cabeça dele.

— Ooow — ele gemeu enquanto esfregava o local do impacto.

— *Independentemente.* — Ela se afastou dele em direção ao trono dourado. — Não haverá guerra com os Unseelies. Nenhum prisioneiro deve ser feito. Se andarem à luz do dia, devem ser tratados como são, nossos irmãos. Se eles procuram problemas, devemos nos defender. Mas essa luta entre nosso povo termina agora.

Houve murmúrios entre os cortesãos, mas nenhuma objeção. Se ela não estava enganada, muitos deles tinham olhares de alívio. Embora fosse difícil dizer quando muitos deles não tinham rostos humanos.

— E se algum Seelie buscar... Relações com os Unseelies? — Perguntou Uri. Sua amiga e elfa de lareira se juntou aos Din'Lae. Embora ela agora fosse uma Seelie de alto escalão, ela ainda usava um avental salpicado de farinha. A elfa era casada, e muito feliz. Mas Abigail a pegou olhando para Lorde Bayodan mais de uma vez. A ideia a fez sorrir.



— Dificilmente posso julgar uma coisa dessas, posso? Valroy e eu permaneceremos juntos, embora nosso trabalho para desfazer os esquemas do outro nos coloque regularmente em desacordo. Dificilmente posso culpar alguém por dormir nos braços de um Unseelie. — Ela riu, e vários outros se juntaram a ela. — Deixe eles. Sempre haverá algum tipo de problema, tenho certeza. E vamos lidar com isso quando acontecer. Mas que haja paz entre nós.

O homem feito de pedra que se opôs a ela ao receber a coroa deu um passo à frente e colocou a mão sobre o coração. — Salve, Rainha Abigail. — Ele se juntou aos outros, celebrando o nome dela enquanto juravam lealdade a ela.

Ela passou os dedos pelo braço do trono e sorriu levemente. Ela não queria isso. Ela não pediu isso. Mas era dela.

Após um momento de hesitação, ela se sentou no trono dourado.

Pois ela era a Rainha Seelie.

Anfar reclinou-se na costa da ilha rochosa ao largo da costa do que agora era chamado de *Gales*. Ele não se importava com nomes humanos de lugares. Eles eram em sua maioria ilegíveis para seus ouvidos. Ele estava sentado nas rochas, nu até sua calça, e observava as ondas quebrando.

Tossindo, ele pegou uma de suas unhas afiadas e mordeu com os dentes. Um pequeno pedaço de metal retorcido se soltou. Não ferro, mas aço. Irritante, mas não tão mortal, embora ainda contivesse um pouco do metal que incomodava ele e sua espécie.





Os navios deixaram de ser simplesmente feitos de madeira, corda, cobre e tecido. Agora eles eram enormes, engolindo monstruosidades de metal e carvão em brasa. “Motores movidos a vapor” Lorde Gregory havia explicado a ele um dia. Ele não teve a vontade ou a capacidade de ouvir o homem sem cabeça por muito tempo antes de se ver debatendo a natureza da toalha de mesa.

Mas, independentemente disso, os humanos continuaram suas expansões, e ele continuou a devorar um ou dois navios de vez em quando para rir. Embora com o caos crescente de algum tipo de guerra entre os humanos, ele decidiu que era melhor permitir que os idiotas mortais se matassem para variar.

Ele sorriu quando uma foca se aproximou da costa, antes de mudar e se vestir, tomando a forma de um homem. Ele se endireitou, puxou a pele sobre os ombros e caminhou até a margem onde Anfar estava sentado, exibindo um largo sorriso. — Aí está você! Eu estive procurando por você em todos os lugares. — Perin sentou-se pesadamente na rocha ao lado dele, inclinando-se para trás, e puxou o que parecia ser um pedaço de papel esfarrapado e encharcado com tinta rabiscada por toda parte. Algumas partes estavam escorrendo, mas algumas ainda eram visíveis.

— O que é isso?

— Um jornal. — Ele o abriu, afastando um pouco da ponta do dedo. — Embora eu não ache que resista à água do oceano.

— Pouco resiste. — Anfar olhou para as ondas do oceano.

— O que você está fazendo aqui?

— Banho de sol. — Depois de uma pausa, ele sorriu, revelando sua piada.



Perin riu e deixou o jornal encharcado de lado com um tapa molhado, esquecendo seu objetivo tolo de tentar ler a coisa encharcada. Ele cutucou Anfar, e não teve nenhum problema em responder à insistência do selkie.

Agarrando Perin pelos cabelos, ele puxou o selkie para um beijo áspero. Mas seu controle sobre a situação não durou muito. Isso nunca acontecia. Perin rosnou contra seus lábios e o jogou de costas. A pedra penetrou em sua pele, embora ele não se importasse. Ele observou enquanto Perin rasgou ansiosamente a calça de seu corpo, deixando-o nu.

Ele nunca deixaria de se surpreender com o selkie.

Ele nunca deixaria de amá-lo.

— Os humanos estão indo para a guerra — Perin murmurou para ele enquanto sua mão envolvia o membro de Anfar, acariciando-o preguiçosamente. Embora não precisasse de nenhum incentivo para estar pronto para suas atenções. — Todos eles.

— Deixe eles.

— Acho que Valroy tem algo a ver com isso.

Anfar riu e inclinou a cabeça para trás contra a pedra. — Por favor, não mencione o nome dele nunca mais enquanto você estiver com a mão em volta do meu pau, amante.

Perin riu e se inclinou para beijar Anfar mais uma vez, mais profundo do que antes, pressionando seu corpo contra o dele. Anfar deslizou uma mão entre eles, ansioso para sentir o selkie enterrado profundamente dentro dele. Ele queria a ardência agradável, a pressão feliz. A dança que eles faziam tão bem.

Deixe Valroy ter seus esquemas. Deixe Abigail intervir para detê-lo.

Deixe as tempestades irem e virem como sempre fizeram.

Pois ele encontrou alguém que as enfrentaria ao seu lado. E o que mais um monstro marinho poderia pedir?

Abigail entregou a Bayodan o pequeno pedaço de vidro quebrado que encontrara no meio da floresta mais cedo naquele dia. O rei-bode sorriu e, com um movimento que desmentia um pouco o quão ansioso ele estava, e não tão paciente quanto sempre fingiu ser, ele caminhou até a cama na extremidade da caverna em que morava.

Sobre o qual estava sentada uma criatura feita de vidro.

Que sorriu para ela quando ela se aproximou, embora a maior parte de seu rosto ainda estivesse faltando e lutando para tomar forma. — Abigail?

Ela sorriu mais largo. — Você lembra de mim.

— Cada... — Ele suspirou quando Bayodan acrescentou o caco de vidro quebrado ao resto. — Cada fragmento ajuda.

— Vamos te juntar, meu amor. — Bayodan se inclinou para beijar a testa de Cruinn. — Vamos fazer isso, não importa quanto tempo leve. — Ele fez uma careta momentaneamente. — Eu peguei Puck usando um fragmento como fio dental no outro dia.

Ela suspirou. — Você sabe que ele só está fazendo isso para te irritar. Se isso realmente incomodasse você, ele não faria. — Ela esfregou a mão nas costas do rei-bode. — Ele está meramente... Como ele chama isso? 'Apertando seus botões'. É um jogo. — Ela se sentou na beirada da cama e estendeu a mão para Cruinn, gentilmente pegando-a. Ele picou em sua pele, já que ele ainda não estavam no domínio de seu corpo. Levaria tempo. Eles já tinham chegado tão longe em um período de tempo relativamente curto.

— Acho que nunca encontraremos todos eles. — Bayodan balançou a cabeça.

— Mas vamos encontrar o suficiente. — Ela apoiou a cabeça no braço restante do homem maior e fechou os olhos. — E o suficiente é apenas isso. O suficiente.

Ele beijou o topo de sua cabeça. — As palavras mais verdadeiras, minha rainha. As palavras mais verdadeiras.

Hubert teve que voltar pela estrada depois de dirigir pela estrada a caminho de casa da cidade. O que ele tinha visto ficou com ele por muito tempo, e ele queria ter certeza de que não estava enlouquecendo. Quando ele virou a caminhonete, mudando para a única marcha que não era a ré, ele suspirou. A patroa ficaria muito chateada por ele usar o gás. A Coroa estava colocando uma restrição à gasolina, com o conflito iminente e tudo mais. Mas ele queria ter certeza de que nada estava acontecendo.

Não era sempre que se via uma jovem sentada sozinha em um muro baixo de pedra, sem nada em qualquer direção por quilômetros além de grama e bosques, e a extensão dos pântanos além.

E com certeza, no meio do caminho de volta para a cidade, lá estava ela. Ele parou no acostamento da estrada de terra e desligou o motor. Saindo da caminhonete, ele caminhou até ela, embora de repente se sentisse cauteloso ao fazê-lo.

Ela parecia bastante inofensiva.

Mas o rifle de aparência antiga pendurado no seu ombro provavelmente não era.

— Senhorita? — Ele a chamou enquanto se aproximava, diminuindo seus passos.

Ela virou a cabeça para ele e sorriu o que poderia ter sido a expressão mais bonita que ele já tinha visto. Suas bochechas instantaneamente ficaram vermelhas. Ele era um homem casado. Um homem casado e feliz. Com filhos.

Mas a jovem deslumbrante que estava sentada no muro? Algo sobre ela... Parecia chegar dentro dele e cativa-lo apenas por um simples sorriso dela. Ela era linda, sim, com longos cabelos cor de granada que pendiam pelas costas em tranças bagunçadas. Flores vermelhas que pareciam quase como poinsétias estavam enfiadas ao acaso entre os cachos.

Mas algo naqueles olhos verdes pálidos, que quase pareciam o tom de musgo à luz do sol, parecia arrancar seu coração dele e deixá-lo cair no chão na frente dela. Ele sabia que se ela dissesse a palavra, ele abandonaria sua vida e a seguiria onde quer que ela quisesse ir.

— Olá, estranho — ela o cumprimentou. Seu sotaque era forte, embora soasse um pouco local. — Espero não ter incomodado você.

— N-não. — Ele tossiu, limpando a garganta. Ele parecia um garoto tolo, um estudante nervoso conhecendo sua primeira paixão. — Meramente preocupado. Você está perdida?

— Nem um pouco. Mas sua preocupação não é desprezada. — Ela olhou de volta para o campo. — Diga-me, uma casa costumava ficar aqui? — Ela apontou para a grama ondulada. — Ali mesmo, perto de onde aquele bosque de árvores agora cresce?

— Eu acho que sim. — Ele olhou ao redor. — Oh. Sim, de fato. Ou pelo menos, assim diz a lenda.

— Lenda? — Seus olhos se iluminaram. — Eu amo lendas! Me conte a história. — Ela passou a perna por cima do muro para montar nas pedras empilhadas e encará-lo.

— Bem, lá atrás, havia um pequeno chalé que ficava lá. Você ainda pode encontrar a base se empurrar a grama por tempo suficiente. Era uma fazenda de propriedade de uma bruxa que foi traída pelo marido, dizem. Ele vendeu a casa debaixo dela. Ela amaldiçoou a casa e toda a terra. Um dia queimou e nenhuma plantação voltou a crescer.

— Mesmo? — Ela piscou. — Sem plantação? Uma vergonha para o homem que comprou a casa. Suponho que ele não teve nada a ver com o asno com a qual a bruxa se casou.

— Suponho que não. — Ele riu. — Dizem que nada nunca mais vai crescer lá, até hoje. Embora, de vez em quando, você encontre um bode perdido vagando pela área, comendo a grama. Ninguém pode pegá-lo, não importa o quanto você tente, e se você o seguir pela floresta, você nunca mais voltará.

— Um bode fantasma? — Ela sorriu largamente, balançando a cabeça em descrença. — Que maravilhoso. Talvez o bode seja um feérico, enviado dos Tuatha de Dannan, para alertar as pessoas sobre a propriedade legítima da bruxa.

— Talvez.

— Ou talvez alguém só precise amarrar melhor seu rebanho. — Ela riu. Era um som tão brincalhão e feliz que ele se viu participando sem esforço.

— Por que você pergunta? Sobre a casa, quero dizer?

— Ah, minha família veio daqui, há muito tempo. A lenda da nossa família diz que sou parente da bruxa que morava aqui. Eu até recebi o nome dela. — Ela estendeu a mão para ele. — Abby. Prazer em conhecê-lo.

— Hubert. — Ele sorriu timidamente enquanto apertava a mão dela. Foi bom. Muito agradável. — Parente da bruxa, hein? Você também não é uma bruxa, é?

— Talvez. Também pode ser algo pior. — Ela piscou para ele, e ele se perguntou se seu coração tinha simplesmente parado de bater. — Você nunca sabe, eu ouvi que ainda existem feéricos nestas partes se você for fundo o suficiente na natureza.

— Eu não ousou descobrir por mim mesmo, verdade seja dita.

— Bom homem. — Ela sorriu.

— Se você não se importa que eu pergunte, para que serve a arma?

— Hum? Ah, essa coisa? — Ela levantou o ombro, indicando o rifle em questão. O cano parecia feito de *prata*, embora Hubert soubesse que tal coisa não era possível. Talvez tenha sido apenas folheado para parecer assim. Estava gravado com símbolos e linhas rastejantes que ele nunca tinha visto antes. Fosse o que fosse, parecia muito antigo e muito caro. — Emprestado de um amigo.

— Oh. Mas...

— *Woof!*

Ele gritou como uma criança e pulou um pé no ar, segurando seu peito como se estivesse preocupado que seu coração pudesse estar prestes a fazer uma saída repentina pela frente. — Jesus, Maria e José!

Um cachorro estava sentado a seus pés. Um pastor grande e desalinhado de algum tipo. Ele estava ofegante feliz, sorrindo de orelha a orelha, como se estivesse se divertindo com seu medo. Sua língua estava enrolada ao lado de sua boca, e sua cauda batia ansiosamente na estrada de terra.

Um grande graveto agora estava aos pés de Hubert.

Ele piscou.

O cachorro latiu novamente.

— Se você não jogar, ele nunca vai desistir. — Abby riu. — Puck é um monstro desse jeito.

— Puck, hein? — Ele se inclinou e pegou o graveto. O cachorro instantaneamente ficou de pé e começou a pular nas patas dianteiras, pulando para cima e para baixo em pura exuberância. — Bom nome para um cachorro.

— Eu continuo dizendo isso a ele, mas ele continua agindo como se fosse um insulto.

Hubert mal registrou o comentário dela enquanto lançava o graveto por cima do muro e entrava no campo, observando enquanto o cachorro grande saltava facilmente sobre as pedras e galopava na grama alta, procurando o graveto.

Abby estendeu a mão para pegar a mão dele novamente, e quando ele deu a ela, ela a apertou. — Desejo-lhe uma vida feliz. Um casamento feliz e muitos filhos. Seja abençoado, Hubert. E viva bem.

— Eu... Hum. Eu... Obrigado?

Ela sorriu e piscou. — Nunca diga isso a um feérico. — Ela pulou do muro em direção ao campo e começou a atacar na direção em que seu cachorro foi, que agora só era visível como um rabo abanando na grama. — Foi um prazer conhecê-lo, Hubert, mas acho que preciso ir.

— Espera! — Ele chamou por ela. — Você nunca me disse para que servia a arma!

— Você está certo. Eu não disse. — Ela olhou por cima do ombro para ele enquanto continuava andando, um sorriso brincalhão, embora um tanto selvagem em seu rosto. — Vou caçar javalis.



Ele desviou o olhar por apenas um segundo, pensando ter ouvido algo farfalhar perto de sua caminhonete. Quando ele olhou para trás... Ela se foi.

Ninguém estava lá.

Apenas o farfalhar do vento nos pântanos.

E a sensação de que ele precisava muito voltar para casa para sua esposa.

Fim.



